CAZUZA

Só as mães são felizes

Lucinha Araujo

Depoimento a

Regina Echeverria

Cazuza

Só as mães são felizes

Lucinha Araújo

Depoimento a Regina Echeverria

"Só as mães são felizes é uma homenagem às pessoas que vivem o lado escuro da vida, aquelas que preferem trocar o escritório pela rua, que resolvem viver e escrever a vida "

Cazuza

PREFÁCIO

"Mãe, aconteça o que acontecer,

eu vou estar sempre junto de você "

Cazuza

É complicada a matemática da justiça. Essa equação sempre foi de difícil compreensão para mim. Mal saída de uma conjugação perversa que me jogou num canto escuro do pensamento – onde era imperioso assistir a um espetáculo de dor e sorrir –, comecei ame agarrar às lembranças. Como se elas me chamassem desesperadamente para a vida, deixei meu coração recordar. Estava sentada olhando a janela, no andar alto daquela casa em Laranjeiras, conseguida em negociações pacientes, quando o ruído das crianças no pátio me causou arrepios. Ouvia o burburinho bom das correrias, risadas, gritos finos. Era impossível esquecer: todas elas foram tocadas pelo mesmo vírus que levou meu filho. E estavam lá

embaixo gritando e brincando como crianças sadias. Talvez ainda não compreendam muito bem a sua situação. Algumas foram largadas ali pelas próprias mães; outras, recolhidas de abrigos impróprios. Mas, tenho certeza, seus corações batem com esperança.

Anos depois da morte de Cazuza, muitas delas estavam vivas – que ironia –

por causa dele! Estranho sentimento esse. Era impossível sufocar essa indagação quase óbvia: foi preciso que ele morresse para que essas crianças vivessem?

Pergunto, também: e se tudo não tivesse passado de um sonho ruim? Se essa doença não tivesse se infiltrado em minha família, estaria eu aqui hoje, fundadora e presidente da Sociedade Viva Cazuza? Uma casa modesta, onde trinta crianças que receberam de seus pais a herança do hiv podem alcançar uma qualidade de vida que eu e meu marido João pudemos, ao menos, proporcionar ao nosso único filho. Estaria eu aqui?

Certamente não.

Sei muito bem que nada o trará de volta, mas o sinto a cada minuto a meu lado e lamento. Lamento não ter tido a chance de conviver mais, muito mais, do que os poucos 32 anos de Cazuza. Sinto não ter tido mais tempo para aprender a compreendê-lo e fazer com que perdoasse os erros do passado: o excesso de zelo, a cegueira que me impedia de ver o poeta que ele era, e aproveitar um pouco mais do artista inconformado em que se revelou. Queria que me perdoasse, por ter dado importância a coisas tão pequenas, nas quais eu acreditava como verdade suprema. Que me perdoasse por tê-lo sonhado à minha imagem e semelhança e a forçar que ele pautasse sua vida, que apenas começava, em convenções inúteis. E, nesse exercício de autoconhecimento, aproveito a oportunidade que o sofrimento me deu para dividir com todas as mães do mundo um aprendizado feito a duras penas. E, ainda, tentar responder às eternas questões que atormentam a alma feminina há séculos. Como, por exemplo, a pergunta que tantas e tantas vezes me perseguiu: o que é preciso para que uma mãe aceite ter gerado um anjo rebelde?

Mais, ainda, como ter a generosidade suprema de dividi-lo com o resto do mundo?

Dividi-lo com pessoas que você nunca viu? Saber que ele corre perigo e já não aceita seus velhos conselhos? Queremos que nossos filhos vivam debaixo de nossas asas, que pensem como nós, se comportem como nós e, ao crescer, fiquem ricos, famosos e felizes para sempre.

Um dia pensei ter poderes divinos e que o poder de uma mãe poderia alcançar a graça suprema de mudar o rumo da história. Acho que João e eu, cegos de esperança, chegamos a acreditar que o patrimônio conseguido ao longo de uma vida de luta seria suficiente para salvar nosso filho. Mais do que crenças desabaram quando o desfecho de toda a doença de Cazuza foi um trágico final sem volta, sem hipótese alguma de solução. Sua morte modificou de tal maneira minha existência que fui me deixando aceitar essa missão que se impôs e me coloca hoje no papel de proteger vidas, poucas que sejam, todas as que eu possa, onde a sombra do hiv positivo ronda perversa nessa guerra fria da luta contra um monstro invisível, palpável, apenas, no corpo que definha à nossa frente, transformando nossa impotência em quase loucura.

E foi quando resolvi dar um basta na importância preconceituosa e pobre de espírito dos segredos, das dissimulações e das mentiras. E imaginei que a trajetória de Cazuza talvez pudesse ajudar a salvar almas, além de vidas. Decidi que minha relação com ele merecia ser passada a limpo.

Decidi seguir o exemplo de meu filho e declarar, contar, revelar, como se o meu pensamento e coração fossem o quintal do mundo, a aldeia global que tanto fascinou esse menino tão esperado, cercado de amor demais. Amei meu filho com toda a força sobrenatural que um sentimento muito forte nos permite. Queria que ele fosse o melhor em tudo: o mais bonito, o mais inteligente, o mais bem vestido, o mais estudioso e comportado. Lutei muitas vezes com a força de minhas próprias mãos para que ele seguisse as regras que eu – a mãe perfeita – considerava as certas. E por quê? Cazuza foi criado do jeitinho que ditava a cartilha da minha

geração: atitudes de carinho e controle. Carinho demasiado e controle demasiado. Aonde queríamos chegar com essa ânsia onipotente de preparar os homens para o mundo?

Capítulo 1

O inevitável

"A vida é bem mais perigosa que a morte."

Suporte Baby

6 de julho, 1990, Rua Prudente de Morais, Rio de Janeiro. Meio-dia de uma sexta-feira. O doutor Paulo Lopes já havia me avisado dois dias antes para que me preparasse. As forças de Cazuza iam desaparecendo sutilmente de seu semblante a cada dia. Seu estado era gravíssimo. Mas eu, sinceramente, nem sequer ouvia suas palavras, quanto mais acreditar nelas. O que sabiam esses médicos, pensava, ao recordar toda a nossa via-crúcis por especialistas, hospitais, curandeiros e charlatões, em terras brasileiras e americanas. O que sabiam todos eles sobre meu menino? Ele não foi capaz de subir num palco para gritar que viu a cara da morte?

Por que não também dessa vez? O que todos esses senhores de branco poderiam conhecer mais do que eu e João sobre Cazuza? Eu não tinha certeza, não; eu tinha verdadeira convicção de que, em algum lugar do mundo, alguém iria encontrar a saída, a cura esperada, o remédio salvador. E nós iríamos buscá-la, onde quer que fosse, para que ele voltasse a ser o mesmo, o nosso garotinho. Mas, de fato, o doutor Paulo Lopes tinha com o que se preocupar. Na quintafeira, 5, à noite, a enfermeira Edinha – nós a chamávamos Ed Motta, apelido inventado por Cazuza devido à semelhança dela com o cantor – notou que algo não ia bem. Ela relembra com pesar:

"Depois que lhe dei todos os remédios através do cateter, olhei para a sonda da urina e cadê o xixi? Cazuza não estava urinando. Chamamos o doutor Paulo Lopes, ele administrou Lasix e mediu sua pressão. Estava baixinha – em geral, sua pressão era normal, onze por seis, doze por seis. A família nunca soube, mas nesse dia sua pressão caiu a quatro por zero. Pressão, aliás, de um paciente chocado que, em geral, não abre os olhos e não fala. Mas Cazuza estava acordado e falando. Foram tantos os procedimentos para tirá-lo dessa crise que não tive tempo sequer de anotar. Precisei tirar tudo do lixo depois, para recuperar as instruções, porque deu certo, ele voltou a urinar e saiu da crise".

Na manhã de sexta-feira, como nas últimas, conversamos à beira da cama de Cazuza. Desde o retorno de nossa última viagem a Boston, em março, ele voltara a morar conosco e nossa casa foi preparada para recebê-lo. Imaginei que ali, mais perto da familiaridade de nossa casa, em território seguro, ele pudesse se recuperar. Cazuza dormia em nosso quarto de casal, e nós, no de hóspedes. Voltei bastante equipada da última viagem aos Estados Unidos. Tínhamos à

disposição tudo o que uma pessoa nas condições de meu filho poderia necessitar durante seis

meses. Desmontei nossa cama de casal e, no mesmo lugar, foi instalada uma cama hospitalar. Na cômoda, ajeitei todos os remédios, as seringas descartáveis, depósito para lixo descartável, para o lixo hospitalar, os kits para trocar o cateter que desde Boston haviam colocado em seu peito direito. Meu filho já não tinha veia disponível para que as drogas entrassem e aliviassem seu sofrimento. Em cada gaveta da cômoda, uma espécie de medicamento. Duas enfermeiras se revezavam dia e noite a seu lado, controlando a quantidade de soro que descia, administrando os remédios todos, trocando o curativo do cateter todos os dias. Os médicos faziam duas visitas religiosamente – de manhã e no fim da tarde. Trocava-se a roupa de cama várias vezes ao dia. Todos os lençóis eram brancos, inclusive as fronhas dos dois travesseirinhos muito jeitosos, que eu e Ezequiel Neves roubamos da Varig. Um deles ficava entre as pernas de Cazuza, magrinhas, e o outro era usado para ajeitar suas costas. Os remédios eram inúmeros: Citovene, vitaminas, tranqüilizantes, antibióticos, pomadas, antivirais, remédios para dormir. Talvez Cazuza tenha herdado do pai, ou talvez fosse conseqüência da longa enfermidade, mas o fato é que, como João, ele tinha problemas para dormir. Nessa fase, tomava os tranqüilizantes, mas três, quatro horas depois acordava novamente. Também lutava contra o sono. E sofria com dores musculares terríveis, horrorosas. Nos últimos tempos, até morfina ele tomava. Comprar morfina era muito difícil. Apesar de ter em mãos a receita, tive até que entrar dentro de um cofre para adquirila legalmente. No começo ajudou, mas no final já não fazia a menor diferença. Cazuza tinha dificuldade para respirar e sua voz estava cada vez mais fraca. Pesava 38 quilos.

Zeca, o jornalista e produtor Ezequiel Neves, grande amigo e mentor de Cazuza desde o começo do Barão Vermelho, vinha todas as tardes. Lia os jornais e comentava as notícias com meu filho. Naquela tarde de sexta-feira, ele saiu mais cedo e me contou depois que Cazuza lhe pareceu estranho e sereno. Ouvia pouco e quase não dizia nada. Era como se meu filho dissesse "deixa pra lá". Cazuza tinha dito a Zeca que queria assistir ao show do Legião Urbana no dia seguinte. Renato Russo, no 7 de julho, dia da morte e sepultamento de Cazuza, dedicou o show a ele. Meu corpo estava debruçado sobre meu filho, e o ouvido bem próximo para poder escutar aquela vozinha, um fiapo de vida no qual me agarrava com unhas e dentes.

Perto do meio-dia, Cazuza me chamou e disse:

–Mamãe, estou morrendo. ..

Um vulcão de autoridade surgiu dentro de mim, enquanto lhe dizia que parasse com aquela conversa ridícula. Indignada, ia lhe dizendo que não devíamos falar sobre isso, aliás, como havíamos combinado há tempos. E ele, procurando me acalmar, tentava levantar os braços magros, fechava e abria os olhos fundos, até

que parei para ouvir:

–Porra, mãe, eu tô morrendo é de fome. O *que tem pra rangar?*

Comecei a rir. E como se um bálsamo lavasse minha alma, olhei para ele pensando no quanto eu o admirava, em quanto seu espírito de moleque se conservou na idade adulta e que o mais

adorável lado de sua personalidade se manifestava em situações tão adversas.

Foi se agarrando a esse lado brincalhão de Cazuza que Tereza Oliveira da Silva, 47 – que trabalha conosco há 23 anos –, se comunicava com ele nesses últimos tempos (e talvez sempre na relação dos dois). Cazuza queria que Tereza ficasse no quarto com ele. Pedia a ela que se deitasse com ele na cama e Tereza explicava que não podia, que ele ficasse bonzinho porque ela precisava ir dormir para sair cedinho, às seis da manhã, e ir para casa. Era quase uma da manhã

quando Tereza se despediu de Cazuza dizendo que ia para casa curtir sua televisão e seu vídeo. Não o veria mais com vida.

Estava especialmente cansada naquela noite. Já havia sugerido que todos fôssemos dormir, quando Cazuza pediu para tomar outro banho. Os banhos de Cazuza eram trabalhosos. Três pessoas se mobilizavam para esta operação. Meu filho tinha medo de se machucar, nós tínhamos medo de machucá-lo. Mas Tereza desenvolveu um jeitinho especial para fazê-lo relaxar na hora do banho. Quando esfregava a esponja em seu sexo, ela dizia: agora, chegou a hora da parte mais importante do corpo humano, que é o pau! Cazuza ria à beça, relaxava e a tensão diminuía. Depois do banho, ele vestiu uma de suas camisetas favoritas, branca, da Company, escrito no peito: Rio de Janeiro – Brasil. Embaixo, desenhos de um sol, uma clave de sol, uma borboleta, uma estrela e uma flor. Em seguida, pediu para comer um misto-quente e tomar um milk-shake de creme feitos pela Nandinha, sua secretária. Tudo isso levou meia hora, mais ou menos, e aí realmente eu estava caindo de cansaço. Fui deitar.

João passou a ter problemas de insônia desde que Cazuza adoeceu. Naquela noite eu o ouvi caminhando e imaginei a cena – meu marido vagando pela casa, copo de uísque na mão, até não agüentar mais e desabar no sofá da sala. Ele lembra:

"Realmente, eu não conseguia dormir de jeito nenhum. Havia conversado rapidamente com ele na hora do último banho. Ele já não falava direito, muito baixinho, e não queríamos que ele se cansasse. Então, meu último contato foi um beijo na testa e o toque de minha mão em sua cabeça. Na verdade, me despedi de meu filho dois dias antes de sua morte. Cheguei do trabalho e fui para o seu quarto. Geralmente eu ficava sentado numa poltrona ao lado da cama, lendo jornal, vendo televisão.. Naquela noite quando sentei, Cazuza estava deitado de lado. Num determinado momento, nossos olhos se cruzaram fortemente. Ele olhava fixamente para mim e senti que ele fazia um balanço, um flash-back de tudo o que havíamos vivido juntos e que mais ou menos justifica o que ele disse a mim e a Lucinha, quando voltou para casa no dia em que recebeu a notícia de que estava contaminado pelo vírus hiv. Lembro dele dizer que, justo naquele momento, quando tudo estava indo muito bem para a nossa família, a tragédia se abateu. Meu último contato com Cazuza, no fim de sua vida, parecia se ligar irremediavelmente àquele momento que mudou o nosso destino. Foi como uma ligação telepática, espiritual. Naquela intensa troca de olhares, me despedi de meu filho para sempre".

Lutando contra a insônia e seus pressentimentos, João ficou na sala bebendo uísque, sentado no sofá. Eram seis da manhã quando ele percebeu a enfermeira Edinha alvoroçada, com

lágrimas nos olhos, no corredor:

– Seu João, vou ligar para o doutor Paulo Lopes porque Cazuza não está

nada bem.

Edinha foi a única testemunha dos últimos sinais de vida de meu filho e seu depoimento reconstitui o que se passou:

"Três da madrugada era o horário de Cazuza fazer sua nebulização. Medi sua pressão, que estava sete por quatro, baixa, mas não tão baixa. Estava deitado em decúbito lateral direito. Começamos a nebulização e, pela primeira vez em todo esse tempo de tratamento, fez um gesto desconhecido: arrancou a máscara e a jogou de lado. Disse: Cazuza, não faça isso! E coloquei a máscara outra vez. Cazuza a tirou novamente. Ele já não falava e não disse mais uma palavra sequer. Mas insisti: Cazuza, não seja teimoso! Não tire a máscara! Então, quando ajeitei o elástico atrás de sua cabeça, fiquei segurando para que ele não a soltasse mais. Ajeitei sua mãozinha fina no peito e ele se aquietou. As seis da manhã acordei para nova nebulização. Cazuza estava na mesma posição, com os olhinhos fechados. Comecei a dizer: Cazuza, vamos fazer nebulização. Ele não se mexia, não abriu os olhos. Mesmo com a pressão baixa, ele sempre dava um sinalzinho de vida. Achei aquilo esquisito. A pressão, eu não conseguia ouvir. Virei Cazuza de barriga para cima e sua respiração estava pesada. Liguei o nebulizador e nada, nenhum sinal. Quando saí para a cozinha e entrei no corredor, encontrei seu João. Telefonei para o doutor Paulo Lopes às seis e meia".

Eu, no entanto, dormia profundamente quando a voz de João me acordou, às mesmas seis da manhã, com o alarme. Coração palpitando, saltei da cama, corri para o quarto, agarrei a máscara de oxigênio e pressionei-a contra o rosto de meu filho, tentando controlar a tremedeira e o pânico. Pensamentos positivos se repetiam como num mantra – ele vai sair dessa, ele vai sair dessa, ele vai sair dessa! Até o médico chegar.

Passaram-se quase duas horas e, quando percebi, o doutor Paulo e a enfermeira já estavam aplicando uma injeção em Cazuza. Pareciam tensos. Pensava comigo: não acredito no que está acontecendo. É um sonho e eu vou acordar. Meu filho já estava em coma e eu me deixei ficar ali no quarto, jogada num canto, tentando quebrar o bloco de esperança feito de concreto com que me revesti durante todo o tempo em que ele esteve doente. Precisava quebrá-lo de qualquer maneira para tomar uma atitude e sair do quarto. Levantei intempestivamente às 8h15:

–*Não* vou *assistir à morte do meu filho. Eu não vou agüentar!*

Fui para a sala e fiquei ali sentada por quase meia hora olhando para o nada. Sentia pelos passos que João continuava sua caminhada em torno do nada. Não conseguíamos olhar um para o outro. O momento de enfrentar o fim daquele caminho doloroso em que fizemos de tudo havia chegado. Para João, que sempre acreditou que podia salvar Cazuza, a situação era inconcebível. O choro de Edinha quebrou alguma coisa dentro de mim. Não era preciso dizer

nada. Revolta e desespero se misturaram ao meu soluço cansado, exausto, de alguém profundamente abandonado, jogado no mundo. João não reagiu, como recorda:

"Não me lembro a hora em que meu filho morreu porque estava paralisado, hipnotizado. O estado de perplexidade era tanto que não consegui verter uma lágrima sequer. Não vi o corpo de meu filho morto".

Eram oito e meia em ponto quando telefonei para Paulo César Ferreira, amigo nosso. Foi a primeira pessoa em quem pensei depois da morte de meu filho. Eu disse apenas alô. Do outro lado da linha, Paulo César respondeu: Estou indo para aí. Liguei para minha irmã mais velha, Clarinha, e para minha cunhada mais velha, Tereza. Telefonei também para a Nandinha, que estava dormindo no apartamento de Cazuza, e pedi que ela trouxesse a roupa do último show: um terno de panamá

branco com camisa de seda branca, de manga curta. Ele tinha dois conjuntos iguais. Minha amiga Maria Lúcia Rangel, jornalista e, na época, editora de Cultura da Rede Globo, foi a segunda a chegar ao meu apartamento. Ela me recordou que entramos no banheiro – uma sentada no bidê, outra na tampa do vaso sanitário – , e conversamos em soluços por quase meia hora. Lembro de lhe dizer:

– O João não vai agüentar! Ele sempre me pareceu uma fortaleza, uma rocha. Mas acho que ele não vai agüentar!

Enquanto Maria Lúcia fazia os contatos com a imprensa, Clarinha e minha amiga Maryse Müller se encarregaram de vestir Cazuza, junto com a Edinha. Fiquei na sala sentada como uma idiota. Paulo César precisava falar comigo para tomar providências. Perguntou como eu queria o caixão e eu disse: nem o mais rico, nem o mais pobre. Era incrível. Durante todo esse tempo não tínhamos pensado sequer na possibilidade de Cazuza morrer. Até o túmulo onde o enterramos no Cemitério de São João Batista foi comprado naquele sábado.

Eu conversava com Paulo César quando alguém me perguntou se eu queria me despedir de meu filho. Entrei no quarto, o abracei e lhe pedi perdão por tudo o que eu fiz de errado, por toda a incompreensão, pela impaciência, por amar demais, por ter demorado a entendê-lo. Em voz alta, como se assim ele pudesse me escutar melhor. Três anos depois, conversando com uma amiga, a escritora Glória Perez, ela me verbalizou a mesma sensação que senti naquele momento ao abraçar meu filho morto. Contou que, ao abraçar sua filha Daniella Perez, assassinada em 28 de dezembro de 1992, sentiu como se a estivesse levando de volta a seu útero. Eu abracei Cazuza como se quisesse que ele entrasse dentro de mim novamente. João e eu não trocamos uma palavra naquele sábado. Pouco nos abraçamos e pouco choramos no ombro um do outro. Na verdade, raras vezes conversamos sobre a morte de nosso filho. Só conseguimos conversar sobre as coisas boas, as lembranças tão queridas que ele nos deixou. Cada um estava no seu canto quando o caixão que trouxeram não coube no elevador e desceram o corpo de meu filho enrolado num lençol, sentado numa cadeira de rodas até o andar térreo do edifício onde moramos até hoje. A Kombi que o levaria ao cemitério já estava saindo quando minha irmã Clarinha pediu que parasse: "Meu sobrinho não vai sozinho nesse

carro. Eu vou junto!", disse ela e, no caminho, pediu ao motorista que desviasse um pouco da rota para que Cazuza passasse pela última vez em frente ao seu apartamento da Lagoa, onde morou pouco, mas se divertiu muito. De casa, João e eu seguimos direto para o São João Batista. Não deixei que abrissem o caixão, queria que todos se lembrassem de meu filho bonito e saudável. Minhas lembranças desse dia, no entanto, me remetem a um emaranhado de repórteres, seguranças, muita gente, luzes acesas, televisão. Ficaram em volta de mim e eu falei uma porção de coisas. Entre elas, me lembro especialmente de uma declaração, onde eu dizia que Cazuza havia sido muito corajoso ao expor publicamente sua doença, e que eu me orgulhava disso.

Nunca havia percebido o peso da passagem dos anos. Em 7 de julho de 1990

eu estava com 54. E, pela primeira vez, senti a mulher velha que eu estava começando a ser.

Capítulo 2

Vassouras, onde tudo começou

"A minha música faz parte de uma história que começou quando o meu avô, dono de um engenho em Pernambuco, resolveu morar em cima do areal do Leblon. Ali nasceu meu pai. João Araújo, que se casou com uma moça linda, Lucinha, que cantava como passarinho"

Cazuza

Quem saberá me dizer o começo desse holocausto? O que importa saber onde, com quem e como meu filho foi contaminado pelo vírus hiv?

Nos 32 anos de vida de Cazuza, nosso relacionamento atravessou o tempo sempre no fio da navalha. Foi intenso enquanto ele era criança, intensíssimo na adolescência e transcendental na idade adulta. Tive, nos três anos e quatro meses de doença de meu filho, inúmeras oportunidades de pensar e repensar tudo o que vivemos juntos. Nos devaneios de meu pensamento, buscava em mim a explicação para seu comportamento, fosse ele alegre ou triste, expansivo ou retraído. Perseguia na minha história exemplos da herança que lhe passei. Buscava, na história de seu pai, e de seus avós, a genética da construção do indivíduo tão especial em que resultou. E percebi que era preciso entender primeiro a minha história, antes de compreender a dele. E a história de seu pai, enfim, a de seus antepassados cujos destinos foram traçados numa pequena cidade do interior, distante 110 quilômetros do Rio. Vassouras, erguida pelos barões do café e reduto da aristocracia rural fluminense no século XIX, era bastante procurada também nos anos 20 e 30, por seu ar puro e clima ameno. Ali, convalesciam muitos doentes de tuberculose, pois acreditava-se que os ares da montanha fariam bem aos seus pulmões. Minha mãe, Alice da Costa Torres, era vassourense e conheceu meu pai, o carioca Thomaz PorteI Ia da Silva, quando ele tinha 18 anos e uma tuberculose. Casaram-se contra a vontade de meu avô materno.

Imagine, se unir a um tuberculoso! Vovô não foi ao casamento. Um constrangimento! E só

voltou a falar com meus pais quando minha irmã mais velha nasceu.

O jovem casal se estabeleceu no Rio de Janeiro. Alice, minha mãe, era uma mulher cheia de vida, animada, com o astral lá em cima sempre, em qualquer situação. Tinha uma história de vida sofrida porque perdeu a mãe aos 3 anos de idade com sete irmãos, todos pequenininhos. Foi criada pela madrasta, pois meu avô se casou de novo logo em seguida. Já meu pai Thomaz tinha uma história diferente, era um bem-nascido. Estudou no Colégio Santo Inácio, classe média alta. Seus pais eram moços ainda quando a família faliu e ele conheceu dias difíceis. Não sei se isso influenciou muito na formação dele, mas o fato é que meu pai passou pela vida e não viveu. Trabalhou na mesma firma durante 47 anos. Entrou em Perfumes Coty ainda rapaz e só saiu de lá ao se aposentar. Não tinha amigos íntimos. Toda a sua rotina era ver televisão, assistir a jogos de futebol elevar a mesma vidinha de sempre, sem alterações. Além disso, era muito omisso. Sou a filha do meio. Primeiro veio minha irmã mais velha, Clara Maria, a Clarinha, que nasceu em Botafogo. Cinco anos depois, minha mãe parece ter sentido saudade de sua terra natal, pois decidiu que queria ter uma filha vassourense. Por isso nasci em Vassouras, a 2 de agosto de 1936. Maria Christina, a caçula, nasceu oito anos depois. Ser a filha do meio é uma experiência única, que só os semelhantes talvez possam compreender. Você não foi tão esperada quanto a primeira e também não é o bebezinho da casa, como a caçula. É preciso se virar do avesso para que prestem atenção em você. Pelo menos, era assim que me sentia quando criança. Uma criança que fez de tudo para se fazer notar, por sinal. Quando eu manifestava essa preocupação em ser a filha do meio, mamãe sempre me dizia:

– Não, minha filha, você é o melhor do sanduíche, você é o recheio!

Mas o problema era simples: eu não queria ser o recheio. Admirava minha irmã Clarinha pela liderança que ela exercia sobre todos nós, com a maior tranqüilidade do mundo. Admirava Christina por sua beleza – uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Que papel restava a mim? Percebi que era mais esperta e, assim, desenvolvendo minhas potencialidades, logo me transformei num doce problema para a família. Na escola, era a primeira da classe. Era nota dez do princípio ao fim. Guardo até hoje meus boletins com a nota máxima em todas as matérias. Desde essa época, a rigidez se impôs em relação a meus princípios. Eu queria ser perfeita. Se não tirasse dez, eu chorava. Hoje penso que fazia tudo isso para chamar a atenção de minha mãe, porque sempre que eu chegava toda feliz em casa com o boletim, mostrava a ela, esperando os elogios; Mamãe assinava a caderneta apressada, sem atenção. Decepcionada, lhe perguntava:

– Mamãe, você não viu que tirei dez em tudo?

Mas ela, em sua dureza diante das dificuldades, sempre respondia com a mesma frase:

– Minha filha, você não faz mais do que sua obrigação! Eu costuro para fora para te botar em colégio de gente rica. E se você repetir o ano vai para a escola pública. Não vou pagar colégio para você repetir de ano.

Em 1944, aos 8 anos de idade, fui matriculada no Sacré Coeur de Marie, colégio de freiras

para moças de elite do Rio de Janeiro, de onde só saí depois de completar o curso Normal. A vida era apertada lá em casa, embora nunca tenhamos passado qualquer necessidade. Não sobrava dinheiro no fim do mês, mas a comida era farta. Minha mãe costurava para fora, ajudando no orçamento doméstico, mas ter uma filha em colégio de gente rica era mais do que um sacrifício, era uma aposta no futuro.

Na adolescência jamais repeti uma roupa em festa. Quando eu não tinha dinheiro para comprar tecido, pegava uma roupa da mamãe, virava do avesso e o transformava num vestido novo.

Foi uma freguesa de minha mãe quem me desafiou a produzir com minhas próprias mãos, ainda pequenas. Por acaso, essa mulher era dona Elvira Amaral, mãe de Gisela Amaral, que mais tarde descobri ser prima de João. Ela me deu uma boneca de presente. Escolhia, então, um modelo nas revistas de figurinos e encomendava o vestido da boneca para dali a uma semana. Fiz o primeiro, ela gostou e muitos outros passariam a gostar. Com o tempo, comecei a costurar para as empregadas das vizinhas, depois para as vizinhas, as colegas de colégio e a criar minhas próprias roupas. Na escola freqüentava as aulas de trabalhos manuais e, assim, aprendi abordar e a fazer tudo o que uma menina "prendada" daqueles tempos deveria saber. Aos 8 anos, ganhei meus primeiros trocados bordando monogramas com as iniciais M. T. (Manoel Torres) para a roupa de cama usada ria pensão de meu avô, o próprio, Vovô Manduca, que ficava no Largo do Machado e onde passávamos temporadas enormes, quando minha mãe se cansava da casa onde estávamos vivendo. Ela gostava disso, de trocar os móveis de lugar, de tirar a ordem das coisas, de viver em casas diferentes. No futuro, eu me revelaria exatamente o oposto nesse ponto de vista. Até hoje, se eu colocar um cinzeiro num canto determinado por mim, ele ficará ali para o resto da vida. Para compensar tamanha precocidade, meu comportamento na escola e fora dela era um zero à esquerda. Fui daquele tipo que não perde uma piada. Era incontrolável, mais forte do que eu. Não havia o que me fizesse ficar calada. As freiras não se conformavam, porque meu boletim era impecável, mas as notas de comportamento me comprometiam irremediavelmente. Era irreverente, levada, inconveniente. Todas as freiras do Sacré Coeur de Marie lembram de mim fazendo besteira, mas com boas notas. O castigo para a indisciplina, no Sacré Coeur, era permanecer na escola depois do horário. E só se saía dali na presença dos pais. Mamãe quase me matava. Quando morávamos em Laranjeiras e ela era chamada na escola para me pegar depois do horário, o tempo esquentava. Não tínhamos carro e então mamãe precisava largar as costuras, pegar um bonde e ir até

Copacabana me buscar. No caminho, eu ouvia as suas reprimendas, mas não adiantava. Aquele meu jeito era incontrolável.

Com papai as coisas pioravam. Ele realmente implicava comigo. Minhas recordações dele são sempre de censura e repreensão. Sinto uma tristeza enorme ao pensar que papai não me ensinou praticamente nada. Ele me perseguia com dedicação, desde o dia em que descobri a existência de uma certa rainha do clube Cotybrás Atlético. Ela tinha a minha idade, uns 15 anos, e, por um acaso inexplicável, a flagrei aos beijos com meu pai. Armei o maior carnaval e acabei contando a história para a minha mãe. Foi horrível sob todos os aspectos, pelo ato de denunciar um deslize de meu pai e pelas conseqüências todas que isso representou. Ele passou

a me controlar mais ainda e a me castigar todas às vezes em que o desobedecia. Mas eu o enfrentava apesar das circunstâncias adversas. Aquele dia da festa na Coty no Clube América, aliás, me reservou outras emoções. Ali, conheci Elizeth Cardoso, que eu adorava. Ela havia recém-lançado a música *Canção de Amor* (Elano de Paula e Chocolate), e estava em plena escalada do sucesso. Sentou em nossa mesa e pude conversar bastante com ela. Falei de minha admiração por ela, contei que sabia todas as músicas que interpretava e confessei odiar Vera Lúcia, cantora concorrente que lançou a mesma *Canção de Amor.* Elizeth, nesse dia, me deu seu telefone e, a partir daí, passamos a nos falar, ocasiões em que cantava suas músicas novas e contava novidades sobre a carreira. O pessoal lá de casa não acreditava que eu conversasse com Elizeth Cardoso. Costumavam escutar na extensão, para conferir. Muitos anos depois Elizeth, contratada pela Som Livre, se deliciava a recordar que aquela tiete menina era eu mesma.

Quando chegou o tempo de namorar, aí então papai revelou que suas garras eram afiadas. Em 1951, aos 14 anos, recebi uma carta de Lili, uma amiga de Vassouras, com novidades: nem te conto, estou namorando um rapaz lindo chamado João Alfredo. Não se anime porque não vou te apresentar nunca. Sei que ele é teu tipo. Não sei se por premonição, mas o fato é que guardei essa carta (até

hoje) e se passaram dois anos até que o tal João Alfredo se materializasse na minha frente. Foi num jogo de vôlei em Vassouras, no verão de 1953. Eu morava no Rio, mas passava as férias lá. Ele, vim a saber depois, vivia em Vassouras e, ao contrário, viajava ao Rio de Janeiro nas férias. Era um rapaz muito bem-apessoado, muito bonito. E as pernas, ah, meu Deus! As pernas eram tão lindas que por causa delas, no time de futebol, ganhou o apelido de Marta Rocha, nossa mais bela dos anos 50, nossa eterna Miss Brasil.

João Alfredo era o caçula – nasceu em 2 de julho de 1935 – , o temporão de uma família com raízes nordestinas, pernambucanas, mas radicada no Rio. Meu sogro, Agenor de Miranda Araujo, era integralista e, por conta da perseguição sofrida pelos adeptos do movimento de extrema direita inspirado no fascismo europeu e dissolvido por Getúlio Vargas em 1937, se deslocou bastante pelo Brasil. Uma de suas filhas, Maria Antônia, nasceu no Paraná; outro filho, Baby, em Recife. Zezinho nasceu em São Paulo e outros três deles no Rio, inclusive João. Mal podia imaginar que aquele começo de década de 50 seria tão excitante para mim e que um jogo de vôlei em Vassouras iria mudar tão decisivamente minha vida. Para sempre.

Capítulo 3

Voleibol e casamento

"Tudo é possível. Uma vida futura, passada"

Azul e amarelo

Por uma dessas estranhas coincidências do destino, o quarto onde nasci no casarão em que morava minha tia Cecema, irmã de minha mãe, em Vassouras, que ficava em volta da praça

principal, foi o mesmo em que seu Agenor de Miranda Araujo, pai de João, veio a falecer em 1952. Hoje, no mesmo lugar funciona a Casa de Cultura Tancredo Neves e, ali, dona Maria, minha futura sogra – uma educadora

–, instalou e fundou o internato do primeiro ginásio masculino de Vassouras. João nunca foi um aluno brilhante. Seus amigos adoravam debochar dele por ser filho da dona da escola. Diziam gue sua mãe havia fundado o colégio só para ele poder passar de ano.

Quando vi João pela primeira vez, naquele jogo de vôlei, ele namorava uma moça chamada Zuleica. Eu havia terminado há pouco meu flerte com Adriano Reis, que no futuro se tornaria ator conhecido. Aliás, foi ele quem terminou o namoro. Moça que fica presa em gaiola pelo pai, não há rapaz que agüente namorar, dizia. Felizmente, Zuleica estava gripada dias depois, quando reencontrei João na "Manhã

Dançante do Centro Vassourense", que acontecia todos os domingos logo após a missa das dez da Igreja da Matriz. Dançamos até a música se acabar e, durante o baile, João chegou perto do maestro da orquestra, Capucci, e pediu que tocasse um bolero. Conversa vai, conversa vem, confessou que estava gostando de um bolero novo, cujo nome era Lucinha.

– Posso cantar para você?

– Só depois que você parar de cantar o bolero Zuleica.

Ele disse que o namoro com ela havia terminado, mas não era verdade. Acabou depois, sob minha pressão. A paixão que me arrebatou, naquele começo de namoro, creiam ou não, continua a mesma até os dias de hoje. Foi com a força desse amor que enfrentei a oposição familiar e todos os acidentes de percurso nesses quarenta anos de casamento, dos quais não me arrependi de ter vivenciado sequer um segundo. Minha mãe não levou a sério o namoro com João, por acreditar que suas filhas tinham sangue "azul" e que haviam nascido predestinadas a casar com príncipes encantados, eleitos e perfeitos. E João não se encaixava no modelo de mamãe. Em 1953, éramos bem garotos: eu, com 16 e João, com 17 anos. Quando nosso namoro começou, João já morava no Rio. Um tempo de namoro, aliás, com sabor de desobediência, pois os atritos surgiram quando meu pai passou a exercer uma marcação mais do que cerrada em minha direção. E mamãe argumentava sempre contra meu namorado. Em seu raciocínio na época, João era pouco para mim, que já estudava na PUC, cursando o primeiro ano de pedagogia. Estudava na Cultura Inglesa, tinha aulas de violão, ganhava meu próprio dinheiro costurando para fora e fazendo tudo o que exigisse habilidade manual. E João, dizia ela, só havia terminado o ginásio e, ainda assim, a duras penas. Além disso, por não parar nos empregos que lhe arrumavam – loja de acessórios para automóveis em São Cristóvão, laboratório farmacêutico de seu irmão Baby e outros – , ganhou fama de quem não gostava de trabalhar. De fato, João não era um aluno exemplar. Em 1954, quando morava com uma de suas irmãs, acordava cedo para ir ao Colégio Mallet Soares, em Copacabana. Ele se vestia, pegava os livros e saía de casa, mas seu destino era outro: uma alfaiataria de um amigo no Leblon, onde se aninhava no sótão, em meio aos panos, e dormia tranqüilamente até a hora de voltar para casa. Por tudo isso, a rejeição a um namoro firme com João era constante e

presente lá em casa. Mas eu não levei em conta as apreensões de meus pais. Estava determinada a continuar me encontrando com ele e a prosseguir com ele e a prosseguir com o namoro. Depois de um ano de coração palpitando às escondidas, meu pai permitiu que João entrasse em casa, mas só às terças-feiras, quintas e sábados. E, mesmo assim, bem à vista deles, sentadinhos no sofá. Eu não agüentava. Era incontrolável. Quantas e quantas vezes nos agarramos nos elevadores, no depósito do laboratório de seu irmão, nos becos, onde desse. Nas férias, que costumava passar na casa de minha irmã Clarinha, em Vassouras, recém-casada e já com sua primeira filha, Cláudia, eu era obrigada a respeitar um código de comunicação estabelecido por meu cunhado José. Podia namorar com João na varanda, mas quando ele apagasse as luzes por três vezes seguidas, era sinal de que o relógio marcava dez da noite. Hora de recolher. A luz acendia e apagava como combinado, mas eu me fazia de desentendida. Fingia não perceber nada, porque o tempo era curto demais. João chegava às oito horas e às dez tinha que ir embora. Algumas vezes, me convidava:

– Não quer ir dar uma dançadinha?

Eu adorava dançar. Adorava mesmo freqüentar aquela garagem lá em Vassouras, onde se apresentava um conjunto local. O palco era de frente para a rua e na calçada o pessoal dançava e se divertia a noite toda. Mas meu cunhado se opunha porque, na verdade, ele era igualzinho ao meu pai. Quantas vezes não me lancei em desabalada carreira rua abaixo até chegar à tal garagem, dançar duas ou três músicas rapidinho e voltar a toda, antes que percebessem a minha ausência!

O namoro com João durou quase cinco anos. Tempo de dribles e conhecimento. Mamãe não se cansava de repetir os velhos ditados populares, para ela quase uma norma de vida, que desejava passar para as filhas: "Homem bonito dá trabalho" e "homem tem que gostar mais da mulher do que a mulher do homem". E eu agia justo o oposto. Cometi os dois pecados capitais de minha mãe e não me arrependo. João era e continua sendo um homem muito bonito e sempre me coloquei, na relação, como a que demonstra mais os sentimentos. Esse é o meu temperamento, não uma receita de vida. Meu ímpeto incontido sempre foi o de mergulhar de cabeça fossem quais fossem as conseqüências.

Mamãe sabia muito bem disso. Ela foi testemunha do que aconteceu quando, às vésperas de meu casamento com João, com os convites do casamento prontos, sofri um de meus acessos de loucura momentânea. Estava passando um filme no Metro Copacabana a que eu queria assistir e avisei papai que iria ao cinema à tarde. Me arrumei toda e, quando João chegou, papai disse:

– Aonde você vai?

Eu argumentei que ele já sabia aonde eu estava indo, mas ele, altivamente, levantou o rosto ao decretar:

– Enquanto comer da minha comida e beber da minha bebida, você tem que me obedecer! Você não sai sozinha com ele nem para entregar convite de casamento!

Armei um escândalo. Aos berros, pronunciei todos os palavrões que sabia e não sabia e, não contente, avancei para cima dele com fúria. Queria esmurrá-lo, destruí-lo com minha raiva diante do que eu considerava uma inacreditável injustiça. Minha mãe se colocou no meio, apartando a briga. João olhava acena de lado, pasmo, morrendo de vergonha. Depois que me acalmei, ele me aconselhou a caminhar com mais jogo de cintura, mais elasticidade, a não ser tão radical. Não sei como, mas João quase acabou dominando esse meu temperamento com rara sabedoria, com seu jeito calmo e seguro. Minha mãe, antes de nos casarmos, vivia me dizendo que eu era uma pessoa completamente diferente na frente de João. Ele não gostava de mulher que falasse alto, então eu falava baixo, e outros comportamentos distintos. Mamãe reparava sempre nisso. Eu justificava:

– É o amor, mamãe!

Pouco antes de me casar, ela me chamou num canto para tentar ainda, uma última vez:

– Lucinha, você ganha tão bem, esse rapaz não ganha tanto quanto você. Como vai ser isso?

E, para seu total desespero, respondi na lata:

– Sabe de uma coisa? Ele vai deitar numa rede e eu vou balançar e, ainda, costurar para fora. Vou sustentá-lo e pronto. Se vocês não pararem de me perturbar, é isso mesmo o que vou fazer!

Nessa família, e no comecinho da década de 50, minha decisão de manter um relacionamento mais íntimo com João antes do casamento me parecia uma atitude transgressora, de vanguarda. Atitude difícil, que as mulheres da minha geração certamente compreendem bem. Perder a virgindade antes do casamento arruinou muita harmonia familiar. Ninguém em casa soube que eu já não era mais virgem ao subir ao altar, pois só revelei à minha mãe dez anos depois. Mesmo assim, ela se escandalizou. Já quando resolvi contar essa façanha a meu filho adolescente, ele ficou decepcionado. Queria que eu tivesse me casado grávida. Teria sido mais excitante, dizia ele.

No último ano de nosso namoro, o casamento se transformou em meta a alcançar.

Só vim a saber que a família Araujo fazia restrições ao nosso casamento pouco antes da cerimônia. João foi praticamente criado por sua irmã mais velha, que se casou aos 17 anos, quando João tinha ainda 4. Ela perguntou a João se ele tinha certeza mesmo de que era isso o que ele queria pois, segundo ela, casamento se desmanchava até na porta da igreja. Soube, também, que ela implicava com meus palavrões. Mulher, naquela família, nunca falou palavrão. Mas João disse à irmã que ele gostava de mim e estava se casando porque o amor era recíproco. Ao meio-dia de 16 de março, 1957, assinamos o livro de registro de casamentos no apartamento de meus pais, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. A cerimônia religiosa aconteceu na Igreja de Santa Margarida Maria, na Lagoa. Minha mãe queria promover uma festa de qualquer maneira. Mas logo sugeri a ela que não gastasse dinheiro em festa, que eu preferia usá-lo para comprar coisas que faltavam para o primeiro

apartamento que alugamos na Rua Henrique Oswald, Copacabana. Um conjugado. Ela me deu o dinheiro de presente –

efetivamente usado na compra de armários de cozinha, móveis para a sala e um lindo tapete chenille. Mas a festa aconteceu mesmo assim.

Enfim, estava deixando para trás a vida de solteira. Daquele dia em diante, passei a assinar Maria Lúcia da Silva Araujo. Ou, mais simplesmente, Lucinha Araujo.

Capítulo 4

Filho único, o destino anunciado

"Amor demais não atrapalha.

Um filho rejeitado nunca conserta a cabeça.

Um superprotegido tá limpo."

Cazuza

A vida de casada praticamente começou num quarto-e-sala na Rua Prudente de Morais, número 923, Ipanema, para onde nos mudamos depois de breves quatro meses no conjugado de Copacabana. Por doze anos habitamos o apartamento 101

desse edifício, onde também morava minha cunhada Lúcia, no quarto andar. O

nosso ficava no andar térreo e tinha quintal!

Nesse início de vida a dois João relutou muito antes de aceitar a idéia de que eu precisava trabalhar. Queria que vivêssemos apenas com o seu ordenado na gravadora Odeon – na época, ele ganhava 8 contos de réis, como divulgador de rádio. Percebi logo que seu salário não era suficiente mas, com o tempo, ele se acostumou e minha contribuição ao orçamento familiar foi, enfim, fundamental. Passei, então, a dividir meus novos afazeres domésticos com o ofício de costureira, como se dizia então, profissão com que algumas jovens recém-casadas garantiam o bem-estar da casa. Na verdade, eu era uma estilista, como se diria hoje, pois criava os modelos, além de torná-los uma realidade por minhas próprias mãos. A clientela era enorme. Contrariando as expectativas familiares – dos dois lados –, João encontrou sua verdadeira vocação na indústria do disco e até hoje não há mais quem diga que ele não goste de trabalhar. Seu primeiro emprego, aos 17 anos, foi como divulgador de rádio na gravadora Copacabana, de propriedade de nosso cunhado, José Müller, mas já trabalhava na Odeon quando nos casamos. Abandonei a faculdade depois do primeiro ano e toda a minha dedicação e anseio em ser a melhor nas salas de aula explodiu dentro de casa. Nesse pequeno e novo território, eu lutava pela perfeição. No começo, segui a linha de comportamento de minhas cunhadas para agradar João – tudo o que elas achavam de bom gosto, de correto, de direito, eu também achava. Tudo em minha casa tinha que ser igualzinho ao que se fazia na casa da mãe de João e

na de suas irmãs. E melhor!

No meu ponto de vista, meu marido era um deus, um ídolo por quem estava febrilmente apaixonada. Não me importava, então, quanto tempo esse casamento poderia durar, mas a verdade é que eu conseguira casar com o grande amor de minha vida.

Três meses depois do casamento, engravidei. No começo de 1958, minha barriga foi crescendo à medida que eu trabalhava nas costuras, noite e dia. Não me dei conta quando chegaram as primeiras contrações. Em minha desinformada imaginação, a hora do parto devia estar diretamente ligada a desmaios de dor e gritos alucinantes, como se via no cinema. Por isso, quando mamãe perguntou como me sentia naquela manhã respondi: normal, sem novidades! Ela me disse que iria, então, levar Vovô Manduca até Vassouras, mas que no final da tarde estaria de volta. Lembro de ter comido uma fruta-do-conde gigantesca, antes de minha sogra tocar a campainha. Ao contrário de mamãe, que sempre ficava nervosa, dona Maria fazia questão de estar presente na sala de parto e assistir ao nascimento do neto, como aliás havia feito com todos os outros. Estava hospedada na casa da filha Lúcia, quatro andares acima, desde que chegara de Vassouras. Perguntou se estava tudo bem, pois as previsões médicas apontavam o nascimento entre os dias 2 e 6 de abril. Respondi que sentia apenas um pouquinho de cólica, mas que devia ser por causa da fruta-do-conde. Ela me fez sentar no sofá, pegou seu relógio enorme – que usa até hoje e que pertenceu a meu sogro – e começou a contar os minutos. De meia em meia hora, as contrações intensificaram. Passaram a ocorrer de quinze em quinze minutos. Dona Maria disse que ia ligar para o médico, mas eu não queria. Achava que era alarme falso e temia passar por essa situação. Tinha vergonha. Minha sogra conseguiu localizar o doutor Frank Paranhos num churrasco e ele pediu que me levassem ao hospital. Tomei um banho e, quando olhei para minha barriga, ela parecia cair de tão baixa. A mala já estava pronta e, por volta do meio-dia, eu, João e minha sogra seguimos para a Casa de Saúde São José, no Humaitá, numa caminhonete DKV Vemag verde-clara, empréstimo de Tereza, irmã

de João.

Foi uma longa espera. Eu não sentia as dores da expulsão e tinha pouca dilatação, o que me levou a ficar em trabalho de parto até as nove e quinze da noite. Seria o caso de optar por uma cesariana hoje em dia, mas essa prática não era comum naquele ano de 1958, uma sexta-feira santa, 4 de abril, comecinho de outono quente no Rio de Janeiro, quando meu filho veio ao mundo. Um menino, assim como sonhamos e pressentimos. As primeiras flores chegaram ao quarto do hospital:

"Para a mãe do Cazuza, com um beijo do pai do mesmo". Cazuza. Foi essa a maneira encontrada por João para tentar corrigir um erro que ainda sequer havia cometido. Durante toda a gravidez, minha sogra insistiu inúmeras vezes no assunto: nenhum dos seus catorze netos – Cazuza foi o décimo quinto – tinha o mesmo nome de seu marido, Agenor. E eu, para agradá-la, disse tudo bem dona Maria, eu coloco esse nome no meu filho, na esperança de que eu ainda teria muitos outros filhos e poderia colocar os nomes de minha preferência nos que ainda estavam por nascer. João também se sentiu pressionado a homenagear o pai, mas se

arrependeu no meio do caminho, como ele mesmo conta:

"Agenor era um nome curto, com um significado histórico, mas era feio. E

nessa época, na campanha do Jânio Quadros ele usava o slogan: o Jânio vem aí, o Jânio vem aí. E não sei por que um certo dia acordei pensando assim: o Cazuza vem aí, o Cazuza vem aí! No Nordeste, Cazuza significa moleque, mas esse não era um nome que se usava comumente em minha casa. Lembro de um tio, que tinha esse apelido. Comecei a brincar com o nome, antecipando uma alternativa para o garoto que ma nascer .

Registrado Agenor de Miranda Araujo Neto, meu filho sempre foi Cazuza, desde a maternidade. No Aurélio, significa vespídeo, uma vespa solitária, cuja ferroada é bastante dolorosa. Ele só se deu conta de que seu nome era Agenor aos 3 anos de idade, quando foi para a escola, o Colégio Chapeuzinho Vermelho, na Rua Prudente de Morais, Ipanema. Perguntava a mim mesma onde estava com a cabeça quando resolvi batizá-lo com esse nome. Até mesmo um irmão de João, registrado como Agenor, passou a vida sendo conhecido pelo apelido de Baby. Cazuza só assumiu seu nome de batismo quando descobriu que o grande Cartola também se chamava Agenor.

Aos meus olhos, Cazuza era um recém-nascido lindo. Já aos do pai, uma decepção de tão feio, enrugadinho, uma mancha vermelha na bochecha, as orelhinhas de abano. Mas para os dois, um filho amado e desejado. Tanto eu quanto João sonhávamos com uma família grande, com a mesa cheia nas horas de refeições e aquela movimentação constante na casa. Embora Cazuza tenha nascido perfeito, sem problema algum, o parto deixou seqüelas para sempre. A força usada na expulsão de meu filho acabou lesando o canal cervical, impedindo que eu pudesse engravidar novamente. Passei dezoito anos de minha vida em sofridos tratamentos que resultaram inúteis e que determinaram o nosso futuro. Sem mesa cheia, sem a agitação da família grande – um casal destinado a criar um filho único. Eu ainda não sabia que não engravidaria nenhuma outra vez, quando voltei para casa e enfrentei o pesadelo de uma mãe de primeira viagem. Mal cheguei em casa com Cazuza nos braços e o ajeitei no carrinho e ele começou a chorar. Chorou sem parar por três horas seguidas. Entrei em parafuso, porque eu queria fazer tudo pessoalmente, ficar com ele até tarde, acordar cedo. Cazuza passou a chorar ininterruptamente e eu não sabia o que fazer. Foi o doutor Rinaldo de Lamare quem descobriu a rinite alérgica que impedia Cazuza de dormir e entupia suas narinas a cada mamada. Eu o alimentei única e exclusivamente com meu leite por seis meses, e, nos seis seguintes, alternando as mamadas com sopas e comidinhas. Nunca fiz uma mamadeira, nem mesmo quando ele começou a se alimentar com papinhas e frutas, pois ainda o amamentava duas vezes ao dia.

A carreira de João na indústria fonográfica o obrigava a passar muito tempo fora de casa e Cazuza foi crescendo sob a minha tutela. E como eu era rígida! Meu marido acreditava que a educação de nosso filho deveria ser exatamente igual à que ele recebeu de sua mãe. Para minha sogra, crianças deveriam ser obrigadas a comer verduras. Era preciso esconder fígado dentro do feijão para que a criança o comesse sem perceber. E outras torturas mais, como dormir cedo e acordar na hora certa. Já com minha mãe, a história sempre foi diferente. Se eu

e minhas irmãs não quiséssemos comer o cardápio do dia, ela improvisava um sanduíche. O importante era se alimentar. Mas eu optei pela cartilha dos Araujo. Não sei por qual demônio eu era possuída quando batia em meu filho para que Cazuza comesse. Beliscões, tapas, chineladas, gritaria. O inferno se mostrava todo em casa, nas horas das refeições, pois ele era bastante rebelde na questão comida e eu, uma perfeccionista obstinada em seguir as regras de conduta, que acreditava piamente serem as melhores, as certas, as corretas. Depois de tudo, ainda ameaçava Cazuza:

– Se você contar para o seu pai, apanha dobrado!!!

Num desses ataques de fúria, apertei seu braço com força – minhas unhas deixaram marcas. No jantar daquela noite, Cazuza não disse nada. Mas olhou insistentemente para o pai, enquanto passava a mão em cima da marca em seu braço. Acintosamente, até João lhe perguntar:

– O que foi, Cazuza? O que houve?

– Nada, nada.

João pediu para olhar e quando viu as marcas de minhas unhas no braço do menino ficou louco, indignado. Meus argumentos eram reais: João ficava pouco em casa e quem tinha que dominar o garoto era eu, portanto segui fazendo o que minha cabeça me ditava, na certeza absoluta de estar no caminho certo. Anos depois, meu filho declarou:

– Mamãe me entende só com o olhar. Já com papai tenho que explicar tudo.

Cazuza foi um garotinho tímido, mas arteiro. Sua atração por brincadeiras perigosas desafiava os limites. Quando estava muito quieto, não dava outra – o espírito incendiário se manifestara na certa. Sua aventura preferida era jogar álcool dentro do vaso sanitário e tocar fogo. Ou, ainda, promover batidas de automóveis, para depois incendiá-los. Justamente os carrinhos Match Box, importados e caríssimos, que eu fazia questão de comprar e que ele colecionava. Brincar com fogo virou mania porque, quando ele cresceu, continuou a fazer as mesmas coisas. Só que, infelizmente, quando se deu conta do tamanho do incêndio, não era mais possível apagá-lo.

Minhas reações diante dos absurdos infantis de Cazuza eram em geral bastante descontroladas. Certa vez, passei pimenta em sua boca para que ele não dissesse mais palavrões. Justo eu, que sempre fui uma grande desbocada! Bem pequenininho ainda, ele costumava se referir a meu respeito de uma maneira que resume bem a mãe que enxergava em mim.

– Quando eu desobedeço e minha mãe fica zangada, sai fogo pelo nariz dela e cresce rabo.

Quem nos salvou desse hospício familiar foi Cedália, que veio trabalhar conosco em 1961, quando Cazuza tinha 3 anos. Foi a sua salvação. Era atrás dela que meu filho se escondia quando eu o perseguia apartamento adentro, chinelo na mão. Cedália o protegia e ele a adorava, numa relação que se conservou assim não só nos treze anos em que ela me ajudou

nos serviços domésticos, mas até o fim. Ela pediu a Cazuza que batizasse o seu primeiro filho, Mário, em 1974. Cazuza entrou na Escola Brasileira da Criança aos 2 anos e meio e, ao completar os 3 anos exigidos, o transferimos para o Colégio Chapeuzinho Vermelho. Ao pegá-lo na saída da primeira aula, a professora começou a chamar por Agenor e não apareceu ninguém. Então lhe sugeri que experimentasse o nome Cazuza e, claro, ele chegou correndo com aquele sorriso encantador e os olhinhos muito vivos, espertos. Apesar de meu temperamento explosivo e das regras que segui no passado, passamos bons momentos juntos nessa fase da infância de meu filho. No verão, íamos à praia duas vezes ao dia – de manhã e à tardinha. Controlava suas idas e vindas da água enquanto alinhavava as costuras, debaixo da barraca. Nossos programas nos finais de semana também eram sagrados. Depois do almoço, enquanto João tirava uma soneca, saíamos os dois para atividades que variavam do cinema ao teatro, caminhar até a pracinha, tomar um sorvete. Desde que desandou a falar, Cazuza desenvolveu uma habilidade bastante criativa para inventar histórias. Talvez pelo fato de que, apesar do controle formal que exercia sobre ele, eu jamais tenha freado ou desestimulado sua pródiga imaginação. Ao contrário, me encantava com as longas conversas que nos entretinham nessas ocasiões. Por outro lado, Cazuza desenvolveu uma sinceridade tão escancarada que, muitas vezes, nos colocou em situações constrangedoras. Além do fato óbvio de, em todo aniversário, ganhar vários exemplares do livro *Cazuza,* de Viriato Correia, havia também o costume, na década de 50, de se presentear crianças com meias. Uma senhora lá

do prédio, que gostava muito dele, apareceu em casa com um embrulhinho na mão

– seu presente de aniversário. Cazuza não pensou, antes de disparar:

– Qui fô meia, num quero!!!

E era!!!

Essa tendência a falar o que lhe passava pela cabeça sem medir as palavras e de dizer frases chocantes o acompanhou até o fim da vida. Com o tempo, na verdade, foi se aperfeiçoando. Observando a personalidade de seus pais, Cazuza tinha dois exemplos distintos em casa a escolher como modelo. João sempre foi um sedutor, agindo com calma, pensando antes de se manifestar, falando devagar. Esse é o seu temperamento. Já eu sou o oposto, digo tudo o que me vier à cabeça em momentos de raiva. Depois me arrependo, peço desculpas. Mas no tempo em que Cazuza deu seus primeiros passos, não pensava em lhe pedir desculpas. Afinal, não havia maldade premeditada em minhas atitudes.

Eu pecava por amá-lo demais.

Capítulo 5

A mãe perfeita

" Mamãe, tá certo, eu me dei mal na escola/...

Pode parar o jogo/...

Você é a dona da bola..."

Subproduto do rock

Talvez o auge de minha obsessão por fazer de meu filho um gênio da raça tenha sido a idéia fixa que me levou a procurar o Colégio Santo Inácio, de padres jesuítas, em 1963, quando Cazuza tinha 5 anos. Se aquela era a melhor escola do Rio de Janeiro, era ali que meu filho iria estudar. Mas para que meu sonho se realizasse era preciso que ele passasse no exame de admissão, cuja exigência mínima era a de que o novo aluno soubesse ler e escrever. Nos preparamos para este exame como se ele fosse fatal para que eu continuasse viva. Estava tão nervosa no dia da prova que protagonizei uma cena inesquecível. De pé, debaixo da janela da sala onde ele fazia o exame, anotei uma a uma as vinte palavras do ditado nas costas de um envelope, que guardo comigo até hoje. No táxi, de volta para casa, perguntei a Cazuza como havia se saído:

– Não sei, mamãe!!!

Tirei então o envelope da bolsa e fiz com que ele escrevesse tudo novamente. Cazuza só errou uma palavra: escreveu verdejante com a letra g. Fiquei bastante apreensiva até o dia em que o resultado foi divulgado. Cazuza havia conseguido! Entre mais de mil candidatos, classificou-se em 50 lugar, com nota 9,5. Qualquer mãe ficaria orgulhosa, mas não eu. Um 9,5 era pouco para mim, uma ex-estudante de colégio de freiras cujo rendimento escolar havia sido exemplar. Não podia imaginar quanto meu filho ainda iria se rebelar no futuro, contra a rigidez e os métodos do Santo Inácio.

A nossa rotina, a partir de então, era controlada. Cazuza chegava da escola, eu pegava o diário de classe na mala e organizava a sua vida de acordo com os deveres. No fim da tarde, enquanto não terminasse os deveres escritos, não podia sair para brincar. Na manhã seguinte, ele se dedicava às lições orais. Depois, eu lhe tomava os deveres. E como eu era chata nesse papel!!! João, embora ausente, não concordava com meus métodos, mesmo porque, para ele, ser um bom aluno na escola não significava muita coisa. Citava exemplos de homens brilhantes que nunca haviam conseguido um 10 no boletim. Cazuza corria para ele nessa fase para se proteger de mim.

Felizmente meu filho encontrou duas grandes válvulas de escape para suportar meu temperamento autoritário enquanto era criança. Suas duas avós. Minha mãe, Alice, representava para meu filho a liberdade desfrutada longe de casa. Tudo o que era proibido conosco era permitido na casa de Vovó Lice. Para acompanhar meu marido em seus incontáveis trabalhos noturnos, em sua trajetória como homem da indústria fonográfica, muitas vezes deixei Cazuza com minha mãe. A seu lado, Cazuza conheceu o reino dos céus. Tomava banho se quisesse, comia todas as guloseimas desejadas e, pior ainda, assistia televisão, hábito proibido por João. As vezes, na volta para casa, ele comentava o filme da *Sessão Coruja,* o que deixava o pai muito bravo. Mas a paixão de Cazuza por minha mãe não tinha limites. Primeiro neto homem numa família de mulheres, Cazuza era o preferido mesmo e se

orgulhava disso. Adorava ouvir as histórias que minha mãe lhe contava e, principalmente, retribuía a compreensão com que ela o tratava em todas as circunstâncias. Depois que se tornou famoso, Cazuza confessou numa entrevista que era com Vovó Lice que discutia as suas poesias, as rimas dos versos que nunca me mostrou. Mesmo assim, muitas vezes, o temperamento brincalhão e quase mórbido dessa fase de Cazuza não poupava nem mesmo a querida Vovó Lice. Uma de suas brincadeiras assustadoras preferidas era simular um desmaio no banheiro. Para dramatizar, ele colava aquele fiozinho vermelho que encapava os maços de cigarro grudado no canto da boca, para simular sangue escorrendo. Ele gritava, minha mãe corria para o banheiro e levava um susto imenso. Invariavelmente, ela apelava aos santos:

–Valha-me minha Santa Rita!

Cazuza gargalhava. Ele repetia a encenação com alguma freqüência e Vovó

Lice não aprendia. Sempre se assustava.

A segunda válvula de escape de Cazuza era dona Maria, sua avó paterna, em cuja casa de Vassouras ele passou as férias dos 3 aos 15 anos. Também ali, era tratado como um príncipe, cercado de todos os mimos que uma avó sabe fazer, incluindo tirar as sementes de uva por uva para que ele não engasgasse, além de outras mordomias. Muitas vezes eu e João voltávamos tarde para casa depois de um baile de carnaval, ou outra festa, e Cazuza acordava antes do que nós. Gritava lá de sua cama:

– Vovó Maria, meu amor, vem me buscar! E os dois passavam toda a manhã

se divertindo juntos. Mas nem ela escapava de seu apurado senso de humor. Quando falava ao telefone com Vovó Maria e ela começava a se queixar e reclamar de dormência nas mãos, Cazuza também não se continha: .

– É, vovó, mas também, o que você quer? Você já está bem velhinha e não quer ter nada? Faz o seguinte vovó: corta as mãos!!!

Em 2 de maio de 1997, Vovó Maria completou 99 anos.

A paixão de Cazuza pelos animais começou com um periquito perdido que apareceu no nosso quarto-e-sala. O apartamento térreo tinha um pequeno quintal ao ar livre e ali ele colecionava seus animaizinhos de estimação. Tempos depois comprei uma fêmea e um viveiro e os periquitos se multiplicaram em 33 e acabaram todos na casa de minha mãe em Vassouras, para onde foram também um coelho e um aquário bastante habitado. Aos 5 anos, ganhou seu primeiro cachorro, uma cadela que batizou de Sunny. Tinha o pêlo dourado que brilhava ao sol, mas seis meses depois foi atropelada, para total desespero de Cazuza. Enquanto o veterinário tentava, em vão, salvá-la, Cazuza, bastante nervoso, rasgou com as mãos as pernas da bermuda jeans que estava usando. Como presente de uma vizinha, a jornalista Sandra Moreyra, na época uma menina, ganhou outra cadela logo depois. Infelizmente, ela também ficou doente e morreu em uma semana. Mas meu filho não desistiu. Depois de um fim de

semana em Friburgo, com tia Maryse, Paulinho e Márcia Müller, ele voltou para casa com outra cadela que, embora preta e feia, cismou em também lhe chamar de Sunny. A Sunny II, que sobreviveu e ficou oito anos em casa – dos treze que viveu –, até mudarmos para o Leblon, quando o seu destino foi o mesmo dos outros – a casa de Vovó Lice em Vassouras. Cazuza escolheu o mais bonito filhote da última ninhada de Sunny II. Seu nome era Wanderley Cardoso, em homenagem aos olhos verdes, parecidos aos do cantor. Cazuza carregava Wanderley para toda .parte, principalmente à praia, onde meu filho ficou conhecido como o dono de Wanderley, que se parecia a um rusky siberiano, embora fosse um vira-lata de primeira. Certo dia, num carnaval, Cazuza saiu com Wanderley para brincar na Banda de Ipanema. Lá pelas oito da noite, meu filho chegou em casa sem o cachorro. Mas cadê o Wanderley:

– Não sei, mãe, ele sumiu. Procurei, procurei e não acho.

– Cazuza, você é um irresponsável!

Zeca Neves guardou na memória outra história de Wanderley na Praia do Arpoador. Cazuza, com dentista marcado para as três da tarde, ficou furioso quando Wanderley se engatou com uma cadela e não havia meio de separá-los. As duas horas, cansado e apressado, gritava com seu cão:

– Logo agora você faz isso comigo!!!

Nossa cozinheira, Cida, que era louca pelo cachorro, já organizara uma expedição de resgate quando o programa *Fantástico* começou a exibir uma reportagem sobre a Banda. E lá estava ele, todo fantasiado, trançando entre as pernas dos foliões. Embora a matéria tenha sido gravada de tarde, saímos, Cida e eu, à procura de Wanderley, seguindo o itinerário da Banda. Finalmente o encontramos na Praça da Paz, todo fantasiado, andando de um lado para o outro, à

procura de seu dono. Cazuza nem deu bola. Nos seus dois últimos anos de vida, meu filho ganhou outro cachorro, o Mané, um waimaraner. Um cão sem a menor identidade. Conviveu muito pouco com seu dono.

Cazuza viveu outras várias fases de interesses quando menino. Em sua prodigiosa imaginação para criar histórias, ele preencheu vários cadernos com suas histórias: criava famílias inteiras e um destino para cada um de seus personagens –

desquites, traições, mortes, bigamias. Quase ao mesmo tempo surgiu o interesse por geografia. Desde os 7 anos, Cazuza saciava a curiosidade, consultando com sofreguidão a Enciclopédia Barsa. Alguns amigos de João do futebol se reuniam todos os sábados depois do jogo em São Conrado, só pelo prazer de sabatiná-lo.

– Cazuza, qual a capital do Zaire? E a renda per capita?

Ele acertava todas. Impressionante.

Cazuza acabou realmente se tornando um expert no assunto, a ponto de seus colegas de escola – e outros amigos – ligarem lá para casa para tirar suas dúvidas sobre geografia, populações, capitais, cultura dos países. Ele deitava-se no chão de seu quarto com o mapa-múndi aberto e se concentrava inteiramente. Passava grande parte de seu tempo trancado no quarto, no seu mundinho particular. João, nessa fase, brincava com ele:

– Você vai ser o quê? Professor de geografia? Isso não dá dinheiro. Mais tarde, costumava ler romances com o atlas ao lado, para entender direitinho onde se passava a trama. Ele devia ter uns 8 anos quando recebemos em casa, para um jantar quase cerimonioso, o venezuelano Manoel Guevara, casado com uma prima minha e que naquele momento exercia o cargo de Ministro dos Transportes em seu país. o apartamento estava perfeito, e nós três muito bem vestidos. Cazuza usou um de seus modelos da Bebê Conforto, a última palavra em roupas infantis no Rio de Janeiro dos anos 60. Antes da chegada das visitas, preocupado com a irreverência latente do filho, João chamou Cazuza num canto com recomendações:

– Olha, meu filho, eu sei que você não tem a menor cerimônia com as pessoas. Mas hoje, por favor, não faça perguntas, não diga bobagens. Durante o jantar, duas ou três vezes, João cutucou Cazuza por debaixo da mesa. Como se não estivesse entendendo nada e exibindo um ar inocente, denunciou João:

– O que foi, pai?

Até que o ministro começou a contar sobre um túnel que havia construído em sua terra, um túnel de trem subterrâneo. E afirmava que aquele túnel que tinha uma determinada extensão era o maior da América Latina. Cazuza retrucou no ato:

– Não é, não!

Levantou da mesa e saiu correndo para o quarto. Quando voltou, trazia um livro nas mãos provando não só que a extensão do túnel alardeada pelo ministro estava errada como também que aquele não era, definitivamente, o maior da América Latina. O ministro ficou encantado. No dia seguinte mandou de presente para Cazuza um sofisticado atlas inglês.

Tempos depois, Cazuza se apaixonou por arquitetura e urbanismo. Criava cidades com madeiras e caixas de fósforos e também todo o seu funcionamento. Na casa de minha mãe em Vassouras – que nessa época havia se mudado definitivamente com papai, já aposentado, para a cidade –, Cazuza passava horas no quintal armando suas metrópoles imaginárias, todas elas com população definida, além de renda per capita e seu cotidiano. Sempre pensei que meu filho acabaria se tornando um engenheiro, um arquiteto, um urbanista, tal a dedicação e empenho com que mergulhava compenetrado nesses assuntos. Apesar disso, o rendimento escolar de Cazuza era péssimo. Suas notas, eu pensava, eram inadmissíveis para um garoto inteligente e esperto como ele. E, invariavelmente, eram motivo de castigo para meu filho. Já com os esportes, Cazuza foi uma tragédia, para desespero do pai. Todos os sábados, meu marido freqüentava um clube de futebol formado por 30

homens com mais de 30 anos, com uma exceção aberta a João, que foi admitido aos 24. Era o chamado Clube dos 30, em São Conrado. João sempre teve amigos mais velhos e ali conviveu com Paulo Mendes Campos, Luís Carlos Barreto, Thiago de Mello, Armando Nogueira, que também levavam seus filhos ao futebol de todos os sábados. Além disso, em toda a sua vida, meu marido foi um esportista que praticou tênis, vôlei e futebol. Ele queria muito que o filho seguisse seu exemplo, como conta:

"Sempre desejei que Cazuza se interessasse por esportes, mas quando eu o levava ao Clube dos 30, Cazuza não demonstrava a menor vontade de jogar futebol. As vezes até brincava com a bola, mas rapidamente se desinteressava. O que o empolgava mesmo era pegar meu carro e dirigir em volta do loteamento". A frustração de João com o total desinteresse do filho por seu esporte favorito foi motivo de uma crônica do jornalista Armando Nogueira, publicada no *Jornal do Brasil* em sua coluna A Grande Área, em 1968:

"Cazuza, 10 anos, chegou da escola, participando ao pai uma novidade:

– Papai, estou jogando futebol, lá no colégio.

O pai, que sempre bateu sua bolinha razoavelmente, ficou na maior alegria: nunca tinha confessado, mas o desinteresse do filho por futebol era uma das pequenas tristezas de sua vida. Há alguns anos ele andou tentando despertar no garoto o gosto pela pelada: no clube em que joga um racha semanal, chegou mesmo a levar Cazuza para o campo, ficava no gol e só para estimular papava frangos tremendos nos chutes de Cazuza.

Nos últimos tempos, porém, Cazuza abandonou na garagem a bola e as chuteiras e nunca mais falava de futebol. Daí a felicidade do pai ao ouvir do menino que estava jogando bola, agora oficialmente! no time do colégio.

– É no time do colégio, Cazuza?

– É, sim senhor.

– No primeiro time, Cazuza?

– Não.

– Ah, é no segundo time, meu filho?

– Também não, papai.

– Não vai me dizer que te puseram no terceiro time. Terceiro time nem deve existir lá no colégio.

– Existe, sim, mas eu não jogo no terceiro time também, não. Sou do Fusa.

– Fusa? Que diabo é isso, Cazuza?

– Fusa é o seguinte, papai: tem o primeiro time, o segundo e o terceiro times. Aí eles pegaram a turma que sobrou e misturaram todo mundo. Isso é que é Fusa.

– E você joga de quê, nesse tal de Fusa? – perguntou o pai, já inteiramente desanimado com o herdeiro de suas virtudes futebolísticas...

– Eu sou reserva do Fusa, papai."

Em sua carreira, João fez de tudo na indústria do disco. Começou na gravadora Copacabana e, depois, passou pela Odeon, Mocambo, Festa e Sinter, que foi comprada pela Philips. Naquela gravadora, João produziu discos de Elis Regina, Jair Rodrigues, Gilberto Gil, Jorge Ben. Praticamente lançou Caetano Veloso e Gal Costa no disco *Domingo,* o primeiro da carreira de ambos. Lançou, também, o primeiro LP dos Novos Baianos. Considero João o homem de disco mais importante do Brasil, pois conheceu a fundo o seu ofício ao trabalhar em todos os cargos dentro da indústria – foi divulgador de rádio, de imprensa, produtor de estúdio, até fundar a Som Livre, em dezembro de 1969.

Por isso, desde pequenininho, meu filho teve sua atenção naturalmente desperta para o mundo da música. Eu e João gostávamos de música, desde o namoro. Na época, eu estudava violão e, em nossos encontros, nos distraíamos em tocar e cantar. Para Cazuza, aconteceu ainda de conhecer de perto os artistas que freqüentavam nossa casa. Desde garoto, a paixão de Cazuza por Rita Lee era avassaladora. Não perdia nenhum de seus shows. Silvinha Teles foi minha colega de colégio e acompanhou Cazuza desde o seu nascimento. Elis Regina o viu crescer, assim como Jair Rodrigues, os Novos Baianos, Caetano, Gil, Gal. Meu filho dizia que não tinha mitos, pois conviveu com todos eles.

Nos tempos do Santo lnácio, Cazuza tinha dois grandes amigos: Ricardo Quintana e Pedro Bial, hoje jornalista e poeta. Com Pedro, aliás, ele já havia repartido a sala de aula no Colégio Chapeuzinho Vermelho. Com meu filho, Pedro freqüentou o Clube dos 30, fez viagens em excursão do colégio e entrevistou o poeta Vinícius de Morais para um trabalho escolar sobre diplomatas que abandonaram a carreira. As recordações de Pedro Bial sobre a infância e adolescência de ambos:

"Cazuza não era nada esportivo, não gostava de esportes. Era tímido e fechado. Não se socializava com o resto da turma. Nunca teve muita paciência para o social. Era inteligente e desenhava muito bem. Fazia desenhos de mapas e cidades, superorganizado. O resultado era muito bem-feito e, para cada um dos lugares, ele inventava nomes de fantasia. Na época do Santo lnácio, ele teve uma relação forte com Ricardo Quintana e, juntos, inventavam histórias, um espaço meio mitológico, um mundo só deles. Minha grande luta era a de ser aceito na brincadeira. A grande sensação da escola eram as mulheres nuas que Cazuza desenhava: todos os alunos pagariam uma nota para ter um desenho dele – mulheres eróticas, sexies, vamps, lindas, personagens marcantes. Cazuza não era do tipo popular e nem de ficar desafiando professores. Quieto, ficava no seu canto conversando com o Ricardo ou comigo. Aos 13 anos – tínhamos a mesma idade –, o pai de Cazuza conseguiu marcar uma entrevista nossa com o Vinícius de Morais. Ficamos encantados com aquele líquido amarelinho que ele tomava.

Achamos muito bacana aquele negócio do uísque".

A vida escolar de Cazuza, na verdade, nunca me deixou tranquiIa. Ele passou a desafiar minha autoridade à medida que crescia: passou a esconder o diário de classe e a rasgar boletins com notas baixas. A primeira vez em que ficou de recuperação na escola, no final do primeiro ano ginasial, em três matérias, não teve coragem de voltar para casa. Da escola, rumou direto para o escritório de João, na Som Livre, e só voltou debaixo das asas do pai. Quando entraram, João me chamou no quarto e alertou:

– Cazuza ficou de recuperação e está apavorado com você. Veja lá o que vai fazer. Esses escândalos não resolvem nada!!!

Mas, no dia seguinte, quando meu marido saiu para o trabalho tive um duplo acesso de loucura. Primeiro, porque não me conformava com a traição de Cazuza. Como eu, que me julgava a dona do pedaço, tinha sido a última a saber? Meu ciúme era doentio. E depois, veio a bronca monumental pela recuperação no Santo Inácio. Os 14 anos de Cazuza foram como uma marca de luta cega pela liberdade. Suas reações diante de minha autoridade já não eram mais de choro e quarto fechado. Ele me enfrentava, respondia e desafiava. Cada vez com mais intensidade. E eu comecei a lutar contra a dura realidade que, dali em diante, seria obrigada a enfrentar: conviver e perdoar as atitudes extremas de meu filho, até entender que ele não era mais o meu garotinho.

Capítulo 6

Cazuza rebelde, a era da mentira

"Nadando contra a corrente/Só para exercitar..." Pro dia nascer feliz

A pior constatação de minha vida foi descobrir que meu filho viveria apesar de mim. Era tamanha a responsabilidade que sentia em relação a ele que, de repente, quando ele se transformou numa pessoa pensante – e, de modo geral, com uma cabeça muito diferente da minha –, me percebi totalmente impotente. Os conflitos em casa começaram a se intensificar a partir dos 12 anos de Cazuza. Meu descontrole data do início da era da mentira.

– Cazuza, você foi bem na prova?

– Não sei.

– Como não sabe, cadê a prova?

Ele já a havia rasgado e jogado no lixo, longe de meu alcance. Não sei como, porque eu vasculhava todo o seu material, remexia em tudo, sem constrangimento algum. Ao mesmo tempo, Cazuza fazia coisas mais perigosas, mais desafiadoras, como cabular as aulas e voltar para casa no horário certinho, para que eu sequer desconfiasse. Só me dava conta disso quando conseguia, procurando muito, encontrar seu boletim. As brigas aconteciam na certa: uma gritaria dos dois lados. Tomei um susto enorme quando percebi que Cazuza havia herdado

meu temperamento explosivo e um pouco mais.

Anos depois, já famoso, costumava dizer nas entrevistas que havia sido expulso do Santo lnácio. Não é verdade. O fato é que ele ficou em recuperação em quatro matérias no quarto ano ginasial, caso de repetência. Como no Santo lnácio não era permitido repetir de ano, foi preciso mudar de escola. A partir daí, nunca mais Cazuza se deu bem nos estudos. Trocava de colégio a cada ano. Freqüentou o Anglo-Americano, o Peixoto, o Brasileiro de Almeida, o Rio de Janeiro. Fazia a matrícula, começava o curso e se desinteressava em seguida. Sumia da escola, perdia o ano por faltas. Quando tinha 20 anos o convenci a fazer um supletivo, o Curso Pinheiro Guimarães, para, pelo menos, conseguir o diploma do segundo grau, o científico. Pedro Bial também trocou o Santo Inácio pelo Colégio Rio de Janeiro. E, nessa fase, reencontrou Cazuza, como relembra:

"Nos divertimos muito nessa fase, fizemos muita farra. Várias vezes, no fim de noite, aparecia um violãozinho e ficávamos cantando blues até as cinco da manhã. Lembro que, numa dessas noites, cantando no meio da rua, nos atiravam ovos na cabeça. Eram os moradores dos apartamentos, indignados com o barulho. Desde garotos, do tempo do Santo Inácio, quando líamos Fernando Pessoa, Cazuza sempre compactuou com seu conceito: 'Prefiro me arder inteiro na vida, viver. Prefiro viver 30 anos a morrer velho!', essa idéia de viver até as últimas conseqüências. Cazuza foi muito coerente com a vida dele".

Meu desespero com Cazuza nessa fase era incontrolável. Em 1970, deixamos o apartamento onde ele nasceu, que, curiosamente, pertence hoje à

artista plástica Magda Collares, mulher do jornalista e apresentador Fausto Silva. Nos mudamos para a Rua Rita Rudolf, esquina com Ataulfo de Paiva, em cima da Drogaria Piauí, exatamente a uma quadra do que viria a ser conhecido como Baixo Leblon e que incluía os restaurantes Real Astória, a Pizzaria Guanabara e o Bar Diagonal. Para Cazuza, o ponto não podia ser mais estratégico. Saía todas as noites sem me dizer aonde ia e sem hora para voltar. Na primeira noite em que acordei e me deparei com sua cama arrumada, entrei em parafuso. Onde estava Cazuza? Ele não dormiu em casa! Fiquei na janela do apartamento chorando. A madrugada virou companheira de meu filho. Quando ia me deitar, os olhos não pregavam até que pudesse ouvir o barulho da porta se abrindo. João me recriminava:

– Você não vai ficar aí. Vá se deitar. Isso é um absurdo!!!

E, se calhasse de Cazuza me pegar acordada, aí o fuzuê era certo. As brigas acordavam os vizinhos. Má-criação em alto nível. Eu não sabia ainda, ou não queria mesmo admitir que Cazuza já havia caído na vida, por sua própria conta e risco. E

sequer imaginava, também, que os sobressaltos em meu coração de mãe atingiriam ainda uma intensidade alucinante com o passar dos anos. Parecia que Cazuza queria recuperar o tempo perdido em que foi um bom menino, o preferido da(s) vovó(s). O temperamento endiabrado e rebelde, no entanto, convivia com o personagem engraçado e essa era a sua maior contradição. Cazuza não tinha papas na língua e não perdia uma piada. Seu raciocínio, nesses momentos, se

exercia em busca de um único objetivo: gargalhar. Quando queria muito alguma coisa, tornavase tão encantador e bem-humorado que era impossível resistir aos seus apelos. Acontecia isso, por exemplo, quando o assunto era automóvel. Aprendeu a dirigir cedo, aos 12 anos, e eu deixava que ele pegasse o meu carro, mesmo antes de tirar a carteira de motorista. Quanta irresponsabilidade! Eu imaginava que seria melhor que ele fosse ao colégio de carro do que correr o risco de ser assaltado no ônibus. Fora isso, eu não resistia a seu jogo de sedução. Perdi as contas de quantas batidas meus carros sofreram nas mãos de Cazuza. Ele batia de frente, de lado, de trás. De fato, eu emprestava os carros a meu filho, escondida de João, pois ele sempre foi radicalmente contra. Com João, a história de Cazuza com carros era inteiramente outra. Cazuza gostava mesmo de automóveis. Ele gostava de mostrar ao pai seus conhecimentos sobre a indústria automobilística. E, praticamente, comandou toda a frota de carros que João compraria por um longo período, como ele mesmo conta:

"Quando me casei, muito jovem, não tinha dinheiro e meu primeiro carro foi um Dauphine, muito fraquinho. E Cazuza sempre me dizia: poxa, papai, esse carro é

muito ruim, você tem que comprar um Gordini. Mais adiante, com a situação melhor, quando comprei o tal Gordini, meu filho me sai com essa: esse carro não está com nada, não! Você deve comprar é um Fusca, da Volkswagen. A história se repetiu em seguida com a Variant, o Opala e outros. Nesse tempo, meu irmão mais velho Baby, que já era um homem bem-sucedido, tinha uma importadora de carros. E, sabendo do interesse de Cazuza por automóveis, cada vez que chegava um novo, ele o levava em casa para o sobrinho conhecer. Isso para mim foi um inferno, pois Cazuza vivia dizendo que nosso carro era péssimo e que eu deveria ter um igual ao do tio Baby. Aliás, quando alguém da família comprava um carro, era um ritual levá-lo para Cazuza conhecer. Até que um amigo, o José Luiz Ferraz, apareceu com uma Mercedes querendo me vender. Disse a ele que estava maluco, que eu não tinha dinheiro para ter uma Mercedes. Mas ele insistiu e dividiu o preço em 30 prestações. Nesse dia, acreditei que meu filho enfim fosse aprovar a minha compra e lhe disse: agora você não vai ter mais do que reclamar, porque papai comprou uma Mercedes!

Não é que duas ou três semanas depois acordo num domingo de manhã e encontro Cazuza na sala lendo o *Jornal do Brasil.* Ele levantou a cabeça, me olhou e disse: vou te contar um negócio, Mercedes não está com nada. Bom mesmo é o Bentley, um carro inglês. Não agüentei: olha aqui, você vai tomar banho. Se você voltar a me falar de carro, te cubro de porrada. Não é possível, Cazuza!"

Foi com essa Mercedes, aliás, que Cazuza aprontou mais uma das suas. João estava fora, viajando. Minha mãe e eu conversávamos na janela do apartamento do Leblon, quando vimos a Mercedes branca saindo da garagem. Ninguém havia percebido que Cazuza e uma amiga já haviam saído do quarto dele, onde passaram algum tempo, batendo papo e fumando maconha. Não preguei o olho até as quatro da manhã. Eles não haviam apenas desfilado com o carrão pela zona sul como também se esbaldado na churrascaria Carreta – Cazuza só se referia a esse restaurante como Careta – sem um tostão no bolso. No final, ele assinou a conta para o João pagar depois. Cobrir os buracos das contas que meu filho espalhava pelo Rio de Janeiro transformou-se em hábito para João e eu. Quando voltou do passeio com a Mercedes, o

repreendi em vão, pois ele virou a situação contra mim:

– Você é mesquinha e dedo-duro!

Nessa fase, Cazuza andava com uma turma da pesada, um pessoal do Leblon. E viajou, com essa turma, para um fim de semana em Itaipava com o meu consentimento. No domingo, as horas foram passando e nada de Cazuza voltar. Nenhuma notícia. Telefonei para a mãe de um garoto que tinha viajado junto e ela me disse que não havia nenhum motivo para preocupação. Liguei duas ou três vezes ainda para ela naquela madrugada e a resposta era sempre a mesma: não esquente a cabeça! Passei a noite em claro e, na manhã seguinte, Cazuza entrou em casa com a cabeça toda enfaixada, remendado com vários pontos no rosto. A aliança de casamento de João, com a qual gostava de desfilar, estava toda arranhada, faltando um pedaço. Foi um acidente grave. Na volta de Itaipava, o carro em que viajavam se desgovernou, indo parar à beira de uma ribanceira. Lembro que ele viajou com Caco Perdigão e Paulinho Soledade Filho, que, em conseqüência do acidente, passou um certo tempo desmemoriado. Fiquei louca da vida com aquela mãe, que me escondeu um assunto dessa gravidade, a pedido de meu filho. Talvez ela também não tenha resistido ao jogo de sedução de Cazuza. Mas pensei: onde está a solidariedade materna? E que responsabilidade ela chamou para si, me ocultando um acidente daquelas proporções?

Não só nas atitudes a mudança praticamente radical de meu filho era notada. Para quem cresceu se vestindo com elegância, a opção pelo estilo hippie me parecia inacreditável. O uniforme constava de calça jeans desbotada, rasgada e o mais suja possível. Camiseta Hering surrada, sandálias japonesas deixando de fora os pés sujos e cabelos compridos. Naquela época, ele os usava crespos, que, ao crescer, assumiam o aspecto de uma touca horrenda. Muitas, quantas mais melhor, fitinhas do Senhor do Bonfim amarradas no pulso compunham a figura de Cazuza nos anos 70.

O pior ainda estava por vir. Certo dia, em 1973, quando Cazuza estava com 15 anos, Cedália falou de suas desconfianças. Algo devia estar acontecendo, porque ela sentia um cheiro de colchão queimado no quarto de Cazuza e achava que aquilo não podia ser boa coisa. Então, aproveitamos uma manhã em que ele estava no colégio e fomos nós duas investigar. Encontramos um embrulho, alguma coisa envolta em uma folha de jornal amassada. Abri, cheirei e não tive dúvidas: era maconha! Na verdade, nunca tinha visto maconha em toda a minha vida, mas tinha aquele cheiro, aquele aspecto. Só podia ser maconha. Tomada pela cegueira momentânea que vem do ódio da impotência e da decepção, corri para o banheiro e joguei o embrulho inteirinho no vaso sanitário, apertando com força e prazer a descarga até que a água fizesse tudo desaparecer da minha vista. Quando Cazuza voltou para casa, eu não disse nada. Fiquei quieta com minhas costuras, só esperando. Ele entrou no quarto e saiu de lá aos berros.

– Cadê o embrulho que estava no meu quarto? Você pegou, mãe ?

Cedália...–gritava.

Ele ficou realmente furioso. E berrava, destemperado:

– Aquilo não era só meu, era de um monte de amigos também. Você jogou na privada? Você tem idéia do que fez? Era maconha de primeira qualidade. Você não dá valor às coisas. Jogou dinheiro fora!!!!

Não me intimidei nem um pouco. Também soltei a voz com autoridade:

– Vou jogar fora todas as vezes em que encontrar isso aqui em casa. E desandei a chorar pelos cantos. "Meu filho está fumando maconha. É um viciado", dramatizava ao extremo. Liguei para minha mãe e ela também chorou do outro lado da linha. Armei uma confusão de enormes proporções. Mas Cazuza não deu a menor importância. Então percebi que era preciso tomar uma providência séria: contar tudo a seu pai.

Foram inúmeras as vezes em que escondi de meu marido as transgressões cada vez mais freqüentes de Cazuza. Nem quando ele assaltava o guarda-roupa de João, nem mesmo quando sumiu o valioso relógio Vacheron Constantin. Há algum tempo, eu não via com bons olhos os amigos de meu filho. Ele levava todos para casa e ai de mim se dissesse qualquer coisa, que enxergasse algum defeito em qualquer um deles. Depois dessas reuniões, invariavelmente, eu sentia a falta de algum objeto da casa. Não contava nada a João e também não deixava Cazuza perceber essa atitude. Realmente, eu não sabia por qual dos dois meu coração balançava mais. Desde pequeno, meu filho gostava de perguntar, repetidamente:

– Mamãe, se a gente estivesse num barco afundando, qual dos dois você

salvaria: eu ou o papai?

Nunca pude lhe responder. Terminava a conversa dizendo que eu preferia morrer junto só para não ter que escolher. Nesse jogo de esconde-esconde, por certo não agi corretamente. Meu desejo sincero era apenas evitar que a relação entre pai e filho se complicasse. Mas a questão da maconha não era possível deixar para lá. A meus olhos, aquilo era grave demais para que eu tentasse resolver o problema sozinha. Com toda coragem, espanto e preocupação, me armei para contar tudo a João. E ele, finalmente, conversou com o filho: o alertou para o perigo de uma droga levar a outra, que fumar não era bom para ele, tudo o que um pai preocupado poderia dizer numa ocasião como aquela. Mas não adiantou. Cazuza continuou aprontando mais e mais.

Nesse tempo de turbulência, perdi minha mãe. Morreu de infarto aos 67 anos, de repente. Ligou avisando que não passava bem e fomos para Vassouras. Cazuza tinha 17 anos e dirigiu meu carro, uma Brasília. Levamos também minhas irmãs e, no caminho, conversamos sobre os planos para trazer mamãe ao Rio, para se tratar na cidade e ficar mais perto da gente. Quando nos aproximamos da ladeira onde ela vivia no bairro vassourense do Madruga, o movimento era estranho. Ao avistarmos a casa, percebi que algo sério havia acontecido, pois mais de cem pessoas se espalhavam pela varanda e jardim. Foi quando tivemos certeza de que ela estava morta. Cazuza foi o primeiro a descer do carro. Minha irmã mais nova sentou na grama e ali

ficou, sem coragem para entrar na casa. Clarinha, a mais velha, entrou e enfrentou a dor de ver nossa mãe morta. Eu não consegui sequer descer do carro. Devo ter permanecido ali por umas três horas, até que minha sogra veio falar comigo e disse que precisavam de mim lá dentro, para procurar os papéis, as certidões que ninguém encontrava. Sempre fui eu a encarregada de cuidar desses assuntos. Me lembro de ter dito à minha sogra:

– Morreu a única pessoa que gostava de mim do jeito que eu sou, sem cobranças ou censuras.

Ela retrucou:

– Mas o que é isso, minha filha, eu posso ficar no lugar de sua mãe.

– Dona Maria, a senhora tem três filhas. A senhora acha que eu acredito que vai gostar de mim tanto como minha mãe gostava? De jeito nenhum.

– Pode não ser igual, mas prometo que vou caprichar. Você pode até falar palavrão que eu aceito, não vou nem ligar!

Considero esse gesto uma grande prova de amor de minha sogra. Para Cazuza, a morte de Vovó Lice representou uma perda irreparável. Logo nos primeiros tempos, ele acordava à noite e corria para minha cama. Chorávamos os dois juntos. Ele dizia:

– Mamãe, como é que a gente vai viver sem a Vovó Lice, sem aquele braço gordinho dela? É uma injustiça.

Toda a tristeza de Cazuza com a perda da avó querida se manifestou através de um lindo poema, o primeiro dele que li, a primeira vez que percebi que a sensibilidade de meu filho tinha encontrado algum canal para se manifestar. Os versos de Cazuza estão gravados no túmulo de minha mãe em Vassouras, fio Cemitério da Conceição:

Você foi embora

deixou vazia a casa

o riso num álbum de fotografias

e aquela imagem de Santa Rita...

e eu fiquei lá fora

brincando de cidade deserta

chupando manga

pedindo um beijo...

e agora é a velha história

você virou saudade

daqueles tempos de carochinha

daquela vida que eu inventei

daquela reza que decorei...

agora eu vou vivendo

no mundo sem sonho ou lenda

e só de noite, quando me lembro

eu sinto um troço no meu peito

e durmo...

Seu neto

Capítulo 7

O incontrolável

"Eu vou pra Bahia/ Talvez volte qualquer dia/...

Como pode alguém ser tão demente, porra-louca,

Inconseqüente e ainda amar..."

Bilhetinho azul

Sensível e rebelde. Carinhoso e desafiador uma personalidade sedutora e controvertida se delineou no adolescente Cazuza. O apogeu dessa primeira fase de grandes problemas aconteceu certa noite, quando ele entrou em casa e nos comunicou que iria viajar para a Bahia. Sempre tão controlado, João perdeu as estribeiras e reagiu com fúria:

– Enquanto você viver nesta casa e com o meu dinheiro, vai ter que obedecer às regras. Não pode chegar aqui e simplesmente comunicar as coisas. Você tem que me pedir autorização.

Nem mesmo o espanto de ter provocado um ataque de nervos no pai impediu Cazuza de responder, imediatamente:

–Pois eu vou para a Bahia, quer você queira ou não!

João voou para cima dele, aos tapas. Cazuza revidou, ele tinha topete. E eu, no meio, na mira

de ambos os lados, pois eles pareciam cegos de tanta raiva. A sessão de pancadaria terminou dentro do boxe, debaixo do chuveiro comigo no meio. Apanhei dos dois.

Quando se acalmaram, Cazuza foi para a porta de casa e já saía, quando João decretou:

– Se você for, não volta.

Para minha total desgraça, meu filho pronunciou então as palavras que Jamais pensei ouvir:

– Pois então, não volto!

Saiu com a roupa do corpo. Corri atrás dele com um dinheiro escondido. Sabia que ele era orgulhoso demais para voltar atrás naquele momento. Dois dias depois, sem qualquer notícia, entrei em pânico. Telefonei para Ricardo Quintana, seu amigo do Santo Inácio, e pedi que descobrisse o paradeiro de meu filho. Ricardo contou que Cazuza estava vivendo na casa de um amigo em comum, um pintor que morava em Copacabana. Uma semana depois da briga, Cazuza telefonou e apareceu em casa para pegar roupas, mas nada do que eu lhe disse foi capaz de aplacar a revolta e modificar sua decisão:

– Não adianta tentar me convencer. Eu não volto pra casa!

Com o coração partido, dei mais dinheiro a ele, antes que saísse. O impasse só se resolveria com a intervenção de nosso cunhado José Müller (falecido há mais de dez anos), casado com Therese, irmã de João. Padrinho de meu filho, ele o procurou para uma conversa. Jamais soubemos como e com que argumentos José

Müller convenceu Cazuza a voltar para casa, mas o fato é que meu filho concordou e fez a vontade desse tio tão querido, uma das pessoas mais sensatas que conheci e um dos poucos que compreenderam e respeitaram a personalidade de Cazuza na família.

Essa volta ao lar tinha, segundo ele, uma condição temporária pois, nesse tempo, ele já pensava em arranjar emprego e ganhar a independência tão desejada. Sete anos depois da morte de Cazuza, João relembrou esses tempos de grande conflito entre os dois:

"Minha geração sempre foi etílica, no máximo experimentávamos lançaperfume no carnaval e, portanto, era difícil para mim compreender como meu filho agia sob a ação das drogas. Eu não sabia, mas nessa época ele já deveria estar cheirando cocaína também. Talvez minha atitude de repressão tenha sido um erro. Eu forcei o enfrentamento, disse que ele tinha de acabar com aquilo e pronto. Talvez devesse ter encaminhado Cazuza para um tratamento, ter dialogado mais com ele sobre o assunto. Tentei lhe explicar várias vezes que seu comportamento transgressor não era novidade para mim. Como homem de disco convivi com muitas personalidades transgressoras e complicadas. Tentei lhe explicar que poderíamos conviver com aquilo. Mas, ao mesmo tempo, tinha o dever de pai de alertar sobre o perigo que ele corria. O problema foi que, até chegar a essa fase, demorou muito".

Aparentemente, Cazuza não se abalou com o trauma da briga com o pai e a saída de casa.

Viajou à Bahia apesar disso. Em 1976, ano em que cheguei aos 40 e Cazuza aos 18, compramos nosso primeiro apartamento próprio, uma cobertura na ladeira Tabatingüera, na Lagoa. Ali vivemos durante seis anos; na verdade, a fase mais conturbada da juventude de meu filho e onde descobri mais uma faceta desconhecida de Cazuza. Daquela vez, mais do que o choque em saber que usava drogas, fui obrigada a me revirar inteira para tentar entendê-lo e aceitá-lo. Convivi com um punhal fincado no peito e nada, nem ninguém, conseguia arrancá-lo para aliviar a tensão. Há algum tempo vinha notando um comportamento mais estranho ainda em Cazuza. Andava com uns amigos bastante esquisitos. E eu, cada vez mais desconfiada. O hábito invasivo de remexer em suas coisas me levou então a encontrar uma carta de meu filho escrita para um amigo. Uma carta excessivamente carinhosa. Todas as vezes em que comentei o assunto com João, a resposta era a mesma:

– Você está louca! Só pensa besteira!

O pensamento me dominava dia e noite e o pavor rondava meus minutos. Coração de mãe pressente, sempre sabe a verdade, mesmo que batesse esperançoso como o meu, rezando para que tudo não passasse de um malentendido, um temor sem fundamento. Já havia sido difícil de engolir a questão das drogas. Na verdade, jamais engoli. Talvez eu seja uma das pessoas mais caretas que eu mesma conheça, mesmo tendo convivido com pessoas inacreditáveis e maravilhosas que nunca esconderam sua opção sexual e o uso de drogas. Então, quando li a tal da carta amorosa de meu filho endereçada a um homem não me contive. O enfrentei com a pergunta curta e grossa, sem rodeios, diretamente ao assunto:

– Meu filho, você é homossexual?

A resposta veio clara e equilibrada, mas não tranqüilizadora:

– Olha, mamãe, eu não sou nem uma coisa, nem outra, porque nada é

definitivo na vida. Você pode dizer que eu seja bissexual, porque não fiz minha escolha ainda. Um dia posso gostar de um homem como, no outro, gostar de uma mulher. Então, não fique preocupada com isso.

Como se isso fosse possível!!! Minha resposta denunciou a preocupação de mãe e o preconceito enraizado em mim naquela época:

– Meu filho, vou te dizer uma coisa, eu não tenho nada a ver com sua vida particular. A vida é sua e não tenho nada a ver com isso. Agora, eu quero lhe proteger, porque sei que toda pessoa que opta por uma minoria sofre. E eu não gostaria que você sofresse. Eu sei que você vai sofrer!

Nunca troquei experiências e informações com outras mães na mesma situação e, portanto, não sei como a maioria delas reage a essa constatação, mas o fato é que, no meu caso, a revelação foi devastadora. Pensava no porquê, na razão daquilo tudo, como se tudo que acontece nesse mundo tivesse uma razão óbvia e absoluta. Não podia ver os acontecimentos com a clareza de

hoje, tão absurdamente envolvida nas artimanhas de meu filho. Eu temia pela reação de João, mas como Cazuza nunca comentou comigo seus romances – tinha realmente um certo pudor com seus assuntos –, eu imaginava que ele se abrisse mais com o pai. Mas não era o que acontecia, como conta João:

"Meu filho não se abria comigo nos assuntos de sexo, era bastante reservado. Fiquei absolutamente surpreso com a revelação, mas não revoltado nem desiludido. Sempre acreditei que a opção sexual de cada um não diz respeito a ninguém. Então, em nenhum momento deixei de ter carinho e respeito – principalmente respeito – por ele. Não tive sentimentos de revolta, tristeza ou perplexidade. O que me incomodou foi a surpresa, da mesma forma como me surpreendi com a questão das drogas. Você nunca imagina que um filho seu esteja tomando LSD. Em geral, o pai tem aquela postura de machão, mas eu sinceramente não me incomodei. Para a Lucinha foi mais difícil, ela era bem mais severa nesse assunto. Eu e meu filho nos entendíamos quase por gestos, havia certos códigos. Nos respeitávamos. Uma vez, ele quis tirar aprova:

– Papai, você cheira cocaína, não é?

– Eu já cheirei uma, duas vezes e também fumei maconha, para experimentar. Não são as minhas drogas. Sou da geração do álcool.

– Com certeza você deve cheirar cocaína, porque todo executivo faz isso.

– Mas de onde você tirou essa bobagem, Cazuza?

– Estou certo de que todo executivo tem que cheirar cocaína. Senão ele não consegue viver, não sobrevive, não vence.

– Meu filho, meu negócio é uísque e cigarro, outras drogas."

Embora Cazuza não comentasse suas relações amorosas em casa, guardamos registro de alguns de seus romances. Acabei descobrindo por vias tortas a primeira paixão de meu filho por uma garota do bairro. Ele tinha 17 anos e ela também. Certo dia, ele pediu dinheiro para pagar um raio X que o médico havia indicado e, tempos depois, recebo um telefonema do consultório cobrando o mesmo raio X. Nunca gostei de mentiras e apertei Cazuza contra a parede até ele confessar: o dinheiro foi usado para um aborto na namorada. No momento fiquei bastante aliviada, pois os dois eram muito jovens. Mas, muitos anos depois, quando reencontrei essa moça já adulta, casada e com dois filhos, lamentei amargamente que essa criança não tivesse nascido.

Na verdade, assim como seu pai, Cazuza adorava uísque. Testemunhei porres homéricos de meu filho, inclusive com João. Quando bebia com o pai, ele ficava bastante carinhoso, abraçando e beijando João, como uma criança. Mas a mistura drogas e álcool era fatal para Cazuza. Nesses momentos, ele se transformava na encarnação perfeita do exagerado. Escândalos nos bares, dirigir bêbado e ser barrado pela polícia. Percorremos, eu e João,

muitas delegacias do Rio de Janeiro para livrar nosso filho da cadeia, na base da propina bem-intencionada, embora corrupta, dos pais. Ora ele era pego com maconha no carro, ora com comprimidos de Mandrix. João ficava furioso e quando o carro era meu tinha que resolver sozinha a questão. Havia uma agravante nessas prisões todas, que era o fato de ele não ter carteira de motorista. Para tirar seus documentos, montei uma verdadeira estratégia. Eu saía cedo e ficava na fila até que restassem três pessoas na minha frente. Então, ligava para Cazuza e dizia: pode vir!

No dia em que marcamos o exame de motorista, ele chegou em casa com o sol nascendo, embriagado. Foi direto para um chuveiro gelado e saímos para o teste. O episódio mais marcante dessa fase aconteceu uma noite em que João e eu estávamos saindo para uma festa, na companhia de amigos. *Às* onze horas tocou o telefone. Era Cazuza, de uma delegacia. Havia batido o carro e pedia socorro. Saímos de casa vestidos para a festa, abordo da Mercedes de João. Quando entramos na delegacia, Cazuza estava sentado num canto, pois já haviam dividido os garotos em duas filas, imagino que pela aparência – a dos ricos e a dos pobres. João negociou com os policiais e, na hora em que chamamos Cazuza para ir embora, ele disse:

– Só saio daqui se todos saírem também.

A história, como ela se passou, na memória de João:

"Quando perguntei ao policial o que havia acontecido, ele relatou: os meninos bateram em dois carros e ainda achamos maconha com eles. Disse a ele que era preciso fazer alguma coisa pois, no dia seguinte, Cazuza deveria se apresentar ao Exército. O policial falou que então eu decidisse quanto poderia dar. Acertei. Mas quando Cazuza decretou que só iria sair quando todos fossem soltos, achei a negociação muito justa, fiz até de bom grado. No fundo, eu admirava esse lado meio Robin Hood de meu filho. O que valeu para mim naquele episódio foi a intenção dele, seu espírito solidário".

Ao sair da delegacia ao lado dos outros, Cazuza era só alegria. Comemoravam como meninos travessos aquela pequena transgressão vitoriosa contra o "sistema" gritando e pulando. Cazuza, posando de herói, foi saudado por toda a turma. Pouco depois, pediu ao pai que lhe desse de presente uma viagem de três meses a Londres: queria estudar arte dramática. Em janeiro de 1976, aos 18

anos, ele embarcou junto com seu primo Paulinho Müller, hoje cirurgião plástico e dois anos mais velho do que ele, e com Márcia Senra, uma amiga comum. No dia do embarque, Cazuza tomou um porre, com a desculpa de que morria de medo de andar de avião. E foi assim a viagem inteira. Na chegada, Paulinho e Márcia tiveram bastante trabalho para acordá-Io e tirá-Io de dentro do avião. Mais do que mãe de Cazuza nessa fase, era também sua babá. Completamente desorganizado, ele perdia tudo. Arrumei a mala e uma bolsa com dinheiro e documentos, não deixando jamais de alertá-Io para ter cuidado, para que não largasse a bolsa em algum lugar, principalmente por causa do passaporte. Dito e feito. Sua primeira providência no aeroporto de Londres foi esquecer a bolsa num canto, antes de rumar para o hotel. Quando se deu conta, voltou ao aeroporto com os dois amigos e, por sorte, a bolsa ainda

estava lá, no mesmo lugar em que havia deixado. Foi realmente uma chegada triunfal. Cazuza fez de tudo em Londres, menos o curso de arte dramática. Visitou museus, assistiu a todos os filmes, peças e shows em cartaz e freqüentou muitos pubs, evidentemente. Tomava um porre a cada dia.

Na volta da viagem, sentimos a necessidade de tomar uma atitude séria com relação ao futuro de Cazuza. Quando seu pai lhe prometeu um carro caso entrasse na faculdade, ele prestou vestibular no Centro de Comunicações, em Jacarepaguá, e foi aprovado. Entrou na faculdade e trancou a matrícula em seguida. João lhe perguntou o porquê daquela atitude e Cazuza saiu com essa:

– Você disse que me daria um carro se eu entrasse na faculdade, não falou nada sobre cursar a faculdade.

Dois anos depois, ele fez outro vestibular, também para Comunicações, na Faculdade Hélio Alonso. Novamente conseguiu se classificar, mas seu esforço, que aliás era mínimo, chegava só até aí. Fugiu da escola. Então, a saída foi o trabalho. Em 1978, João lhe arranjou uma vaga na Som Livre, no departamento de imprensa, para trabalhar com Scarlet Moon. Sua missão era escrever releases de artistas. Ele se saiu muito bem naquela função. Tinha uma excelente redação e boas idéias. Como pagamento pelos serviços, João inventou um salário-mesada, que tirava do próprio bolso. Cazuza jamais soube disso.

Como um refúgio de prazer em meio às turbulências, nessa fase consegui desviar minha atenção de Cazuza para satisfazer um velho desejo e me entreguei a um projeto de satisfação pessoal. Sempre gostei de cantar e, nas festas, já tinha uma platéia cativa, que sempre me pedia para interpretar alguma canção. Jamais, no entanto, tinha pensado na possibilidade de seguir uma carreira, João jamais permitiria, sendo ele um profissional da área fonográfica. Mas aconteceu numa dessas festas em casa em que estava presente o argentino Adolpho Pino, na época presidente da RCA Victor. Ele me ouviu cantar e me perguntou:

– Você canta muito bem, nunca pensou em ser cantora?

E, ao mesmo tempo, criticava João. Dizia que era um absurdo ele ter uma cantora dentro de casa e não enxergar. Cazuza incentivou, com seus exageros:

– Minha mãe é a maior cantora do Brasil!

E eu o advertia: – Mas você não disse que a maior cantora do Brasil é a Dalva de Oliveira?

– Você é a maior cantora viva da MPB, não estava falando das mortas.

Adolpho Pino, naquela noite, disse que seu diretor artístico iria me procurar. De fato, na semana seguinte, Durval Ferreira telefonou e acabei assinando um contrato para a gravação de dois discos na RCA. Sinto enorme pena de Durval Ferreira e espero que ele um dia me perdoe as loucuras da época de gravação. Pouco familiarizada com o processo, queria gravar de primeira. E, se acaso ele me pedisse para regravar alguma voz, entrava em desespero e dizia:

– Eu não sou cantora mesmo, não dou para isso. Era muito melhor quando eu cantava só na roda de amigos.

Cazuza foi o meu maior entusiasta. Ele acreditava que o disco iria estourar até no Nordeste. O primeiro disco foi um compacto simpIes: de um lado, *Neste Mesmo Lugar,* de Klecius Caldas e Armando Cavalcante, e, do outro, *Como Se Fosse,* de Fátima Nogueira e Solange Böeke. Essa canção fez parte da trilha sonora da novela *A Sucessora,* da Rede Globo. Em 1979 saiu o primeiro LP, Tal *Qual Eu Sou.* Walter Clark assinava a contracapa. *Do Mesmo Verão,* o segundo disco, foi lançado no final de 1981.

Fui a primeira cantora a gravar uma música de Joanna, que na época era conhecida como Fátima Nogueira, seu nome de batismo. Uma das poucas canções que a escritora e novelista Maria Carmem Barbosa compôs na vida (em parceria com Ignácio Coqueiro), *Bom Dia, Eu,* foi gravada por mim. Também dividi uma faixa com Cauby Peixoto, grande ídolo. De qualquer maneira, nunca fiz um show para divulgar esse disco e logo me convenci de que não teria a menor paciência para trabalhar uma carreira de cantora. João dizia que isso era para gente bem jovem, disposta a cair na estrada e levar seu canto para todo o país. Não era o meu caso, mas mesmo assim jamais deixei de cantar para os íntimos.

Quando lancei o primeiro LP, Cazuza trabalhava na Som Livre e, orgulhoso com seu primeiro salário, nos comunicou, mais uma vez, que ia sair de casa. Foi dividir um apartamento térreo, de fundos, no Jóquei, com um casal de viciados em heroína. Meu filho não tinha o menor pudor em me contar as histórias de seus amigos drogados, às quais eu reagia sempre apavorada. Comprava comida para ele, mandava dinheiro, tentava ajudar. Nesse apartamento, certa noite, Cazuza nos ofereceu um jantar. Era um quarto-e-sala dividido ao meio. A mesa foi armada com madeira e tijolos, a cama indescritível, um catre, na verdade. Mas ele adorava aquele lugar e eu não conseguia entender: o que será que fiz para meu filho gostar de viver nessa pocilga? A noite foi agradável. Cazuza preparou uma massa com presunto realmente deliciosa. Eu sequer desconfiava que meu filho sabia cozinhar. No meio da conversa, nos contou a novidade:

– Estou pensando em viajar para os Estados Unidos. Quero estudar fotografia em São Francisco, porque sei que lá existem cursos ótimos. Pai, você me dá a passagem e me financia?

Em todas as tentativas de Cazuza para encontrar um objetivo de vida, meu marido sempre esteve a seu lado. João disse que não havia nenhum problema, que faria isso por ele, sim. Esse pedido também significava abandonar o emprego na Som Livre. Na segunda vez em que trabalhou lá, também no departamento de imprensa, Cazuza foi contemporâneo do jornalista e produtor Ezequiel Neves – que teria uma importância fundamental em sua vida – e de Lulu Santos (Luís Maurício), antes de começar sua carreira de cantor. Ao decidir abandonar o emprego, conversou seriamente com João, que relembra:

"Cazuza, mais uma vez, queria desistir do trabalho na Som Livre e, quando me comunicou, disse: Olha, pai, eu não estou infeliz aqui, não, mas não estou confortável. Quando entro na

empresa de manhã e digo bom dia, não sei se me respondem por felicidade, porque gostam de mim ou se é porque sou o filho do presidente. Isso está embaralhando muito a minha cabeça. Além do mais, acho o seguinte: você, em matéria de disco, já fez tudo o que uma pessoa pode fazer. Já

atingiu todos os níveis. Eu nunca serei como você. Preciso encontrar o meu caminho".

Morrendo de medo de que Cazuza saísse do país e não voltasse nunca mais, perguntei quanto tempo ele ficaria fora.

– No mínimo cinco anos e, no máximo, para o resto da vida!!!

Diante da resposta, pensei no pior: meu fIlho não volta nunca mais. Tempos depois lemos em uma de suas entrevistas como ele realmente se sentiu ao embarcar, em abril de 1979, para São Francisco, Califórnia:

"Quando trabalhava na Som Livre e o Guto Graça Mello disse que queria me dar um novo cargo, não acreditei. Afinal, filho de diretor tem que subir na vida, disse ele. Foi meu primeiro parafuso. Me vi fechado num escritório para o resto da vida, feito meu pai. Disse que preferia até ser um mendigo de rua, mas nunca um executivo. Pedi uma passagem para os Estados Unidos, uma mesada e me mandei. Senão, me jogaria pela janela".

Capítulo 8

Paixão e aventura

"Até nas coisas mais banais/

Pra mim é tudo ou nunca mais..."

Exagerado

No início de abril de 1979, com um visto de turista, Cazuza embarcou para São Francisco, Califórnia, já matriculado no curso de fotografia e artes plásticas da Universidade de Berkeley, em Oakland, pequena cidade a poucos quilômetros do centro de São Francisco. Ao chegar, hospedou-se num hotel, mas não agüentou a solidão e, pouco depois, foi morar numa casa de família onde, pelo trabalho de cuidar do cachorro dos donos, ganhava 100 dólares por mês, devidamente descontados do aluguel. Também ligava todos os dias para nossa casa no Rio. Depois de fechado o comércio, ia para um orelhão e fazia ligações dando um número de um estabelecimento qualquer. Ele pensava que ninguém desconfiaria disso, mas, tempos depois, João recebeu um comunicado da Telerj avisando que um tal de Agenor estava fazendo ligações irregulares para o Brasil e ele foi obrigado a pagar uma respeitável conta. João não gostava nada desse hábito de nosso filho, mas Cazuza não dava bola. Se entusiasmava feito um moleque ao cometer qualquer transgressão. Para que João não percebesse, passou a ligar de madrugada, quando podíamos conversar longamente.

Muito curiosa a respeito da vida que meu filho estava levando sozinho num país estrangeiro, três meses depois de sua partida resolvi lhe fazer uma visita. Foi nas férias de julho e viajei com uma amiga, Isabel Ferreira, sua filha Viviane e minha sobrinha, Adriana. Nossa primeira parada foi em Nova York, de onde liguei para Cazuza pedindo que alugasse um carro e nos pegasse no aeroporto. De fato, ele estava lá, segurando um belo poodle pela coleira, mas terrivelmente abatido. Diante de nossa surpresa, ele nos contou o motivo de sua péssima aparência. Para aproveitar o carro alugado na véspera, circulou pela cidade e foi parado pela polícia. Seu teste no bafômetro acusou uma quantidade de álcool além do permitido para motoristas. Por isso recebeu ordem de prisão e passou a noite na cadeia. Estava se sentindo quase um herói:

– O breakfast que eles serviram era maravilhoso. Vou querer provar de novo!

Perplexas, nos dirigimos para a casa onde ele estava morando e nosso primeiro dia em São Francisco acabou dedicado à faxina e arrumação. Seu quarto estava uma bagunça digna de Cazuza. Mas o resultado compensou e nas duas semanas seguintes aproveitamos para ficar juntos e passear pela cidade, depois que ele voltava da faculdade na hora do almoço. Antes de marcarmos a passagem de volta, Cazuza quis nos mostrar a cidade de Sausalito, pois Guto Graça Mello havia lhe contado que o lugar era maravilhoso, como realmente é. Nos perdemos no caminho de volta e então tivemos que parar no acostamento para consultar melhor o mapa. De repente, surge um outro carro e, não sei como, ele bateu na nossa traseira. Com a violência do golpe bati a cabeça no pára-brisa. Um corte fundo abriu minha testa. Quando desci do carro, o motorista do outro veículo estava deitado no chão, nos deu até a impressão de estar morto. Cazuza então ficou no local esperando a perícia e fui levada para um hospital em San Rafael, a cidade mais próxima. Foram necessários dezoito pontos para fechar o machucado que deixou, em conseqüência, um hematoma enorme. Quando Cazuza chegou ao hospital já

havia liberado o carro. E o motorista? Sabendo que estava errado, simulou um ataque para nos assustar, mas logo o desmascararam.

Como tinha ainda dois dias para aproveitar a companhia de meu filho, continuei o passeio, saindo abraçada com ele pelas ruas. Usava um lenço vermelho amarrado na testa para disfarçar o machucado. Cazuza dizia:

– Mamãe, as pessoas não estão entendendo nada. Devem pensar: o que esse garotão está fazendo com essa hippie velha? Que falta de gosto!!!

Antes de retomar ao Brasil, eu e minhas companheiras de viagem passamos ainda por Los Angeles. Depois que partimos, Cazuza se mudou para um apartamento, que passou a dividir com um chinês. Comecei a lhe telefonar todos os dias e, numa dessas ligações, não consegui encontrar Cazuza, por uma semana. Desesperada, pedi ajuda a Rute Almeida Prado, uma amiga que, por sua vez, pediu um favor a um amigo que era diretor do Banco da Califórnia. Assim, como um detetive, consegui descobrir o paradeiro de meu filho. Ele havia largado a bicicleta no prédio e saído para uma viagem a Los Angeles, com uma moça loirinha de olhos azuis. Viajou sem avisar. Quando voltou, ficou bravo comigo:

– Mamãe, você é uma ridícula. Está querendo espionar a minha vida!!!

A loirinha com a qual viajou era velha conhecida, Rossana Camero, filha do Manolo Camero, amigo de João. Em 16 de agosto deste mesmo ano de 1979, Cazuza mandou uma carta para sua amiga Maria da Glória Pato Gonçalves, que ele chamava de Goga, com notícias sobre sua vida em São Francisco.

"Gogoia, pissú, sussú e tudo mais jogo num verso... Estou escutando a Gal cantar *Fruta Gogoia* no meu gravador, é uma tarde ensolarada em San Francisco e eu tô levando um som no violão e tô feliz e resolvi te escrever, porque normalmente é difícil eu ter saco e idéia de pegar um papel para escrever. As vezes eu tô de bobeira e me vem uma pessoa na cabeça, aí eu escrevo como agora. Agora a Gal tá

cantando *Vapor Barato* e essa música me traz recordações dos velhos carnavais.

'Eu tô cansado/mas não pra dizer/que eu tô indo embora/ talvez eu volte/um dia eu volto...'

Eu pra variar tô superdesbundado, curtindo as mesmas loucuras do Rio, muito bar, muita birita, muito haxixe e, embora ainda não tenha uma tchurma, tenho conhecido gente e saído muito. San Francisco é a cidade americana que tem o maior número de gays em proporção aos habitantes, às vezes perde até a graça, eu nunca vi tanto gay junto em toda a minha vida. Outro dia teve uma passeata com mais de 100.000, a rua principal da cidade (equivalente à avenida Rio Branco no Rio) foi fechada e era impossível achar alguém que não fosse 'entendido', uma loucura. E você, gatinha, já se apaixonou de novo? Espero que sim, eu conheço esse coraçãozinho tão bem... A notícia da morte do Dario foi um baixo-astral tão grande que eu prefiro nem falar muito. Eu tô mais vivo que nunca, planejando ir para Nova York dia 1º de outubro. Eu vou de ônibus e pretendo ficar uns quinze dias viajando pelo deserto e sul dos Estados Unidos, New Orleans, Nashville e tal. Vai ser um barato. San Francisco é um barato, mas é tipo Salvador: só no verão. Em Nova York é que rola tudo. Eu vou ficando por aqui!

beijos, beijos, beijos Cazuza

P.S. – vê se me manda uma fita, de preferência com a tchurma toda junta. Meu endereço até 1º de outubro é 3250 Laguna, 201. San Francisco. CA 94123. P.S. II – meu telefone é {415} 922.9472 em caso de trambique. Mande uns baseados por carta {no máximo três, bem passadinhos a ferro}. A maconha aqui é uma merda."

Os planos da viagem a Nova York e pelo deserto e sul dos Estados Unidos não deram certo. Na verdade, Cazuza deveria ir ao México renovar seu visto de turista, mas resolveu arrumar suas coisas e partir. Numa de nossas ligações noturnas, ele já havia me contado como a solidão o estava perturbando.

– Mamãe, você não sabe o que é viver num país estrangeiro e não dominar a língua. Ainda por cima sem amigos.

Eu argumentava com ele para que mudasse a sua decisão, que viesse embora, que ninguém o

estava obrigando a ficar. Mas ele achava que a experiência era muito importante para a sua vida e, desta vez, não queria desistir. Sete meses depois de ter mudado de vida, e de país, porém, Cazuza voltou ao Brasil, sem concluir o curso de fotografia. Chegou sem nos avisar dia nem hora e por isso, naquele final de semana de 17 de outubro de 1979, estávamos em nossa casa da Fazenda Inglesa, em Petrópolis. Do aeroporto, ligou para a casa e, não nos encontrando, telefonou para minha irmã Clarinha, porque não tinha dinheiro nem para pegar um táxi. Seus últimos 300 dólares haviam sido gastos com peças de porcelana que ele pretendia vender para minhas amigas. As porcelanas e também seu equipamento fotográfico foram apreendidos na alfândega. Clarinha estava no hospital com a filha Cláudia grávida, na hora do parto. Então, meu cunhado José

Fernandes foi pegá-lo no aeroporto. Seguiram direto para a maternidade e ele assistiu ao nascimento de Clarice, sua prima em segundo grau. Um sentimento inesquecível para ele, nos confessou.

Depois, pegou a estrada e foi nos encontrar em Petrópolis. A surpresa de ver Cazuza de volta ao nosso convívio teve o mesmo tamanho de visualizar a figura que surgiu em nossa frente. Ele vestia um macacão sem mangas, todo perfurado de balas, que lhe garantiram ter sido usado por um soldado na guerra do Vietnã. Os cabelos, enormes, pareciam uma boina louca. Naquele final de semana estávamos com visitas de cerimônia em Petrópolis e quase morri de vergonha pela maneira como Cazuza se apresentou. Mas, assim que me dei conta da felicidade de ter aquele garoto de volta, me recuperei enquanto ele distribuía os presentes e contava todas as suas excitantes novidades.

Passada a euforia, ao retomar seu cotidiano, Cazuza conseguiu emprego na gravadora RGE, que também pertence ao grupo Sigla, com ninguém menos do que Durval Ferreira, na época diretor da RGE, que não só penou nas minhas mãos como também nas de meu filho. Em sua carteira profissional, está registrado: Cazuza entrou para a RGE em 2 de junho de 1980 e saiu em 15 de janeiro de 1981. Ali, Cazuza era fotógrafo free-lancer. Nas folgas, freqüentava a Praia de Ipanema. Nessa época, seu par constante foi Yara Neiva, uma amiga até o fim. Se comportavam como namorados, embora os amigos de meu filho se beijassem e se abraçassem tanto que a gente nunca podia saber! Ela foi sua companheira nas loucuras que costumava aprontar em restaurantes. Comiam e bebiam à vontade para, depois, fazer funcionar a estratégia e fugir sem pagar a conta. Yara saía antes, estacionava com o carro ligado na porta do restaurante, e Cazuza saía da mesa correndo em disparada, gargalhando, direto para o carro.

Foi Yara Neiva, aliás, quem apresentou Cazuza a Ney Matogrosso, na Praia de Ipanema. Ney contou, anos depois, o que se passou em seu relacionamento com meu filho:

"Vi Cazuza pela primeira vez na praia. Pouco depois, ele apareceu na minha casa com uma amiga em comum. Era um apartamento de três andares e ela subiu para conversar comigo no quarto. Ficamos ali tomando Mandrix. Quando resolvi acender um baseado, ela perguntou se podia chamar o Cazuza. Eu nem sabia que ele estava em casa! Então ele subiu, conversamos e depois disso vivemos uma história durante meses. Foi um grande amor mesmo. Ele era encantador e apaixonante e, nessa fase, o extremo oposto do que o Brasil conheceu depois. Não tinha absolutamente nenhuma agressividade, era um anjo caído do céu. E eu fiquei apaixonado de perder a direção. Passamos um fim de semana na casa de campo da família e, em seguida, Cazuza viajou para a Suíça. Quando voltou, comecei a perceber que ele estava com muito medo. Achava que eu queria prendê-lo dentro de casa. Imagine!!! Na verdade, acho que ele tinha muito medo do rumo que a nossa história estava tomando e de que o relacionamento poderia exigir mais dedicação, mais compromisso. De repente, ele desapareceu por alguns dias e, quando voltou, apareceu em companhia de uma figura estranha. Não gostei daquilo e tivemos uma discussão. Cazuza cuspiu em mim e o expulsei. Mas ficou para sempre uma relação muito bonita entre nós, para o resto da vida" .

O desaparecimento de Cazuza da vida de Ney Matogrosso, no final de 1979, coincide exatamente com uma viagem de férias que fizemos para a França, para a estação de esqui em Megève e, depois, Paris e Nova York. João convidou Cazuza e ele disse que só iria se pudesse levar uma amiga, Patrícia Casé. Achamos ótimo, porque assim ele teria companhia para seus programas, que nunca coincidiam com os nossos.

Meu filho morou seis meses com Patrícia Casé. Eram amigos há algum tempo, freqüentavam a mesma turma, mas sua relação mais próxima com meu filho aconteceu no apartamento do Jóquei, de onde ele saiu para a viagem de São Francisco. Ela contou, depois, como foi o tempo em que ficaram juntos:

"Tinha acabado de me separar e, na dúvida de voltar ou não para a casa de meus pais, fui morar com Cazuza. Mas naquele apartamento do Jóquei, era difícil. Vivia cheio de gente, enchíamos a geladeira de manhã e à noite não tinha mais nada. O embalo ia sempre até tarde e eu estranhei muito porque, na época, eu representava a geração saúde. Gostava de ginástica, de sair para caminhar. Cazuza me chamava de careta e chata. Ele gostava de estar rodeado de gente mas, quando dava os cinco minutos, enlouquecia, mandava todo mundo embora. Nessa época, ele ouvia muito a Billie Holiday e gostava de cantar. Quando bebia ficava mais solto e cantava mais ainda. A nossa turma toda o incentivava, mas parecia que ele resistia a soltar o jorro de talento represado e, naquele apartamento, não tinha espaço nem para meia pessoa. Brigamos e ficamos três meses sem nos falar. Um belo dia, ele telefona me convidando para ir à Europa três dias depois. Eu me senti dentro de um programa *Boa Noite Cinderela,* porque tiramos os documentos necessários e tudo deu certo, rapidamente. Nos encontramos com sua família em Genève e dali seguimos de carro para Megève. Foram dias maravilhosos. Lembro de Cazuza todo equipado com aquela roupa de nylon para esquiar. Depois fomos para Paris e lá

acredito que ele tenha atingido o auge de sua loucura barra pesada. Era muito talento represado e muitos conflitos. Tenho a impressão de que essa viagem foi um divisor de águas em sua relação com os pais. Ele adorava a família, mas ao mesmo tempo tinha ódio de gostar de coisas caretas. Como convivia com gente muito dura, sem grana, também às vezes se sentia incomodado com o fato de seu pai ter muito dinheiro, queria ser como todos da turma. Depois, quando relaxou e aceitou o fato inevitável, foi muito bom porque ele se transformou num Mecenas do lazer. Era bastante generoso e se sentia bem nesse papel. Quando nosso breve romance terminou, continuamos amigos. Éramos 'espertos', inteligentes e livres. E eu, romântica. Por algum tempo ainda alimentei uma ilusãozinha lá no fundo, porque Cazuza, quando estava bem e sóbrio, era uma pessoa muito querida, muito doce. Tínhamos um histórico familiar um pouco parecido, saídos da classe média, ele estudando no Santo lnácio, e eu, no Sacré Coeur de Marie. Ele adorava ir lá em casa, onde as mulheres imperavam. Minha mãe o adorava. Com minha madrinha, ele gostava de ler Rimbaud. Ao encerrar nossa relação, Cazuza escreveu: 'Não posso continuar, porque você me ama ao cubo e eu te amo ao quadrado. Não posso te dar menos do que você merece' " .

Assim que voltou de São Francisco, Cazuza alugou um apartamento de dois quartos na Rua Montenegro (hoje Vinícius de Morais}, em lpanema, que pagava com o salário da RGE. João

assinou como fiador. No quarto de empregada, ele instalou o laboratório fotográfico que ganhou de presente do pai e o segundo quarto passou a ser ocupado por Valesca, uma amiga que ficou morando com ele quase um ano. Continuei praticamente administrando o básico do novo lar de Cazuza – compras de supermercado, roupa para lavar e passar. Como eu já era bastante conhecida no edifício, certo dia o porteiro me chamou num canto.

– Dona Lucinha, estamos com um problema. Estão traficando drogas no apartamento de seu filho. É melhor a senhora tomar alguma providência, porque o síndico é militar e está querendo fazer uma denúncia.

Em menos de 24 horas, tiramos Cazuza daquele apartamento, um covil, antro de tráfico de drogas. Cazuza não se deu conta da gravidade de sua atitude, pois, além de ganhar dinheiro ilegal com venda de cocaína, poderia ter envolvido o nome de João na história. Ao mesmo tempo nós também estávamos de mudança para o apartamento em que vivemos até hoje, na Rua Prudente de Morais. Lembrei a Cazuza que ele havia nos dito, no passado, que, se mudássemos para lpanema, ele voltaria a viver conosco. E foi o que aconteceu. Desta vez, ele ficou quase um ano. A volta de meu filho só trouxe alegria para nossa casa. Seu espírito brincalhão contaminava a todos, até as empregadas, que não se importavam com a bagunça que ele promovia por todos os lugares por onde ficasse mais do que cinco minutos. Nessa fase, a fotografia já estava perdendo espaço nos interesses de Cazuza. Em novembro de 1980, ele procurou o astrólogo Antônio Carlos Siqueira Harres, o Bola, um gaúcho bastante conhecido no Rio de Janeiro e no meio astrológico, pela seriedade com que sempre conduziu o seu trabalho. Na fita que Cazuza guardou até morrer, e que encontrei entre seus pertences, Bola fez algumas análises de sua personalidade e apontou caminhos para o futuro. Alguns trechos da consulta:

" *Bola:* O Sol em Aries te dá um ideal de afirmação e de crescimento da personalidade, um ideal de independência e luta para alcançar o reconhecimento do teu próprio eu. O ariano tem, basicamente, uma capacidade mental de estimular, de orientar, de impulsionar, de encorajar as pessoas. Então a tua função na vida é

essa: estimular e levar os outros – e a você mesmo – a um crescimento. O Sol está

na quinta casa do horóscopo e isso representa uma capacidade criadora dentro do campo artístico e dentro do campo educacional, pedagógico, tudo o que estiver ligado com as novas gerações, com as crianças, com filhos. Nesse aspecto, você

encontra alegria de viver, é onde está atua capacidade criadora vital. Seu destino é o de abrir novos caminhos, de ser ponta-de-lança, de procurar as novas soluções, novas possibilidades. Por isso, tua natureza é meio revoltada contra tudo o que é

demasiadamente estabelecido e preso a valores do passado. Você deve aprender a considerar o direito do outro, a se harmonizar com o grupo, com a sociedade, com o conjunto e não enfrentar todas as situações sozinho. Com isso, você deixa para os outros o que devia fazer por si mesmo.

A tua família deve ter uma tendência bem comunitária e bem social. Uma família muito colaboradora, as pessoas são unidas, cooperam umas com as outras. Você gosta muito desse lado, mas tem um outro lado seu que quer ser independente de todo esse envolvimento familiar.

Você tem a necessidade de realizar as coisas de uma forma muito elevada, e de querer atingir, em suas realizações, um amplo raio de ação. Tome o cuidado de não querer subir alto demais, de não ambicionar demais, de não criar estruturas maiores do que você pode sustentar. E, especialmente, você deve evitar a impaciência de crescer. Você gostaria de crescer já e de realizar tudo agora, porque tem um lado muito imediatista.

Cazuza: É importantíssimo isso. O negócio que mais me angustia atualmente é isso.

Bola: Você também é do tipo mão-aberta, aquele que se preocupa em cumprir com as responsabilidades, mas ao mesmo tempo é um gastador. Então é preciso você não se deixar levar, porque é capaz de dormir em cima de uma tábua. Se necessário, você fica no banco de uma praça...

Cazuza: Já fiquei muitas vezes.

Bola: Na parte afetiva você deve tomar o mesmo cuidado, porque, senão, vai entrar em situações onde você mesmo se aprisiona. Existe uma necessidade de controlar os impulsos e de não se deixar levar tanto pelas coisas do momento. Em termos de saúde, você tem que ter um certo cuidado com a área respiratória e o sistema gástrico e intestinal, e ainda como último grau, um grau mais fraco, menos intenso, a parte dos rins, aparte renal, por causa da Lua na Balança. Pelo aspecto da Lua em Vênus, você consegue muitas amizades dentro da arte, onde é importante sempre uma ligação e uma afinidade femininas. Inclusive nos seus assuntos de trabalho. Sempre em sua vida haverá uma figura feminina que será importante, para te dar oportunidades, para te criar situações. Profissionalmente, você ainda vai passar por uma transformação. Tua definição profissional vai brotar, virá de uma forma quase inconsciente . "

Exatamente nessa fase, Cazuza estabeleceu uma relação profunda com o ator Sérgio Dias, o Serginho. Ficaram quatro anos juntos. Esse menino gostava sinceramente de Cazuza e somos gratos a ele por sua dedicação ao meu filho. Serginho, Cazuza e Caetano Veloso, aliás, protagonizaram uma cena inesquecível no Baixo Leblon. Caetano é quem conta:

"Serginho era um menino lindo, adorável. E eu mexia com ele, fazia um pouco a corte. Mas não foi por ciúme que aconteceu uma casual agressão física, porque, na verdade, o Serginho reagia com mais antipatia a essas minhas investidas do que Cazuza à minha tentativa de fazer amizade. Ele fechava a cara quando eu o elogiava. Aquela noite encontrei Serginho sentado numa mesa com outras pessoas, do lado de fora da Pizzaria Guanabara. Cazuza estava sentado sozinho em outra mesa. Pediu macarrão e, quando o maître lhe serviu; Cazuza emborcou o prato na mesa, pegou a mochila e saiu, deixando atrás de si a mesa coalhada de macarronada. Seguiu pela Ataulfo de Paiva e, de repente, voltou. Eu estava conversando com o Serginho e o vi se aproximando pela rua. Quando chegou bem perto, levantou a mochila, em cujo interior

havia uma garrafa de uísque, e levantou a mochila para bater com ela na cabeça de Serginho, que não percebeu o movimento. Puxei o Serginho pelo ombro e a mochila acabou batendo com tudo no meu dedo mindinho. O dedo inchou na hora, morri de dor, chorei de dor. Cazuza foi embora sem olhar para trás. Depois, conversamos sobre o episódio várias vezes e rimos bastante daquilo tudo. Ele dizia: esse dedo é uma merda, mesmo! Não serve pra nada! Você toca violão mal pra caralho, para que precisa desse dedo?"

Capítulo 9

Barão Vermelho, enfim um caminho possível

"Não foi Neruda quem disse :

Feche os livros e vá viver? Pois fui!"

Cazuza

Quando meu filho completou 20 anos, foi como se um raio de lucidez se apoderasse de mim. Como se, cansada de tanta luta em vão, me encontrasse, finalmente, com as portas da compreensão abertas à minha frente. Até então eu havia tentado, de todas as maneiras possíveis e impossíveis, transformar Cazuza no modelo de ser humano que eu acreditava ser o mais certo, o mais adequado. Fiquei convencida de que não era necessário dominar ninguém para ser feliz. Minha tentativa de dominar meu marido havia revertido de tal maneira que seria correto dizer que era ele quem me dominava. Também tentei dominar meu filho e não consegui. Havia chegado o momento de relaxar, de aceitar o fluxo da vida tal qual ela me fulminava no rosto a cada manhã. Minha nova atitude trouxe benefícios gerais. Foi melhor para mim, melhor para o João e muito, muito melhor para Cazuza. Paramos de brigar diariamente por motivos fúteis, por besteiras. Acho que, naquele momento, eu buscava atingir a maturidade, depois dos 40. Meu filho havia me ensinado que, se não tivesse resistido com todas as suas forças, eu o teria esmagado. Nossa relação continuou quente como antes, mas muito mais amorosa e compreensiva.

Encontrei entre seus objetos pessoais uma carta escrita por mim em 21 de janeiro de 1980, antes de Cazuza iniciar sua carreira. A escrevi num momento de nostalgia passageira:

"Meu filho:

É tudo que quero, é tudo o que queria ser e o mundo me impediu: alegre, inteligente, bonito e bom.

É por isso que aprovo o vôo de eu fruto, sangue de meu sangue. Voa, querido, a vida é só uma. Viva a vida sem medo, sem repressão, mesmo que seja amando pouco. O amor, ao mesmo tempo que te beija, te morde; ao mesmo tempo que te acaricia, te maltrata; é duro e mole; é felicidade e infelicidade; é satisfação e insatisfação.

Viva a vida, vida da minha vida, seja feliz de qualquer forma..."

Foi nessa fase, e talvez estimulado pelas análises de Bola, que, em 1981, num gesto que o salvaria do ostracismo para sempre, Cazuza se matriculou no curso de teatro que Perfeito Fortuna e o pessoal do Asdrúbal Trouxe o Trombone montaram no Circo Voador, armado sob uma tenda, no Arpoador. Entrou para o grupo Nossa Senhora dos Navegantes. Cazuza e seus novos amigos costumavam ensaiar no nosso apartamento duplex, quando o segundo andar ainda estava em reformas. Convencida de que Cazuza, finalmente, tinha encontrado sua turma, incentivei da melhor maneira que pude. No começo, vendia camisetas para ajudá-los e, também, cedia a aparelhagem de som para os ensaios.

Bebel Gilberto, filha dos cantores João Gilberto e Miúcha, conheceu Cazuza na Praia de Ipanema e, tempos depois, o encontrou na primeira aula de teatro com Perfeito Fortuna. Ela conta:

"Com o Perfeito Fortuna, montamos a peça *Pára-quedas do Coração.* Éramos muito animados e dedicados. Foi um sucesso a montagem e, depois dela, começamos a nos mobilizar para conseguir um espaço onde o Circo Voador pudesse ser instalado. Fomos conversar com dona Zoé Chagas Freitas, na época primeira-dama do Rio, que nos cedeu o Arpoador. Eu e Cazuza acreditávamos que o Circo seria nosso, do nosso grupo. Acho que foi ingenuidade nossa, pois depois o Circo passou a abrigar outros novos grupos e nos desencantamos".

Na mesma fase, Cazuza se envolveu com outro grupo, do qual também faziam parte Carla Camurati, Rosane Goffman, Bebel Gilberto, Serginho Dias, Alice Andrade, Ruiz Bellenda e Marcelo Arruda. Ensaiavam uma peça infantil – *Parabéns Pra Você* –, uma criação coletiva, sob a direção de Ariel Coelho, e um dos personagens usava óculos escuros. Cazuza não pensou duas vezes antes de acabar com o estoque de óculos lá de casa. A peça estreou no Teatro Cândido Mendes e o próprio Cazuza confessou que, como ator, se considerava um tanto canastrão. Mas, na conclusão do curso no Circo Voador, ele subiu ao palco novamente para participar da montagem de uma paródia da história de *A Noviça Rebelde,* que estreou no Teatro Cacilda Becker. Desta vez, minha ajuda foi comprar um buquê de flores importadas para a personagem principal e emprestar um terno branco de linho do João, para que Cazuza o usasse no seu papel do Capitão Von Trapp, e, de novo, a aparelhagem de som. Na platéia vi, em desespero, o buquê

sendo jogado longe pela Noviça, que na montagem deles era um travesti, e o terno do João pisoteado no palco.

Meu marido estava viajando e não pôde ir à estréia, então levei todos os empregados de casa. A surpresa foi geral quando Cazuza entrou em cena e cantou *Odara,* de Caetano Veloso. Fiquei perplexa:

– Meu Deus, esse menino canta bem e eu nem sabia!!!

Mal me segurando naquela mistura de surpresa e emoção, ainda vi meu filho interpretar *Edelweiss:* sua participação no espetáculo não tinha uma fala sequer. Só

cantava. Sem refinamento ainda, mas com o estilo que o caracterizaria no futuro. Foi uma descoberta e tanto para mim, porque, embora criado num ambiente musical, Cazuza jamais havia demonstrado em casa seus dotes de cantor. Sempre gostou de música, é verdade, e ouviu muita música brasileira em casa. Eu era fanzoca de Dolores Duran, inclusive tendo assistido a seus shows, quando ela era crooner da orquestra que animava, aos domingos, o chá dançante do FIuminense Futebol Clube. Também era apaixonada por Lupicínio Rodrigues. Cazuza era fã dos Novos Baianos e de Gilberto Gil. Caetano Veloso, uma espécie de guru, contou Cazuza anos depois na imprensa, discursando sobre suas influências. Disse que pautava suas opiniões a partir dos discos de Caetano e Gil. E também houve Rita Lee. Adolescente, ele seguia Rita por todos os shows que ela fazia no Rio ou em São Paulo. Também ficou fascinado pela voz rascante de Janis Joplin e, sempre e sempre, pela densidade dos blues de Billie Holiday.

Eu ainda estava encantada com a novidade, quando Cazuza pediu a João uma mesada que o sustentasse por algum tempo, pois pretendia entrar para um grupo de rock como vocalista. Um grupo de rock? Foi o cantor Léo Jaime, amigo de Cazuza, quem teve a idéia de apresentá-lo para uns garotos que já haviam formado uma banda e estavam à procura de um cantor. Léo, convidado, não aceitou, como ele mesmo contou a Almir Chediak, no songbook de Cazuza:

"Uma noite, eu estava cantando num boteco de Botafogo e dois garotos me chamaram para um papo na casa deles no dia seguinte. Foram me pegar, me levaram para o Rio Comprido e contaram que estavam formando um grupo e precisavam de um cantor. A banda se chamaria Barão Vermelho e achei que era esporrenta demais. Fora que eu já tinha outras duas bandas. Aí falei que achava legal o lance deles, mas que tinha muito mais a cara de um amigo. Eles ficaram meio em dúvida, mas como tinham um show programado para dali a alguns dias, acabaram topando. Liguei para o Caju, o apelido como os amigos o chamavam, contei a história e dei o endereço e a hora do ensaio. Ele falou que eu tava pirado, que ele não conhecia os caras, que a dele não era essa e coisa e tal. Eu disse que, se fosse o caso, ia com ele, mas eu já tinha prometido aos garotos. Não fui, mas ele foi".

Foi numa garagem na Praça DeI Vecchio, no Rio Comprido, que Cazuza conheceu o dono da casa, Maurício Barros, 17 anos, tecladista e, ainda, Flávio Augusto Goffi Marquesino, 19, o Guto, baterista – os dois eram colegas no Colégio Imaculada Conceição –, que já haviam recrutado André Palmeira Cunha, 16, o Dé, num festivai de colégio e, indicado por um colega do curso de guitarra, Roberto Frejat, 19 anos. Cazuza era o mais velho deles, então com 22 anos. Quando meu filho apareceu naquela garagem, o nome do grupo já estava decidido mesmo: Barão Vermelho.

O grupo nasceu com um objetivo: se apresentar na Feira da Providência, nos dias 5, 6, 7 e 8 de novembro de 1981, no pavilhão do Riocentro, entre a Barra da Tijuca e Jacarepaguá. Infelizmente, na hora H, o sistema de som pifou, o P.A. não funcionou e o show não aconteceu. Mas os garotos, embora frustrados, resolveram continuar tentando. Cazuza estabeleceu uma empatia imediata com Frejat, numa relação sincera e intensa. Frejat relembra o começo desta aventura:

"Estávamos ensaiando há três ou quatro dias quando Cazuza apareceu. Léo Jaime tinha nos

contado que ele era seu amigo e que gostava de gritar, certamente iria se dar bem com o nosso som pesado. Sabíamos, também, que ele era filho do João Araujo, mas isso não significou nada para nenhum de nós. Ninguém tinha a vaga idéia de quem era João Araujo. Cazuza chegou, lhe mostramos as músicas, ele pegou o microfone e começou a cantar. Soltou a voz. Nos entendemos na hora. Todos os dias, ele me pegava em casa, no Flamengo, e íamos conversando no carro durante o trajeto até o Rio Comprido, onde continuamos a ensaiar. Descobrimos incontáveis afinidades, milhares de interesses em comum: que gostávamos de Angela Rô Rô, de Luís Melodia, Novos Baianos, de música brasileira, o que não era muito comum entre roqueiros. Durante certo tempo, nossa rotina era assim: eu acordava de manhã, ia para a casa dele em Ipanema elevava um baseado enorme. A gente fumava e ia para a praia. As vezes passávamos o dia inteiro lá. A noite, tinha sempre um programa. Cazuza gostava da noite, gostava de beber. Eu, não, mas estávamos nos tornando parceiros e queríamos estar a maior parte do tempo juntos".

De fato, Frejat e Cazuza estabeleceram uma grande amizade. Passavam horas e horas trancados no quarto de meu filho, a ponto de eu até desconfiar. Quando toquei no assunto com Cazuza, ele se indignou:

– Mamãe, você só pensa maldade mesmo. Você não entende 'uma amizade entre homens. Isso é ridículo!

Com o tempo me dei conta de que era mesmo ridículo. Frejat e Cazuza eram como irmãos, tanto que meu filho sempre o chamou de "Brou", uma adaptação carinhosa para o inglês "brother". Uma linda amizade, sem dúvida uma das mais fundamentais para meu filho.

A esperada estréia do Barão Vermelho, enfim, acabou acontecendo num condomínio na Barra da Tijuca, o Riviera Dei Fiori. O show foi montado no playground e durante a apresentação quase morri de vergonha. No palco, Cazuza, de porre, e com o zíper da calça enguiçado. Cantou com a braguilha aberta. Comecei a ouvir impropérios do público ao meu lado e não pude me segurar. Revidei as gracinhas, respondi com fúria, briguei com várias pessoas. A versão de Frejat para a estréia do Barão Vermelho:

"O show estava demorando muito a começar. Eu tinha levado uns baseados, a gente fumou e, além disso, Cazuza bebeu. Nunca tínhamos visto como ele se comportava de porre. E estava completamente descabelado e bêbado. Entrou no palco, abaixou as calças, colocou o microfone no pau. Foi aquela baixaria. Nada do que tínhamos combinado aconteceu. Naquele dia ele estava nervoso porque sua mãe tinha ido assistir ao show. Ele tinha medo de parecer careta, morria de medo".

Desde o dia em que assisti a meu filho cantar em cima de um palco, virei sua tiete número 1. Se o problema era que ele ficava nervoso com minha presença, eu procurava uma solução, como me esconder atrás de uma pilastra ou sentar na última fila. Aos poucos, ele foi se acostumando. Depois de tantos anos de procura insana, de tentativas frustradas, aos meus olhos Cazuza, finalmente, havia encontrado seu caminho. Só isso já me deixava muito feliz. Entusiasmada, consegui levar João para ver o show que o Barão fez em seguida na boate

Caribe, em São Conrado. Era uma boate vagabunda, com uma luz horrenda, palco pequeno. As primeiras impressões de João sobre o filho artista:

"Ao voltar de uma viagem à Europa, Lucinha contou que Moraes Moreira iria passar lá em casa, para irmos juntos assistir a um show de Cazuza com o Barão Vermelho. Levei um susto. Eu nunca tive a menor idéia de que meu filho cantava ou fazia música. Lembrei na hora dos tempos em que ele se trancava no quarto. Muitas vezes, quando eu chegava de madrugada, ele estava batucando e batucando na máquina de escrever. No dia seguinte, eu encontrava uma pilha de papéis escritos, umas poesias. Mas nunca me atrevi a ler os papéis sem o seu consentimento. Assisti ao show e o que vi foi um conjunto de garagem, muito ruim, mas notei que eles tinham possibilidades. Nada disso, na verdade, estava em jogo, pois eu tinha adorado a idéia de Cazuza seguir em frente em qualquer coisa. Depois, quando pediu minha opinião, falei com sinceridade:

– Como vocês estão começando, tudo é possível! Vocês não tinham recursos, não pediram nada para ninguém. Mas têm uma porção de defeitos.

– Ah, eu sei, papai, você gosta mesmo daquelas coisas que fazem sucesso. Você é muito comprometido com a tua profissão, porque você quer vender e é muito exigente. Mas o meu mundo não é esse. No mundo que procuro, ainda não estou mirando a perfeição.

Retruquei:

– Mas, Cazuza, acho que nos próximos shows você tem que corrigir algumas coisas. Para melhorar tua respiração, sei lá, você tem que ir a um fonoaudiólogo, para melhorar teus finais de frase. Você não pode chegar no palco e dizer que cantou a quarta música do lado B do teu disco, porque isso é muito amador.

– Pai, você tem mania de me criticar!

– Estou te dizendo coisas que talvez outros não te digam".

O Barão passou a se apresentar, então, em quase todos os lugares disponíveis do Rio de Janeiro e, quando só faltava chegar ao Morro da Urca, os meninos resolveram gravar uma fita demo, bastante amadora, lá mesmo na garagem de Rio Comprido. Essa fita foi parar nas mãos do empresário Leonardo Netto, na época sócio de Nelson Motta no Noites Cariocas, como se chamou a programação e eventos dos finais de semana no Morro da Urca, um templo musical do que era "in" no começo dos anos 80. Léo, como é conhecido no meio, encontrou Cazuza uma certa noite e lhe contou sobre os novos projetos do selo Hot Discos, que ele e Nelsinho haviam lançado, produzindo o disco *Menino do Rio* e artistas como Bebel Gilberto e Gang 90 e Absurdetes. A idéia, naquele momento, era lançar um disco com todos os novos artistas que estavam aparecendo e em quem acreditavam. Cazuza se entusiasmou muito com esse disco, como Léo Netto relembra:

"Na conversa que tivemos naquela noite, Cazuza disse que queria muito gravar e que

precisava me entregar a fita que havia gravado com o Barão Vermelho. Tudo bem, lhe disse, passe lá em casa. E realmente ele foi alguns dias depois, durante a tarde. Lembro de me falar de cada uma das músicas e de pedir desculpas pela má qualidade da gravação."

Naquela mesma noite, na casa de Leonardo, quatro amigos ouviram juntos a fita do Barão pela primeira vez: o técnico de som e cenógrafo Wagner Baldinato, a jornalista Regina Echeverria, o crítico musical e também jornalista e produtor musical Ezequiel Neves, o Zeca, além de Leonardo Netto. Foi uma comoção. Todos se encantaram com os versos de Cazuza, com seu rock bluseiro, com o som sujo e visceral do Barão. Os olhos de Ezequiel brilharam mais do que nunca. Ele ficou tão enlouquecido que, antes de sair, enfiou a fita no bolso e cometeu um verdadeiro furto. A sorte do Barão e a do próprio Ezequiel estariam unidas para sempre a partir daquele delito. Zeca relembra:

"Ficamos todos bastante impressionados com as letras das músicas do Barão. Tinha muita coisa escrita em português errado, mas uma linguagem totalmente moderna, atualíssima, falando de garotada, de dor-de-corno. Lembro que liguei para a Lucinha e lhe disse: recebi uma fita de um grupo em que seu filho é

vocalista. Quem é que escreve as letras? E ela me respondeu: é o meu filho! Então, eu disse: Lucinha, prepare-se porque seu filho é genial!"

Adorei ouvir isso e, bastante emocionada, procurei Cazuza por toda a parte para lhe contar a novidade. Ele ligou para Ezequiel, que confirmou tudo. Meu filho ficou quase em estado de choque. Passou um bom tempo sem conseguir articular uma palavra. Ligou para o Frejat e perguntou se já tinha ouvido falar em Ezequiel Neves. Frejat não acreditou. Disse que Ezequiel era um ídolo para ele, que era seu fã e lia tudo o que ele escrevia sobre rock. Todo orgulhoso, meu filho contou então ao amigo que Ezequiel telefonou dizendo que eles eram geniais e prometendo mexer os pauzinhos para ajudá-los.

Zeca havia conhecido Cazuza um pouco antes de ele deixar a Som Livre e embarcar para São Francisco. Também sequer desconfiou que o garoto tinha talento. Seu relato:

"Eu não conhecia os textos de Cazuza nos releases da Som Livre. E o vi pela primeira vez numa reunião na companhia, em que ele entrou de tamanco, bermuda, cabelo enorme e me esnobando. Naquele dia, tomamos um porre juntos. Escondemos uma garrafa de uísque na sala do Guto e começamos a beber, em xícaras de chá, uísque puro. Cazuza me deu a seguinte dica: cowboy bate muito rápido, quando você beber uísque, tem sempre que colocar uma agüinha. Ele estava embarcando para São Francisco e da Som Livre fomos para lima festa de despedida num apartamento mínimo, onde se espremiam umas seiscentas pessoas. A dona da casa toda hora saía para comprar cerveja. Nessa noite o Júlio Barrozo nos deu dois Mandrix, um para cada um. Tomamos um porre monumental e falamos de tudo: de Janis Joplin a literatura. Cazuza ficou com meus óculos Ray-ban. Dias depois, Lucinha me ligou para devolver. Quando ele voltou de São Francisco, nos cruzamos algumas vezes e ele me pediu para ver as fotos que estava fazendo. Dei minha avaliação sincera: você é muito amador, parece fotógrafo lambe-lambe. Tive notícias suas tempos depois, quando me telefonou para

dizer que estava vendendo cocaína naquele apartamento da Montenegro. Em nenhuma dessas ocasiões Cazuza me contou que era um cantor . "

Zeca, que havia sido demitido da Som Livre, reencontrou Guto Graça Mello na festa de nossas bodas de prata, em 16 de março de 1982, que aconteceu no ltanhangá Golf Club. Cazuza vestiu um terno pela primeira vez e seu pai o ajudou a dar o laço na gravata. Durante a cerimônia, foi encarregado de ler em voz alta um trecho da Bíblia. Nessa noite, Guto convidou Ezequiel Neves para voltar a trabalhar na Som Livre e Zeca lhe contou, com o entusiasmo que lhe é característico, sobre a fita do Barão Vermelho. Ao ouvi-la, a reação de Guto foi a mesma de todos –

adorou. Zeca e Guto, então, enfrentaram o primeiro problema para que os planos de lançar um disco com o novo grupo se concretizassem: convencer João Araujo, o presidente da companhia, a apostar no grupo e a permitir que eles gravassem um disco. Não foi nada fácil. A resistência de João era enorme. E ele explica o porquê:

"Quando Guto Graça Mello e Zeca Neves entraram em minha sala com a fita do grupo nas mãos dizendo que queriam gravar de qualquer jeito, eu disse: não há

hipótese, eu não vou gravar com o Cazuza e nem o Cazuza vai querer gravar comigo! Se não der certo, vão dizer que eu lancei só porque ele é meu filho. A situação é muito desconfortável. Não gosto de favoritismos. Mas se formou um rolo compressor em torno de mim, de uma maneira que não pude resistir. Acabamos encontrando uma solução – o disco do Barão sairia pelo selo Opus, dirigido por Heleno de Oliveira".

Frejat, que participou como representante do grupo em todas as negociações com a gravadora, contou como ele percebia a delicada relação de Cazuza com seu pai dentro da gravadora:

"Cazuza tinha uma visão muito clara sobre o assunto. Sempre dizia: se quiserem sacanear o meu pai a qualquer momento, eles vão me usar! E isso aconteceu, por exemplo, com a capa do primeiro disco do Barão. Quando faltava um dia para a arte seguir para o fotolito, ela amanheceu toda borrada. Na verdade, na época, João Araujo fazia uma campanha muito forte contra o jabá (propina com que algumas gravadoras forçam a execução de certas músicas), tanto nas rádios como na televisão. Nosso primeiro clipe, por exemplo, ficou inassistível. O diretor parecia querer nos sacanear, tanto que usou uma lente grande-angular e deformou o rosto de Cazuza".

O primeiro LP do Barão Vermelho foi gravado em dois finais de semana nos estúdios da Som Livre, nos dias 15, 16,22 e 23 de maio de 1982. De lá, Cazuza ligava para me pedir que mandasse lanche para a turma toda e, é claro, uma garrafa de uísque, que ele se encarregava de esvaziar, junto com Zeca. Os meninos do Barão estavam começando a conhecer o temperamento de meu filho. Frejat:

"Nossas horas no estúdio foram ao mesmo tempo um tormento e uma oportunidade de conhecer os amigos de Cazuza, inclusive Ezequiel, com quem ele se entendeu de imediato e

nós também. Cazuza só queria colocar a voz com a banda toda tocando, não gostava de fazer remendos ou de corrigir uma passagem ou outra, não tinha paciência".

Capítulo 10

Na estrada do rock

"Sou feliz em Ipanema

Encho a cara no Leblon"

Completamente blue

Finalmente, com o nome de Barão Vermelho, o disco foi lançado em 27 de novembro daquele ano, um dia depois de *As Aventuras da Blitz* chegar ao mercado. A crítica vibrou. Todos os grandes jornalistas musicais da época saudaram a chegada do Barão Vermelho como um sopro de vida inteligente dentro do rock brasileiro. Cazuza foi apontado como o novo poeta de sua geração. Nas palavras escritas pela jornalista Ana Maria Bahiana, uma síntese de como o disco foi recebido pela mídia: "A partir daqui estão dinamitadas as fronteiras que separam o elementar do profissional. O Barão prova isso".

Caetano Veloso chegou a comentar comigo que havia escutado a fita do Barão numa viagem de carro a São Paulo com Patrícia Casé. Tinha adorado especialmente a música *Bilhetinho Azul* Confessou até que chorou ao ouvi-la pela primeira vez. Não podia acreditar que aquele menino que ele encontrava de porre no Baixo Leblon fosse o autor de versos tão profundos:

"Conheci Cazuza ainda adolescente porque entrei na Polygram pelas mãos de João Araujo. Mas ele nunca falava comigo direito. Era muito antipático. Tentei várias aproximações, pensei em desistir até, mas fui assistir a uma peça promovida pelo pessoal do Asdrúbal com estudantes e vi Cazuza em cena. Era tão bom, ele cantando e atuando, todo mundo adorou e eu também. E fiquei surpreso que ele fosse talentoso. Queria lhe dizer isso, mas ele não era receptivo. E em São Paulo, passeando de carro com a Patrícia Casé, escutei *Bilhetinho Azul* e chorei. Chorei dentro do carro. Fiquei apaixonado, maravilhado. Depois ouvi o resto do disco do Barão e, até hoje, é um dos meus favoritos. Fiquei tão entusiasmado que aí não dava para ele não aceitar minha aproximação. Ele nunca me deu explicação alguma para esse tipo de comportamento. Eu mesmo dei uma explicação. Acredito que ele já tinha todo esse talento e, como eu era famoso, ele acompanhava minha carreira e possivelmente me admirava, no interesse de um diálogo real, Cazuza estaria conversando comigo sem ser ele e eu, já sendo eu aos seus olhos. Quando aquele talento todo veio para fora, ele conseguiu se comunicar. Mas sempre brincava comigo dizendo que preferia a Dedé a mim" .

Chovia torrencialmente no Rio de Janeiro na noite de 4 de dezembro de 1982, quando o Barão Vermelho fez o show de lançamento do disco no Circo Voador. Até

eu tinha entrado no esquema de divulgação, convidando várias personalidades, e elas estavam todas lá, sentadas à beira do palco, aguardando impacientes o início do espetáculo, que

começou com meia hora de atraso: Caetano Veloso e Paula Lavigne, Angela Rô Rô, Emílio Santiago, Joanna, Hildegard Angel, Mário Gomes, Guilherme Araújo. Em 12 de dezembro, uma semana depois da estréia, Hildegard Angel publicou em sua coluna sobre televisão no jornal O *Globo:*

"Agora, João, você pode se soltar numa boa, pra curtir o sucesso do Cazuza, que só vai fazer crescer"

Em junho de 1983, quando Caetano Veloso subiu ao palco do Canecão para o lançamento de seu disco *Uns,* eu estava na platéia, ao lado de João. Para minha surpresa, ele começou a cantar *Todo Amor Que Houver Nessa Vida.* Cutuquei o João e lhe disse:

– Essa música é de Cazuza!

João me olhou como se eu fosse um ser de outro planeta e encerrou o assunto:

– Você está louca?

No final da canção, Caetano elogiou Cazuza e o elevou à condição de "o melhor poeta de sua geração". Tinha dois motivos de orgulho: o fato de Caetano ter elogiado meu filho e por João não ter acreditado em mim e sendo obrigado a reconhecer que eu estava certa. Embora já houvesse escutado o disco, não havia reconhecido a música. Caetano Veloso passou a ser um freqüentador assíduo dos shows do Barão. Era um entusiasta do grupo. Ele conta:

"Paulinha (Lavigne) era minha companheira para assistir aos shows do Barão. Saíamos muito juntos e, nessa época, começamos a namorar. A música *Todo Amor Que Houver Nessa Vida* é uma obra-prima. Cazuza era um romântico autêntico. Isso foi o que deu à poesia dele um poder de comoção muito grande, porque ele era cem por cento autêntico e isso a gente sentia. Ele entrou na música popular brasileira com uma marca enormemente original e seu trabalho com o Barão, e posteriormente sozinho, representa uma coisa grande, com um papel importante no desenvolvimento da história da música brasileira".

O Barão Vermelho passou a existir, mas a vendagem foi bastante tímida, apenas 8 mil cópias. Mas os garotos conseguiram muitos adeptos, entre eles Abelardo Barbosa, o Velho Guerreiro, que sempre os convidava para cantar em seu programa. Chacrinha chegou até a escrever em sua coluna na revista *Amiga,* dois anos depois, em 19 de dezembro de 1984:

"Modéstia à parte, quem deu a primeira força ao conjunto Barão Vermelho – e o Cazuza tá de prova – foi o Chacrinha aqui. Quando a turma ainda não era sucesso, nem vendia discos, o Velho Guerreiro lançou-o no *Cassino.* Verdade ou mentira, dona Jandira????"

A primeira empresária do novo grupo Barão Vermelho foi Marilda Vieira, a Marildinha, num esquema ainda bastante amador. Com ela, os meninos fizeram shows em São Paulo, tanto no Vitória Pub como numa boate gay. Mas o que marcou realmente esse curto período de trabalho com Marildinha foi um show em Santos, do qual Frejat jamais se esquecerá:

"Nos hospedamos num hotel estranho e, quando sentamos para almoçar, a batata frita demorou mais do que todos os pedidos. Foi aí que Cazuza ficou furioso. Nunca o tinha visto tão bravo assim. Nos apresentamos num cinema antigo e, na hora do show, alguém começou a jogar copos no palco. Pensei: mas que loucura, estão jogando copos na gente! Era o Ezequiel. Não sei se ele tinha brigado com o Cazuza, se estava amando ou odiando o show. Era inacreditável. E Cazuza, mais louco ainda, tirou a bota e passou a andar em cima dos cacos de vidro. Ele cortou o pé, mas nada grave, pois seu santo era forte. Aos 19 anos, eu nunca havia visto uma cena de loucura tão grande! O palco ficou coalhado de cacos de vidro" . Na verdade, Zeca estava era amando o show e não controlou sua loucura naquele momento. De qualquer maneira, Marildinha logo deixou o trabalho com o grupo e, pouco depois, o Barão foi convidado para se apresentar no projeto Fim de Praia, organizado por Scarlet Moon na ex-boate Papagaio, na Lagoa. Assistindo a esse show estava na platéia um casal de empresários, Rosa e Mário Almeida, que se interessaram pelo grupo. Em janeiro de 1983 assinaram contrato e, finalmente, o Barão Vermelho começaria a entrar num esquema regular de apresentações. No começo faziam até show de play-back no subúrbio e ganhavam o suficiente para "o uísque de Cazuza", como gostavam de brincar. Abriram um show para o grupo A Cor do Som, se apresentaram no Morro da Urca mas, em sua primeira viagem, conheceram o fracasso de perto: 14 pagantes na platéia do Clube Leopoldina Juvenil, em Porto Alegre. No show de Brasília, em seguida, foi uma consagração. Eles se apresentaram num evento de motocross e, depois do show, Cazuza deu seu primeiro autógrafo na carreira.

Nem mesmo com todo o apoio da mídia, o disco do Barão conseguiu emplacar e, para incompreensão de todos, não tocava nas rádios. Foi quando eles começaram a se preparar para o novo disco. Foram todos para nossa casa de Petrópolis e lá ficaram por uma semana. E todos pareciam felizes com esse tempo em que puderam se conhecer melhor e Cazuza gostou muito daquele ambiente de sua nova turma. Brincaram e se permitiram fazer música num momento de esperança no futuro e vontade de produzir. Entre abril e junho de 1983, os rapazes entraram novamente no estúdio, para o segundo LP. Ao lado de Ezequiel Neves, na produção do disco estava Andy P. Mills, um americano que chegou ao Brasil com a trupe de Alice Cooper. Era responsável pela cobra que o cantor exibia no espetáculo. Zeca conta como eles se comportaram no estúdio:

"O Mills praticamente queria ensinar os meninos a tocar. Pedia ;para repetir a guitarra umas cem vezes. O Cazuza não agüentava tanto perfeccionismo. E, quando foi a sua vez de colocar a voz, ele não conseguia. Na quarta tentativa, me chamou e disse: não vou gravar merda nenhuma! Está tudo muito perfeito e eu não tenho nada a ver com a perfeição. Chamei o Frejat e o avisei que Cazuza estava querendo desistir. Ele não pegava o ritmo da música, não cantava. Liguei para o Guto Graça Mello. Eram dez e meia da noite e pedi socorro. Quando ele chegou e disse ao Cazuza: você não sabe cantar? Cazuza respondeu rápido: sei. Então canta!!, disse simplesmente o Guto. Nessa noite, Cazuza gravou umas quatro vozes". Entre as faixas do segundo disco do Barão Vermelho estava *Pro Dia Nascer Feliz,* parceria de meu filho com Frejat. Uma manhã, toca a campainha na casa de Cazuza na Rua Engenheiro Cortes Sigaud, no Leblon. Era Ney Matogrosso. Cazuza estava dormindo, mas Ney não se intimidou. Foi entrando quarto adentro, ouvindo os impropérios de meu filho mal-humorado ao acordar, e falou sem rodeios:

– Cazuza, acorda pra ganhar dinheiro!

Ele queria gravar *Pro Dia Nascer Feliz* de qualquer maneira. Cazuza argumentou que aquela música não dava, que havia sido a escolhida para trabalhar o disco do Barão e que lhe daria outra, enfim. Mas não houve argumentos para Ney, que saiu dali decidido, entrou no estúdio e gravou a canção em seu disco *Pois É,* de 1983. A música estourou na voz de Ney Matogrosso e os meninos do Barão ficaram novamente frustrados, pois o disco ainda não conseguia emplacar nas rádios. Mas, a uma semana do Natal de 1983, a Rádio Cidade trocou a gravação de Ney pela do Barão Vermelho. Um presentão para todos, pois a partir daí estava rompida a barreira das rádios e o Barão Vermelho já não era mais uma banda maldita. Tanto que o show de lançamento do segundo disco, *Barão Vermelho* 2, no Teatro Ipanema, em abril de 1983, reuniu uma platéia de estrelas. Costumávamos reservar as primeiras filas para os convidados especiais, que foram muitos, entre eles Bruna Lombardi, Carlos Alberto Riccelli, as cantoras Marina e Olívia Byington e outros. Sem saber o que usar como figurino do show, Cazuza abriu meu closet e pegou várias camisas e blusas que poderiam servir, se decidindo, é claro, pela importada mais cara que eu tinha. Era uma camiseta de malha branca com uma girafa bordada em preto. Cazuza cortou as mangas a tesouradas e subiu com ela no palco do Teatro Ipanema. Na cabeça, usou pela primeira vez uma bandana – era japonesa, presente de seu amigo Tavinho Paes.

Jamais me esquecerei da véspera desse show, Cazuza caiu de cama, com um febrão de 40 graus. Ele suava frio. Chamei o médico, que tratou dos sintomas como se fossem de uma gripe comum e receitou alguma coisa. Na época, não dei nenhuma importância a isso, mas pensando nesse episódio, depois que tudo aconteceu, suspeito que algum sintoma de sua doença começara a se manifestar. Depois da temporada, Cazuza foi procurado por Liane Mlihlemberg, responsável pela produção musical do filme que Tizuka Yamasaki estava produzindo e Lael Rodrigues começando a rodar. Tizuka contou a Cazuza a história do filme e, em parceria com Frejat, ele compôs *Bete Balanço* e *Amor, Amor,* parceria com Jorge Israel. Além de cantar a música tema, Cazuza fazia uma ponta no filme como Tininho, um compositor de rock. Também, ao lado do Barão, entrou no filme com um show gravado em 22 de dezembro, no Circo Voador. *Bete Balanço* estourou de Norte a Sul. O sucesso batia na porta do Barão Vermelho e Cazuza, na falta de uma musa naquele ano, foi eleito pelo *Jornal do Brasil* em fevereiro de 1984 o "Muso do Verão" .

Em maio desse mesmo ano fui a São Paulo para um show dos meninos na discoteca Radar Tantã, da qual Dedé Veloso era sócia. Foi a primeira vez em que ouvi a canção *Maior Abandonado.* Estava ao lado de Caetano Veloso na platéia. No palco, os primeiros versos: "Eu tô perdido/Sem pai nem mãe/Bem na porta da tua casa". Não me contive:

– Caetano, isso é mentira! Ele tem pai e mãe e é muito querido!

E Caetano, rindo, respondeu:

– Lucinha, isso é uma imagem poética. Não leva as coisas assim, tão ao pé

da letra!

Voltei para o Rio no dia seguinte e dali para um fim de semana com João em Salvador. Portanto, não presenciei a confusão que aconteceu logo em seguida. O

jornal *Folha de S. Paulo* havia publicado uma matéria com a ficha técnica de cada menino do Barão. Entre as perguntas, qual é o seu vício? Meu filho respondeu: todos!!!! Não sei se isso alertou os policiais do Deic ou se foi uma denúncia. Mas o fato é que policiais à paisana bateram na porta do quarto de Ezequiel Neves, no Hotel Hilton, à procura de drogas. Seu relato:

"Eu e o pessoal do Barão tínhamos descido naquela tarde, enquanto Cazuza dormia. Nessas viagens, nosso maior tormento era acordar Cazuza, porque ele ficava irado se perturbassem seu sono. Dei uma volta pelo centro e voltamos para assistir ao programa do Chacrinha que ia apresentar o Barão e depois sair para fazer dois shows: um com outras bandas, no Ibirapuera, e outro, no Radar Tantã. Na volta, bateram na porta de meu quarto de hotel. Me deparei com duas camareiras acompahadas de cinco garotões vestidos com casaco de couro. Eles entraram perguntando onde estava a droga e dizendo que estavam à procura do filho do homem. 'Onde está o filho do homem?' Revistaram o quarto e não acharam nada. Mas tive que acompanhá-los até os quartos de Frejat, Guto e Dé. E sempre entravam comigo na frente. Quando batemos no quarto de Cazuza, ele não entendeu nada. Quando viu aquele monte de garotões, eu tive que lhe explicar que eles estavam ali para nos prender. O quarto era uma bagunça só, com roupas empilhadas umas por cima das outras. Quando levantaram o colchão, a carteira de Cazuza pulou fora. Ele não agüentou: obrigado, pessoal, eu estava desesperado atrás dessa carteira!!! Ficou na maior alegria. Mas nada foi encontrado. E os homens estavam ficando bravos, não acreditando que ali não havia nada. Foi quando Guto resolveu dizer: eu tenho essas duas pedrinhas de maconha. Fomos todos para o Deic prestar depoimento. Como não encontraram nada em seu quarto, Cazuza foi dispensado, mas não se conformou. Como ele, o mais louco de todos, não foi preso junto com a banda? Nos acompanhou e, de vez em quando, ele saía para comprar sanduíche na rua, porque a porta estava coalhada de repórteres. Quando voltou, me disse que sua popularidade estava a zero, pois não foi reconhecido. Pagamos a fiança e saímos para o primeiro show".

A notícia já tinha sido divulgada pelo *Jornal Nacional* da Globo, quando o Barão entrou no palco do Ibirapuera naquela noite. A platéia foi ao delírio e, no final da apresentação, o palco estava repleto de cigarros de maconha, atirados em protesto pelos fãs indignados com a ação da polícia. Só fiquei sabendo da aventura no domingo, avisada por uma amiga, a jornalista Maria Lúcia Rangel. Mas as aventuras daquela série de shows em São Paulo ainda reservariam ao Barão novas e densas emoções. Antes da matinê do domingo, Frejat percebeu quando um garoto entrou no camarim para conversar reservadamente com Cazuza. Ele conhecia a figura e já imaginava a razão daquele encontro. Os dois entraram no banheiro, fecharam a porta e não saíam. Faltavam cinco minutos para o show começar quando Frejat começou a bater na porta do banheiro, cada vez com mais força:

"Cazuza, abre a porta!!! Abre a porta senão eu arrebento. Eu queria tirá-lo de lá de qualquer

maneira porque sabia que eles estavam cheirando pó e Cazuza já

havia bebido. Se ficasse mais louco ainda, iria arrebentar a voz na primeira música e fim de show. Comecei a dar porradas e pontapés na porta. E, justamente no momento em que ele percebeu que eu iria mesmo arrombar, ele abriu e a porta bateu no seu rosto com toda a força de minha fúria. Abriu o supercílio e o lábio. Foi um escândalo. Era tudo o que ele precisava para me arrasar. Gritava dramático: minha cara é tudo o que tenho, você acabou comigo. Meu Deus, você me odeia. Eu te odeio! Desabei e chorei feito uma criança, em posição fetal, porque a última coisa que eu queria era machucar o Cazuza. Lembro da Dedé Veloso me consolando, mas foi duro porque Cazuza teve que ir para o hospital, levar pontos e ainda voltar para fazer o show" .

Durante a apresentação, Cazuza arrancou os curativos e cantou até o final com uma energia extra. Como sempre, mais uma vez, fui a última a saber. Quando Cazuza voltou ao Rio, tive que levá-lo a um cirurgião plástico, seu primo Paulinho Müller, que refez todo o trabalho do pronto-socorro. Restou mais uma cicatriz para sua coleção. A notícia da prisão em São Paulo saiu na primeira página do jornal o *Dia.* Desde o começo da carreira de meu filho passei a colecionar tudo o que fosse publicado, tudo muito bem organizadinho. Mas quando comprei O *Dia* com a notícia da prisão por drogas mostrei ao João e, em seguida, rasguei em mil pedacinhos. Depois da aventura, ele me pediu o jornal e lhe contei que havia jogado fora. Cazuza fez um escândalo, me xingou e saiu batendo o pé numa atitude típica de má-criação. Ele dizia que eu só guardava os recortes onde ele aparecia como um menino bonzinho. Furioso, mandou enquadrar a página do jornal para exibi-Ia na parede da sala.

No inverno de 1984, Cazuza estava na casa de Miúcha e Bebel Gilberto. As duas haviam sido convidadas por João Gilberto, para acompanhá-lo em sua apresentação no show *Viva Bahia,* que aconteceu em Roma, Itália, com cantores baianos. Ao ouvir os comentários animados das duas com a viagem, Cazuza resolveu que também queria ir. Eu e João estávamos em Petrópolis, quando nosso filho ligou dizendo que queria embarcar naquele dia. Não tinha dinheiro, passagem e nem sabia onde estava seu passaporte. Recorri a Claude Amaral Peixoto, que conseguiu uma reserva na primeira classe {onde todos iriam viajar, inclusive João Gilberto). Pedi, também, à minha irmã Clarinha que lhe emprestasse 5 mil dólares. Quando chegou ao aeroporto, torrou os 5 mil dólares na passagem e embarcou sem dinheiro algum. Bebel Gilberto conta detalhes da viagem:

"Cazuza viajou com uma bolsinha Fiorucci com duas cuecas e uma camiseta, não tinha nem cartão de crédito. Papai estava meio tenso, ia fazer show e o Cazuza falando muito, falando alto. No final da viagem estavam superamigos. Se entenderam muito bem. Na escala em Milão, a tripulação foi trocada. Cazuza se encantou perdidamente por uma aeromoça, que depois foi assistir ao show, e outro comissário deu a ele de presente uma caixa de música em forma de maçã, que ele havia ganho da Liza Minnelli. Cazuza nunca mais se separou de sua maçã. Em Roma, ele e mamãe saíram muito para visita todos os pontos históricos, a ponto de eu morrer de ciúmes. Sempre fui sua irmã mais nova. Certa noite, ele ficou preso dormindo num camarote na rua em Roma e quase não conseguimos acordá-lo. Outra noite, dormiu na casa de Sérgio Bardotti, o autor dos *Saltimancos.* Nem me viu cantar, foi embora para o Rio

porque tinha um show com o Barão Vermelho". Na volta ao Brasil, Cazuza se percebeu terrivelmente envolvido com a idéia de seguir seu próprio caminho, longe do Barão. Nem mesmo a vendagem tímida de 15 mil cópias do segundo LP impediu Som Livre de abrir novamente as portas do estúdio para o grupo gravar seu terceiro trabalho, em julho de 1984. A caminho do novo disco, um só pensamento parecia martelar em sua cabeça. A dor no peito denunciava os sinais de seu medo em tomar uma decisão importante. A convivência de Cazuza com seus companheiros do Barão havia chegado à beira de um irremediável ataque de nervos.

Capítulo 11

O primeiro susto

"Canibais de nós mesmos/

Até que a vida nos coma/...

Por que a gente é assim?"

Por que a gente é assim

Ao ganhar seus primeiros cachês com o Barão, meu filho se sentiu novamente seguro para sair de casa. Reformamos um apartamento nosso na Rua Engenheiro Cortes Sigaud, no Alto Leblon, e Cazuza passou a viver ali. Com o sucesso do grupo, ele começou a ganhar mais dinheiro e percebi que sua incorrigível desorganização poderia prejudicá-lo – e bastante – na questão financeira. Havia motivos para minha preocupação. Certa vez, me entregou ,um cheque de 250 cruzeiros para pagar uma conta de luz de 5. "Fique com o troco", disse. Eu não imaginava, por exemplo, como ele conseguia viajar e fazer shows sem nenhum documento. Também queria de qualquer maneira me dar de presente um cartão de crédito para que eu gastasse à vontade à sua custa, o que não aceitei. Então, me ofereci para tomar conta de tudo:

– Meu filho, eu juro que não me meto na tua vida. Você faça o que quiser, mas eu me prontifico a colocar suas finanças em ordem.

E assim foi feito até o fim. Providenciei carteira de trabalho, registro na Ordem dos Músicos, CPF, aplicações e, até mesmo, controlei o canhoto de seus talões de cheque. Para meu descontrole, Cazuza tinha a peculiaridade de não preencher os canhotos dos cheques, só anotando aqueles que sabia que iriam me horrorizar: pó!

maconha! Mas eu agüentava firme, não dizia nada como prometido. Queria cumprir a minha palavra e suas finanças controlava pelos extratos do banco. Cazuza não queria saber de nada, só de gastar. Mesmo assim, no primeiro ano do Barão, ele conseguiu comprar seu primeiro apartamento: um quarto-e-sala em Copacabana onde mora até hoje Ezequiel Neves.

Um belo dia, acabou um de seus talões de cheque e ele aparece lá em casa. Eu não estava. Revirou tudo, não encontrou o talão e ficou furioso. Quando ia saindo, Tereza, a nossa fiel secretária doméstica, perguntou se ele não queria deixar nenhum recado para mim. Ele disse,

sim:

– Manda ela tomar no cu!!!

Tereza jamais me escondeu nada sobre Cazuza. Todas as suas barbaridades, mesmo as mais cabeludas, ela me contava. Fiquei bastante magoada com meu filho por causa do episódio e não lhe telefonei mais. Semana depois, ele ligou de um orelhão, como se nada tivesse acontecido:

– Mãe, quebra um galho para mim? Estou indo para Belo Horizonte e furou o pneu do carro no túnel Rebouças. Você pode me ajudar? O que você está fazendo?

– Estou fazendo o que você me mandou fazer há uma semana, Cazuza.

– Mãe, não gosto desse tipo de brincadeira. O que é isso, está querendo me provocar?

– Não, Cazuza, só estou fazendo o que você mandou.

– Mãe, me perdoa, pelo amor de Deus. Me perdoa. Eu preciso ir para o Santos Dumont. Vem pegar meu carro, por favor?

É claro que fui até lá, reboquei e guardei o carro na garagem. O sucesso finalmente havia chegado para Cazuza e o Barão Vermelho. As duas apresentações no Rock'n'Rio, em janeiro de 1985, tiveram enorme repercussão. Na primeira, dia 15, dividiram a noite com Gilberto Gil, Blitz, Nina Hagen, Yes e B'52. E, no dia 20, com Dusek, Kid Abelha, AC/DC e Scorpius. Durante essas duas apresentações foi gravado o disco *Barão Vermelho Ao Vivo.* No palco do Rock'n'Rio, para comunicar ao público que Tancredo Neves havia sido eleito o novo presidente do Brasil, pelo Congresso Nacional, Cazuza se enrolou na bandeira brasileira e, ao encerrar o show com *Pro Dia Nascer Feliz,* se despediu de uma platéia em delírio com o Barão e o novo presidente, desejando:

– Que o dia nasça lindo para todo mundo amanhã. Um Brasil novo. Uma rapaziada esperta!!!

Cazuza e Barão Vermelho. Aliás, assim mesmo, nessa ordem, é que a mídia passou a se referir ao grupo. Era evidente a aura própria que meu filho exibia, mesmo dividindo a cena com seus companheiros. Do seu ponto de vista, ele dizia se sentir cansado de seguir as regras da banda, de limitar seu trabalho de composição ao estilo do grupo e, mais ainda, de suportar dividir. Acostumado, desde que nasceu, a ser o único dono de seu território, Cazuza tinha uma enorme dificuldade em compartilhar. Além disso, suas bebedeiras e loucuras passaram a incomodar e bastante os outros barões, até mesmo seu amigão Frejat. Numa apresentação em Curitiba, durante a turnê de lançamento de *Maior Abandonado,* Frejat chegou ao seu limite, como conta:

"O Zeca andava dizendo, na frente do Cazuza: tem gente que não gosta de ser feliz! Porque quando começamos a ganhar dinheiro, a fazer bons shows e tudo estava caminhando bem, ele encanava. Cazuza tinha a carência do artista sofredor, do artista louco. Gostava de alimentar esse fetiche. No decorrer dessa turnê, ele começou a encrencar, ora com um, ora com outro.

Zeca também fez um comentário sobre o canhão de luz. Foi a sentença de morte do operador. Cazuza passou a dizer impropérios ao rapaz, fazia escândalos. E durante o show de Curitiba, ele saiu do palco, sentou no camarim e disse: com essa luz eu não faço o show. Ele não tinha realmente a menor noção da parte administrativa de uma turnê, a burocracia do grupo sempre ficou sob minha responsabilidade. O Mário, nosso empresário, o convenceu então a voltar ao palco, mas logo adiante Cazuza jogou o pedestal do microfone em cima da minha guitarra. Fiquei muito bravo. Aliás, todo o grupo estava com bronca dele e eu ficava no meio dessa relação. Não deixava ninguém se aproximar do Cazuza para dizer qualquer coisa, preferia fazer a intermediação. Mas, quando o show terminou, perdi as estribeiras. Fui tirar satisfações e disse: devia te dar uma porrada na cara! Ele me empurrou, levantou a cabeça me desafiando e falou: então vem!!! Eu não podia bater a cara dele, isso não se faz, é um código entre irmãos, que brigam, brigam, mas não se batem na cara. Então, o empurrei e lhe dei um chute antes da turma do deixa disso nos apartar. Cazuza era muito ferino quando queria esculhambar alguém. Ele destruía mesmo. Depois da briga, tínhamos ainda mais dois shows para fazer no Sul, Cazuza alegou ser um profissional e prometeu cumprir sua tarefa. Foram dois shows horrorosos, em Londrina e Maringá. O clima ficou tenso, insuportável. Ao voltar para o Rio não nos falamos mais, até o dia do meu aniversário, quando Zeca perguntou se podia levar Cazuza à festa em minha casa. Quando abri a porta, ele estava ajoelhado e entrou escorregando pela sala até se abraçar nas pernas e meu pai e dizer: Frejazão, meu sogro!!! Cazuza era uma figura! Na mesma hora, tudo passou. Nesse dia tivemos uma conversa, quando lhe perguntei se ainda queria ficar no grupo, porque do jeito que a situação estava, não era mais possível. Mas Cazuza disse que não. Falou que não queria sair do Barão".

Certamente, quando disse isso a Frejat, Cazuza sofria com o tormento de já

saber o fim dessa história. Para suportar a idéia de tomar uma decisão e abandonar o grupo com quem começou a carreira, meu filho bebia e se drogava. Às vezes, a situação ficava incontrolável, como no show de Fortaleza, no começo de 1985, para um ginásio lotado. No meio do show Cazuza foi atingido na testa por um cubo de gelo. Perdeu o controle e começou a vociferar contra o público aos palavrões. Debaixo de gritaria ele deixou o palco e jurou que não voltaria mais. Depois de uma negociação de Frejat com a segurança do ginásio, o show foi encerrado e o tumulto que se previa felizmente não aconteceu. Houve, também, o episódio da entrevista coletiva em São Paulo. O grupo todo deveria sair do Aeroporto Santos Dumont pela manhã para embarcar na ponte-aérea. Cazuza não apareceu. Com pavor por aviões e a enorme dificuldade para acordar, ele não apareceu mesmo. O Barão embarcou sem ele. Mas, diante da ausência de Cazuza, a entrevista foi cancelada. Recebi um telefonema de Frejat, se queixando bastante de meu filho. Deixei que falasse tudo o que queria e lhe disse sem rodeios:

– Você tem toda a razão. Por que não o expulsam do Barão?

– Não, Lucinha, isso não queremos!

– Então, Frejat, você tem que entender que as pessoas não têm só o lado bom. Aprenda isso. As pessoas têm o lado bom e o ruim também. O lado ruim de meu filho é esse: ele não gosta de andar de avião, é irresponsável e maluco. Mas, ao mesmo tempo, é a figura preeminente

desse grupo. Você acha que, se ele não conhecesse o Guto e o Ezequiel, vocês encontrariam as portas abertas para gravar?

É claro que você faz as músicas, mas e se não fosse ele que escrevesse as letras?

Não sei se vocês teriam chegado até aqui sem ele. Isso é o que eu penso. Então, se Cazuza é indispensável no Barão, agüentem seus defeitos!!!

Soube depois, por Ezequiel, que Frejat achou que eu fui muito dura com ele. Talvez tenha sido, mas não menti. Fui absolutamente sincera. Era exatamente o que eu pensava e acredito que Frejat tenha compreendido isso mais tarde. O

pressentimento de todos não incluía um final feliz para essa história toda de Cazuza com o Barão Vermelho. Zeca se lembra de um show em Manaus, quando ele conversava anima e bebia uísque com Cazuza no quarto. Ao serem surpreendidos pelo tilintar do telefone, se deram conta de que havia chegado a hora de descer e sair para o show. Cazuza, com toda a frustração do mundo, resumiu a Zeca o seu sentimento naquela fase difícil:

– Zeca, por que você inventou tudo isso? Agora eu sou cantor e vou ter que parar de beber, parar com esse papo gostoso e ir lá. Por que você foi inventar isso?

A relação de Ezequiel Neves e meu filho não se limitava às loucuras e bebedeiras. Zeca o estimulava culturalmente, lhe apresentando livros e autores que ele ainda não conhecia, músicas que lhe passaram despercebidas e, mais do que tudo, os dois se afinavam por ter uma antena plugada no mundo e em seus movimentos, que vibrava no mesmo tom. A situação de Zeca, nos meses que antecederam ao rompimento final de Cazuza com o Barão, era difícil. Zeca não queria que a banda acabasse e, ao mesmo tempo, compreendia o lado de Cazuza e jamais o abandonaria, fosse qual fosse a sua decisão. Nessa gangorra de emoções, a verdade é que meu filho não sabia o que fazer e sua atitude só se manifestaria num momento de rompante.

A vendagem do disco Maior *Abandonado* superou não só as expectativas como também ofuscou o passado de ninharia nas vendas dos dois trabalhos anteriores. Foram 100 mil exemplares que renderam ao Barão Vermelho o disco de ouro. Depois de recebê-Io, Cazuza foi para casa com Zeca. Na garagem, jogou com toda sua fúria o disco de ouro no chão, que se partiu. Zeca:

"Ele se deu conta que o disco de ouro não era só seu. Era também de Frejat, de Maurício, Guto e Dé".

Talvez tenha sido este o gesto simbólico de seu limite. No dia anterior à

reunião para renovar o contrato do Barão e acertar as datas de estúdio para a gravação do quarto disco do grupo, Cazuza confessou a Ezequiel que estava fora. Havia decidido se despedir do grupo, antes que sofresse mais uma vez no estúdio e embarcasse num projeto que o iria deixar mais insatisfeito ainda. Zeca exigiu, então, que ele fosse pessoalmente à reunião e comunicasse sua decisão a todos. Às duas e meia, Zeca passou para pegar Cazuza em casa.

Ele já estava acordado.

– Vamos lá, Cazuza, falar para todos que você saiu do grupo!!!

– Mas, Zeca, não sei, como é que os meninos vão ficar? O que será deles?

Zeca, cansado de tudo aquilo, lhe falou com sinceridade:

– Eu não agüento mais, Cazuza. Rock'n'roll, para mim, tem que ser uma vibração de todo mundo junto. Está insuportável, não dá para continuar. Agora, tem o seguinte, Cazuza, não se esqueça de que esse grupo de rock é muito bom e de que não é justo eu tomar partido e ficar só do seu lado para depois você ficar me espezinhando!!! Não posso largar um grupo bom como esse.

Cazuza entendeu e Ezequiel continuou o grande amigo de meu filho, que sempre foi e, até hoje, é produtor do Barão Vermelho. Saíram juntos para a reunião da Som Livre e ali Cazuza disse a todos que estava pensando seriamente em seguir a carreira solo. Ali mesmo se decidiu dividir o repertório e todos deixaram a reunião e saíram contratados pela Som Livre – Cazuza de um lado e Barão Vermelho de outro.

Embora o desfecho fosse praticamente inevitável, os meninos do Barão não gostaram nada da atitude de Cazuza. Especialmente Frejat, que se sentiu completamente traído por seu parceiro e amigo:

"Ele não me preparou para isso. Já havíamos decidido o repertório do próximo disco e todos ficaram bastante decepcionados. Era como se tivéssemos sido (maiores) abandonados no meio do caminho".

A decisão estava tomada e, por tudo o que aconteceu depois, acredito que foi a mais acertada. Desde os últimos shows com o Barão, Cazuza não se sentia muito bem. Tinha febres diárias, todas as tardes, como uma malariazinha que vem e passa. Uma semana depois do rompimento com o Barão, Cazuza foi internado no Hospital São Lucas com 42 graus de febre. Tudo começou dois dias antes, quando ele me ligou dizendo não estar nada bem, a febre havia aumentado e disse que, por isso, gostaria de passar uns dias lá em casa. Na manhã de 31 de julho de 1985, precisei sair, dar um pulo na delegacia para resolver um problema de um carro roubado recentemente e, quando voltei, o circo estava armado. Em minha ausência, a febre de Cazuza passou dos 40. Ele sofreu convulsões incontroláveis. Diante das empregadas aflitas, dava saltos na cama. Tereza ligou para o João, que veio correndo para casa já trazendo o médico. Era preciso fazer uma série de exames e o procedimento mais correto seria interná-lo.

Alugamos dois quartos no Hospital São Lucas, em Copacabana, e ali permanecemos por onze dias. O primeiro diagnóstico revelou uma mononucleose. Mas depois foi retificado para infecção bacteriana causada pelo *Streptococus viridans,* um vírus vagabundo que se instala nos pulmões. Cazuza pediu ao doutor Roberto Luzes, assistente do doutor Abdon Issa, médico da família há anos, que lhe fizesse um teste de para detectar o vírus hiv. Essa sombra,

certamente, já rondava sua cabeça, mas não a minha. O resultado do teste foi negativo. Pela primeira vez, a palavra aids foi pronunciada entre nós. Com o resultado do teste nas mãos afastei a terrível, e até então remota, possibilidade de Cazuza estar com um problema de saúde mais sério do que eu queria acreditar. De qualquer maneira, um clima de euforia passou a reinar no ambiente. As festas eram diárias na suíte do São Lucas. Amigos entrando e saindo. Zeca sempre ali, inclusive quando os beija-flores que voavam pelos jardins do hospital inspiraram meu filho a criar uma de suas mais delicadas e belas canções: *Codinome Beija-Flor*. Colocamos água com açúcar nos recipientes próprios para que os passarinhos exibissem seu bailado encantador na janela. Zeca e Cazuza fizeram juntos a letra e deram para Ronaldo Arias musicar *Codinome Beija-Flor*. Nenhum de seus ex-companheiros de Barão Vermelho apareceu no hospital, embora Frejat tenha me telefonado para saber notícias. Meu filho ficou triste e magoado.

Embora não deixasse transparecer, João se abalou bastante com essa primeira intemação de Cazuza, aos 27 anos, como contou tempos depois:

"Foi a primeira vez na vida em que ouvi a palavra aids. Nessa época saiu uma matéria na *Veja* falando sobre o assunto, em que foi publicada uma foto de Cazuza no hospital (não sei como conseguiram). Não sabia que doença era essa, mas o doutor Issa, que era médico da família, estava viajando. E Cazuza foi atendido por seu assistente. Fiquei um pouco inseguro com o diagnóstico e, por isso, chamei o doutor Clementino Fraga, que, muito gentil, fez uma visita a Cazuza no São Lucas. Depois de examiná-lo, disse: seu filho teve uma infecção muito grave!! Mas não me explicou o que motivara a 'tamanha gravidade' de que falava. Mas o que faço, o que devo fazer? Ele não me disse nada concreto, apenas que era grave".

Com um aperto enorme no coração, meu marido acabou participando das celebrações no quarto do São Lucas. Quando recebeu alta, Cazuza quis ir direto para sua casa, no Jóquei, em vez de passar alguns dias em nossa casa. Não houve argumento que o convencesse. Estava decidido a tocar a vida adiante, com muitos planos para seu primeiro disco sem a companhia do Barão Vermelho. Havia chegado o momento de investir na carreira.

No entanto, João não conseguia esquecer a advertência do doutor Clementino Fraga e, não querendo – talvez não podendo – dividir comigo seus temores, marcou um encontro com seu grande amigo José Luiz Ferraz, dono do restaurante People, no Leblon, onde aconteceu o episódio, que João relembra:

"Sou uma pessoa bastante contida, fechada, mas depois dessa internação de meu filho, algo me incomodou profundamente. Refleti depois que isso só tinha algum fundamento porque a relação de sangue entre pai e filho é realmente muito forte. Sentia um pressentimento qualquer quando liguei para José Luiz Ferraz em busca de conversa. Foi um dos amigos mais queridos que já tive, um pouco mais velho do que eu, mais irmão do que meus próprios irmãos, um homem que tinha o mesmo olhar para o carnaval, para um enterro ou um batizado. Falava pouco, mas as duas ou três palavras que pronunciava o transformavam num guru. Ele reuniu mais quatro amigos e naquela noite chorei feito criança. Uma crise que deixou todos perplexos. Até hoje não consegui chorar a morte de meu filho, mas naquela ocasião, talvez por

me sentir impotente diante do desconhecido da falta de explicações para a gravidade do estado de meu filho, não pude me controlar".

Nas semanas seguintes à sua internação, Cazuza chegou a dizer a Ezequiel que pressentia saber que ainda iria morrer de aids. Mas o amigo lhe respondeu ao seu estilo rascante e peculiar:

– Você é muito pretensioso, Cazuza. Você não está com aids porque não é

promíscuo!!!

A eterna briga entre o bem e o mal. Meu filho viveu nessa balança por toda a sua vida. Certamente, pela coragem e fé que demonstrou em todo o período de seu martírio, Cazuza não queria ficar doente, mas viver à beira do abismo era uma terrível tentação. Embora Ezequiel estivesse notando que sua resistência à bebida e às drogas já não era a mesma de antes, a cada noite, um turbilhão de sentimentos rondava o compotamento de Cazuza.

O repertório que havia sido preparado para o quarto disco do Barão foi repartido quando se deu a separação. Cazuza e Zeca resolveram chamar, então, Nico Resende para ajudar na produção do disco. As canções eram ótimas, a principal delas e que identificaria seu primeiro solo, *Exagerado,* parceria com Leoni e Zeca. Cazuza confessou depois que fez a letra pensando em Ezequiel Neves, mas no fundo servia direitinho para defini-lo. O disco foi lançado em novembro de 1985. Depois de sua foto publicada na revista *Veja* e mesmo negando a doença, as especulações sobre o verdadeiro estado de saúde de Cazuza se intensificaram. Em janeiro de 1986, em entrevista à jornalista Mônica Figueiredo, ele negou e ainda filosofou sobre a doença, que já se desconfiava tê-lo atingido:

"Em primeiro lugar, não agüento mais ouvir falar nesse assunto. Uma chatice!

Eu acho o seguinte: todo mundo, hoje em dia, que tem febre ou dor de cabeça, já

acha que está com aids. O bombardeio de informações é enorme, ok, tem que falar, é claro. Mas aí a paranóia é enorme também. Você quer saber mesmo o que eu acho? Eu tive uma 'baronite' aguda. A aids é um complô contra sacanagem e eu não admito abandonar a sacanagem, em hipótese alguma. Isso é coisa do Papa e do Reagan contra a sacanagem. Mas passarinho que come pedra sabe, não é? Eu não vou ter aids".

Capítulo 12

A revelação: choque e pavor

"Não posso causar mal nenhum,

a não ser a mim mesmo"

Mal nenhum

Não sei se pela consciência da solidão, ou pela dor de poeta que carregava em seu peito, a verdade é que meu filho nunca desejou servir de exemplo para ninguém. Tinha verdadeiro pavor em ser reconhecido como um "guru" e, também, de aglutinar seguidores quando se discutia o seu modo de vida. Em entrevistas declarou, várias vezes, que não aconselhava ninguém a segui-Io, nem mesmo um cachorro de rua. Jamais me esqueci de sua inflamada preleção, numa conversa incidental sobre drogas:

– Mãe, nunca se aproxime de droga nenhuma! Você é muito compulsiva, vai gostar e cair de boca no vício.

Também manifestava suas cenas de ciúmes com total veemência. Tinha por hábito reclamar que, toda vez que levava seus amigos em casa, João se trancava no quarto e não aparecia nunca.

– Papai, você acha que meus amigos têm lepra?

Uma dessas noites, João resolveu ficar:

"Cazuza apresentou seus amigos e, depois, passei a conversar com uma moça. Ele encostou perto e disse: está metido a jovenzinho agora? Ficou muito bravo. Em outra ocasião, numa boate, encontrei outra moça, que havia trabalhado na produção de uma capa de disco para a Som Livre. Estávamos conversando quando Cazuza chegou perto, ficou olhando e soltou: menina, circulando, circulando!

Ele era ciumento demais!!!"

Meu filho nunca escondeu seus sentimentos de posse e controle, em relação a mim e a João. Numa de suas apresentações em São Paulo, fui com ele a uma boate da moda, nos anos 80, Madame Satã, um lugar que atraía um público exótico e liberado. Depois da estranheza inicial, comecei a me enturmar e até a ficar mais animada, Cazuza teve um ataque repentino:

– Mamãe, vou te levar para o hotel. Aqui não é lugar para você!!!

Em 1986, aos 28 anos, ele se comportava como um homem na noite, experiente. Com sua simpatia atávica por todos os marginalizados, continuava considerando o máximo o comportamento de todos os transgressores, mas não permitia que sua mãe e nem seu pai se misturassem a eles. A capacidade de perdoar e esquecer de Cazuza se manifestava na mesma intensidade de seus ódios momentâneos. Nesse ponto, acho que puxou a mim. Um exemplo foi seu reencontro com os meninos do Barão Vermelho, alguns meses depois do rompimento. Cazuza e Barão foram convidados para gravar um *Globo de Ouro,* na Rede Globo. Cazuza e Frejat, desde a saída de meu filho do grupo, também haviam interrompido a parceria. O auditório do Teatro Fênix estava vazio, alguns funcionários montavam a luz, o ambiente era calmo, e quando Cazuza, Frejat, Maurício, Guto e Dé se viram frente a frente, tudo passou. Frejat fonta como foi:

"Nos abraçamos com força, confessamos a saudade mútua e não trocamos uma palavra sequer

sobre a sua saída do Barão. Também não falamos nada do fato de nenhum de nós ter ido visitá-lo no hospital. Acho que o resto do grupo nem o procurou para saber notícias – eu é que informava a eles sobre o estado do Cazuza e o Ezequiel também. Depois desse reencontro, tudo ficou melhor entre nós e nossos encontros passaram a representar só diversão, sem a pressão do trabalho em grupo. As vezes, quando coincidia de irmos à mesma festa, ficávamos juntos o tempo todo, deixando até as pessoas intrigadas. Ué, eles não estão brigados?

Tenho a impressão, também, que nossa parceria melhorou. Não só ele como eu estávamos compondo com outros parceiros, mas fizemos muitas músicas boas nesse período, como *Ideologia* e Blues *da Piedade".* Também é de parceria com Frejat a música *Só as Mães São Felizes,* que ouvi pela primeira vez, antes de ter sido gravada, durante uma apresentação de meu filho, no projeto Alternativa Nativa, que aconteceu no Canecão. Estava numa mesa com Ney Matogrosso e alguns amigos quando, mais uma vez, levei um susto imenso. Pelo título da canção, eu imaginei ter sido composta em homenagem a todas as mães e também em minha homenagem. Mas cada verso era como uma bofetada. Com os olhos arregalados, eu olhava para o Ney, apertava a sua mão lhe mostrando em meu semblante não estar entendendo nada:

"Você nunca sonhou /

Ser currada por animais /

Nem transou com cadáveres? /

Nunca traiu seu melhor amigo /

Nem quis comer a sua mãe?

Só as mães são felizes..."

Parecia que todos os olhos de todo o Canecão estavam voltados para mim. Ney Matogrosso disse para eu não ficar nervosa, que a letra era uma imagem, que nada tinha a ver comigo, enquanto eu tentava lhe explicar que Cazuza era muito querido, não era um maior abandonado. Que ingenuidade a minha! Perguntei ao Ezequiel o real significado daqueles versos. Ele explicou e me acalmei. Nunca toquei nesse assunto com Cazuza porque, diante de algumas perguntas minhas, ele costumava me chamar de burra e eu não queria dar a ele esse gostinho. Em fevereiro de 1986, o próprio Cazuza explicou, numa entrevista ao *Jornal da Bahia,* o que tratava a letra da canção:

"Essa música foi feita a partir de um verso de Jack Kerouac, uma frase de um poema dele que me deixou muito intrigado. A frase é muito radical: 'Só as mães são felizes'. Dita desse modo parece que ninguém mais é. Eu usei a frase como brincadeira, porque na verdade a música é uma homenagem a todos os poetas malditos. As pessoas que, de certa forma, vivem o lado escuro da vida, o outro lado da meia-noite. Eu quis fazer uma homenagem a esse tipo de poeta, de cantor, aos loucos da vida. Gente que barbariza, que é santo e demônio ao mesmo tempo. Então ficou como uma homenagem a esses caras. Minha citação de Kerouac é igual como

quando cito Allen Ginsberg, Melodia, Lou Reed e outros, que não lembro agora. O Kerouac está presente apenas nessa frase – só as mães são felizes –, que nem está na música. Canto apenas no final, como uma brincadeira, para dar razão ao título. Mostrar esses poetas é sofisticado, o grande público talvez nem entenda, mas quem curte esse tipo de poesia vai sacar".

Eu entendi o recado. Quando estreou a novela *Mandala,* de Dias Gomes, em outubro de 1987 (no ar até maio de 1988), o *Jornal do Brasil* fez uma matéria na primeira página do Caderno B sobre Jocastas e Édipos. Os entrevistados eram Tônia Carrero e seu filho Cecil Thiré, eu e Cazuza. A repórter perguntou se eu me sentia uma Jocasta. Respondi à pergunta com a maior seriedade. "Claro que não me sinto uma Jocasta. Meu relacionamento com Cazuza é muito saudável." Qual não foi minha surpresa ao ler a matéria publicada, com as inacreditáveis declarações de meu filho sobre o assunto. "Eu gostaria de transar com minha mãe e com meu pai também. Eles são muito gostosos. Mas eu gosto mesmo é de broto, eles estão passados", declarava, entre outros impropérios.

– Cazuza, você não regula bem. Como foi dizer esses absurdos no jornal?

Ele me respondeu, na maior calma e simplicidade, que eu é que errada. Que, diante de uma pergunta ridícula como aquela, eu jamais poderia ter respondido com uma frase séria.

– Você tem que horrorizar. Deveria ter respondido: sim, quero roer meu filho, de garfo e faca!!!

De qualquer maneira, o apelido pegou. Alguns amigos, como o escritor e novelista Gilberto Braga, passaram a me chamar de Jocasta sempre que nos encontrávamos e a imprensa várias vezes se referiu a mim agregando o novo apelido ao nome.

O primeiro show solo de Cazuza aconteceu no Morro da Urca, m 17 de janeiro de 1986. Pouco tempo depois do lançamento de *Exagerado,* a Som Livre mudou sua filosofia e encerrou o cast de artistas. Era chegado o momento de Cazuza mudar de gravadora. Pediu ajuda ao pai para orientá-lo na decisão –

escolher a melhor alternativa, entre as propostas recebidas. Gostava de dizer que estava "em leilão", queria ver quem dava melhores condições para o seu trabalho e seu pai é quem deveria decidir. Finalmente, a Polygram foi escolhida e, por esta gravadora, saiu o segundo disco solo de Cazuza, *Só Se For a Dois.* A fita já estava pronta, a Polygram só prensou e distribuiu. O disco foi produzido por Ezequiel Neves e Jorge Guimarães.

Cazuza queria arrasar no show de lançamento de *Só Se For a Dois* e, por isso, acabou selando um pacto com os empresários Rosa e Mário Almeida. O custo da produção era alto e a pequena platéia do Teatro Ipanema certamente não garantiria a eles o retorno do investimento. Mas Cazuza não queria saber de economizar. Então, acertou com os empresários que, no caso de um possível prejuízo, ele deveria ser dividido ao meio.

O show, realmente, era muito bom. Mas, como se temia, ao final da temporada de duas semanas, se Rosa e Mário tivessem que ar sua parte do prejuízo, seriam obrigados a vender o carro. Cazuza não permitiu que isso acontecesse, de maneira alguma. Acreditava que s empresários haviam sido muito corretos com ele em todo o tempo de trabalho e que não seria justo venderem o carro para pagar parte do prejuízo. Utilizou o dinheiro que havia recebido no contrato com a Polygram para assumir a dívida sozinho. Sequer aceitou cumprir o pacto que havia feito com Rosa e Mário Almeida. O resultado do disco e do show para a carreira de Cazuza foi bastante positivo. A partir desses dois trabalhos ele viveria o momento de maior sucesso e prestígio na vida. Seu coração estava cheio de esperança e vontade de produzir. Inspirado, escrevia furiosamente e, ao mesmo tempo, levava a vida de boêmia de sempre.

Um mês antes da estréia do show *Só Se For a Dois,* Cazuza me alertou para sua saúde – reclamou não estar se sentindo muito bem. Por isso, fez uma consulta com o doutor Abdon Issa, que o examinou e lhe pediu um exame específico. Perguntei quais haviam sido as recomendações médicas, mas meu filho disse apenas: maneirar. Eu sabia que ele jamais faria isso, como confirmou com suas próprias palavras em seguida:

– Não vou maneirar nada. Isso é uma virose boba. Vou me curar logo!

Às vésperas da estréia no Teatro Ipanema, recebemos um telefonema do doutor Abdon Issa, dizendo que precisava conversar comigo e com João. O

resultado do exame que fez em Cazuza estava pronto. Ele pediu que fôssemos ao seu consultório na Clínica São Vicente, pois o assunto era sério e grave. Nem mesmo diante de nossa aflição doutor Issa nos adiantou nada, nenhuma pista. Já se haviam passado dois anos desde que meu filho fora internado pela primeira vez no São Lucas. O fantasma da doença havia se dissipado quase que por completo da minha cabeça, embora os amigos de Cazuza notassem que ele andava debilitado nos últimos tempos.

No dia seguinte ao telefonema, fomos, eu e João, ao consultório do doutor Issa com o coração apertado. O encontro foi marcado para as onze da manhã do dia 26 de abril de 1987 e João imaginava que o doutor Issa iria repetir o mesmo discurso feito pelo médico Clementino Fraga. Cazuza tinha alguma coisa grave, mas não se sabia o quê. Dessa vez, a história seria diferente. Quando o doutor Issa pronunciou as palavras que mudariam nossas vidas para sempre, eu e meu marido sentimos o mesmo impacto, talvez compatível à bala de um canhão arrebentando nossas entranhas:

– Seu filho foi tocado pela aids!

Aturdida, com um zumbido nos ouvidos, não queria mesmo entender o real significado do que o médico dissera. Enquanto João questionava o doutor Issa, meu estômago dava voltas como numa roda-gigante. Eu sabia muito bem o desfecho de todos os casos conhecidos da doença e imaginava o futuro de meu filho. Pensei que nenhum de nós teria forças para suportar.

Deixamos o consultório como zumbis, a dor da angústia machucando o peito: aos trinta anos

de casamento, um casal com um filho único e especial, diante da possibilidade de perdê-lo. Nunca aceitamos a idéia da fatalidade e lutamos até o fim, na esperança de que nosso filho sobrevivesse. Pedimos ao doutor Issa que desse ele mesmo a notícia a Cazuza, pois meu filho não o perdoaria jamais por ter nos contado antes. Ezequiel soube por nós, e lhe pedimos para acompanhar Cazuza ao consultório, para estar a seu lado no momento da revelação.

O drama de Ezequiel era duplo. Convivendo diariamente com Cazuza, ele não podia revelar o segredo, nem mesmo comentar com ninguém, antes que meu filho tomasse a iniciativa de procurar o médico. Numa das noites depois do ensaio, estava com Cazuza em casa a jantar e testemunhou uma cena com João. Meu filho se servia de a dose tripla de uísque, quando o pai lhe perguntou, apavorado:

– Mas você vai beber?

Embora consciente de que Cazuza ainda não sabia de nada, João quase se denunciou com a pergunta. Meu filho não entendeu nada, pois seu pai nunca havia implicado com sua bebida e muito menos e chamado a atenção.

– O que é isso, papai?

Tentamos voltar à normalidade. Ezequiel conta:

"Cazuza relutou muito em ir conversar com o médico. Estava ensaiando o show e parecia ter um grave pressentimento. Tentei estimulá-Io, argumentando que o resultado do teste seria negativo e que, aí sim, ele faria o show tranqüilo, longe das preocupações".

Três dias depois que enfrentamos a terrível verdade, em 29 de abril de 1987, aos 29 anos, Cazuza finalmente resolveu ceder e foi ao consultório do doutor Issa, ao lado de Ezequiel, que ficou na sala de espera. Cazuza não demorou muito. Saiu da sala dizendo ao doutor Issa: tá bem, tá bem, já sei! Ezequiel levantou correndo e foi ao encontro de meu filho, que já procurava a porta da saída.

– O que aconteceu, Cazuza?

– Estou doente! Vamos andar pela praia!

Eram seis e meia da tarde quando os dois sentaram num banco à beira-mar de Ipanema. Cazuza encostou a cabeça no ombro de Zeca, começou a chorar e disse apenas:

– Zeca, eu sei que todo homem que nasce morre um dia, mas eu não mereço isso!

Ezequiel, na época com 51 anos, tinha um amor tão grande por Cazuza que o tratava como a um neto:

– Meu netinho, o teste pode não estar certo. Temos que fazer outro. Temos que confirmar.

E, na tentativa de levantar seu moral e de lhe mostrar que a vida devia seguir em frente, Zeca propôs:

– Que tal a gente ir para o ensaio? Depois comemos alguma coisa lá perto. Mas Cazuza não quis. Pediu que Zeca avisasse Nico Resende, o produtor do disco, que ele não iria e depois falou:

– Zeca, eu vou para a casa dos meus pais, vou voltar para onde tudo começou!

Como descrever aquele sentimento que nos envolveu os três, pai, mãe e filho, na mais triste volta de Cazuza para nossa casa? Como se consola um filho que acaba de descobrir ser portador de uma doença fatal? Em que forças devemos nos agarrar em situações de extrema carga emocional como aquela, quando olhei nos olhos de Cazuza e desejei trocar minha vida pela dele? João fez de tudo para que Cazuza não se entregasse à desesperança.

Estávamos no quarto quando ele chegou e nos abraçou. E João, tocado por um sentimento de onipotência que lhe surgiu na alma, fez um juramento tão veemente ao filho que todos nós acabaríamos nos agarrando a ele:

– Meu filho, você não vai morrer porque eu não quero. Não vou deixar você

morrer. Vou virar céus e terras, vou vender minha alma ao diabo, mas você não morre.

Tentamos lhe explicar, didaticamente, que embora estivesse "tocado" pelo vírus hiv, ainda não havia desenvolvido a doença. E que contra as doenças nós poderíamos lutar. Lembramos que o doutor Issa – que confessou o seu não conhecimento médico sobre aids – nos havia indicado um centro médico em Boston, onde as pesquisas sobre o vírus hiv estavam adiantadas.

Não consegui controlar as lágrimas, um sacrifício quase impossível, mas pude dizer a meu filho qual seria, naquele momento, a maneira pela qual eu me oferecia para estar a seu lado em nossa dura caminhada daqui em diante:

– Cazuza, todas as vezes em que você estiver sofrendo muito, pode descontar em mim do jeito que quiser. Pode jogar em cima de mim todo o ódio que você sentir do mundo. Eu seguro. É a única coisa que posso fazer: dividir com você

esse sofrimento.

Realizei toda a catarse do choro convulsivo naquela noite em que Cazuza não voltou para sua casa e dormiu conosco, os três na mesma cama. Mas jurei com todas as forças a mim mesma que essa cena jamais se repetiria. Eu nunca mais choraria por causa dessa doença na frente de meu filho. Disso, ao menos, eu poderia poupá-lo. O lamento, no caso, não ajudaria em nada. Ao contrário, faria com que ele se lembrasse a todo momento de que sua inteligência não merecia ser aviltada com falsas esperanças. Todos nós conhecíamos, naquela época, o desfecho de um doente contaminado pelo vírus hiv, mas isso não queria dizer que o deixaríamos entregue à própria sorte. Havia sempre a possibilidade de a pesquisa científica

se impor à indústria farmacêutica e o mundo ser beneficiado com novas descobertas. Não só eu como João iríamos até o fim do mundo se qualquer chance de cura viesse a surgir, fosse ela qual fosse. Da ciência de ponta à crendice popular. Cazuza encontrou a força e o apoio necessários para não parar a história naquela encruzilhada em que a vida nos estacionou. O tempo não pára. E era urgente viver. Depois que a tumê do show *Só Se For a Dois* acabou, embarcamos para nossa primeira viagem a Boston, Estados Unidos. Ezequiel Neves foi conosco. Estávamos no fim de maio de 1987.

Capítulo 13

Boston , estado crítico

"Eu vi a cara da morte e ela estava viva"

Boas novas

Ainda aturdidos pelo soco no estômago que destino nos reservou e torcendo para que o primeiro mundo nos salvasse de um fatal diagnóstico, embarcamos para Boston, escala em Nova York. Duas pessoas no Brasil nos ajudaram nessa primeira viam, para que conseguíssemos ser atendidos pelo doutor Sheldon Wollff chefe da Clínica Médica do New England Medical Center e embro do Programa de Combate à

Aids, instituído pelo governo dos Estados Unidos, e que nos fora indicado pelo doutor Abdon Issa. Desembarcamos no verão americano de 1987, munidos de duas cartas de recomendação: uma, do jornalista Evandro Carlos de Andrade, que o conhecia, e outra, do doutor Ivo Pitanguy, amigo íntimo do doutor Wollff, que, muito atencioso, acompanhou de perto todas as internações de Cazuza. Nos hospedamos num hotel em Boston no mesmo dia da consulta. Ezequiel viajou conosco, mas na hora de sair para a consulta, Cazuza determinou:

– Você e Zeca ficam no hotel. Vamos só eu e meu pai. Não sou nenhuma criança!

Obedecemos e nos vimos diante de uma expectativa alucinante, uma mistura de medo e esperança. Minha sensação era a de ter chegado à beira de enfrentar uma injustiça inaceitável. Por que meu filho? E, ainda por cima, num momento que poderia ser o melhor de toda a sua vida, o instante em que havia encontrado seu caminho de sucesso. Quando ele e João voltaram do New England Medical Center e entraram no quarto, Cazuza parecia revoltado. Perguntei:

– E aí?

– E aí o quê? O que você queria? Que ele dissesse que eu não tenho aids?

Tenho, sim, foi confirmado o diagnóstico.

Novo soco no estômago. O doutor Sheldon Wollff não só atestou que Cazuza era portador do vírus hiv como fez as mesmas recomendações de nosso médico brasileiro. Era preciso se cuidar: boa alimentação, hábitos saudáveis e um belo adeus à bebida e às drogas. Eu sabia

muito bem que meu filho iria se rebelar contra isso. João, que conversou longamente com a equipe que examinou e fez os testes em Cazuza, relembra o que lhe disseram os médicos americanos:

"Criamos uma expectativa muito grande quanto a esses primeiros exames em Boston. Mas o resultado não deixava porta aberta para a possibilidade de erro: os testes haviam passado por quinze laboratórios. Em 1987, nem mesmo nos Estados Unidos e nem mesmo a maior autoridade no assunto, o doutor Sheldon Wollff, tinham a menor idéia do que era essa doença. Só para se ter uma idéia, as primeiras recomendações foram no sentido de não se comer no mesmo prato que o doente, não usar as mesmas roupas, não beijar. Todos os seus objetos de uso pessoal deveriam ser esterilizados. Eles realmente não tinham conhecimento do assunto, ainda".

Deixamos Boston com uma certeza apenas: o organismo de Cazuza estava debilitado, porque o vírus destruía suas defesas e ainda não existia medicação capaz de controlar seu avanço. O perigo estava nas chamadas doenças oportunistas. Por isso, insistimos muito para que Cazuza , voltasse a morar conosco. Ele não aceitou a idéia em hipótese alguma. Queria um apartamento, uma cobertura com vista e uma piscina. Depois de muita procura, lembrei que uma amiga, Giddie Vasconcelos, era dona de uma cobertura na Lagoa, ao lado daquela em que havíamos morado, e que estava fechada. Era enorme, com vista para o Cristo Redentor e uma bela piscina. Visitei o apartamento num sábado e minha amiga e seu ex-marido disseram que fariam qualquer negócio conosco. Minha vontade era a de que Cazuza se mudasse imediatamente para lá, para aproveitar aquela paisagem maravilhosa e todo o conforto do lugar. Eu sabia, embora não aceitasse, que seu tempo era curto. Uma dor fulminante me sugava para o epicentro de um tornado, quando imaginava ser mãe de um filho que iria morrer!!!

Muitas vezes, perdia o meu olhar nele, pedindo aos céus uma força sobrenatural que pudesse gravar aquela imagem para a eternidade. Cazuza não gostava nada desses meus devaneios:

– Mamãe, quer parar de olhar pra mim? Você fica me olhando de um jeito que me constrange!

Levei Cazuza para conhecer o apartamento da Lagoa, depois de um show, às onze e meia da noite daquele mesmo sábado. Ele entrou, sentou e ficou admirando a vista. Parecia estar a bordo de um navio – ele no comando e a lagoa no seu horizonte, de ponta a ponta.

– Você gostou?

– Eu não mereço. É bom demais para mim! É bom demais pra mim!!!

– Meu filho, você merece muito mais do que isso. Você merece o triplo.

Liguei para minha amiga Giddie. Ela queria 250 mil dólares e Cazuza tinha 60. Conversei com o João, que completou o restante e nosso filho jamais soube o real custo daquele apartamento. No final de semana ele viajou para novo show, quando aproveitei para fazer a mudança de seu apartamento do Jóquei e coloquei tudo no lugar. Quando ele chegou de viagem na segunda-

feira, a cama já estava prontinha para ele dormir, a geladeira cheia, a casa abastecida. A compra do novo apartamento aconteceu em julho de 1987, i dois meses depois que Cazuza descobriu ser portador do vírus hiv. Como eu previa, ele nem sequer levou em consideração as advertências do doutor Sheldon Wollff. Ao contrário, não deixava de fazer nada do que queria. Depois de uma apresentação do Barão Vermelho, Cazuza inaugurou o apartamento com uma festança para duzentos convidados.

Foi na casa nova que, em agosto desse mesmo ano de 1987, Cazuza reuniu os empresários Rosa e Mário Almeida, para um jantar de despedida. Não sobravam mágoas daquele relacionamento de cinco anos. Eles sempre foram corretos com meu filho, que, naquele momento, antevia uma guinada em sua carreira e queria estar solto para novos vôos. Nesse curto período, a vida de meu filho chegou perto do normal – ele fazia shows, compunha e dava festas.

Mas no dia 6 de outubro de 1987 um novo pesadelo estava para começar. Mais uma vez um telefonema de Cazuza foi motivo de apreensão: uma gripe fortíssima o estava incomodando bastante e ele queria ir para nossa casa. A febre subiu incontrolavelmente, o médico foi chamado às pressas e Cazuza internado na Clínica São Vicente. O momento crítico foi contornado à base de fortes antibióticos, embora a febre prosseguisse firme, inabalável. A equipe médica não conseguia descobrir o que provocava a febre alta, de onde vinha a infecção. Foram absolutamente sinceros ao nos confessar sua ignorância médica sobre o vírus hiv. Nos dezoito dias de internação, Cazuza e Frejat trabalhavam todas as tardes numa nova canção. Sentavam-se na varanda, onde Cazuza gostava de tomar sol, banhos de mangueira e cantar. Talvez inspirado pelo incômodo que sentia a cada vez que um conhecido lhe abraçava forte e sussurrava em seu ouvido: força!, ou pelos olhares consternados que passou a detectar em várias pessoas, Cazuza tenha escrito a letra de Blues da Piedade. Ele cantou a música para mim e Zeca e também para sua vizinha de quarto, uma senhora bem velhinha que só apareceu no final, para aplaudir e confessar que havia adorado a canção. Seus versos falam de:

pessoas de alma bem pequena/

gente que não muda quando é lua cheia/

Pedem:

Piedade

Senhor, piedade pra essa gente careta e covarde/

E propõem:

cantar pras pessoas fracas/

que estão no mundo e perderam a viagem/

somos iguais em desgraça/

piedade senhor pra esta gente/

pra essa gente careta e covarde/

lhes dê grandeza e um pouco de coragem

Em 24 de outubro, uma segunda-feira pela manhã, a equipe do doutor Issa esgotou todas as suas tentativas. A febre de Cazuza não baixava com nenhum dos antibióticos disponíveis no Brasil. Foi quando nos aconselharam a levá-lo novamente aos Estados Unidos, onde talvez pudesse receber um tratamento mais adequado. Foi necessário armar um esquema de emergência. Todos os dias havia plantão da imprensa na porta do hospital e, naquele momento, queríamos evitar que Cazuza falasse abertamente sobre o assunto para protegê-lo de tudo, principalmente do preconceito. Fugimos, literalmente, da imprensa acampada na Clínica São Vicente. Deixamos o hospital às escondidas e com destinos diferentes: fui para casa fazer as malas, João para o escritório providenciar a produção da viagem e Cazuza para a casa de minha irmã Christina, no Leblon. Ali ficou até a hora do embarque, que aconteceu na noite do mesmo dia 24 de outubro. Fomos num grupo de Cazuza, João, eu, Ezequiel Neves e a doutora Teresa Calicchio, ente do doutor Abdon Issa. Na conexão em Nova York, Clara Davis, que vive nos Estados Unidos, se agregou ao grupo. Ao longo de toda a doença de Cazuza, Clara nos ajudou em tudo o que foi possível, inclusive servindo como intérprete em nossas inúmeras conversas com médicos. Ali também, um episódio revelador me faria admirar a generosidade extrema e desinteressada de Cazuza. Esperávamos a chamada para o embarque, quando um rabino passou mal e caiu no chão, ao lado da filha. Todos se afastaram, já que nos Estados Unidos as pessoas fogem desse tipo de situação, por temer o envolvimento com a justiça. Cazuza correu para ajudar o velho rabino. Sentou-se no chão, colocou a cabeça dele em suas pernas enquanto consolava a filha. O rabino já

estava morto. Uma cena comovedora.

Nos hospedamos no Hotel Copley Plaza, em Boston, e Cazuza voltou ao New England Medical Center. Vinte e quatro horas depois da internação identificaram um fungo nos pulmões. Havia uma maneira de combatê-lo através de um medicamento chamado Anfotericina, mas cujas reações colaterais poderiam resultar terríveis, o que justificava o apelido do remédio entre os médicos: anfoterrible. Não havia o que discutir e as reações foram mais do que terríveis. Cazuza tinha convulsões violentas. Na cama, em desespero, se agarrava em meus braços e pedia em desespero:

– Mamãe, me ajuda. Pelo amor de Deus, me ajuda!

Ao presenciar sua primeira convulsão, saí correndo pelo corredor pedindo ajuda. Esses estados alterados de meu filho duravam em média cinco minutos, que pareciam séculos extenuantes para todos os que lidavam com aquela situação de emergência. Um dos médicos já havia me alertado quanto à possibilidade de os pacientes em pós-convulsão sofrerem uma perda temporária de memória. Numa das calmarias que se seguiram ao descontrole, Cazuza acordou com os olhos estranhos. Falou em tom dramático:

– O que estou fazendo aqui? Que lugar e esse? Quem é você? O que está

fazendo no meu quarto? Diga!

Minhas lágrimas correram soltas e, definitivamente, entrei em desespero:

– Meu Deus, meu filho não me reconhece mais! Ele perdeu a memória!

Cazuza começou a rir, numa gostosa gargalhada. Olhava para mim sem se conter:

– Mamãe, quer deixar de ser boba? Como não vou reconhecer a chata que pega no meu pé todo dia? O minha passarinha, eu te amo!

"Passarinha" era o jeito como João me chamava e Cazuza adotou o apelido. Ambos sempre me chamaram assim.

Foi esse, certamente, o momento de maior descontração dessa tensa temporada em Boston. Dez dias depois da internação, com Cazuza no CTI, dispensamos a assistente do doutor Issa que viera do Brasil nos acompanhando, pois ela praticamente não pôde fazer nada por seu paciente. João sequer pestanejou para usar nosso patrimônio no tratamento de Cazuza, cujos gastos foram monumentais. Mas o episódio com essa doutora nos magoou muito e pressentimos quantos outros mais teríamos ainda que enfrentar no futuro: ao apresentar a conta de seus vencimentos, ela recebeu mais do que todo o dinheiro gasto na internação de Cazuza no New England Medica! Center.

No leito de seu quarto de hospital, Cazuza não conseguia suportar os efeitos colaterais da anfoterrible. Foi necessário transferi-lo para o Centro de Terapia Intensiva, o CTI. Passou ali onze dias, entre a vida e a morte. Em qualquer lugar do mundo é proibido aos acompanhantes permanecer no CTI. Mas essa regra não serviu para mim. Driblei um a um os impedimentos, a rigidez americana e seu intransigente respeito às regras. Não saí do lado de meu filho: sentada numa cadeira ao lado de sua cama, dormindo no chão, eu sempre encontrava um jeito. Meu comportamento, aos olhos do hospital, se assemelhava ao de uma maluca, fora de controle. Eu os ameaçava com impropérios: podem chamar a polícia, podem trazer revólver, qualquer coisa, mas não saio daqui. Às vezes ia descansar no corredor, mas os gritos desesperados de Cazuza me levavam de volta ao CTI:

– Mamãe, não me deixa sozinho!!

– Não vou deixar, meu filho. Eu fico aqui de qualquer maneira!

As visitas permitidas duravam quinze minutos a cada hora. Era quando João e Zeca entravam para vê-lo. Ezequiel não se rebelou contra nenhum dos procedimentos estabelecidos para visitantes do CTI – passava pela esterilização e vestia as roupas apropriadas mas, quando ao chegar perto da cama, não conseguia dizer palavra. Numa das visitas, ajoelhou-se e beijou a mão de Cazuza, que reagiu enfurecido:

– Pára, porra. Sai fora daqui, seu velho. Até parece uma ave de mau agouro!!!

Com João, o clima era sempre emocionante. Meu marido simplesmente não conseguia testemunhar o sofrimento do filho. Seu desabafo:

"Tive um único momento de coragem dentro daquele CTI. Sou uma pessoa muito covarde para suportar o sofrimento, principalmente a dor das pessoas que amo. Além disso, sofro de claustrofobia e não posso ser amarrado. Cazuza estava amarrado à cama do hospital e era difícil para mim vê-lo naquele estado, todo preso, impedido de se movimentar. Então eu desamarrava as fitas e ficava segurando seus braços com carinho, para que ele não soltasse os tubos em que estava ligado". Certamente foi um ato de coragem de João, porque em geral suas visitas a Cazuza eram rapidíssimas. Ele entrava, dava um beijo no filho e dizia que precisava sair para resolver alguma coisa ou para fumar. Meu filho percebia e brincava com o comportamento do pai:

– Papai parece a Xuxa, é beijinho, beijinho, tchau, tchau!

Nos corredores do New England Hospital, pela primeira e última vez, eu e João choramos pela sorte de nosso filho. Entre abraços e lágrimas, eu lamentei:

– Não sei o que será da minha vida sem Cazuza. Eu vou morrer com meu filho! A vida não vale nada sem ele!

E João, sempre firme, me consolou:

– Nós vamos superar isso tudo. Vamos viver da lembrança dele, das coisas boas que ele vai nos deixar. Ainda temos um ao outro!

Passados cinco dias de internação no CTI e o quadro de Cazuza não acusando nenhuma melhora, João resolveu trazer minhas irmãs do Brasil para estarem comigo no caso de um desfecho mais grave. Inventamos uma desculpa esfarrapada para a presença delas em Boston, mas meu filho, quando soube, não agüentou e observou com a língua ferina de sempre:

– Que bom! Elas vieram pra se despedir e ver o enterro. Vai ser super concorrido, aqui em Boston, debaixo de neve. Já pensou que chique morrer assim?

Nem por isso deixou de alugar uma limusine para que suas tias passeassem por Boston. Dizia que elas nunca haviam entrado num carro como aquele e, por isso, ele desejava lhes dar essa alegria. Conectado ao mundo pelos tubos de respiração e medicamentos, Cazuza perdeu a noção do dia e da noite. Com a respiração difícil, seu instinto era o de arrancar os tubos. Também delirava. Muitas vezes, cantou uma canção desconhecida para mim: "ideologia, eu quero uma pra viver". Perguntei ao Zeca que música era aquela, e ele me informou que era para o disco novo e que Cazuza e Frejat haviam começado a trabalhar nela antes da crise. Meu sentimento de revolta era tão grande e incontrolável naquele momento que cheguei a dizer para Ezequiel:

– Se meu filho morrer, nunca mais vou deixar que alguém cante suas músicas. Nunca mais.

Ezequiel ficou pasmo e me chamou à razão:

– Lucinha, você não vai fazer isso porque você não é má!

Mas continuei na mesma ladainha, replicando que eu era má, sim, e que jamais daria autorização para quem quer que fosse gravar as músicas de Cazuza. Felizmente, tudo não passou de um ataque de ódio pela vida, mas o episódio ilustra por onde minha alma vagava enquanto meu filho perdia as forças num CTI. Não há

nada que me faça mais feliz do que saber que Cazuza, até hoje, é regravado. Cássia Eller gravou em maio de 1997 um disco lindo em sua homenagem, só com músicas do repertório de meu filho. Ney Matogrosso também me contou de seus planos para fazer algo semelhante em 1998.

A dificuldade para respirar ainda era grande quando os médicos nos sugeriram tentar uma traqueostomia. Horrorizada, pensei no futuro. O que seria de um cantor depois de uma traqueostomia? Isso seria fatal para a carreira dele. Quando Cazuza ouviu as minhas preocupações, respondeu com a maior lição de coragem que tive na vida:

– Mãe, não tem importância. Eu não era bom cantor mesmo. Eu posso continuar fazendo letra, continuar compondo.

Enquanto ainda se discutia essa hipótese, uma médica entrou no CTI com uns papéis para Cazuza assinar. Ela trazia um termo de responsabilidade para que os médicos pudessem tentar uma nova medicação, ainda fora do mercado, o Fluconazole, fabricado pelo laboratório Pfizer.

O próprio Cazuza assinou a autorização. Duas pílulas pequenas, uma pela manhã e outra à noite. E 24 horas de espera. O sangue pareceu ter voltado a correr nas minhas veias quando Cazuza finalmente superou a crise. O remédio funcionou. Depois das primeiras 24 horas, ele saiu do CTI, embora tenha permanecido por mais sete dias no hospital, para se recuperar dos onze dias estirado na cama, plugado a aparelhos. Seus músculos não respondiam às tentativas de movimento e Cazuza estava bastante enfraquecido. Fora isso, a esperança estava de volta na forma de um novo remédio: o AZT. Não tínhamos ainda a menor idéia do que isso significava, apenas confiança.

João, nessa nossa mais dramática estada em Boston, fez inúmeros discursos para Cazuza, cujos efeitos eram visivelmente animadores. Ele conta:

"Nas horas de discurso eu crescia como um Hitler. Sabia que, durante minhas preleções inflamadas, ele se sentia bem. De vez em quando lhe mostrava, por exemplo, um artigo de jornal que havia lido sobre a cura da doença, de longe, para que ele não conferisse. Sentia que as minhas palavras sobre a cura possível, e as informações que lhe passava como, por exemplo, lhe dizer que ninguém mais estava morrendo daquela doença, eram uma carga de

esperança para ele, embora falsas. E

sabe por que eu fazia isso? Porque eu acreditava em tudo o que dizia! " Foi nessa internação complicada que Cazuza, pela primeira vez, se queixou ao pai de um episódio acontecido no passado, como João relembra:

"Não foi propriamente uma queixa, mas Cazuza tinha um certo lamento na voz ao dizer: pai, lembra quando você me levava para jogar futebol naquele clube de São Conrado? Pois é, você devia ter sacado que meu negócio era outro. Quem sabe se você tivesse me levado a uma Escola de Belas-Artes eu não me sentiria mais feliz? E eu me justifiquei dizendo que eu podia ter errado quando o levei ao futebol, o fiz na certeza de que um pai deveria, pelo menos, mostrar ao seu filho quais eram os seus prazeres".

Devota de Santa Rita, em todas as minhas viagens com Cazuza, carreguei a imagem comigo. Esteve presente em todos os quartos de hospital que meu filho ocupou. Foi a ela que recorri em todos os momentos de sofrimento. Cazuza dizia:

– Mamãe, que coisa horrível, parece macumba!!!

Nem dei ouvidos para suas reclamações, pois rezava noite e dia para que meu filho se recuperasse. Nas viagens seguintes, Cazuza chegou até a sentir a falta de Santa Rita. "Deixa a santa aí enquanto estiver dando certo", dizia. As sessões de fisioterapia reabilitaram Cazuza e, dias depois, ele foi liberado para se transformar em out patient. Fomos para o hotel, mas suas visitas ao hospital deviam ser diárias. Nos hospedamos em três quartos vizinhos no Hotel Four Seasons, e saíamos quase todos os dias para almoçar fora e conhecer cidades próximas.. A primeira vez em que Cazuza desceu para caminhar, saiu devagarzinho, andando com dificuldade, amparado pelo braço de Zeca para atravessar a rua e sentar no parque em frente ao hotel. Havia nevado à noite e era uma daquelas manhãs de inverno ensolarada. Cazuza levou sucrilhos e biscoitos para dar aos esquilos e ficou ali, rodeado deles, com a cabeça baixa. De vez em quando, uma lágrima silenciosa descia por seu rosto.

Ainda no Hotel Four Seasons tivemos que enfrentar outro momento de pânico quando soou o alarme de incêndio. A ordem era desocupar o hotel com a roupa do corpo e não utilizar os elevadores. Estávamos no quarto andar e descemos devagarzinho com Cazuza apoiado em meu braço de um lado e, de outro, no de minha sobrinha Cláudia, que ficou em Boston para me ajudar. Finalmente, quando alcançamos a rua, vimos João, fumando desesperadamente, as feições em pânico. Sua claustrofobia se manifestara mais uma vez e Cazuza não resistiu à piada:

– Pai, que absurdo. Você largou a gente lá e desceu as escadas correndo feito louco, atropelando as velhinhas. Passamos por várias delas caídas no chão, pisoteadas por você!

Atônitos vimos então Clara Davis sair do elevador toda arrumada, calmíssima. Há 25 anos vivendo entre os americanos, ela já estava acostumada com aquele tipo de procedimento. Foi apenas uma simulação de incêndio. O gerente do hotel se viu obrigado a ouvir as nossas

reclamações.

Essa rotina da vida no hotel durou quase um mês, pois só voltamos ao Brasil em dezembro de 1987. Zeca gosta de contar que foi "expulso" de Boston por Cazuza, como lembra:

"Ele gritava para mim: sei que você gosta de drogas. O AZT é a melhor droga do mundo. Estou perdido. Você vai roubar os meus remédios todos!"

João embarcou na frente para preparar nossa chegada, junto com Zeca. E foi graças ao esquema montado por ele que conseguimos desembarcar com facilidade, porque, durante o vôo, a febre de Cazuza voltou e não houve Novalgina que a controlasse. Meu filho saiu do avião direto para uma Kombi estacionada na pista de desembarque e rumou para casa, enquanto minha sobrinha Cláudia e eu desembaraçávamos a bagagem e fazíamos alfândega. No dia seguinte, Cazuza pediu que eu servisse um grande almoço a seus amigos. Revelou a todos que estava com aids, que já tomava AZT e explicou, em detalhes, seu calvário no CTI. Todo o relato, é claro, em tom de deboche e ironia, o que quebrou o clima pesado da revelação e provocou muitas risadas. Cazuza tinha permanecido dois meses longe de casa, mas a recuperação no Brasil foi ainda mais rápida e esperançosa. No réveillon de 1987, Cazuza promoveu uma grande festa em seu belo apartamento na Lagoa. Recomposto pelas primeiras doses do AZT, ganhou uma nova energia pára enfrentar o ano-luz de sua carreira: sucesso e reconhecimento que chegariam com o disco e o show *Ideologia*.

Capítulo 14

AZT, o soro da verdade

"Meu prazer agora é risco de vida"

Ideologia

Cazuza/Frejat

Uma urgência febril tomou conta de meu filho depois de escapar da última crise, no CTI do New England Medical Center. Consciente de que seu tempo era curto, Cazuza não queria desperdiçar as energias conquistadas a duras penas e a melhora visível que o medicamento AZT lhe proporcionou no começo do tratamento. A dose administrada de AZT, porém, era brutal – doze comprimidos por dia. Ao longo de 1988, ele sofreria os efeitos colaterais do remédio. Um deles foi o começo da perda de cabelo – na verdade, além de escassearem, os cabelos ficaram mais lisos e finos. Por isso, Cazuza passou a circular com uma bandana amarrada na testa, criando um novo tipo, que ele chamou de "eu sou neguinha". A palavra de ordem de Cazuza em 1988 foi: urgência!!!

Distribuía as letras que escrevia freneticamente a parceiros mais variados Angela Rô Rô, João Donato, Fagner, Joanna, Lobão. Mandou uma para Maria Bethânia, que se chamava Quando Eu Estiver Cantando. Uma semana depois, sem paciência para esperar que o músico de Bethânia fizesse a melodia, mandou pegá-la de volta. A enviou, então, para João Rebouças,

seu compadre e tecladista da banda que o acompanhava e que acabou fazendo a música, que Cazuza mesmo gravou. Elymar Santos e Renata Arruda também registraram em disco a canção, tempos depois. Mas a aflição de Cazuza era indomável: se mandasse uma letra para um parceiro hoje, queria a música de volta no dia seguinte. A trégua temporária que a doença lhe deu afetou quase euforicamente a todos nós. As vezes, até me esquecia do assunto para me agarrar à vida normal do cotidiano e acreditar nas preleções de João: meu filho ainda iria sair dessa cilada!

Antes mesmo de entrar em estúdio para o novo disco, Cazuza resolveu contratar sua velha amiga, Márcia Alvarez, como empresária. Ela o conhecia desde os 19 anos, época em que já trabalhava com Caetano Veloso. Foram colegas de Baixo Leblon e se encontraram inúmeras vezes nos almoços de domingo que aconteciam na casa de Caetano. Marcinha assinou a produção executiva e a coordenação geral do disco *Ideologia*, gravado entre janeiro e fevereiro de 1988, nos estúdios da Polygram. Ezequiel e Nilo Romero dividiram a produção. O disco foi lançado no mesmo mês de abril em que meu filho completou 30 anos. A crítica o consagrou como seu melhor trabalho, louvando com cada vez mais ênfase o poeta antenado que ele se revelava. Brasil uma das canções do CD, serviu de abertura para a novela das oito da Globo, Vale Tudo, de Gilberto Braga, na voz de Gal Costa. Na mesma novela, a música Faz Parte do Meu Show, interpretada por ele também, foi escolhida como tema da personagem vivida por Lídia Brondi. *Brasil*, parceria de Cazuza com Nilo Romero e Jorge Israel, foi composta originalmente como tema do filme Rádio Pirata, do mesmo Lael Rodrigues que havia dirigido Bete Balanço. Aconteceu, também, a primeira indicação para o I Prêmio Sharp de Música. No ano de 1988, o Prêmio Vinícius de Morais, para o melhor cantor pop/rock e a melhor música, foi de Cazuza. A música Preciso Dizer Que Te Amo, feita em parceria com Bebel Gilberto e Dé, do Barão Vermelho, na gravação de Marina. O cheque que meu filho recebeu na premiação foi um dos presentes mais emocionantes que recebi. Cazuza queria que eu comprasse uma jóia para mim e optei por um cinto de crocodilo, com um fecho de âmbar e ouro, criado por sua amiga Francis Botelho, joalheira que vivia em Nova York nessa época. Optei pelo cinto e não pela jóia, em função da promessa que fiz a Santa Rita pela saúde de Cazuza – passei sete anos sem colocar uma jóia no corpo. Talvez com essa atitude de me presentear Cazuza quisesse aliviar um pouco da frustração que sentia ao reclamar:

– Todos os meus amigos que ficaram bem de vida compraram, um apartamento para os pais. Nem isso eu posso fazer!

Desde que Cazuza ainda fazia parte do Barão Vermelho, Ney Matogrosso sonhava em dirigi-lo. A oportunidade surgiu quando o disco *Ideologia* chegou às lojas e Cazuza queria mostrá-lo no palco. Ney relembra:

"Quando ele me pediu para dirigir o show, pressenti que seria o nosso último grande encontro. Eu sabia que deveria fazer aquele trabalho para ele. Quando começamos, disse: Cazuza, o mais importante em sua história musical é o seu pensamento! Então, não se preocupe em preencher o palco, em dançar, pular pra lá

e pra cá. Na verdade, ele já não podia fazer essas coisas, mas recomendei que ficasse

paradinho e apenas cantasse. Que deixasse a luz se mover, permitisse que a luz desse o movimento de todo o espetáculo. Conversamos e, em dois dias, o roteiro estava pronto na minha cabeça. Cazuza não queria terminar o show com *O*

Tempo Não Pára, mas era a última composição dele e, embora não fosse uma música para cima, era a síntese de um pensamento muito importante para aquele momento que a gente vivia no Brasil".

O show terminou mesmo com *O Tempo Não Pára*, mas para o bis, Cazuza escolheu Faz Parte do Meu Show, mais alegre. Juntos, Ney e Cazuza decidiram o figurino do show: um terno de panamá branco, com uma blusa de seda branca, de mangas curtas, assinados pelo estilista Gregório Faganelo. A bandana da cabeça, ele trocava toda noite. Para acompanhar Cazuza e ajudá-lo em tudo o que fosse preciso, inclusive se responsabilizar pelos horários dos remédios – que eram muitos

–, Fernanda Pessoa, a Nandinha, foi contratada como secretária particular de Cazuza.

Ideologia estreou no pequeno palco do Aeroanta, em São Paulo, no dia 17 de agosto de 1988. Estávamos lá, aplaudindo nosso filho ao lado de uma platéia emocionada e eufórica. Dividi a mesma cadeira com Caetano Veloso e, do outro lado, sentou-se Lucy Barreto. Os dois comentaram: gente, olha essa imagem: "eu vejo um museu de grandes novidades!" Que é isso? Esse garoto é louco! Que maravilha. A imprensa o descreveu no palco como um anjo branco, moldado pela luz que Ney operou pessoalmente no dia da estréia.

Quando esse mesmo show chegou ao Canecão, no Rio de Janeiro, Cazuza me mandou um recado cortante no final da canção Só as Mães São Felizes. Ele trocou as palavras finais para me dizer, cantando:

– Só as mães são felizes/Outras são infelizes/Não podem mudar a vida.

Naquela noite, João reservou a lotação completa do restaurante paulistano Manhattan para, juntos, comemorarmos a estréia. Uma noite de alegria para todos e especialmente para João, que sentiu orgulho pelo filho:

"A combinação entre Cazuza e Ney foi maravilhosa. Aquele, para mim, foi seu primeiro show profissional. De alguma maneira, as observações que eu havia feito sobre seu trabalho, no passado, serviram como que para asfaltar um pouco seu caminho profissional. Só no Canecão assisti ao show cinco vezes".

E eu, todas, sem falhar nenhuma. Em São Paulo, Rio, Salvador. Em Porto Alegre, João me acompanhou. Na platéia, me escondia como uma anônima fã. Meu filho não gostava muito desse meu hábito, mas eu não ligava, nem mesmo quando ele me repreendia:

– Que horror isso, você me seguindo por toda a parte! Parece uma tiete alucinada. Você não sabe que roqueiro não tem mãe?

Terminado o jantar no Manhattan, João e eu fomos para o Hotel Maksoud Plaza. Cazuza preferiu se hospedar com o resto da equipe o Eldorado Higienópolis. A noite, que começara maravilhosamente, terminaria em escândalo e confusão. A empresária Márcia, a secretária Nandinha estavam no quarto de Cazuza quando receberam um telefonema da portaria. Alguns meninos da banda queriam subir acompanhados e os funcionários do hotel não queriam permitir. Marcinha lembra:

"Cazuza começou a reclamar do hotel, dizer que era uma porcaria, que tinha mudado muito, querendo que todos nós saíssemos dali. 'O telefone tocou novamente com o mesmo problema, só que desta vez algum músico queria subir com uma garota. Cazuza ficou furioso. Queria descer à portaria de qualquer jeito. Tentamos segurá-lo, mas ele ficou realmente raivoso. Foi uma cena. Não foi possível acalmá-lo e ele pegou um dos elevadores. Desci pelo outro, enquanto Nandinha corria pelas escadas, mas quando chegamos na recepção, a confusão estava armada" .

Cazuza discutiu com todos e, no auge do seu descontrole, enfiou o pé na porta de vidro do Eldorado, que se quebrou em pedaços. O segurança do hotel sacou uma arma e Cazuza resolveu enfrentá-lo, abriu a camisa e o desafiou:

– Atira, seu filho da puta! Vamos ver se você é homem mesmo para atirar!

Funcionários da Som Livre, também hospedados ali, ajudaram a apaziguar a briga e, mais calmo, Cazuza se conscientizou do risco imenso que havia corrido, ao despedaçar uma porta de vidro com seu próprio corpo. Qualquer ferimento poderia lhe trazer sérios riscos de infecção. Quando tudo terminou, meu filho não quis mais ficar no hotel, de jeito algum. Pediu que o levassem para o Maksoud, perto de mim e de João. Nandinha providenciou a troca, esperou que ele dormisse e voltou para o Eldorado, de madrugada. João e eu só ficamos sabendo de toda a história no dia seguinte. Pedi, então, ao camareira que abrisse a porta de seu quarto. Cazuza dormia tranqüilamente.

Acabada a temporada no Aeroanta, o show *Ideologia* seguiu em turnê por todo o Brasil. O disco já registrara uma marca de 500 mil cópias vendidas e o show era um grande sucesso de bilheteria. Mas a ação do AZT, associada à vida de bebidas e drogas que ele insistia em continuar levando, perturbou meu filho a ponto de ele passar a provocar situações incontroláveis. Embora em cada cidade a produção providenciasse uma ambulância para dar plantão nos locais de show, o mais difícil era dominar o gênio de Cazuza. Ele chegou a declarar que, por não acreditar em vida depois da morte, queria viver todo o possível, chegar às últimas conseqüências. Às vezes, dizia estar acometido pela síndrome do doente terminal. Outras, que havia tomado o soro da verdade. Nessas horas, ninguém controlava sua língua ferina, seus comentários de fria crueldade. Durante a turnê de *Ideologia*, vários episódios fizeram palpitar o coração dos que o acompanharam. Em Belém, por exemplo, ele suportou um mal-estar até o final do show e, depois do último verso de *O Tempo Não Pára*, caiu para trás, desmaiado. Marcinha relembra:

"Eu estava na mesa de luz e, não sei como, em dois segundos, estava no palco, retirando Cazuza e o levando para o CTI da ambulância. Acho que era muita luz, muito calor e muita emoção. Mas Cazuza conseguiu segurar até o fim. Aí

desmaiou".

Quando *Ideologia* voltou para São Paulo, desta vez para uma temporada no Palace, Cazuza ofendeu a platéia durante uma apresentação. Achava que a turma lá

de trás estava muito mais interessada no show do que aqueles que ocupavam as primeiras mesas. Quando percebeu uma mulher se maquiando enquanto cantava, não se conteve:

– Vocês aí de trás, venham todos para a frente porque essas pessoas aqui da frente, que balançam suas jóias falsas... não estão com nada!!

Nessa temporada Cazuza recebeu Luiza Erundina, recém-eleita prefeita de São Paulo, no camarim. Quando ela entrou, ele se atirou a seus pés e, ajoelhado, repetiu: Erundina, Erundina! Ela imitou seu gesto e, ajoelhada, também disse: Cazuza, Cazuza!!! Eles se adoravam.

Nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 1988, durante a segunda temporada do show *Ideologia* no Canecão, foi gravado ao vivo o disco *O Tempo Não Pára*. Eu costumava levar maços de rosas brancas e distribuir no fim do show, para que o público as jogasse no palco, entre os aplausos. Cazuza achava ridículo, mas eu dizia para ele não se meter. Era coisa minha. Numa dessas noites, uma de minhas sobrinhas jogou uma bandeira do Brasil no palco. Cazuza olhou enviesado para a bandeira e cuspiu em cima. Embora ele tivesse visto que foi sua prima quem atirou a bandeira, nunca a denunciou. Costumava dizer que um ufanista havia cometido um gesto tresloucado, porque o Brasil não estava em condições de receber manifestações daquele gênero. Uma inflação de 900% corroía nossa economia, as denúncias de irregularidades e o assassinato de Chico Mendes cobriam de tristeza e desilusão o país que meu filho tanto amava. Cazuza cuspiu na bandeira e o show prosseguiu.

No dia seguinte, o telefone não parou de tocar lá em casa. Jornalistas de todos os órgãos queriam repercutir o gesto de Cazuza. Atendi meio aturdida alguns deles e, em vez de optar pela verdade, inventei uma desculpa. Tive medo de que Cazuza fosse preso:

– Não, vocês não entenderam bem. Todas as noites as pessoas jogam flores brancas no palco e Cazuza, naquela maluquice toda, enfiava as pétalas na boca e cuspia. E ontem ele cuspiu sem querer em cima da bandeira.

Bobagem. É claro que Cazuza não sustentou a versão. Declarou que cuspiu, sim, e que cuspiria de novo! A polêmica estava armada. O Jornal do Brasil publicou matéria no dia 18 de outubro, uma terça-feira, com entrevistas de várias personalidades, a favor e contra a atitude de Cazuza. A declaração mais veemente veio do empresário Humberto Saad, dizendo não poder admitir aquela ofensa à

bandeira. Dois dias depois, Cazuza escreveu uma carta em que argumentava a favor de seu gesto no Canecão. Mas João não deixou que ele a distribuísse à

imprensa, acreditando que ela só serviria para aumentar a polêmica. Em julho de 1990, semanas após a morte de meu filho, João entregou a carta ao jornal O Globo, que a publicou em sua edição do dia 16 de julho. A carta:

"Está havendo uma polêmica, um escândalo, como diz o JB de terça-feira, 18

de outubro, com o fato de eu ter cuspido na bandeira brasileira durante a música Brasil no meu show de domingo no Canecão. Eu realmente cuspi na bandeira, e duas vezes. Não me arrependo. Sabia muito bem o que estava fazendo, depois que um ufanista me jogou a bandeira da platéia.

O senhor Humberto Saad declarou que eu não entendo o que é a bandeira brasileira, que ela não simboliza o poder mas a nossa história. Tudo bem, eu cuspo nessa história triste e patética.

Os jovens americanos queimavam sua bandeira em protesto contra a guerra do Vietnã, queimavam a bandeira de um país onde todos têm as mesmas oportunidades, onde não há impunidade e um presidente é deposto pelo 'simples'

fato de ter escondido alguma coisa do povo.

Será que as pessoas não têm consciência de que o Vietnã é logo ali, na Amazônia, que as crianças índias são bombardeadas e assassinadas com os mesmos olhos puxados? Que a África do Sul é aqui, nesse apartheid disfarçado em democracia, onde mais de cinqüenta milhões de pessoas vivem à margem da Ordem e Progresso, analfabetos e famintos?

Eu sei muito bem o que é a bandeira do Brasil, me enrolei nela no Rock'n'Rio junto com uma multidão que acreditava que esse país podia realmente mudar. A bandeira de um país é o símbolo da nacionalidade para um povo. Vamos amá-la e respeitá-la no dia em que o que está escrito nela for uma realidade. Por enquanto, estamos esperando".

A polêmica da bandeira foi logo esquecida, felizmente, embora tenha deixado alguma conseqüência – o jornal O Estado de S. Paulo proibiu que o nome de Cazuza aparecesse em suas páginas, segundo informou a Revista Afinal em sua edição da semana posterior ao show:

"O jornal O Estado de S. Paulo, que, ao alto de sua experiência de 100 anos de República, não admite que a dignidade da Nação seja confundida com a mediocridade de seus eventuais governantes, riscou o nome do artista de suas páginas, temporariamente".

Durante todo o ano de 1988, fizemos oito viagens a Boston para os exames de Cazuza. Em nenhuma delas foi necessário interná-lo. As vezes ficávamos só um dia em Boston, voando em seguida para Nova York, para aproveitar a viagem. Cazuza não gostava de ficar em Boston. Mas em Nova York, a história era outra. Numa dessas viagens, um grande amigo de Cazuza,

Bineco Marinho, falecido em agosto de 1996, foi nos esperar de limusine no aeroporto. Ele conta:

"Quando Cazuza disse no aeroporto para tomarmos um táxi, eu lhe falei: você

é uma estrela, e estrelas andam de limusine. Ele riu muito e ficou bastante animado. E dizia sempre: o Zeca é o meu mentor intelectual e você, Bineco, meu mentor de futilidades. E assim era: eu escolhia as suas roupas, programava suas diversões em Nova York, como ir, por exemplo, a um clube cubano onde ele adorava tomar tequila. E também rolava por todos os lugares com ele, sempre moleques, sempre malucos".

Exatamente isso. Quando chegávamos a Nova York, Cazuza saía comigo durante o dia mas, à noite, me dispensava solenemente. Não queria a mãe por perto para testemunhar suas escapadas onde fazia, claro, tudo o que estava proibido. Apesar do sucesso e do reconhecimento que ele tanto desejava, meu filho estava intratável nesse período, como numa das passagens por Nova York, quando ele resolveu que não queria mais se hospedar no Regency Park, um excelente hotel na Park Avenue. Achava que o lugar só servia para novos-ricos e queria se mudar para o Village. Para não deixá-lo sozinho, fui obrigada a acompanhá-lo e, quando Barbara Chevalier nos falou sobre o Gramercy Park, um hotel onde João Gilberto havia morado, Cazuza quis mudar imediatamente. No Regency, dividíamos um quarto, mas no novo hotel, então já uma verdadeira espelunca, ele quis dormir sozinho:

– Não quero ficar com você. Que caretice! Você está querendo me espionar, controlar a minha vida.

De turbante palestino na cabeça, Cazuza caía na gandaia. Chegava ao hotel de madrugada, e tentava acordar o porteiro indiano do hotel para que pudesse entrar. Saía em geral sem passaporte, não se lembrava do número e, muito menos, em que quarto estava hospedado. Cazuza fez um escândalo tão grande na porta do hotel que precisei acudi-lo. Nessas ocasiões, eu não dizia nada. Se falasse alguma coisa, ele iria se afastar de mim e isso era o que eu temia. Trancava a porta de meu quarto para chorar, sem que ele se desse conta.

Certo dia, uma amiga comum promoveu um churrasco e nos convidou, mas Cazuza não queria que eu fosse. Depois fiquei sabendo que nesse churrasco ele tomou ecstasy.

Na volta ao seu apartamento na Lagoa, Rio, o descontrole de Cazuza prosseguiu, em alta voltagem. Seu apartamento da Lagoa vivia em festa constante. Por mais que se comprassem alimentos para abastecer a geladeira, ela estava sempre vazia. Muitos de seus amigos iam à sua casa para comer e beber e Cazuza adorava o papel de poder proporcionar-lhes essa fartura. Em ocasiões em que meu filho abusava das festas e drogas, as empregadas ligavam para minha casa, nos avisando que a situação estava ficando muito difícil. Num desses alertas, João não se conteve e saiu voando para o apartamento de Cazuza, como ele conta:

"As empregadas vinham nos contando que ele tinha ido dormir às quatro da manhã, que havia chegado à meia-noite, que fulano, beltrano e sicrano estiveram lá

e começaram a fumar aquele cigarro e coisas assim. Mas naquele dia, ela disse que havia pessoas com ele ainda, que tinham varado a noite. Já eram duas da tarde quando entrei na casa de Cazuza feito louco. Ele estava superagitado. Agarrei as pessoas pelo pescoço e as joguei para fora do apartamento. Tive um acesso de loucura e Cazuza dizia:

– Você não pode fazer isso! É minha casa!

Aí então comecei a quebrar tudo, o apartamento inteiro. Joguei a televisão na parede, a mesa para não sei onde e gritava:

– Se você é maluco, eu também sou. Sou mais maluco do que todos os seus amigos juntos!

E continuei a quebrar, tomado por um acesso de loucura. Nervoso, Cazuza dizia:

– Eu vou chamar a polícia!

Uma coisa de louco. Mas finalmente tudo foi se acalmando. Nos abraçamos e nos beijamos. Foi muito amor, porque tudo estava valendo naquela hora e, em nome dessa paixão, éramos capazes de todas as loucuras".

Nessa fase fervilhante, Cazuza se apresentou no lançamento do songbook de Caetano Veloso, no People, a convite de Almir Chediak, que relembrou a história quando lançou o songbook do próprio Cazuza, algum tempo depois de sua morte:

"Ele achou o máximo o convite e disse que cantaria se eu o acompanhasse ao violão. Marcamos um ensaio e combinamos que seriam três músicas. Eu sugeri Esse Cara. Ele completou com Alguém Cantando e Janelas Abertas nº 2. No meio do ensaio, ele disse: acho que você canta superbem e é afinado. Vamos cantar juntos. E determinou as partes que cada um deveria cantar".

Ao se encerrar o ano de 1988, exatamente no dia 6 de dezembro, Cazuza aceitou o convite de Marília Gabriela para uma entrevista no programa Cara a Cara, da TV Bandeirantes. Diante da inevitável pergunta sobre a doença, ele relutou, disfarçou e não respondeu. Comentou o grave problema pulmonar que havia sofrido e mudou de assunto. Nessa fase, eu e João não queríamos, de jeito algum, que ele declarasse oficialmente que estava contaminado pelo vírus da aids. Nossa intenção era protegê-lo do preconceito, das injustiças e da pena. Temíamos que a ignorância sobre a doença afastasse as pessoas do seu lado. Mesmo porque, na verdade, a doença de Cazuza já não era mais novidade para muita gente. No intervalo da gravação do Cara a Cara, Marília Gabriela lhe perguntou o porquê dessa relutância em não confessar publicamente a doença. Você não deve nada a ninguém, disse ela. As palavras da jornalista ficaram latejando em sua cabeça. Nos chamou para uma conversa em que explicou:

– Eu canto uma música que diz: Brasil, mostra a tua cara! Tenho que mostrar a minha porque assim não estaria sendo coerente comigo, com as coisas que canto e em que acredito e muito menos coerente com meu público.

Entendemos na hora, até mesmo ficamos bastante aliviados por não ter mais que disfarçar a terrível verdade. João disse a Cazuza:

– Meu filho, tentei proteger você da melhor maneira que eu sabia, mas se o melhor é assumir publicamente a doença, estou do seu lado!!!

Eu também estava.

Capítulo 15

Pressa de viver

"Se você achar que estou derrotado/

Saiba que ainda estão rolando os dados"

O tempo não pára

O disco *O Tempo Não Pára* foi lançado nos primeiros dias de 1989 (e alcançou uma vendagem de 500 mil cópias), quando Cazuza ainda cumpria um roteiro de shows pelo Nordeste. Com o sistema nervoso bastante abalado, meu filho já não controlava mais a agressividade exacerbada pela alta dosagem de AZT e seus desconhecidos e terríveis efeitos colaterais. Em Maceió, hospedado no hotel, protagonizou outra cena de descontrole ao jogar no chão, rente aos pés do gerente, uma máquina de escrever que ele não conseguia utilizar. A noite no palco, recebeu uma vaia violenta do público. Arriou as calças revelando que estava sem cuecas, ao vestir uma camiseta que lhe foi atirada por alguém da platéia. Dias depois, no show de Recife, a situação esquentou mais. Subiu ao palco para o último show de sua carreira, em 24 de janeiro de 1989. Depois de cantar duas ou três músicas iniciou um monólogo de surdos com a platéia. Cazuza falava em inglês sobre o sucesso da música brasileira no Exterior. Diante das vaias, passou para a fase das agressões. Suas forças, no entanto, foram minguando com o esforço e a raiva. Retirado do palco pela empresária Márcia Alvarez e pela secretária Nandinha, recebeu oxigênio no camarim e insistiu em voltar. Conseguiu. Mas quando cambaleou novamente no palco, o show acabou. Marcinha relembra:

"Cazuza costumava dizer: se acontecer alguma coisa comigo, quero que seja no palco. A única coisa que ele desejava naquele momento era trabalhar. Quero trabalhar muito, é só o que posso fazer!, dizia".

Todos nós sabíamos que o trabalho era uma fonte de energia enorme para o meu filho, mas naquele momento era preciso parar outra vez. Quando fui apanhá-lo no aeroporto na volta de Recife, ele estava bastante nervoso e agitado. Não conseguia parar quieto. Eram dez da manhã, mas ele insistiu para que parássemos num boteco qualquer. Queria tomar cerveja. As palpitações em meu coração de mãe nessa fase não deram trégua. A impotência me roía os pensamentos, as intenções. Mas eu ainda acreditava ser possível recuperá-lo. Diante de uma sentença tão avassaladora, num instante em que a realidade não nos interessa e sim a esperança e o sonho, cheguei a acreditar que Deus ainda me concederia poderes divinos para

mudar o curso da história. Rodopiar o globo terrestre ao contrário, como o super-homem, e lavar os perigos do passado.

Por isso, continuamos até o fim tentando aliviar a sua dor. Apesar do momento difícil que atravessava, das agressões aparentemente sem motivo, do comportamento rebelde, Cazuza tinha um lado de sua personalidade absolutamente adorável. A mesma força que o impelia a andar na contramão desprendia de seu coração para o amor, o companheirismo, a compaixão e a doçura.

De volta ao seu apartamento da Lagoa, depois das loucuras no Nordeste, a insônia de Cazuza se acentuou. Todas as noites, João saía do trabalho e ia vê-lo. Jogavam biriba e conversavam. Zeca também lhe fez bastante companhia nessa fase, em que ele apelou como nunca ao que costumava chamar de "soro da verdade", que tinha o poder de o eximir de qualquer culpa. Falava o que lhe viesse à

cabeça. Certo dia, convidou uma de suas tias paternas para ir ao seu apartamento. Eu também estava lá. Quando sentamos para conversar, Cazuza perguntou a ela, repentinamente:

– Tia, me conta aí se é verdade mesmo aquela história em que você foi contra o casamento do papai com a mamãe! Me conta essa história porque quero saber se você é mesmo aquela megera que mamãe sempre pintou.

Fiquei passada de vergonha.

– Cazuza, deixa isso pra lá, isso são águas passadas.

Mas ele insistia:

– Mamãe, não é verdade que você contava que a tia disse ao papai para não se casar, porque ele não gostava de você o suficiente, e que casamento era uma coisa que se desmanchava até na porta da igreja?

Minha cunhada ficou estupefata, sem ter nada a dizer. E eu, sem saber como me comportar, olhando para os lados, disfarçando e pedindo inutilmente para que ele parasse.

Na tentativa de compreender até que ponto o AZT estava comprometendo seu comportamento e o que se poderia fazer para livrá-lo desse tormento do descontrole, viajamos novamente a Boston, no carnaval de 1989. Foram quinze dias de internação, tempo em que meu filho resolveu se dedicar exclusivamente à

fotografia. Comprávamos uma média de vinte rolos de filme por dia – todos em preto-e-branco, como ele preferia – para que ele fotografasse praticamente tudo o que seus olhos podiam alcançar. Tudo lhe servia de inspiração – seus pés, meus cabelos, um vaso, uma porta, as enfermeiras, os médicos. Ficou tão obsessivo que, quando me recostava para um cochilo, ele me acordava para conversar sobre uma nova foto. Para João, que chegou a Boston dias depois de nós, foi uma fase especialmente difícil, como ele recorda:

"A dosagem do AZT era tão brutal que Cazuza ficou completamente pirado. Botava um turbante na cabeça, dizia que era um príncipe árabe, tirava fotografia o dia inteiro. Foram momentos de tristeza, traumatismo e dor, porque ver meu filho numa situação dessas foi terrível. Não conhecia praticamente ninguém em Boston e minha rotina era sair do hotel para o hospital, e vice-versa. Ficava muito tempo sozinho no hotel e comecei a ter sensações estranhas, a descobrir prazeres na solidão e na dor. De repente, lavar as mãos virou um programa, um prazer. Eu passava horas lavando as mãos e me perguntando por que nunca tinha percebido que lavar as mãos era tão bom! Também me flagrava olhando fixo para um determinado ponto horas afio, e saía caminhando sem rumo debaixo da neve, a ponto de me perder e não saber voltar. Também não gostava de ficar dentro do quarto do hospital. Ia lá umas dez vezes por dia, mas depois de poucos minutos, saía de novo. Para fumar, para o bar, para qualquer coisa. Estava tão desnorteado que bebia vodca às dez da manhã".

Felizmente, a equipe do New England Medical Center controlou a crise causada pela dosagem excessiva do AZT. A dosagem foi diminuída para oito comprimidos por dia. Mas foi só o que puderam fazer. Nessa internação, Cazuza fez uma série de exames – sangue, de todos os tipos, uma tomografia computadorizada e retirada de liquor da espinha. Todos com resultados normais, dentro do quadro esperado. Como fazíamos sempre, de Boston seguimos para Nova York, antes de regressar ao Brasil. Hospedados no Regency Hotel de Nova York, em 12 de fevereiro de 1989, Cazuza resolveu receber o jornalista José Carlos Camargo, Zeca Camargo, então na Folha de S. Paulo, para uma entrevista. Ele conta como se deu o encontro:

"Eu acabara de me instalar em Nova York quando comecei a procurar Cazuza para uma entrevista. Não tinha a dimensão de que seria tão difícil, mas descobri no ato. Fui a Boston tentar uma comunicação através do hospital e não consegui – ele estava incomunicável. Quando deixou o hospital. e seguiu para Nova York, continuei a busca. Sabia que ele estava hospedado num hotel da Park Avenue, por isso tentei o Delmonico e, depois, o Regency. No dia 12, liguei diretamente para o quarto e Cazuza atendeu. Não nos conhecíamos, nem por telefone. Disse: venha aqui agora!

Cheguei para a entrevista apreensivo, com um milhão de dedos. Era um dia frio em Nova York e o encontrei num quarto grande e confortável, todo encapotado e com um cachecol. Ele pediu uma garrafa de vinho tinto e bebeu durante a entrevista. Eu o acompanhei em duas taças, no máximo, e ele tomou o resto. Começamos falando de música, do disco. Até que criei coragem para lhe perguntar como tinha sido sua passagem pelo hospital em Boston. Respondeu:

– Ah, essa doença, estou com essa doença e estou sem saco para tantos exames. Não gosto de hospital e exames.

– Mas você não está afim de saber que doença é essa?

– Não. Estou muito de saco cheio, sem paciência.

– Sem paciência para quê?

– Para essa coisa, essa maldita.

– Mas o que é essa maldita?

Lembro que ele pegou o copo, tomou um belo gole de vinho e disse:

– Olha, escreve aí, a maldita é a aids. Estou com aids e não agüento mais!

Não é isso o que vocês querem saber?

Foi um ato dramático, não olhou para mim enquanto falava e nós estávamos sentados lado a lado. E aí me deu um branco, porque eu não estava preparado para que ele falasse, embora tenha ido ao seu encontro exatamente com esse objetivo. Ele continuou:

– Eu não revelei até agora sobre a doença por causa do público.

– Mas o público não ficaria do seu lado?

– Ficaria, mas não do jeito que eu quero, teriam pena de mim. Comecei a refazer a entrevista inteira, agora considerando a revelação sobre a aids.

– Cazuza, você está tomando uma série de remédios e está bebendo?

– Ah, eu não vou parar de beber por causa disso. Bebo, fumo, faço o que quiser. Vou aproveitar o que tiver de vida.

Nunca mais vi nem falei com Cazuza, me pareceu ter estado com ele apenas para cumprir essa missão. Depois que abriu o coração, a imagem mais marcante que ficou para mim foi quando ofereceu vinho do seu próprio copo para que eu tomasse:

– Não quero que as pessoas fiquem com medo de mim. Você tem medo?

Tem coragem de beber do meu copo?

Peguei o copo de sua mão e bebi!"

A decisão de enfrentar as conseqüências de sua entrevista já estava tomada e acertada comigo e João. Por isso, Cazuza resolveu atender Zeca Camargo e dar a entrevista em Nova York. Alguns trechos do que foi publicado pelo jornal Folha de S. Paulo em matéria exclusiva, no dia 13 de fevereiro de 1989, dois meses antes de Cazuza completar 31 anos.

"Estou com a saúde ótima. Na verdade, é como se eu acabasse de descobrir que sou portador do vírus, como se ele não tivesse começado a agir." Como não resistia a uma piada, declarou também nessa matéria que tomava AZT com vinho, pois era uma delícia. Explicou, também, o motivo de seu comportamento nos dois últimos shows da excursão ao Nordeste, no começo do ano:

"Eu estava ficando meio louco. Quando eu fazia os shows, vinha um sentimento estranho. Todo mundo que estava me assistindo estava lá porque me amava. Mas eu queria que algumas pessoas também me odiassem. Eu não queria que todo mundo fosse bonzinho comigo. Então comecei a fazer coisas no palco para incomodar as pessoas".

Depois da declaração, os pedidos de entrevista se multiplicaram e a imprensa não nos deu mais trégua, registrando todos os movimentos de meu filho daí em diante. Ficamos, na verdade, aliviados porque, enfim, a doença de Cazuza não era mais segredo para ninguém e já não seria mais preciso recorrer a disfarces, dissimulações e desmentidos. E com que dignidade meu filho enfrentou as privações todas da doença! Eu o admirava mais a cada dia.

Um mês depois de Cazuza assumir publicamente ser portador do vírus da aids, o Consulado Americano não revalidou seu visto de entrada nos Estados Unidos. Um problemão que durou ainda mais oito meses. Infelizmente, nesse período, não pudemos recorrer ao tratamento em Boston. Cazuza ficou sob os cuidados do doutor Abdon Issa, que se comunicava com a equipe do doutor Sheldon Wollff para trocar informações e poder acompanhar a evolução da doença no Brasil.

.Jamais revelamos a Cazuza que o consulado havia lhe negado o visto. Sofremos sozinhos o desespero de, num caso de emergência, estar impedidos de voar imediatamente para o New England Medical Center. A impossibilidade de transportar meu filho para os Estados Unidos provocou em mim uma insegurança permanente. Ao voltar ao Brasil no final de fevereiro de 1989, a disposição e energia de Cazuza diminuíram sensivelmente. Às vezes, quando vinha nos visitar em casa, passava todo o tempo estirado no sofá, deitado, sem ânimo para levantar. Em março, enfrentou uma nova crise. Desta vez, sua pele ficou toda amarelada. No dia 14, foi internado na Clínica São Vicente com um quadro de hepatite.

No período dessa internação, conversando com Cazuza chegamos à

conclusão de que o apartamento da Lagoa tornou-se inviável para a rotina dele. As escadas atrapalhavam sua locomoção, cada vez mais difícil. Ele se lembrou de que o apartamento onde morava o cantor Fagner, na Visconde de Albuquerque, a rua do canal do Leblon, era bastante confortável e resolveu lhe telefonar. Felizmente, havia dois apartamentos vagos no prédio e Elza Braga, uma das proprietárias, nos alugou um deles, todo mobiliado. Elza foi uma grande pessoa, nessa ocasião, pois facilitou todos os nossos passos. E Fagner, um amigo carinhoso. Cazuza levou apenas seus objetos preferidos para a nova casa.

Quando fomos ver o apartamento pela primeira vez, percebi que meu filho brevemente talvez já não conseguisse mais caminhar. Ele seguia na minha frente quando um pé de seu tênis soltou e ele continuou andando descalço, como se nada houvesse acontecido:

– Mãe, não sinto mais meus pés!!!

Lembro que, quando aproveitamos para visitar Fagner, Cazuza não conseguiu ir ao banheiro sozinho, precisei ajudá-lo. A partir desse dia, a cadeira de rodas seria sua companheira até o

fim.

Cazuza deixou a Clínica São Vicente na manhã de 4 de abril, dia de seu aniversário. Usava um lenço azul na cabeça, bermudas de listas azuis e brancas e uma camiseta, com a seguinte inscrição: "I have no drinking problems. I drink, I get drunk, I falI down. No problems" (Não tenho problemas com bebida. Bebo. Fico bêbado e caio. Sem problemas). Saiu do hospital diretamente para o novo apartamento do Leblon e para a festa que organizamos, eu e Bineco. Cada um dos 40 convidados, entre eles Caetano Veloso, Paula Lavigne, Leonardo Netto, Mariozinho Rocha, Bebel Gilberto, Ney Matogrosso, Sandra de Sá, Barão Vermelho, recebeu uma camiseta cinza com a inscrição *"O Tempo Não Pára"* . As mesmas usadas na promoção do disco. Servimos comida baiana que ele tanto adorava: caruru, vatapá, bobó de camarão.

Mas, nessa noite de alegria, tivemos, João e eu, um sério desentendimento com Ezequiel Neves por causa do lançamento do LP *Melhores Momentos de Cazuza* e *Barão Vermelho*. Zeca chegou anos dizer, na frente de Cazuza, que aquele disco era pura necrofilia. Passou a noite nos provocando. Quando Cazuza pediu que eu pegasse uma fita em seu quarto, Zeca foi atrás de mim. Com Dé, do Barão, como testemunha, Zeca tentou tirar a fita de minha mão. Foi quando avancei para cima dele, me agarrando em seus cabelos, lhe passando uma rasteira, batendo e batendo onde minhas mãos conseguissem alcançar. Zeca saiu correndo do quarto e, imediatamente depois, escuto alguém gritar que ele estava tentando se jogar do 181?; andar do prédio. Cazuza brincou, aliviando a tensão:

– Pô, Zeca, não podia ter escolhido outro dia pra se jogar da janela? Logo hoje? Quer estragar a data do meu aniversário?

Cazuza brigou comigo em razão do episódio, não me deixava visitá-lo. Apenas João era admitido. Ele chegava todos os dias do escritório e ia para o apartamento de Cazuza. Eu ficava em casa chorando e chorando sem parar, na espera de João e de notícias. Porque, além de meu filho estar doente, ainda havia outros motivos de preocupação, com as histórias paralelas que se sucediam. Eu telefonava e ele dizia:

– Não vem pra cá porque o Zeca vem e você não está se dando com ele. Em maio de 1989, no Dia das Mães, Cazuza me pediu para receber Zeca em casa. Disse que ele estava arrependido e apelou:

– Eu adoro o Zeca e adoro vocês. Quero me dar bem com todos e que todos se dêem bem!

Ezequiel trouxe uma rosa e esquecemos esse atrito entre corações machucados pelo mesmo mal. No cartão que acompanhou as rosas que recebi de meu filho estava escrito:

"Voa, passarinha, voa. Te amo do umbigo. Do teu eterno menino Cazuza!" A última agenda da vida de meu filho registra algumas de suas emoções, até

o mês de maio de 1989. Depois disso, ele já não teve mais forças nem organização para se concentrar nas anotações da agenda. A vida era imprevisível. A dedicatória, nas primeiras

páginas da agenda, foi escrita para ele e por ele, assim: Caju:

"Fique livre do mundo, aproveite a dor, ame de olhos fechados e se divirta na Terra"

Cazuza

Cheio de planos, logo no dia 2 de janeiro, as anotações indicam dois planos de viagem. No primeiro, o roteiro completamente italiano incluía Milão, Florença, Pompéia, Nápoles, Cápri, Veneza, Pádua e uma volta pela Sicília. Já o outro começava em Boston e seguia pelo Rio de Janeiro, Portugal, Itália, Israel e Los Angeles, antes de retomar à capital carioca. Em 3 de janeiro, Cazuza começava a pensar no show que ainda desejava fazer e teria o título de A Volta do Barão. No dia 5, ele anotou o que lhe ia pela alma:

"Acho que estou na minha primeira encarnação, por isso sou tão bobo e criança, por isso não gosto de ópera e gosto de Mahler, música africana, indiana, gosto mais de blues. Eu fui um bluseiro e um cantor africano. Estou na terceira encarnação. Cantei samba-canção. Estou música" .

O estado de ânimo parece o mesmo em 7 de janeiro, ao escrever:

"Frustrado

por não ter saída

por ser um homem

sem todas as minhas possibilidades

feliz por estar vivo por amar a vida

e ter os meus pais

triste pelo mundo triste

pela gente triste

agora estou puto"

Cazuza

Internado no hospital São Vicente na crise do final de janeiro, no dia 29, Cazuza confessa:

"Estou preso num hospital. Estou louco. Estou determinado a fugir". Em 10 de fevereiro, Cazuza deixou registrado uma palavra para o velho amigo Frejat:

Frejat

"Todo dia né

teu dia e homem nobre

meu judeu não errante

beijo pra Léa

a véia, a veia

e Mauro do tarot

tarot

tarado

obrigado".

Quando planejou a festa de seus 31 anos, comemorados em 4 de abril, Cazuza deixou anotado no dia 11! tudo o que queria que acontecesse na grande festa:

"Festa de aniversário. Caju 31 anos. Tabatingüera. Cem pessoas. Cinco garçons. Comida – Seu Severino e Teresa. Festa com convite, lista na porta, som ao vivo, performances, leitura de poesia, danças. Conjunto, travesti, Ruth de Almeida Prado".

Sua derradeira anotação na agenda, no espaço grande de um fim de semana, sábado 29, domingo 30 de 1989, no entanto, refere-se ao repertório do show que meu filho, com todas as esperanças, queria fazer:

"Milagres

Não há perdão

Hei Rei

Softly

Azul e Amarelo" .

Capítulo 16

Santo Daime e Veja, loucura e indignação

"Vamos pedir piedade/Senhor, piedade/

Pra essa gente careta e covarde"

Blues da piedade

Nos quatro meses em que viveu no apartamento do Leblon, Cazuza continuou promovendo suas famosas festas. Pessoas entravam e saíam o tempo todo. Gente que chegava para almoçar, jantar, cheirar pó, fumar maconha em animadas noitadas madrugada adentro. Cercado de todo o conforto possível, ele se esmerava na arte de bem receber. Sua casa era uma farra. Naquela fase, ele já

contava com a ajuda de Bené, motorista que ele havia contratado. Um homem alto e forte, que, além de dirigir o carro, também carregava Cazuza no colo e o levava para tomar banho de cachoeira na Floresta da Tijuca e a todos os lugares que Cazuza pedia. No apartamento, também, ele contava com a ajuda de Iracema, que preparava uma moqueca de peixe de dar água na boca, e de duas enfermeiras, que se revezavam em turnos de doze em doze horas. Eu telefonava o dia inteiro para Iracema, para as enfermeiras. As vezes ia levar as compras, mas não saía da cozinha para que ele não me visse e me acusasse de se intrometer em sua vida. Objetos da casa desapareciam, amigos abriam a geladeira e levavam as compras, além de pegar roupas de seus armários. Mas eu não podia fazer nem dizer nada. Quando tocava no assunto, Cazuza me respondia:

– Mamãe, ninguém presta! Meus amigos não prestam, eu não presto, vocês não prestam. Esquece!!!

Também fiquei sabendo através de Ney Matogrosso que, naquele período, meu filho começou a freqüentar o Santo Daime. Foi através de Ney que Cazuza se interessou pelo assunto. Ney conta:

"A primeira vez que conversamos sobre Santo Daime foi em agosto de 1988, na festa de meu aniversário, que aconteceu na casa de Mário Trancoso, em Itaipu. Cazuza chegou tarde com um bando, voltando de Petrópolis. Ele estava sentado na mesa comendo e eu sentado ao seu lado, conversando, quando ele disse que eu estava com um brilho diferente nos olhos. Queria saber o porquê. Falei que não sabia que brilho era aquele e que a única coisa diferente que estava fazendo era tomar o Daime. Ele disse assim: quero ficar com esse brilho nos olhos também. Eu vou ao Santo Daime com você! De fato, isso aconteceu tempos depois. Saímos cedo de minha casa e fomos à sede do Santo Daime, no meio da mata às sete da manhã, para fazer um trabalho exclusivo para ele, só com homens. Havia uma fogueira acesa dentro de um galpão e ali Cazuza começou a tomar o Daime. Tomou, tomou, e nada aconteceu. Ele vomitou muito e fiquei preocupado, mas a pessoa que conduzia os trabalhos me disse que o problema era a quantidade de drogas e medicamentos que estavam dentro de seu organismo. Cazuza continuou a vomitar e eu já nem conseguia mais ampará-lo. Lá pelas três da tarde, ele me olhou profundamente e disse: é simples assim? E eu lhe disse: é, Cazuza, é só deixar, é

só receber. Porque o Daime não é uma religião, é uma maneira de autoconhecimento. Quando saímos de lá, passamos em casa para comer e já era noitinha quando ele disse que queria ir para casa, queria conversar com João e Lucinha, porque naquele dia ele havia entendido muito a sua história com os pais". É verdade. A conversa realmente aconteceu. Ao voltar para casa

depois da experiência com o Santo Daime, Cazuza nos chamou para um encontro emocionante. Choramos juntos, enquanto nosso filho nos fazia uma tocante declaração de amor. As experiências com o Santo Daime, porém, foram testemunhadas pela enfermeira Márcia, a Edinha.

"Naquela noite Cazuza chegou tarde em casa, com muita dificuldade para caminhar. Foi direto para o chuveiro. Evacuava sem parar numa diarréia profunda. Quando percebi, todos tinham ido embora. Para falar a verdade, quando Cazuza passava mal, as pessoas iam embora. Depois do banho, ele telefonou para dona Lucinha e seu João e pediu que eles fossem para lá. Eram os únicos que seguravam quando a barra pesava."

A enfermeira Márcia sempre foi a preferida de Cazuza. Ela trabalhava na Clínica São Vicente, quando a contratei para atender meu filho. A empatia entre os dois foi imediata, como ela mesma conta:

"Cheguei ao apartamento de Cazuza às sete da noite para o primeiro dia de trabalho. Ele não estava, só voltou por volta da meia-noite, com uns amigos, o Zeca inclusive. Começou a brincar comigo, a dizer que eu parecia com o cantor Ed Motta e que, se Cazuza fosse gordo, só usaria roupas muito estampadas, extravagantes. Pediu um suco e, quando voltei, me perguntou se eu namorava meninos ou meninas. Assim, sem ponto nem vírgula. Fui contratada, no início, para ficar com ele uma noite sim, outra não".

Nunca mais ninguém se referiu a Márcia por seu nome de batismo. A partir desse dia ela seria Edinha para todos.

Em janeiro de 1989 chegou às lojas o disco O *Tempo Não Pára,* gravado ao vivo no Canecão, durante apresentações do show com o mesmo nome, como trabalho de lançamento do disco *Ideologia.* Logo que recebeu alta da Clínica São Vicente no dia 4 de abril, data em que completou 31 anos, Cazuza começou a gravar o disco *Burguesia,* nos estúdios da Polygram. O disco – duplo – foi gravado entre abril e maio. Foi na temporada de internação no hospital que ele preparou o repertório, trabalhando furiosamente, produzindo cerca de vinte letras. Eu passava as noites com ele no hospital e, invariavelmente, era acordada cedinho, para que passasse a limpo as letras em que ele trabalhara na madrugada. A Nandinha cabia o trabalho de levá-las para os parceiros que ele designava – uma para Fagner, outras para Ângela Rô Rô, Joanna, João Donato, Arnaldo Brandão. Entrou no estúdio com músicas em excesso.

Não deixou que eu acompanhasse as gravações, mas fiquei sabendo das dificuldades todas que a equipe enfrentou para corresponder ao seu estado de urgência. Chegava ao estúdio de cadeira de rodas. As vezes, gravava deitado, com um fiapinho de voz, num esforço supremo para se superar e deixar sua história registrada em notas musicais. João Rebouças, parceiro de Cazuza, entre outras, em *Filho Único* e em *Quando Eu Estiver Cantando,* e produtor musical de *Burguesia,* relatou aos jornalistas sua experiência:

"Ele cansou a gente. Tinha muita pressa, mas ao mesmo tempo mexia nas músicas. Com aquela objetividade dele, Cazuza tinha certeza do que queria e de como as coisas iam ser. Por isso,

não hesitava em mudar as músicas toda hora, ou decidir que tal voz gravada em tal música ia ser a definitiva, porque não ia dar para fazer melhor".

Dependendo das condições em que se encontrava, meu filho passava de duas a doze horas gravando, como o supervisor do estúdio da Polygram, Paulo Succar, declarou à imprensa:

"Às vezes, ele chegava ao estúdio num estado que deprimia a todos nós. Mesmo assim, gravava com disposição".

Cazuza estava tão determinado a concluir esse trabalho e tinha tanta pressa que chegou agravar deitado no sofá do estúdio, sob o efeito de 39 graus de febre. Nesse estado de euforia criativa e pressa de viver, Cazuza resolveu atender ao pedido de entrevista feito pela jornalista Angela Abreu, da sucursal carioca da revista *Veja.* Ficou excitadíssimo. João havia negociado a entrevista porque Cazuza nos confessou que um dia sonhou ser capa de duas revistas – *Manchete* e *Veja.* A primeira vez em que falamos sobre o pedido da entrevista. para a *Veja* foi pelo telefone. Ele me disse que a revista lhe ofereceu duas possibilidades – Páginas Amarelas ou capa. Evidente que ele preferiu a capa. Fiquei bastante preocupada porque ele estava muito mal fisicamente, mas não quis me Intrometer:

– Faça o que você quiser, porque nada do que eu disser vai acrescentar nada!

Mas Cazuza, querendo me tranqüilizar, esclareceu:

– Não, mamãe, a jornalista que vai me entrevistar foi sua colega de colégio, o nome dela é Ângela Abreu.

Pouco me lembrava do jeito de Ângela porque ela era mais nova do que eu, embora tivéssemos sido contemporâneas no Sacré Coeur de Marie. No dia marcado fui para o apartamento de Cazuza, para ouvir o que ele iria dizer. Ele não permitiu que eu ficasse na sala, então fui para o quarto com o Bineco, e só a secretária Nandinha permaneceu com Cazuza e a jornalista. Um tempo depois, Ângela Abreu entrou no quarto para dizer que seu colega de *Veja,* ambos da sucursal carioca, Alessandro Porro, também estava chegando para acompanhar a entrevista. Não me importei porque já o conhecia – era amigo de Claude Amaral Peixoto e, com ela, esteve uma vez em nossa casa de Angra dos Reis, além de deixar uma mensagem elogiosa à casa no livro de visitas que mantemos lá.

Colei o ouvido na porta para ouvir as declarações de Cazuza, que, no momento, vivia sua melhor fase do "soro da verdade". Não media as palavras. Na sala, na frente dos jornalistas, Cazuza dizia absurdos que me deixaram bastante preocupada. Claro, eles iriam publicar as piores coisas que ele falara, eu tinha certeza. Liguei para o João confessando meus temores, durante a entrevista. Ele disse que não poderíamos fazer nada e a entrevista terminou num clima bastante cordial. Ângela Abreu se despediu alegremente e Alessandro Porro deu até um presente para o Cazuza antes de sair: um isqueiro Zippo. Naquela noite, voltei ao assunto com o João e, para nos tranqüilizarmos, ele telefonou para Maria Lúcia Rangel, também amiga de Porro. Depois, ligou diretamente para o jornalista. Pediu que, por favor, levassem em conta o

estado de saúde de Cazuza e os efeitos dos remédios em seu comportamento. Nas duas tentativas, a resposta foi a mesma: fiquem tranqüilos, a matéria vai estar na banca no domingo e está tudo bem!

O encontro de Cazuza com os jornalistas de *veja* aconteceu numa quartafeira e, na sexta, ainda encontramos Porro num restaurante de Ipanema, que voltou a dizer que nada iria nos aborrecer na matéria. No final de semana, viajamos para nossa casa de Petrópolis. Cazuza misturava sentimentos de expectativa e euforia em relação à *veja.* A edição da semana, com data de 26 de abril de 1989, foi às bancas com uma foto agressiva, que o fazia pior do que ele realmente estava, e um título arrasador: *Cazuza; Uma Vítima da Aids Agoniza em Praça Pública.* Em sua capa, *veja* sentenciou a morte de meu filho sem qualquer constrangimento. Como deuses, jornalistas decidiram seu destino e, aí sim, o exibiram em praça pública. Na tarde de domingo, estávamos tomando sol na piscina quando João chegou com sinais de preocupação no rosto e a revista nas mãos. Ele não sabia como entregá-la a Cazuza e sofreu muito ao perceber suas primeiras reações. Ao ver a *veja* nas mãos do pai, meu filho a agarrou imediatamente e leu a reportagem inteirinha. Quando acabou, seus olhos estavam cheios de lágrimas:

– Eu só não perdôo eles terem posto em dúvida a qualidade de meu trabalho!

As declarações de meu filho na matéria publicada não foram distorcidas. A não ser o fato de ter opinado sobre o estado de saúde do ator Lauro Corona ("Ele deve estar com aids, sim!"), nada do que ele disse me espantou, pois Cazuza nunca escondeu sua maneira de pensar e encarar o mundo. Alguns trechos do que foi publicado:

* "É a minha criatividade que me mantém vivo. Meu médico diz que eu sou um milagre porque tenho tanta energia, tanta vontade de criar que é isso que me deixa vivo. Minha cabeça está muito boa, ela comanda tudo. "

* "Me sinto livre, sem medo de morrer. Da última vez em que fui para a clínica, vi a cara da morte, entrei nela e saí, não sei como. É claro que eu não quero morrer, mas também não quero sofrer. Já pensei em suicídio, mas agora isso nem me passa pela cabeça. Falei com meu médico: se alguma coisa acontecer comigo, eu não quero ver. Que ele me dê morfina, muita morfina, porque quero ir embora dormindo. Estou pronto para assinar um papel nesse sentido. Mas não vai ser preciso. Tenho certeza de que vou viver muito tempo ainda. Já perdi a oportunidade de morrer, passou a minha vez."

* "Meus pais não saíram do meu lado um minuto. Minha mãe foi uma leoa, ficava ao lado da minha cama e nem deixava que as enfermeiras me tocassem. Eu queria sair do hospital, queria acabar logo com tudo aquilo, mas ela me mandava ficar quieto, e eu ficava."

* "Quando eu estava no hospital de Boston, pensei muito e acabei descobrindo que ficar calado me deixava ainda mais traumatizado. É uma situação ambígua, de esconde-esconde. Mostrar aos outros que com a aids pode-se continuar vivendo, trabalhando, produzindo me pareceu o caminho mais certo. Agora me sinto mais aliviado."

* "Na última vez que me internei foi por puro álcool. Eu, que deveria ter uma vida tranqüila, sem beber nem me cansar, passei dois dias numa praia enchendo a cara de cachaça, de caninha 51 mesmo. Me dei mal, fui para a Clínica São Vicente e foi um milagre não ter morrido."

O real problema da matéria se concentrava em seu parágrafo final, editorializado, à maneira comum no comportamento da revista, quando emite um juízo de valor em cima do personagem que acabou de retratar. Uma postura que nos faz pensar na autoritária posição em que a *Veja* se coloca, como se coubesse a um só jornalista sentenciar com tanta convicção a obra alheia, em nome de uma revista de respeito:

"Cazuza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão colada que está no momento presente. Não vale, igualmente, o argumento de que sua obra tende a ser pequena devido à força do destino: quando morreu de tuberculose em 1937, Noel Rosa tinha 26 anos, cinco a menos que Cazuza, e deixou compostas nada menos que 213 músicas, dezenas delas obras-primas que entraram pela eternidade afora. Cazuza não é Noel, não é um gênio. É um grande artista, um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de alardeá-los em praça pública para chegar a algum tipo de verdade".

Em oito anos de carreira, Cazuza deixou 126 músicas gravadas por ele, 34

por outros intérpretes e mais de 60 inéditas.

Meu filho não agüentou. As lágrimas tristes se transformaram em choro convulsivo. A pressão baixou quase a zero. Não conseguimos controlar a crise em Petrópolis e decidimos levá-lo imediatamente para o Rio. Na estrada, com a enfermeira e Zélia, nossa caseira de Petrópolis, ao lado, Cazuza passou por momentos críticos. Meu desespero era tanto que temi por sua vida, imaginando que ele não resistisse às curvas da Rio-Petrópolis. Era uma hora da madrugada quando meu filho, já internado e medicado na Clínica São Vicente, saiu da crise e a pressão foi estabilizada. Nesse momento, peguei o telefone e toquei para a casa da jornalista Ângela Abreu. Ela não estava. Falei então para uma de suas filhas:

– Diga à sua mãe que estou ligando do hospital, que meu filho quase morreu. E que eu espero que nunca ninguém faça com vocês o que ela fez a meu filho! Diga a ela que suma da minha frente porque vou odiá-la para o resto da vida e você devia ter vergonha de ser sua filha. Ângela abusou da generosidade de meu filho, que lhe abriu as portas de sua casa, e depois escreveu aquela matéria horrorosa. Pouco depois, a própria Angela Abreu ligou e falou com João. Disse que, apesar de seu nome estar assinado nos primeiros parágrafos da matéria – ao lado de Alessandro Porro –, ela não era a responsável pelo texto final. Para nós, que nunca trabalhamos numa redação de jornal, mais especificamente a redação da revista *Veja,* era impossível entender como uma jornalista pode assinar um texto que não é de sua autoria. Ângela argumentou que o texto final da matéria fora editado em São Paulo. Disse mais: que não concordava com o que foi publicado e que iria pedir demissão. O que, de fato, ela fez na semana seguinte. Mas ainda havia Alessandro Porro, com quem tínhamos conversado várias vezes antes da publicação.

Assim que Cazuza leu a matéria e começou a perder a pressão sangüínea, João, desesperado, lhe fez uma promessa:

– Meu filho, eu vou dar uma porrada nesse cara de qualquer maneira. Você

não tem mais forças, mas eu tenho!!!

Durante três noites seguidas, João acampou na porta do apartamento onde vivia Alessandro Porro, no Rio. Ficava até de madrugada dentro do carro, esperando que ele entrasse ou saísse. Ele lembra:

"Fiquei tão louco que, por pouco, não me torno um assassino. Eu estava completamente transtornado e, se o pegasse, tenho certeza de que poderia acontecer algo muito grave. Mas acabei falando com ele só por telefone e a porrada que deveria ter sido dada pessoalmente se transformou num esporro monumental, quando cheguei a ameaçá-lo de morte".

Depois do episódio, Alessandro Porro foi morar na Europa, e ali permaneceu por seis meses. Na segunda-feira, quando efetivamente a revista começou a circular, telegramas e telegramas de solidariedade começaram a chegar em casa e o telefone não parou um só minuto. Cazuza, que dormiu na Clínica São Vicente, voltou para casa tristemente abatido. Estava revoltado quando redigiu uma carta-resposta, publicada em jornais e revistas, com o título *Veja, a Agonia de uma Revista:*

"A leitura da edição da VEJA que traz meu retrato na capa produz em mim – e acredito que em todas as pessoas sensíveis e dotadas de um mínimo de espírito de solidariedade – um profundo sentimento de tristeza e revolta. Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo, para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais. Se os seus repórteres e editores tinham de antemão determinado que estou em agonia, deviam, quando nada, ter tido a lealdade e franqueza de o anunciar para mim mesmo, quando foram recebidos cordialmente em minha casa.

Mesmo não sendo jornalista, entendo que a afirmação de que sou um agonizante devia estar fundamentada em declaração dos médicos que me assistem, únicos, segundo entendo, a conhecerem meu estado clínico e, portanto, em condições de se manifestarem a respeito. A VEJA não cumpriu esse dever e, com arrogância, assume o papel de juiz do meu destino. Esta é a razão da minha revolta. Não estou em agonia, não estou morrendo. Posso morrer a qualquer momento, como qualquer pessoa viva. Afinal, quem sabe com certeza o quanto ainda vai durar?

Mas estou vivíssimo na minha luta, no meu trabalho, no meu amor pelos meus seres queridos, na minha música – e, certamente, perante todos os que gostam de mim.

Cazuza" .

Evidentemente não por causa dos protestos, mas o fato curioso é que a edição imediatamente posterior à capa de Cazuza não circulou, em função de uma greve de gráficos. Caso único nos

29 anos de história da revista.

Capítulo 17

São Paulo,

Uma esperança frustrada

"Mentiras sinceras me interessam"

Maior abandonado

As reações à matéria da *Veja* foram imediatas. Jornais e revistas repercutiram o assunto, uns contra a atitude da revista, outros defendendo a liberdade de imprensa e outros, ainda, se mantendo completamente neutros. A grande noite de desagravo, porém, aconteceu dias depois, em 28 de abril de 1989, durante a festa de entrega do II Prêmio Sharp de Música, ano Dorival Caymmi, em que Cazuza estava indicado para várias categorias. Alugamos um quarto no Hotel Copacabana Palace para nosso filho ficar mais confortável. Ali ele se vestiu e desceu para o auditório de cadeira de rodas e um turbante palestino na cabeça. Refeito e animado com a solidariedade recebida, principalmente da classe artística, Cazuza foi aplaudidíssimo, num momento emocionante, ao receber seus três prêmios: melhor disco pop/rock, por *Ideologia;* melhor música pop/rock, por *Brasil* e melhor música do ano, também por *Brasil* prêmio que ele dividiu com os parceiros Jorge Israel e Nilo Romero e com a intérprete, a cantora Gal Costa. Fernanda Montenegro leu o manifesto de desagravo à matéria da revista *Veja,* que foi assinado por mais de 600

personalidades. Cazuza estava feliz e com os braços para cima quando agradeceu dizendo que o trabalho é o que proporciona toda a alegria ao homem e que suas letras o mantinham vivo.

Antes do final de maio, encerradas as gravações do álbum duplo *Burguesia,* Cazuza passou mais dois dias internado na Clínica São Vicente, para os exames de rotina que, em princípio, deveria fazer em Boston. Sem forças para andar, perdendo peso a cada dia, sempre com um probleminha preocupante. O estado de saúde de meu filho piorou, aponto de ele não controlar mais a urina. Sem o recurso de levá-lo a especialistas americanos, pois o Consulado Americano se negava a lhe conceder o visto, não sabíamos mais a quem recorrer, o que tentar. João continuava firme em seu discurso a Cazuza, que, muitas vezes, lhe telefonava para pedir:

– Pai, vem aqui me dizer aquelas coisas!! Estou precisando ouvir. João corria para casa e repetia sem cansaço:

– Meu filho, você não vai morrer porque essa doença não mata mais ninguém. Você vai viver como os diabéticos vivem. Se tratando!

E todos, inclusive eu, continuamos acreditando cegamente em suas palavras. Quem já passou pelo infortúnio de conviver com um paciente hiv positivo em estado adiantado sabe o quanto é difícil manter elevado o moral do doente. Os incômodos causados pela doença não lhe dão

trégua um dia sequer. A certa altura o doente fica tão fraco e com o sistema imunológico tão debilitado que qualquer alteração emocional é motivo para novas reações psicossomáticas, inclusive a tristeza e o desânimo. Naquele momento, tudo o que me dissessem que era bom, eu tentava. Cazuza jamais soube dos lugares que freqüentei, das preces a todos os santos e de tudo o que tentei para mantê-lo vivo. Ficamos cheios de esperança quando Flora, mulher de Gilberto Gil, nos contou que seu pai, sofrendo de câncer no pulmão, estava recebendo vacinas à base de sangue de cavalo em São Paulo e reagindo muito bem. O tratamento parecia funcionar em pacientes com câncer e seu objetivo era fortalecer o sistema imunológico, com vacinas que eram aplicadas três ou quatro vezes por semana. Cazuza não queria fazer o tratamento de jeito nenhum. Resistiu o quanto pôde. Mas a pressão de todos os seus amigos foi grande, inclusive de Flora, que nos ajudou a convencê-lo.

E assim, no dia 6 de junho de 1989, embarcamos para São Paulo, num jatinho alugado por João. Do aeroporto seguimos diretamente para o Hospital Albert Einstein, onde Cazuza realizou inúmeros exames, a pedido dos novos médicos. As tais vacinas de sangue de cavalo haviam sido desenvolvidas por um veterinário e estavam sendo testadas por dois médicos – Wanderlei Roquete, cirurgião-geral, e Fábio Tofoly Jr., psiquiatra. Pedimos a opinião de um médico do Einstein, que sequer conhecia os dois médicos em questão, e o que ele disse nos acalmou:

– Se eu fosse vocês, tentava. Sabe-se tão pouco sobre aids ainda que a medicina tradicional pouco poderá fazer por seu filho!

Junto conosco, viajaram a enfermeira Ana, a secretária Nandinha e o segurança Bené. João veio de carro com Ezequiel. Na semana em que Cazuza se internou no Einstein, pedi a minha irmã Christina, que vivia em São Paulo, para procurar uma casa que pudéssemos alugar por temporada – não tínhamos idéia de quanto tempo ficaríamos em São Paulo. Foi quando o doutor Fábio nos disse que estava se separando da mulher, que tinha uma casa disponível e que poderia nos alugar. Ficava na Vila Madalena e era o pior lugar para se hospedar uma pessoa nas condições físicas de Cazuza. Uma casa de três andares, cheia de escadas, com banheiros pequenos e sem banheira. Transportar Cazuza e sua cadeira de rodas era de uma enorme dificuldade. Mas os médicos nos disseram que, se ficássemos ali, tudo seria mais fácil para o tratamento, já que moravam por perto. Naquele momento, confesso, não tinha muita cabeça para refletir e pesar os prós e contras, acabamos nos mudando para lá no dia 10 de junho e só sairíamos dali em 3 de agosto. A casa estava muito desleixada, aponto de eu trazer as empregadas do Rio para nos ajudar. Iracema, que trabalhava com Cazuza no apartamento do Leblon, e Zélia, de Petrópolis, se revezavam. Minha amiga e comadre Vera Duvernoy colaborou muito ao fazer todas as compras no Ceasa e ao trazer todos os dias um prato diferente que ela mesma cozinhava, para despertar o apetite de Cazuza durante os seis meses de nossa permanência em São Paulo.

Os médicos iniciaram o tratamento com as injeções e suspenderam definitivamente o AZT. A melhora de Cazuza foi visível e animadora. Engordou oito quilos e ganhou novas forças para reagir. Muitas vezes, saíamos para almoçar na churrascaria Rodeio, ou para longos passeios. Cazuza sentava-se na beirada da cama, esticava as pernas e se alegrava com os movimentos

que conseguia fazer. Mas uma nuvem negra se alojou bem em cima da casa da Vila Madalena. O

doutor Fábio – embora nos tenha alugado a casa – aparecia de vez em quando, fora do expediente, com a namorada. Se instalava no estudiozinho do andar térreo para ouvir música. Às vezes, entrava no quarto onde eu dormia com Cazuza intempestivamente, às oito horas da manhã. Meu filho ainda dormia. Mas o doutor Fábio o acordava e ficava olhando, sem dizer nada. Ficava apenas olhando. Meu filho foi se enervando com aquele comportamento do psiquiatra-locador:

– Pô, você nunca me viu? Você vem aqui me acordar e fica olhando pra minha cara, sem dizer nada! Que cara chato! Não vem mais a essa hora porque eu não te recebo!

A cada dia, a implicância de Cazuza com o psiquiatra se intensificava. Ao mesmo tempo, comecei a enfrentar problemas com os empregados, mais especificamente com o motorista e segurança Bené. Chegamos a um ponto em que ele me xingou na frente de Cazuza, que, indignado, o despediu na hora:

– Você não pode falar assim com minha mãe! Vai embora daqui imediatamente!

Todos ficaram bravos comigo, porque Bené era o único que conseguia realizar certas tarefas com Cazuza, impossíveis para mim. Eu não tinha forças para carregá-lo. Zeca e João acharam que a implicância era minha, mas não era verdade. Com a saída de Bené, Cazuza perdeu o braço direito que o levava para onde queria, sem discussões. João pagou a Bené mais seis meses de trabalho e ele voltou para o Rio. No dia seguinte, Bineco ligou para uma empresa de segurança e contratamos Marcos, um amor de pessoa, que acabou substituindo Bené em todo o tempo em que ainda permaneceríamos em São Paulo.

A casa da Vila Madalena já não servia mais para nós. E Christina, minha irmã, começou a procurar outro lugar para que Cazuza e todos nós nos sentíssemos mais confortáveis. Meu filho entrou em depressão e fez um apelo:

– Mamãe, eu quero ir embora para o Rio. Só fico em São Paulo se você

arranjar uma casa melhor. Eu não fico mais nessa pocilga!

Alugamos, então, uma casa ótima num condomínio fechado no Sumarezinho. Era térrea, com quatro quartos, muito bem dividida, com jardins e uma piscina, onde Cazuza podia fazer fisioterapia e tomar sol. Era muito mais fácil locomovê-lo. Naquela casa também recebeu a visita de muitos amigos. Zeca viveu na ponte-aérea por todo o tempo em que permanecemos em São Paulo. Bineco passou longas temporadas e me ajudava muito. Rodolfo Bottino, Guilherme Leme, Orlando Morais, Glória Pires, Marisa Monte, o pessoal do Kid Abelha, Gilberto Braga e Edgar visitaram Cazuza na casa do Sumarezinho. Também Roberto de Carvalho, que lia para ele trechos de livros que ajudavam a lhe trazer uma certa paz espiritual. Rita Lee contou a Almir Chediak, no songbook de Cazuza, como sentiu essa fase de meu filho

quando o visitou por duas ou três vezes:

"Levei algum tempo para visitar Cazuza porque me recusava a vê-Io doente. Como estaria aquele cara que conheci menino – um menino que tinha uma energia danada? Ele ia assistir, todos os dias, ao show *Babilônia,* no Rio de Janeiro, e eu dizia para o João Araujo, pai dele: sai da frente, que esse menino vai arrebentar! Foi uma coisa muito bonita aquela minha visita. Ele continuava espoleta pra chuchu. Quando me viu, fez uma cara de quem estava feliz. Fazia muito tempo que a gente não se encontrava. Como nós sempre fomos muito magros, falamos de magreza, voávamos mais alto do que os gordos, até que ele disse assim: você sabe, eu estava no meu sítio olhando a lareira, vendo as chamas, e me lembrei de teus cabelos vermelhos. Acabei fazendo uma letra chamada *Perto do Fogo.* Queria que você lesse. Quando li, adorei. Putz, que bonito, Cazuza! Que legal! É a minha cara!

Daí ele me perguntou quantos anos a gente teria no ano 2020. Ficamos conversando sobre isso, fiz minhas contas: vou ter 72, 73, e você? Ele teria 52, 53. Estávamos pensando no futuro. Ele só pensava no futuro. Gravei a música no dia em que ele morreu, sem saber que ele tinha morrido. A lembrança que me ficou dele foi essa: Cazuza nunca estava down, estava sempre xingando, falando, dando ordens, cheio de futuro pela frente, botando os yás, yás pra fora. Ele dizia: não quero morrer. E não morreu".

Embora muito fragilizado, meu filho acreditava tanto na melhora. que marcou um show para os dias 14 e 17 de junho, no Jazzmania, Rio. Zeca lembra:

"Eu dizia: Cazuza, mas você vai fazer um show nessas condições? Ele falou: ah, vai ser maravilhoso, imagine eu cantando de cadeira de rodas e aquela confusão toda pra me ver!"

Evidentemente, o show não aconteceu. Em 21 de agosto, foi lançado o álbum duplo *Burguesia,* gravado no começo do ano. Para a maior parte da imprensa, o disco não era bom. Alguns comentaram sobre o último registro de um artista doente, destacando o lado humano. Poucos não tiveram um pingo de compaixão, como André Forastieri, na *Folha de* S. *Paulo,* em 13 de agosto de 1989:

"Como diz o próprio Cazuza em seu novo disco, seu canto é o que o mantém vivo. E se ele quer continuar vivo e evoluindo, tem que se esforçar mais. Seu público espera mais dele" .

Em São Paulo, ainda recebemos a notícia de que o apartamento de Cazuza na Visconde de Albuquerque havia sido assaltado. Levaram a televisão, o videocassete, todo o seu equipamento fotográfico. Os ladrões arrombaram a porta com um pé-de-cabra. Mas isso não representou absolutamente nada diante do incontrolável. Os oito quilos ganhos com a suspensão do AZT e – só Deus sabe –

com as tais vacinas desapareceram e a saúde de Cazuza foi minguando. Não conseguimos encontrar ninguém que pudesse fazer algo por ele. João:

"Essa doença era tão misteriosa que ele nos dava esperanças e, de repente, ela retrocedia para

baixo do nível em que meu filho estava.. É uma doença que te dribla feito o Garrincha".

Num final de semana de outubro, Cazuza passou bastante mal e não foi possível localizar nenhum médico da equipe que o estava acompanhando. A febre passava dos 40 e ele sofria bastante com os tremores e mal-estar provocados pela alta temperatura. Não sabíamos o que causava a febre.

João ligou para seu irmão Zezinho, que vive em São Paulo, e lhe pediu a indicação de algum especialista em aids. Zezinho nos colocou em contato com o jovem doutor Décio Diament, imunologista. Depois de examinar Cazuza, o doutor Décio concluiu que a situação de meu filho era grave, gravíssima. O citomegalovírus

– que em geral cega – havia se alojado no aparelho digestivo. Cazuza estava com hemorragia interna e precisava ser internado imediatamente. Por falta de vagas no Albert Einstein, fomos para o Hospital Nove de Julho para uma semana em que meu filho lutou pela vida e viu a morte de perto. A queda de plaquetas no sangue de Cazuza foi tão violenta que ele chegou a tomar dez doses suplementares de plasma num só dia. Precisávamos de muitos doadores e João fez um apelo aos funcionários da Som Livre, pendurando cartazes nos elevadores. Oferecia passagem, refeição e transporte a quem pudesse fazer a caridade de viajar a São Paulo e doar plaquetas de sangue ao hospital. Vários atenderam ao apelo e sempre lhes seremos gratos por esse gesto tão generoso.

João decidiu fazer um apelo dramático ao Consulado Americano, para que pudéssemos levar Cazuza novamente a Boston. Imploramos ao doutor Décio para tirar nosso filho da crise e o deixar em condições de enfrentar a longa viagem aos Estados Unidos. Ele não nos prometeu nada, apenas que tentaria de todas as maneiras. Repórteres e fotógrafos faziam plantão na porta do Hospital Nove de Julho. Cazuza recebeu a visita de vários amigos nessa penúltima internação no Brasil, entre eles Bebel Gilberto, Guto e Roberto Frejat, do Barão. Nem é preciso dizer que Zeca estava conosco. Ele e Frejat choravam quando meu filho, que já não conseguia erguer os braços, fez um esforço supremo para abraçar Frejat:

– Oh, Brou, você veio me ver!!!

Foram pouquíssimas vezes, em toda a minha vida, que presenciei uma cena tão comovente. Chorei do lado de fora.

Finalmente, o Consulado Americano liberou o visto de Cazuza, que precisou tirar um novo passaporte. Para a viagem a Boston, Roberto Irineu, seus irmãos e o doutor Roberto Marinho nos ofereceram um jatinho Challenger, onde foi montada uma UTI móvel. Nossa saída do Hospital Nove de Julho foi arquitetada para driblar a imprensa. Foi uma cena felliniana: Cazuza escondido debaixo de um lençol saiu pela porta do fundo do hospital, evitando assim o tumulto que se formou na Rua Peixoto Gomide, juntando uma pequena multidão excitada. Eram 18h30 quando pude ver, pela janela da ambulância, João e alguns de nossos amigos tentando evitar que a imprensa nos fotografasse. Um empurra-empurra danado, um tumulto. Para acalmar os ânimos, João resolveu dar uma entrevista coletiva no próprio Hospital Nove de

Julho. Confirmou a viagem aos Estados Unidos, falou que o estado de Cazuza piorara sensivelmente no final da semana, mas que ele já não corria risco de vida. Disse, ainda, que confiava "nos avanços da ciência". No jatinho viajaram Cazuza, o doutor Décio Diament, uma enfermeira do Hospital Albert Einstein (e não do Nove de Julho, que não possuía esse serviço de transporte), uma aeromoça, a enfermeira brasileira que contratamos para ficar nos Estados Unidos, os dois pilotos e eu. As 19h30 levantamos vôo para uma viagem de dezesseis horas com duas paradas – uma no Brasil e outra no Panamá, rumo a Boston outra vez para a última internação de Cazuza no New England Medical Center e para nossas derradeiras tentativas de mantê-lo vivo.

Capítulo 18

Em Boston, pela última vez

"Senhor, estou pronto para ir ao seu encontro/

Mas não quero/Não vou/Não quero"

Azul e amarelo

Cazuza permaneceu inconsciente durante toda a viagem a Boston. Quando acordou, já estava internado no apartamento 601 do New England Medical Center. Clara Davis, nossa fiel escudeira e amiga, e correspondentes da imprensa brasileira nos aguardaram na chegada ao aeroporto. Mas Cazuza não se deu conta de absolutamente nada. Ao acordar, dois dias depois, suas lembranças eram da casa de São Paulo:

– Onde estou? Que lugar é esse?

– Você está em Boston, no hospital.

– Não. Estou em São Paulo, na minha casa!!!

Foi preciso situá-lo no tempo e no espaço. Logo após, nos transferimos para um quarto grande, bem amplo, e ali permanecemos de outubro à primeira quinzena de março, quase cinco meses. Cazuza, nesse período, não saiu mais do hospital, deixou o quarto apenas para passeios pelos andares, dar um pulo na lanchonete ou para fumar um cigarro. O citomegalovírus fazia estragos em seu organismo. E, enquanto ele não fosse controlado, era impossível experimentar o novo medicamento, o DDI – que começou a ser testado em pacientes soropositivos, em substituição ao AZT. Infelizmente, o DDI não era compatível com crise alguma. Cazuza passou a combater o citomegalovírus com o medicamento Ganciclovyr. Quando o corpo de meu filho respondia com sinais de melhora, os médicos suspendiam o Ganciclovyr, na tentativa de administrar o DDI. Mas bastava o organismo sentir falta da droga para o febrão voltar. Essa gangorra nos acompanhou por todo esse período em Boston.

Cazuza começou então a se rebelar contra as regras hospitalares. Resolveu que os curativos em sua escara no cóccix seriam trocados quando ele determinasse; o banho, na hora em que

quisesse; e comer, só quando a fome chegasse. A alimentação de meu filho se transformou num tormento para mim. Ele não queria comer de maneira alguma, porque se sentia enjoado com os remédios. Na minha cabeça, só a alimentação poderia tirá-lo daquela crise. Fazia de tudo para lhe despertar o apetite.

Por sorte, a colônia brasileira em Boston se faz presente em boa parte dos restaurantes da cidade. Todos os dias eu saía para comprar comida para Cazuza e, assim, acabei ficando bastante conhecida pelos maîtres. Geralmente era reconhecida como a mãe de Cazuza e ninguém cobrava pela comida. Todos se empenhavam com dedicação e capricho para ajudá-lo. As exigências de Cazuza eram constantes e, muitas vezes, de difícil execução: um queijo não sei de onde, a maçã que vinha de fora, o melão. Montei, então, uma minicozinha em seu quarto, com liquidificador, frutas, pão e outros alimentos que ele aceitava. Como trocava o dia pela noite, meu filho tinha fome durante a madrugada. Adorava, também, comida chinesa e, com o tempo, passou a ligar pessoalmente para Wilson, cozinheiro de um restaurante húngaro, o Budapeste.

– Wilson, o que você tem de bom aí? Eu quero isso e aquilo.

Havia sempre alguém em Boston para me ajudar, pois minhas forças já

beiravam a exaustão: a enfermeira brasileira, a caseira de Angra, Clarice, e a de Petrópolis, Zélia, irmãs e minha cunhada Maria Antônia se revezaram na ponte-aérea Rio-Boston nesses cinco meses. Muitos amigos também nos visitaram e deram seu apoio: Maryse, Ari Villar, Isabel Ferreira, Aninha Arantes, Gogóia e minha sobrinha Cláudia. Por causa da minha insistência com a alimentação, a implicância de Cazuza se voltou para mim. Como no tempo em que ele era um garotinho e eu o obrigava a comer, a tomar os remédios, a fazer o que era preciso. Passávamos o dia inteiro nessa luta, num conflito desgastante para ambos. Numa das idas de João a Boston, meu filho pediu a ele que me levasse embora para o Brasil:

– Pai, precisamos ter uma conversa particular!! Mamãe é muito chata, leva ela embora com você e me deixe aqui com as enfermeiras.

João não concordou, claro:

– Sua mãe vai ficar aqui, Cazuza. Aliás, ela está se queixando de que você

está fazendo algumas coisas erradas. Vamos fazer uma negociação? Você topa?

João pegou um papel e anotou as metas, evidentemente aumentadas, para que Cazuza concordasse com o que queriam os médicos:

–

curativos – 5 por dia

–

cigarros – 5 por dia

–

banho todos os dias

–

4 refeições por dia

Meu filho se comprometeu então a fazer dois curativos por dia, a fumar seis cigarros, no máximo, a tomar banho e a fazer duas refeições. No dia seguinte, pela manhã, ao entrar no quarto, a enfermeira disse a João que já era o décimo cigarro que ele acendia. João o repreendeu:

– Cazuza, você não me prometeu que iria fumar só seis cigarros? Você não viu o papel onde escrevemos tudo?

– Pai, eu assinei alguma coisa? Se eu não assinei, não vale nada. Fica o dito pelo não dito.

– Mas, Cazuza, no jogo do bicho ninguém assina nada e, no entanto, quando alguém ganha, recebe.

– Eu não estou jogando no bicho, não estou no Brasil e, se não assinei, não vale!!!

Dizia isso rindo, com extremo senso de humor. Era impossível resistir. Todas as enfermeiras do Pratt 6 (Edifício Pratt, 6º andar) adoravam cuidar de Cazuza. Ele conversava com cada uma delas, dizendo coisas absurdas com seu jeito brincalhão. Também gostava de implicar com os médicos assistentes. Quando um deles aparecia para vê-lo, Cazuza esperneava:

– Assistente não vai me assistir nunca! Eu quero falar com o fodão!!

Assistente é como vice, pode ir embora e chama o fodão!!

Ele se divertia, também, ao demonstrar seus inacreditáveis conhecimentos sobre o povo judeu, que ele muito admirava. Cazuza sabia distinguir, pelo sobrenome de cada um, a origem dos médicos que entravam em seu quarto, como o doutor Sheldon Wollff, por exemplo:

– Judeu polonês de alta estirpe, hein?

Doutor Wollff se espantava quando Cazuza começava a desfilar sua cultura judaica, contando toda a história para cada um que ele conseguisse identificar. Por todo esse período, meu filho teve sempre um de seus amigos por perto. João mandava buscar o Zeca, que ficou um mês, por três vezes. Bineco passou mais outro mês. Francis, Francisca Botelho, joalheira e amiga de Cazuza que vivia em Nova York, também esteve conosco em Boston. As vésperas do Natal de 1989, o último de sua vida, João perguntou quem ele gostaria que estivesse ao seu lado em

Boston. Cazuza pediu que o pai trouxesse Zeca, Bineco e Alicinha Cavalcanti, que já estava por perto, no Texas – Cazuza sempre se referiu a ela como "Alicinha, que Delícia!!" –, além de Francis.

Era a primeira vez que passaríamos o Natal longe de casa. Por mais que eu me esforçasse para sorrir e manter o alto-astral, meu coração se apertava de tristeza. Programamos, então, uma festa no quarto do hospital, que foi todo decorado por minha amiga Isabel Ferreira e minha irmã Clarinha, enquanto eu providenciei a comida. Cazuza pediu que eu comprasse um presente para cada uma das pessoas que cuidavam dele no hospital e assim foi feito. Vaguei muito à procura de um presente para meu filho, seu derradeiro presente de Natal. Acabei optando por um pedaço do Muro de Berlim, símbolo de um período, de uma idéia de libertação que eu desejava para Cazuza.

A ceia de Natal foi encomendada ao Hotel Four Seasons, com tênder de presunto, peru e rabanadas, uma comida bem brasileira. Éramos nove no quarto do New England Medical Center no Natal de 1989 nos esforçando para aliviar o ambiente, para que meu filho se sentisse bem entre amigos. A festa se alastrou pelo hospital e, embora quase todos fossem judeus, enfermeiras e médicos participaram conosco daquela celebração. Cazuza, com um gorro de Papai Noel na cabeça, distribuiu os presentes tentando desesperadamente se sentir vivo. Apesar de toda a animação, notei uma pontinha de tristeza em seus olhos fundos, mais profundos ainda do que já se mostravam. Então, lhe pedi com delicadeza:

– Meu filho, dá aquele sorrisinho que a mamãe gosta?

Cazuza sorriu de lado com todos os dentes à mostra, escancarados pela magreza. E, pela primeira vez, abracei meu filho pressentindo a fatalidade da dor de perdê-lo. Me lembrei do menino lindo e saudável que ele fora, enquanto apertava seu corpo magro, esquelético, me dando conta da dura realidade de sua aparência. Cazuza estava feio, com os cabelos feios, os bracinhos tão finos, o rosto tão encovado!!! Maldita doença, que além de matar, castiga um ser humano com uma brutalidade descomunal. Cazuza não merecia todo aquele sofrimento!

Emocionado com a cerimônia da data natalina, Cazuza retribuiu ao meu abraço e me disse baixinho, colado ao meu ouvido:

– Mamãe, aconteça o que acontecer, eu vou estar sempre junto de você!!!

Embora o comportamento de Cazuza tenha sido surpreendente durante todo o tempo em que esteve doente, raríssimas vezes o ouvimos reclamar ou lamentar a sua sorte. Os dois episódios em que mais manifestou seu desespero com a idéia da morte aconteceram em Boston. Primeiro, com João. Foi um apelo dramático, do qual só fiquei sabendo depois de sua morte:

– Pai, quando você perceber que não tem mais jeito, que eu não vou conseguir, pára de me dar remédio e me deixa morrer. Quero ter dignidade para morrer!

Certa noite, quando eu tirava um cochilo em seu quarto de hospital, acordei com os soluços de

meu filho. Assustada, lhe perguntei o que havia acontecido. Ele não queria falar. Insisti até ele desabafar:

– É que estou pensando se, quando eu chegar lá, vou encontrar a Vovó Alice me esperando.

Era de cortar o coração, mas me mantive firme e forte, sem derramar uma lágrima. Ainda naquele momento me recusava a pronunciar a palavra morte ou até

mesmo sua mera possibilidade. Mas, nas poucas vezes em que me mostrei cansada ou desanimada na frente de Cazuza, ele me afastou da depressão, exigindo que eu trocasse de roupas, ajeitasse os cabelos e não me entregasse ao desleixo. Certa vez, ao entrar desarrumada em seu quarto de hospital, ele me reclamou:

– O que é isso? Nem pensar que vai ficar assim! Pode ir se arrumar imediatamente. Além de velha, mal-acabada? É demais, eu não mereço isso! E

papai, muito menos!

Talvez a última alegria de Cazuza no New England Medical Center tenha acontecido em 10 de janeiro de 1990, quando ele recebeu a visita da amiga Ana Arantes. Diretora de televisão, Aninha dirigiu todos os videoclipes de Cazuza desde que ele lançou *Ideologia.* Também assinou o roteiro e a direção do especial dele na Rede Globo, sob a direção geral de Roberto Talma, exibido no final de 1988 e escolhido pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como o melhor programa musical do ano. Aninha trazia boas notícias. *Burguesia,* o último clipe montado por ela, com imagens antigas e material em VHS comprado de Marcos Bonisson, havia recebido a medalha de ouro como o melhor clipe internacional na categoria de produção até US$ 20 mil, no 322 Festival de Nova York. Concorrendo com trabalhos do mundo inteiro, o clipe que foi produzido por outra grande amiga e sua prima em segundo grau, Gogóia Castro, saíra vencedor. Gogóia, aliás, precisou alterar o real custo do vídeo – US$ 8 mil – para poder inscrevê-Io no festival. Aninha e Cazuza vibraram com o prêmio e meu filho desabafou:

– Finalmente um prêmio que ninguém vai poder dizer que foi o papai quem comprou!!!

No final de janeiro, a equipe do doutor Sheldon Wollff constatou que nada mais se podia fazer por meu filho. O citomegalovírus que atacou fígado e baço era muito resistente, a ponto de não ser possível definitivamente tentar a nova droga, o DDI, para impedir o avanço do vírus da aids. O temor circulou por minhas veias. Pedi, insistentemente, que eles deixassem Cazuza permanecer no hospital, porque no Brasil eu não tinha um médico especializado e de confiança a quem recorrer.

– Por favor, me deixem aqui, me deixem me sentir segura!

Penalizado, o doutor Wollff foi adiando a alta de Cazuza a meu pedido. Mas meu filho não agüentava mais e manifestava seu estado de exaustão profunda. Já

não suportava a rotina de Boston e ligava para João no Brasil, gritando por socorro:

– Pai, eu quero ir embora daqui. Quero voltar pra minha casa. Me leva embora?

Relutei durante mais de um mês, ainda na esperança de que algum milagre sucedesse. Absolutamente anestesiada, se me recostasse em qualquer canto, o sono me dominava. Pela terceira vez, os médicos vieram dizer que não havia mais nada a fazer por Cazuza e aconselharam: a senhora deve atender ao pedido de seu filho. Volte para o seu país e deixe seu filho conviver com os amigos. Finalmente, nos lembramos do doutor Paulo Lopes, que conhecemos numa das viagens a Boston e que estava lá acompanhando o irmão de uma amiga nossa. Conseguimos que ele conversasse com a equipe americana e se inteirasse de como o tratamento poderia seguir no Brasil. Ele aceitou Cazuza como seu paciente. Havia chegado o momento de me preparar para a viagem de volta e para o desconhecido. De retirar, já nem sabia mais de onde, as forças necessárias para mantê-lo esperançoso. João, é preciso dizer, jamais abandonou seu discurso enquanto Cazuza esteve vivo. Sempre disposto a repetir que ele não iria morrer, sempre convincente. Meu marido deixou Boston um dia antes de nós, para preparar a chegada. Nove meses depois de peregrinar com meu filho por São Paulo e Boston, eu estava finalmente voltando para casa.

Preparei todas as malas enquanto minha cunhada Maria Antônia e Zélia, caseira de Petrópolis, fizeram companhia a Cazuza, que, eufórico, contava dias, horas e até minutos para ir embora. Ao voltar com as providências tomadas, todas as enfermeiras do sexto andar do New England Medical Center estavam no quarto de meu filho, com um carrinho cheio de doces e Coca-Cola e alguns presentes. Ele ganhou uma camiseta rosa-choque com um desenho do Mickey em preto, que usou na viagem de volta ao Brasil. O doutor Sheldon Wollff apareceu para dizer adeus. Encostou na janela e falou a meu filho:

– Vim me despedir e lhe desejar boa viagem, com uma pergunta: você tem noção da família que tem, dos amigos que tem?

– Claro, doutor, imagine!!!

– Pois quero lhe dizer que, em meus 35 anos de medicina, nunca vi nada igual. Você deve ser uma pessoa muito especial. Muita gente liga do Brasil para saber de você, o doutor Pitanguy e outros, todos querendo notícias. Você está de parabéns, Cazuza. Nunca vi uma família como a sua.

Ficamos todos bastante emocionados com as palavras desse médico cujo falecimento, em janeiro de 1993, lamentamos profundamente. Eu sabia que, se ele tivesse como, salvaria meu filho de seu destino fatal. Sempre lhe fui grata por seus gestos de carinho e dedicação a Cazuza. Mas todos nós sabíamos que aquela despedida era um real adeus. Os médicos não tinham sequer uma vaga esperança de reencontrá-Io no futuro. Foi com o coração apertado, mas aliviada em voltar para casa, que embarcamos no mesmo jatinho que nos havia levado a Boston, com uma UTI a bordo, rumo ao Rio de Janeiro, no dia 9 de março de 1990.

Capítulo 19

O último vôo da caravana do delírio

"E algum veneno antimonotonia"

Todo amor que houver nessa vida

Desta vez, Cazuza viajou absolutamente consciente, pelas quinze horas de vôo, com duas paradas, uma em Porto Rico, outra em Manaus, na rota Boston-Rio de Janeiro. Tomou sopa de ervilha e permaneceu tranqüilo, sem sobressaltos. Muitos amigos foram nos aguardar no Aeroporto do Galeão ao desembarcarmos na madrugada do dia 10 de março de 1990. João, que estava nos esperando, perguntou a Cazuza como havia sido a viagem:

– Foi ótima, papai. Voamos num tapete mágico!!!

Bem-humorado, meu filho ainda insistiu em voltar para o seu apartamento na Lagoa. Mas isso já era impossível àquela altura. Ele não poderia mais viver sozinho. Inventei a desculpa de que o apartamento estava em obras, por causa de uma infiltração de água. Montamos, então, aquela UTI no quarto que era dele, com todo o equipamento que eu havia trazido dos Estados Unidos. Em casa, a recepção foi esfuziante, com cartazes de boas-vindas espalhados por todos os cômodos. A enfermeira Ed Motta, a Edinha, já nos aguardava, pois faria parte do esquema de enfermagem que a partir desse dia atenderia meu filho durante vinte e quatro horas. Até o fim, meu filho nunca mais se livrou do cateter instalado na região subclave de seu peito direito, que lhe foi implantado em Boston. Era preciso trocar os curativos todos os dias. Havia, claro, muitos outros cuidados e procedimentos a fazer, como Edinha conta:

"Para cuidar de Cazuza era preciso ter muito jogo de cintura, por isso fiquei a seu lado o tempo todo no começo, até arrumarmos uma outra enfermeira que soubesse lidar com ele, para me render. Mesmo tomando remédios para dormir, Cazuza tinha um sono de três, quatro horas seguidas. Ele era esperto, reconhecia os remédios, reclamava que queria doses mais fortes. Chamava por mim inúmeras vezes a cada noite. Ora para virá-lo de lado, ora para conversar ou pedir alguma coisa. Quando ficava bravo, nos chamava de incompetentes, xingava muito. Mas, ao mesmo tempo, era uma pessoa cativante e me apaixonei completamente por ele. Certa noite, pediu para ir deitar na cama de seu João e dona Lucinha. De repente, fez xixi na cama e justificou seu ato dizendo: mas como é que eu posso ficar naquele quarto minúsculo? Esse quarto aqui é que é bom, quero me mudar para cá ".

Não houve discussão alguma a respeito da mudança. Eu e João nos transferimos, tranqüilamente, para o quarto que era de Cazuza. Na verdade, depois de instalar toda a parafernália dele em nosso quarto percebi que meu filho ficou bem mais confortável ali: uma suíte ampla, com a banheira Jacuzzi onde ele tomava banho, e tinha mais espaço para receber as visitas. Elas eram inúmeras, por sinal. Em certas ocasiões podia-se contar cinqüenta pessoas em casa. Todos ficavam na sala e alguns entravam para conversar com Cazuza no quarto. Quando os pais de Frejat foram vê-lo, Cazuza fez questão de locomover-se até a sala,

para conversar. Ficou deitado com a cabeça no meu colo e se distraiu muito aquele dia. Ele gostava demais do casal. Outro amigo de Cazuza, Marinho Bastos, produtor musical, que trabalhou anos na Warner, vinha sempre. Ficava horas rezando o rosário ortodoxo cristão com Cazuza. Pegava em suas mãos e lhe fazia companhia. Marinho também era portador do vírus hiv e morreu três anos depois de Cazuza, em novembro de 1993. Bineco era quem me ajudava no trabalho pesado. Nunca se intimidou diante das dificuldades e agüentou assistir a todo o martírio de meu filho mesmo sabendo, desde nossa temporada em São Paulo, que ele próprio também estava contaminado. Quando Bineco encontrou Cazuza fumando, bronqueou:

– Porra, Cazuza, estou aqui há meia hora e você já fumou vários cigarros. Um atrás do outro. O médico já disse que você não pode fumar!

Na maior calma, Cazuza lhe respondeu sem pestanejar:

– Olha, Bineco, eu estou fumando um cigarro atrás do outro, sim, e vou te avisar uma coisa: daqui a pouco vou começar a trocar de amigo. Um atrás do outro.

As visitas de Zeca, evidentemente, eram diárias. Chegava por volta do meio-dia, mas não participava pessoalmente dos cuidados de Cazuza. Preferia conversar com ele, ler notícias de jornal, assistir a filmes no vídeo, ouvir música. Para evitar que o amigo afogasse sua revolta e desespero no uísque, Cazuza estabeleceu um horário para que ele iniciasse os trabalhos: nove da noite. Guardei, então, todas as garrafas de uísque no bar do andar de cima. Zeca concordou com as novas regras, só para não discutir com Cazuza. Não foi nada difícil para ele descobrir o novo esconderijo do uísque e, usando idas ao 'banheiro' como pretexto, subia e descia as escadas várias vezes ao dia para engolir rapidinho um cowboy. As 8h30, quando Cazuza resolvia liberar a bebida, Zeca tomava um ou dois uísques e já ficava de porre. Então, meu filho fazia o seu discursinho do dia:

– Ezequiel, você é um velho decrépito que não sabe beber. Fica de porre na segunda dose. Vai embora pra tua casa porque odeio gente bêbada!!!

Zeca ria, ia embora e, na visita do dia seguinte, repetia tudo outra vez. A melhora de Cazuza poucos dias depois de nossa chegada ao Rio foi surpreendente. Parecia tão bem disposto que, ainda em março, comentei com ele:

– Estou te achando tão bem que acredito que você vai superar essa.

– Também acredito, mamãe. Acho que dá para viver mais uns dois anos, você não acha?

– Acho, acho sim. Claro que acho!

Os dois anos que meu filho ainda queria viver se resumiriam, na verdade, a apenas quatro meses. A melhora inicial, provocada pela saída do hospital em Boston e pela felicidade e segurança de chegar em casa, seguiu-se uma perda gradativa de energia. Mesmo assim, ele aproveitou o quanto pôde seus últimos meses de vida. Aos poucos, fomos estabelecendo uma rotina que, embora trabalhosa, deixava meu filho um pouco mais feliz e o fazia esquecer por

alguns momentos as dores e os problemas que surgiam. Todos os dias eu entrava em seu quarto com a mesma frase na ponta da língua:

– Bom dia, flor do dia. Como passou a noite?

Depois, começávamos a falar de comida, a imaginar pratos maravilhosos, a planejar nossas refeições. Ele pensava muito, demorava a se decidir e, em algumas ocasiões, sentia fome antes que seu pedido estivesse pronto.

O doutor Paulo Lopes ou seu assistente visitavam Cazuza duas vezes ao dia. Para que não perdesse os movimentos, a recomendação foi a de que contratássemos um fisioterapeuta, na tentativa, ainda, de aliviar suas terríveis dores musculares. Em seguida carregávamos Cazuza para a cobertura do nosso apartamento. Ali, ele tomava sol e banho de mangueira. Depois, o almoço e as visitas. Para o banho de banheira – em cujo fundo instalamos um colchão de espuma fininho, para evitar que seu corpo já sem músculos se ferisse – eram necessárias três pessoas. Nessas horas, Cazuza sentia segurança com pessoas que não tinham receio em segurá-lo, como Zélia, de Petrópolis, Tereza, do Rio, Clarice, de Angra, e a enfermeira Edinha. Na primeira vez em que pediu uma máquina de escrever, na esperança de conseguir trabalhar, Cazuza foi atendido em menos de uma hora por Neila Perez, secretária de João há mais de vinte anos. Eternamente terei uma dívida de gratidão para com essas pessoas e também com Neila, nosso anjo protetor até hoje.

Todos os remédios eram ministrados a Cazuza através do cateter de seu peito direito. Edinha, que se revezava com outras três enfermeiras, relembra os procedimentos médicos dos últimos meses de vida de meu filho:

"Pelo cateter, ele recebia Citovene, de doze em doze horas, e morfina. Com o tempo conseguimos tirá-Io da morfina e ainda havia os remédios para dormir, Lexpiride, Dormonid. Quando precisava colher sangue para os exames, vinha um funcionário do laboratório em casa. Trocávamos o curativo do cateter duas vezes ao dia, com os kits muito práticos, vindos dos Estados Unidos. Aliás, estávamos superbem equipados para atender Cazuza em casa, tanto quanto numa UTI de hospital".

No final de março, depois de nova queda de pressão, cazuza voltou à Clínica São Vicente, para a última internação de sua vida. Tinha que fazer exames de rotina e o doutor Paulo Lopes preferiu que ele passasse dois dias no hospital. Quando recebeu alta, no dia 25 de março de 1990, João deu uma entrevista coletiva na São Vicente. Disse que Cazuza estava pesando 38 quilos ("e não 30 como andam publicando"), que vinha se alimentando satisfatoriamente e que seu estado de saúde era bom. Os jornais publicaram, também, o desejo de meu filho de viajar a Petrópolis. Doutor Paulo Lopes pediu que aguardássemos até que ele se recuperasse um pouquinho mais. Como seu aniversário estava próximo, distraímos Cazuza com os preparativos para a última festa de aniversário, seus 32 anos, comemorados no dia 4 de abril daquele começo da década de 90. Naquela noite, Cazuza demorou mais do que o costume no banho. Levou horas se arrumando, se enfeitando, enquanto recebíamos os convidados: Ney Matogrosso, Bebel Gilberto, Sandra de Sá, Ezequiel Neves, Bineco Marinho, Yara Neiva,

Frejat, Marinho Bastos, Márcia Alvarez, Lilibeth Monteiro de Carvalho, Antônio Grassi e alguns primos de Cazuza, inclusive Paulinho Müller. O cardápio foi o que sempre escolhia nos aniversários – bobó de camarão, que meu filho comeu com apetite. Todos o aguardavam na sala quando Cazuza finalmente terminou seus preparativos e o trouxemos para se deitar no sofá. Vestia um conjunto de calça e camisa em seda preta e amarela e sapatilhas pretas. Ganhou um Rolex de presente do pai. Não permaneceu muito tempo na sala, parecia cansado antes de pedir para ir dormir. Meu filho ficava especialmente feliz ao comemorar seu aniversário com grandes festas. Nessa quase despedida de Cazuza, lamentei com todas as lágrimas possíveis e em segredo a remota possibilidade de tê-Io a meu lado por mais um aniversário.

Ainda em abril atendemos ao pedido de Cazuza de passar uns dias em nossa casa na Fazenda Inglesa, em Petrópolis. Meu filho gostava muito da casa, construída aos poucos, com a primeira sobra de dinheiro da família. As lembranças de nossas temporadas lá são sempre deliciosas. Ela foi batizada de Cineac Trianon, em homenagem ao cinema que funcionou na Cinelândia, no Rio, nos anos 40, famoso por suas sessões contínuas. Tempos depois, construímos uma casa menor, com sala e dois quartos, para Cazuza receber seus amigos com mais liberdade, a setenta passos da casa principal. Mas meu filho nunca gostou de ficar ali. Dizia que não era cachorro para dormir fora de casa. Queria se hospedar na sede, mais precisamente em nosso quarto, onde se sentia um rei, ainda mais usando as roupas de seu pai.

A viagem foi feita de carro, na Belina vermelha que ele tinha. Improvisei uma cama inclinando o banco traseiro e ali viajamos deitados nós dois. Na frente, o motorista e a enfermeira Edinha. Ela se recorda muito bem do trajeto e de toda a tralha que tivemos de transportar, em outros dois carros:

"Levamos tudo o que ele poderia precisar lá. Dona Lucinha nunca mediu esforços; se imaginássemos precisar de um frasco de soro, levávamos cinco. Tínhamos balão de oxigênio, aspirador hospitalar, tudo o que usávamos em casa rio Rio. Lembro que, no meio da serra, Cazuza pediu para parar o carro. Queria fazer xixi – ele usava uma sonda – , mas não conseguia com o carro em movimento" .

Ao chegar, ajeitamos Cazuza na sala da lareira. Armamos o colchão d'água no sofá em forma de U ali mesmo, porque ele não queria ficar no seu quarto, no andar de cima. Edinha dormiu a seu lado. Mais uma vez atacado pela insônia, ele começou a se movimentar e a solicitar muita ajuda nas madrugadas. Edinha relembra:

" Às vezes, ele ficava acordado, fumando, vendo um vídeo, escrevendo e me deixava dormir. Outras noites, queria conversar. Ou, então, pedia: me vira; não tá

bom, vira de novo; agora desvira; tá uma merda; quero ir para o puff; me tira do puff; quero ir para o colchonete; quero voltar para o sofá".

Numa tarde em Petrópolis, Edinha empurrou a cadeira de rodas de Cazuza por todo o terreno da Fazenda para levá-lo aos seus lugares prediletos: o galinheiro, o canil e os fundos do

terreno, onde ficava a casa da mãe da caseira Zélia, dona Alice, onde ele se deliciou com um prato cheio de paçoca. Edinha temeu pela disenteria, mas nada aconteceu. Quando meu filho comia com gosto e vontade, seu organismo aceitava sem reagir. Outra tarde, quando tomava banho de sol na piscina, agora com Ana, a outra enfermeira que havia chegado do Rio para ajudar Edinha, pingos fortes de chuva começaram a cair. As duas correram feito loucas para pegar a cadeira de rodas, sentar Cazuza e se abrigar em casa. Parecia uma cena de comédia de pastelão, porque meu filho riu gostoso, encantado com todo aquele movimento em torno dele. Zélia viveu também com Cazuza outra cena em que meu filho se divertiu. Ao tentar levantá-Io, pisou em falso e caiu na piscina levando Cazuza junto.

Nos quinze dias em que ficamos em Petrópolis, Cazuza trabalhou nas madrugadas, escrevendo letras de música. Ali, ele já havia composto várias canções, em 1989: *Preciso Dizer Que 1e Amo, Mais Feliz, Amigos de Bar* (as três em parceria com Bebel Gilberto e Dé), além de *Perto do Fogo,* sua única parceria com Rita Lee. Nos finais de semana, João subia a serra trazendo a turma toda de Cazuza: Zeca, Bineco, Aninha Arantes e outros.

No começo de maio, mais exatamente no dia 4, foi a vez de Cazuza se despedir de nossa casa em Angra dos Reis. Roberto lrineu Marinho, com sua gentileza de sempre, nos cedeu um helicóptero e isso facilitou muito a tarefa de todos nós, além de ser infinitamente mais rápido e confortável para meu filho. A temporada em Angra também foi extremamente agradável e sem grandes sustos quanto à saúde de Cazuza. O que nos dava trabalho mesmo eram as saídas de barco. Precisávamos adaptar uma espreguiçadeira de piscina, forrá-la com um colchão especial, cobri-la com um lençol. Deitado ali, Cazuza era carregado por três seguranças até o cais. O percurso, porém, era longo – todas as escadarias da casa, a praia inteira antes de se alcançar o píer e a lancha. Meu filho jamais se incomodou com a curiosidade que despertava ao percorrer esse caminho. Deitado no banco de trás da lancha, ele sentia o vento na pele morena de seu rosto abrindo aquele sorriso de prazer que nos lavava a alma. Chegou a se banhar no mar de Angra com uma bóia protetora e uma parede humana a seu redor. Meu filho chegava em casa exausto depois desses programas, mas isso não tinha a menor importância. Assim como em Petrópolis, João vinha se juntar a nós nos finais de semana, sempre trazendo com ele um bando de amigos. Na temporada em Angra, Cazuza começou a tossir muito, a ponto de preocupar a enfermeira Edinha:

"A tosse era muita e insisti com dona Lucinha para voltarmos ao Rio. Mas ela dizia: ele vai melhorar, calma, gente! E foi o que aconteceu. Mandamos buscar até

um aspirador no Rio, mas não usamos um só dia. Quando Cazuza saía de lancha, acabava fazendo uma nebulização natural, com a água do mar, e voltava a respirar normalmente. Qualquer outro precisaria ser intubado. Ele dava a volta por cima. Certo dia, pediu para almoçar fora. Muita gente se movimentava para fazer as vontades de Cazuza. Se ele queria, nós fazíamos. Imagine uma pessoa com menos de 40 quilos sentir fome! Mas ele tinha suas vontades, estava bem. Se arrumava, queria que a gente passasse gel em seus cabelos para ficarem espetadinhos, queria sair sempre muito bem-arrumado" .

Na volta ao Rio, Cazuza queria continuar a se distrair com seus amigos e se recusava a passar

o dia inteiro na cama. Organizou, então, o que batizou de *Caravana do Delírio*. Um mês antes de morrer, ele comprou uma Veraneio preta, onde cabiam dez pessoas confortavelmente, com ar-condicionado. O objetivo da caravana era passear. Cazuza, as enfermeiras e seus amigos saíam quase todos os dias para tomar água de coco na Barra, circular pelas Paineiras, tomar um sorvete, fazer compras. Vários amigos de meu filho estiveram com ele na Caravana do Delírio, inclusive Denise Dumont, com quem Cazuza viveu uma paixão no passado. Já casada com um inglês e vivendo em Nova York, Denise estava passando as férias no Rio, com a filha Anabela, o mesmo nome planejado por ela e meu filho para seu bebê, quando eram jovens namorados.

No final de maio, Cazuza reclamou que todas as suas roupas estavam velhas, que não tinha nada para vestir. Por isso, resolveu organizar um passeio da Caravana ao shopping center São Conrado Fashion Mall. Com nosso motorista Waldir empurrando a cadeira de rodas, Bineco, Nandinha e Edinha acompanhando, Cazuza não parecia se incomodar quando todos os olhares curiosos do shopping se voltavam para ele. Ao sair da loja, sorria ao ouvir o aplauso de todos. Quando entrou na Richard's para escolher alguns moletons e camisas, a frente da loja ficou coalhada de gente espiando pelo vidro. De dentro, Cazuza acenava para todos, satisfeito. Nesse dia, ele comprou presentes para todos e se divertiu distribuindo cada um deles ao voltar para casa.

Desde a última internação em Boston evitei que meu filho se olhasse no espelho. Sumi com todos os do quarto do hospital e, ao voltar para casa, tomei a mesma providência. Mas quando o cabeleireiro Nonato foi chamado para cortar seu cabelo, Cazuza exigiu que eu lhe trouxesse um espelho. Relutei, usando desculpas esfarrapadas, mas ele me venceu e eu lhe entreguei um espelho. Olhou demoradamente para o seu rosto e disse apenas:

– Nossa, como eu estou acabado. Eu não tinha me dado conta disso!

Um mês antes de morrer, Cazuza mandou chamar o psiquiatra Luís Alberto Py, com quem ele já havia tentado uma terapia domiciliar, quando vivia no apartamento do Leblon. Pediu para ficar a sós com o médico. Quando desceu, Py me contou que eles não haviam conseguido conversar, porque Cazuza repetia sem parar:

– Eu vou morrer, eu vou morrer, vai embora daqui, eu vou morrer!!!

Capítulo 20

O fim

"Tchau, mãezinha, fui beijar o céu/

Tchau, paizinho, eu vou levando fé/

É tudo luz e sonho"

Certo dia na cidade

O desabafo de Cazuza com o analista, no último contato entre eles, pode parecer dramático, mas nem mesmo nos dias do pior pesadelo deixei que o clima de piedade contaminasse os últimos momentos da vida de meu filho. Mantive a promessa de nunca chorar na sua frente e essa atitude se reverteu em sentimentos mastigados e não digeridos. Meu sorriso, mesmo assim, esteve sempre nos lábios em todas as últimas vezes em que nossos olhares se cruzaram. No final de maio de 1990, Cazuza ainda encontrava forças para sair de casa. Fomos juntos ao Canecão, eu, João e a enfermeira Edinha, assistir à estréia do show *Estrangeiro* de Caetano Veloso. Só entramos quando as luzes se apagaram e, antes do primeiro bis, Bineco levou Cazuza ao camarim para cumprimentar Caetano. Cazuza comentou o quanto tinha adorado a versão do cantor para *You've Changed,* do repertório de Billie Holiday, quando fomos jantar no Antiquarius, a última visita de Cazuza ao restaurante de que tanto gostava. Foi uma noite muito agradável e meu filho convidou vários amigos que estavam no show para nos acompanhar. No dia seguinte, Cazuza saiu novamente – desta vez para fazer uma visita aos amigos do Barão Vermelho, que estavam gravando no estúdio Nas Nuvens, no Jardim Botânico. No final de maio, almoçou comigo, Bineco, Nandinha, Zeca e a enfermeira, no restaurante Quadrifoglio. Lembro que entramos no restaurante às três e meia da tarde e eram cinco quando pedimos a conta. Em junho Bineco passeou com ele, de cadeira de rodas, pela Visconde de Pirajá, em Ipanema, terminando a tarde com um chope no Banana Café.

A última aparição pública de Cazuza aconteceu em 2 de junho, aniversário da Flora Gil. A festa aconteceu no apartamento de Lilibeth Monteiro de Carvalho, em São Conrado. Estava tão entusiasmado com o convite que saiu com Bineco para comprar uma roupa nova. Já bastante cansado para se locomover, ficou dentro do carro, estacionado na porta da loja. Bineco trazia as roupas até o carro, para Cazuza escolher. Enfim, se decidiu por uma calça de crepe marrom e uma camisa de seda ferrugem. Levou, ainda, sapatos e meias novos. Cazuza pediu que mandássemos entregar três dúzias de rosas amarelas para a aniversariante e me ditou seu último bilhete em vida:

Flora, eu te amo demais

e hoje te desejo força, luz

e encantamento.

Com o meu melhor beijo

Cazuza

No dia da festa, Cazuza teve febre pela manhã e à tarde. Pensei que ele iria desistir, quando resolvi lhe perguntar se iríamos realmente. Cazuza respondeu:

– Vamos, mas tem um problema. Quero que você empreste uma roupa sua para Ana, a enfermeira. Ela precisa ir à festa bem-arrumada!

O desejo de Cazuza foi cumprido e até um cabelo afro foi providenciado para Ana. Saímos de

casa os quatro – João, eu, Cazuza e Ana – e fomos os primeiros a chegar ao apartamento de Lilibeth. Cazuza foi carregado para o andar de cima. Pediu um uísque e segurou o copo com aquela mãozinha frágil. Passou um bom tempo conversando a sós com Gilberto Gil, que relata este último encontro, que aconteceu, justamente, na fase em que acabara de perder seu filho Pedro, num acidente de carro:

"Nessa noite Cazuza fez questão de me falar sobre a morte. Disse que havia tido um coma profundo, que ele descrevia como sendo o portal da morte. E me contou como tinha sido bom, da sensação agradável que sentiu, uma sensação diáfana, cheia de luzes. Ele ficou fascinado com a experiência e disse que, depois dela, havia pensado muito em mim e imaginou que eu teria interesse em saber. Estávamos na varanda, ao lado do parapeito, e ele me abaixou assim de seu lado para me contar isso. Já não conseguia falar, ficava cansado. Cazuza gostava muito de mim, me admirava como artista e eu também a ele. Sempre tive admiração por ele, por seu talento e pela diferença que ele representava para mim – era uma pessoa inquieta num sentido totalmente adverso do meu. Fizemos juntos a canção *Um Trem para as Estrelas,* música-tema do filme homônimo. Ao acompanhar sua vida, desde menino, me lembrava de um colega que tive nos tempos da escola, um garoto muito aprontador, desobediente, e que durante anos me perseguiu. Queria me bater, fazer coisas assim e depois se tornou o meu melhor amigo, o único dos tempos do ginásio que ainda encontro. Para mim o que ficou de Cazuza foi sempre a imagem de uma foto que Lucinha me mostrou. Ele vestido com o uniforme colegial. Era um estudante. Um estudante da vida. Tudo o que escreveu me parecia uma dissertação sobre a vida, um pequeno trabalho escolar, um desenho da vida, um trabalho manual sobre a vida. Era um poetaço, admirável. Quando ouvia suas músicas, sempre embaladas no rótulo do rock, tomava enormes bofetadas. Nesse sentido, só Rita Lee me provocou emoção igual. Tinha uma coisa totalmente despretensiosa, um modo corriqueiro de dizer coisas profundas. Era um belo observador do ser humano e tinha a ousadia de universalizar sua individualidade. Cazuza tinha também a dimensão da tragédia muito explícita, muito almejada, desejada e produzida pela dinâmica vital".

Depois da conversa reservada com Gil, Cazuza se integrou na festa com outros amigos, Lulu Santos, Baby Consuelo, Caetano Veloso e Paula Lavigne, e, a certa altura, me pediu para ir embora, pois se sentia muito cansado.

Exatamente um mês e cinco dias se passaram desde o aniversário de Flora Gil até a morte de meu filho. Ele enfrentou seu último mês de vida com a saúde vacilando. Entre altos e baixos. Um dia estava bem, o outro mais ou menos. Estranhamente, não perdeu o apetite. Pedia comidas diferentes – sorvete de caju, por exemplo, não poderia faltar.

Para alguns amigos mais íntimos, Cazuza também era chamado de "Caju". Mal conseguia falar. Mesmo quando o doutor Paulo Lopes avisou que a situação estava ficando muito difícil, me recusei a acreditar que a morte de Cazuza estava assustadoramente próxima.

7 de julho de 1990

Eram onze da manhã quando chegamos com o corpo de meu filho ao Cemitério de São João

Batista. Tenho pouquíssimas recordações desse dia em que todas as lágrimas reprimidas sequer pediam licença para deslizar sobre o meu rosto. O caixão permaneceu fechado. Meu desejo era o de que todos o guardassem na lembrança como o menino lindo que ele foi. A magreza e o sofrimento da doença o haviam maltratado barbaramente. Uma cena apenas ficou gravada em minha memória, acontecida durante o velório. Passei todo o tempo sentada ao lado de Ney Matogrosso, que pousou a mão sobre o meu ombro, tentando me passar vibrações positivas de apoio e amizade. Serginho Amado tomava cerveja sem parar. De vez em quando, chegava perto do caixão, ficava olhando fixamente e saía para beber novamente. Minha irmã disse no meu ouvido:

– Aquele rapaz vai ficar bêbado!!!

– Deixa, o Cazuza iria adorar alguém bêbado em seu enterro, tenho certeza de que ele adoraria.

Respondi a todas as perguntas dos jornalistas, ressaltando a coragem com que meu filho havia enfrentado a doença e a admiração que cresceu dentro de mim a cada um dos dias em que se manteve vivo. Mas, quando Glória Maria, da Rede Globo, me pediu uma entrevista especial, não pude atendê-la. Já não raciocinava mais, e me percebi diante da inutilidade de falar naquele momento: nenhuma palavra serviria para exprimir meus sentimentos – aquela dor que não me deixava respirar. João não conseguiu suportar o velório e o enterro de nosso filho. A certa altura, precisou ir embora. Ele lembra:

"Cheguei ao cemitério, não fui ver o caixão e sentei nos degraus de uma escada. Comecei a me sentir muito mal. Alguém notou e me disse para ir embora, me disse que eu não iria agüentar. Fui para casa, entrei e deitei. Veio um médico, que não me lembro quem (Paulinho Müller, nosso sobrinho) era e nem sei se tomei uma injeção. Daquele trauma, só me recordo de detalhes quase que robotizado. Não sei detalhes, não sei a seqüência, não sei o cenário".

Eu, ao contrário, cumpri o ritual até o fim. Segurei a alça do caixão ao lado dos amigos Ney Matogrosso, Ezequiel Neves, Roberto Frejat, Bineco Marinho, Guto Goffi, Dé, Marinho Bastos, Orlando Moraes, Goga e Artur Muhlemberg. Depois das bênçãos do padre Max Lin Rodrigues, o corpo de Cazuza foi enterrado no jazigo número 21.355 – aléia 12 do Cemitério de São João Batista –, às 16 horas do mesmo e inesquecível 7 de julho de 1990. Como vizinhos de sepultura, Carmen Miranda, Ari Barroso, Clara Nunes, Francisco Alves e Vicente Celestino. Meu apartamento estava cheio de gente quando voltei, mas não me lembro de quase nada. Apenas de ter começado a beber vinho branco. Eu bebia e pegava fotos, lembranças, roupas, coisas de meu filho para olhar, me certificar de que ele ainda estava ao meu lado. Fiquei assim até me colocarem na cama, exausta, entorpecida pela bebida e pela dor, quase inconsciente. Ao acordar no dia seguinte, poucos vestígios restavam da UTI que montamos em meu quarto. Minha irmã

Clarinha e a enfermeira já haviam desmontado tudo. Pedi para que pegassem todas as roupas de Cazuza, estendi na cama e chamei seus amigos. Todos levaram uma lembrança dele. Fiquei apenas com a camiseta, o shortinho e o sapatinho coreano preto que ele usou até o fim. Todas

as missas em memória de meu filho foram celebradas na Igreja da Ressurreição. Na de sétimo dia, Olívia Byington e Ney Matogrosso foram proibidos pelo cardeal de cantar as músicas de Cazuza dentro da igreja, pois ele temia que a cerimônia se transformasse num concerto de rock. Enfeitei a igreja inteirinha com flores brancas e coloquei na saída uma cesta com palmas brancas. Terminada a missa, seguimos em caminhada até o Arpoador e, em suas águas, jogamos as palmas num adeus simbólico.

Por algum tempo ainda, minha casa viveu cheia de amigos, com quem podia chorar o peso da ausência dos primeiros tempos. Depois, cada um retomou a sua rotina e então nos vimos completamente sós. Não podia ouvir falar em hiv positivo, aids ou qualquer assunto sobre a doença. Revoltada com o sofrimento que meu filho foi obrigado pelo destino a enfrentar, pensava que não merecia estar viva. Não era justo. Os sonhos morreram, a vida perdeu a graça. Depois de muito pouco tempo me remoendo na angústia, Herbert Daniel e Betinho ligaram para João. Queriam que eu trabalhasse com eles na luta contra a aids. Em princípio rejeitei a idéia completamente, não me sentia estimulada a nada e, na verdade, queria distância das recordações de sofrimento. Mal sabia eu que, dali a três meses, estaria fundando a Sociedade Viva Cazuza.

Capítulo 21

Sociedade

Viva Cazuza

Não pude aceitar o convite de Herbert e Betinho, ainda decidida a seguir minha vida no extremo oposto da questão da aids. Mas parece que alguma força me empurrou para que me envolvesse nessa luta. Logo depois do telefonema desses dois batalhadores da causa pública, Raquel Hernandez, uma fã de Cazuza, teve a idéia de produzir um grande show em homenagem a ele, na Praça da Apoteose do sambódromo carioca. A lista de artistas que subiram ao palco para homenagear meu filho era grande: Barão Vermelho, Fagner, Orlando Moraes, João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, Marina Lima, Paulo Ricardo, Lulu Santos, Leila Pinheiro, Caetano Veloso, Kid Abelha, Telefone Gol, Baby Consuelo, Sandra de Sá, Jorge Salomão, Naíla Scorpio, Denise Barroso, Astrid Fontenelle, Scarlett Moon, Arnaldo Brandão, Lobão, Nilo Romero, João Rebouças, Bebel Gilberto, Renato Russo, Dulce Quental, Emílio Santiago. A direção do espetáculo foi de Aninha Arantes. Durante a produção do espetáculo, decidiu-se que o ingresso seria pago e o dinheiro revertido para uma instituição ligada ao tratamento de doentes de aids. Com o cheque nas mãos, não sabia a quem destiná-lo, quando me informaram que o Hospital Gaffré e Guinle, na Tijuca, era o que mantinha o maior número de leitos para pacientes contaminados no Rio. Escolhi esse. Procurei os diretores do hospital, para lhes entregar a doação, mas eles pediram mais:

– Queremos você trabalhando aqui!!!

Não sei como mas, de repente, me vi envolvida de corpo e alma na empreitada. Foi quando resolvemos fundar a Sociedade Viva Cazuza, Amigos da Décima Enfermaria do Hospital

Universitário Gaffré e Guinle – essa foi a primeira razão social, quando foi fundada, em 17 de outubro de 1990, três meses depois da morte de meu filho. Lilibeth Monteiro de Carvalho logo se interessou em me ajudar e aceitou o cargo de vice-presidente da Sociedade. Comecei, então, a levantar verbas, promover shows, receber doações, que, aliás, eram muitas. E aquilo foi crescendo. Reformamos enfermarias e berçário. Colocamos mais de dez televisões no hospital, uma para cada enfermaria. Todas as tevês da casa de Cazuza e também seu videocassete e geladeira foram doados ao Gaffré e Guinle, assim como os direitos autorais de Cazuza e todo o dinheiro arrecadado em eventos ou doações. Trabalhei ali por dois anos, até perceber que o hospital, mantido pela Universidade do Brasil, complicava-se em sua própria burocracia, além de pecar pelo excesso de chefes. Até que um diretor chamou minha atenção por ter reformado a enfermaria sem permissão da diretoria. Foi como se uma ducha gelada se chocasse com o meu entusiasmo. Considerei aquela atitude um desaforo, comparável ao que aconteceu quando conseguimos seis toneladas de comida e material de limpeza, doados pela empresa Brazilian Food. Aquele mesmo diretor me disse então não saber se poderia aceitar aquela comida, pois algumas latas estavam amassadas. Foi o fim.

– Estou me despedindo deste hospital, nunca mais ponho os pés aqui!!

Esbarrar em interesses escusos quando se trata da saúde de um ser humano não era uma situação que eu estivesse habituada a enfrentar. Quando a política se sobrepõe à vida, é impossível engolir. Deixei o Gaffré e Guinle em dezembro de 1992, com a certeza de ter contribuído para aliviar o sofrimento de alguns. Isso me bastaria. Além do mais, o trabalho no hospital havia me ajudado a superar outro drama e lá também deixei alguns amigos. Apesar de todo o meu envolvimento, não conseguia, em hipótese alguma, manter qualquer contato físico com os doentes. Eu não me permitia colocar os pés na enfermaria. Só depois de um ano me envergonhei da covardia e entrei. Passei a conversar com eles e a entender mais ainda as suas aflições. A maior delas, sem dúvida, era o problema da alta, quando a maioria dos pacientes não tinha para onde ir. Aquilo me levava à loucura. Muitas vezes tive que convencer uma mãe a levar um filho para casa. Não tenho muita paciência com isso e queria bater nas mulheres, avançar em cada uma delas.

Pensando ainda no que fazer a respeito dessa realidade com a qual me deparei e da qual percebi não ser mais possível me desvencilhar, fui a uma reunião da Comissão Estadual de Aids, à qual eu já pertencia, e conheci a doutora Loreta Burlamaqui, médica clínica especializada em aids e muito competente, que me acompanha até hoje como diretora médica da Sociedade. Quando a conheci mais profundamente, lamentei:

– Que pena não a ter encontrado antes, para que eu entregasse meu filho em suas mãos!

Conversamos sobre a possibilidade de se abrir uma casa para abrigar pacientes soropositivos, fora dos períodos de internação. Comecei, então, a visitar algumas instituições do gênero, entender seu funcionamento. Só em São Paulo conheci mais de vinte. Fiquei encantada especialmente com a Casa Vida, na Barra Funda, dirigida pelo padre Júlio Lancelloti e que atendia apenas crianças. Também viajei a Los Angeles e Nova York, onde conheci três instituições. Decidi, então, abrir uma casa para abrigar crianças soropositivas. Em busca de

um lugar, pedi uma audiência ao recém-eleito prefeito César Maia, intermediada por Fafá da Paraíba, voluntária na SVC {Sociedade Viva Cazuza). Fafá, que é uma pessoa simples e direta, encontrou o prefeito recém-eleito na rua e o interpelou à

queima-roupa:

– Prefeito, a Lucinha Araujo está precisando de uma casa para a Sociedade Viva Cazuza, por que o senhor não ajuda?

Imediatamente, o prefeito lhe deu o seu número de fax: e pediu que eu o procurasse através da secretária. Fui muito bem recebida pelo prefeito César Maia, que nos forneceu uma lista com dez imóveis para eu escolher. Mas nenhum serviu para o que eu estava pretendendo. Foi quando a primeira-dama, Mariângelis Maia, madrinha de nossa casa, uma mulher de muita sensibilidade e humanismo, resolveu oferecer o imóvel onde funcionava a obra social da prefeitura, na Rua Pinheiro Machado, 39, Laranjeiras. Em março de 1993 nos mudamos para lá, agora com nossa razão social alterada para, simplesmente, Sociedade Viva Cazuza. Depois de reformar o imóvel pra receber as crianças, fomos buscar (eu e Christina, minha gerente e braço direito até hoje) pessoalmente Natalino, aos cinco meses de idade, numa casa da Febem em Santa Cruz. Tinha pneumonia, herpes, dor de ouvido, sarna, piolho e a bundinha toda queimada pelas assaduras. É meu afilhado e hoje vive com saúde. Ele foi o número um. Em três dias já havia três crianças e, depois de uma semana, chegaram mais duas. Ficamos cuidando de 5 durante três meses, período em que cheguei a desanimar, mas, em uma semana, outras cinco crianças chegaram à Sociedade.

A casa da Pinheiro Machado, onde começou a funcionar a SVC, dividia o terreno com outra construção, também da prefeitura. Resolvi reivindicar aquele espaço, que por direito era nosso, mas que havia sido em parte invadido por outra instituição, o que nos atrapalhava e impedia de crescer. Em setembro de 1995

finalmente conseguimos o despejo e aposse e foi possível reformar a casa e abastecê-la para atender trinta crianças, que chegam a nós através do Juizado de Menores, hospitais públicos ou de familiares. Alguns são enviados por médicos. A Sociedade vive, basicamente, dos direitos autorais de Cazuza, que cobre 30% dos gastos, em abril de 1997 orçados em 45 mil reais por mês. O resto vem de doações, de leilões, shows e eventos que promovemos. Muitas vezes, a Sociedade Viva Cazuza tem contado com a generosidade de artistas brasileiros, da música popular, do teatro e do show business. O show em tributo a Cazuza realizado no Metropolitan (e lançado em CD) rendeu 230 mil reais na venda dos discos. Todos os participantes abriram mão dos cachês e os parceiros de Cazuza, dos direitos autorais. A gravadora Som Livre cedeu os direitos fonográficos. Existem, também, doações anônimas, de laboratórios, de gente que quer ajudar. Amigas fazem festa de aniversário e pedem fraldas descartáveis em lugar dos presentes e nos doam. O

governo federal começa agora a colaborar com a SVC, através do Ministério da Saúde.

Esse trabalho é o meu alimento. Teria ficada louca sem ele. Se continuasse agindo como uma

pessoa morta, a amargura teria me afastado do convívio com as pessoas que amo. Tenho consciência de estar fazendo o bem, mas também a certeza de estar me beneficiando – faço tantas coisas que mal tenho tempo para pensar nas dificuldades, além da convicção inabalável de que a causa é justa. Quem já passou por problema igual e não dedicou um pouco de sua vida a esta causa não pode deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz. Pelo menos, é o meu ponto de vista. Estar doente de aids e não ter recursos para se tratar é enlouquecedor para qualquer ser humano. Quando olho para minhas crianças na Sociedade Viva Cazuza, me sinto necessária. A força que me impediu de sucumbir ao desespero de não suportar a ausência de meu filho vem daqueles olhinhos esperançosos, essa gente pequena que ainda tem chance de conhecer a cura da aids. Através deles procuro me encontrar um pouquinho com Cazuza.

Às vezes me surpreendo ao pensar:

– Meu Deus, fez sete anos da morte de meu filho e ainda estou viva!!!

A surpresa diante dessa constatação é real. Semanalmente penso no que aconteceu, no que todo esse sofrimento queria dizer e no que significa eu estar viva e meu filho morto. Será que o destino me reservou essa difícil missão de assistir inúmeras vezes ao mesmo filme de horror que consumiu Cazuza?

Todos os anos mando rezar duas missas – uma no dia do nascimento e outra na data da morte de meu filho. Todas as semanas visito seu túmulo no São João Batista. Sei que ele não está ali, não faz mal, só a referência me basta. Nesses dias, converso longamente com Cazuza, conto das alegrias e tristezas, das conquistas e das dificuldades, acreditando piamente em suas últimas recomendações – "mãe, aconteça o que acontecer, eu vou estar sempre perto de você". A promessa foi cumprida. Sinto meu filho sempre a meu lado. Seu nome é pronunciado diariamente. Na Sociedade Viva Cazuza, na rua, em casa. Não esqueço um só minuto de tudo o que aprendi testemunhando o seu flagelo.

Nem todas as mães são felizes.

Epílogo

Ao reler os capítulos deste livro, duas preocupações me jogaram no beco da dúvida. Será que não fiquei parecendo uma bruxa má das histórias da carochinha?

Minha autocrítica teria ultrapassado a verdade dos fatos? Será que os momentos felizes da infância e adolescência de meu filho desapareceram diante da rigidez com que descrevi meu papel de mãe, na luta contra a rebeldia de Cazuza? Refleti longamente também a respeito das qualidades de meu filho, de sua infinita capacidade de amar, de sua imensa coragem ao enfrentar preconceitos tamanhos, vivendo perigosamente. Não teria me esquecido de dizer o quanto eu o amei, o quanto sua rápida passagem por este mundo me encheu de sabedoria e de todo o respeito que lhe devoto?

Não sinto remorso pelos erros que posso ter cometido com meu filho. Foram bem-

intencionados. Tenho certeza de que fui uma boa mãe, companheira, uma boa amiga. Claro que não sou perfeita e filhos não vêm ao mundo com manual de instrução. Eu, que só tive um, fui obrigada a aprender com ele mesmo. Só me conforto nas palavras do próprio Cazuza:

– Uma pessoa que não tem uma família boa, que não teve uma boa estrutura familiar, fica aleijada por dentro. Eu não posso me queixar de escassez de carinho, só de excesso. Mas é muito melhor!!!

João e eu seguimos nossa vida juntos há 45 anos. Nem sempre vivemos num mar de rosas, mas o saldo é positivo. Somos um casal que se entende, cúmplices e companheiros. Temos um ao outro, mas não temos mais sonhos. Nossa grande parceria foi o orgulho de termos gerado um filho especial. Quem sabe talvez por isso tenhamos tido apenas um. E seguimos o tempo que nos resta juntos. Até o final de nossos dias temos muito a conversar. Afinal, foram 45 anos de uma vida dramaticamente rica em sentimentos.

Quanto a Cazuza, descubro a cada dia como suas atitudes ousadas e seus versos de belezas desconcertantes carregavam em si o sentido da eternidade. Meu filho acreditou que o destino imutável dos poetas fosse abrir-se ao mundo e rasgarse todo, até que nenhuma partícula lhe sobrasse desconhecida por dentro. Viveu intensamente todas as chances de experimentar novas sensações que a vida lhe proporcionou. Sem medos e sem freios. Exibiu-se no palco e fora dele com a sensualidade das pessoas intuitivas, não reprimidas.

E, assim, penso que o amor das mães não faz mal a ninguém. Basta entender e aceitar esse vínculo carnal que se inicia quando a vida floresce dentro de nossas entranhas. É um longo e doloroso aprendizado, concordo. Para mim, a chance de tentar novamente passou. Quem sabe posso ajudar alguém a compreender?

Muitas vezes sinto vergonha ao demonstrar minha fraqueza. Se meu filho foi tão forte, tão digno, uma pessoa tão especial, que direito tenho eu de decepcioná-lo com atitudes covardes? E, assim, desafiando a memória, derramei esse relato dos acontecimentos e emoções que vivi, ao ter recebido o privilégio de concebê-lo, ajudá-lo acrescer e desfrutar de sua companhia. Também sem medos e sem freios. A exemplo de Cazuza, a exemplo dos homens de bem que, democraticamente, escancaram suas emoções e dizem não à mesquinha conquista silenciosa. Viva Cazuza!!!

Cazuza

Segundo

Cazuza

O que ele disse

1983

"Acho Brizola uma experiência fantástica, totalmente rock'n'roll. Ele dá uma segurança pra

gente, tem uma filha que é mais louca do que todo mundo que está

aqui, ele é um cara socialista, um cara Mitterrand, me sinto muito feliz de viver nessa cidade que elegeu o PDT que foi execrado no Brasil inteiro. Aqui vai nascer uma coisa nova que é rock'n'roll, uma coisa alternativa. O PDT é igual àquele sanduíche alternativo que se vende na praia."

1984

"O disco *Maior Abandonado* tem toda uma temática de vida, boêmia e fossa, que é uma ligação minha com o Nelson Gonçalves, Lupicínio Rodrigues e Ataulfo Alves. Um dia ainda chamo o Nelson Gonçalves para cantar uma música com o Barão. Se isso chocar algum roqueiro, é sinal que ele precisa se libertar desse trauma."

"A noite é uma opção de vida. Gosto de acordar tarde e dormir com o dia nascendo. Por isso, a música *Pro Dia Nascer Feliz* é a história da minha vida."

"Antes de eu nascer, já era Cazuza. Minha mãe tinha vergonha de me chamar, tão pequeno, de Agenor, nome do meu avô. Na escola, eu nunca respondia à chamada. Não sabia que meu nome era Agenor."

"Nós, do Barão, não seguimos tendências; não nos importamos muito com o que se toca lá fora. É algo proposital. O som termina sendo cru. Eu, por exemplo, não dobro voz nas gravações. Não usamos bateria eletrônica. E a base muitas vezes é feita como se estivéssemos diante do público..."

"Tenho loucura por dor-de-corno."

"Quando morei nos Estados Unidos, percebi que eles também gostavam dessa temática contramão, que se expressa no blues. Quer dizer, sempre amavam a pessoa errada."

"Eu não entendo de rock, mas como componho com quem faz rock, o resultado é esse estilo do Barão Vermelho."

"Eu não saio do bar, tomo oito vodcas, milhares de não sei quê, vou para casa e escrevo o que eu vi. O Tom Jobim uma vez disse que quando a gente canta o quintal da gente está sendo internacional, porque aquele quintalzinho só a gente tem. E o Brasil inteiro adora bar, adora cachaça, o Brasil inteiro é traído (conjugalmente)."

"Não tem nenhum jovem fazendo música brasileira, todo mundo é roqueiro, não tem ninguém que faça samba-canção, precisamos redimir a música brasileira."

"Eu acredito no amor eterno. Ainda vou encontrar alguém ara ficar para sempre. Enquanto isso não acontece, sou galinha mesmo. Um hora aqui, outra ali, no vaivém dos seus quadris, como digo na música. Mas quero até ter um filho. Já

que sou pai dos filhos dos outros... Adoro crianças..."

"Transo. Com homem, com mulher, não tem o menor problema. Namoro muito, sou ciumento, nesse ponto sou muito careta. Mas estou melhorando, porque a vida é um aprendizado . Ciúme pode ser até supercriativo, um ciúme que dê mais tesão. Poxa, você vai lá, não fica comigo, qual é? Transou com outro, sacana... Fazse uma ceninha rápida e depois vem um puta tesão pra curtir mais a garota."

"Minha primeira vez foi lá pelos 15 anos, numa festa em casa de amigos, em Petrópolis. Na minha fase meio pirada. Eu estava alto, e a menina me pegou meio à

força. Ela era sapatão... Fui currado (risos). Depois a gente se namorou, mas não era o que ela queria."

"Eu acho ótimo ser filho único, porque isso quer dizer apenas 'amor demais'. Eu acho bom. O que atrapalha é a falta de amor. Não vejo o lance da superproteção. Eu sempre fui muito bem-comportado até a adolescência. Tipo, 'o neto preferido da vovó', sabe? Depois, pintou o lance da rebeldia, fui expulso do Colégio Santo lnácio, fui fazer zona na rua, transar drogas, fugir para Mauá. Rasgava roupa para andar rasgado. Minha mãe desesperada. Aí, quando acabava o dinheiro, tava eu de volta. Mas eles, meu pai e minha mãe, sempre foram incríveis comigo. Meu pai deu sempre a maior força pras loucuras que eu quis fazer. Sempre esteve do meu lado. Dizia: " você vai quebrar a cabeça, mas faz o que você quer..."

"Eu fiz vestibular para comunicação, porque meu pai tinha prometido um carro; sempre fui tarado por carro. Com 14 anos, pegava o do meu pai. Os guardas pegavam, tinha que dar grana, já era freguês... Bom, então fiz o vestibular, passei e desisti lá pela terceira semana. Aí falei pro meu pai que não tava a fim de estudar e ele falou: 'Então vem trabalhar comigo'. Fui pra Som Livre. Trabalhei dois anos lá. O

Lulu Santos também estava lá, fazendo produção. Eu selecionava repertório. Mandavam milhares de fitas de gente nova e eu ouvia. De cem, tirava uma boa, que mandava para o Guto Graça Mello. Eu fazia também comunicados internos e textos de releases, do Jorge Ben, do Moraes Moreira. Uma vez teve o show de um conjunto, nem lembro qual, que eles puseram meu texto na portado teatro. Fiquei encantado."

"Com meu grupinho no Santo lnácio, nos considerávamos altamente intelectualizados. Éramos comunistas convictos, com 11, 12 anos {risos). Desde aqueles tempos, eu era ótimo em redação. Agora mesmo, tenho pronto um livro de poesias. Falta só o editor. Outro dia achei um texto meu, escrito aos 11 anos: uma redação engraçada, inocente, linda. Mas sempre fui péssimo em português. Tenho o dom de escrever, mas sou nulo em ortografia. Sou o lbrahim Sued do rock. O meu copy é o Ezequiel Neves. Uma vez que quis rimar 'não me importem que mil raios me partam' e o Zeca quase morreu quando ouviu a fita..."

"Desde pequeno fui tiete de todo o pessoal da MPB. Elis Regina sempre tava lá em casa. Eu acordava de noite para tomar água, e lá estavam na sala o Gil, Caetano, a Gal. A música

popular inteira me pegando no colo. Os Novos Baianos acamparam lá em casa, dormiam, iam comer, porque na época eram fodidos, não tinham onde ficar, e meu pai estava produzindo o primeiro disco deles. Só fui curtir rock, Janis Joplin, meus ídolos dos Rolling Stones, lá pelos 14 anos, quando dei uma pirada. Mas antes, o máximo que curtia era coisas do tipo 'Alone again naturally', água com açúcar. Nessa época aos 14 anos, passei umas férias em Londres com um primo mais ajuizado. E foi mais uma abertura. Então passei a ouvir Janis Joplin o dia inteiro. Quando comecei a compor, acabei misturando tudo isso. Do menino passarinho com vontade de voar (Luiz Vieira) a Janis Joplin. Mas com uma diferença. A dor-de-cotovelo da MPB, mas dando a volta por cima. 'Ah, você não gosta de mim? Então, foda-se também, eu estou aqui e sou mais gostoso.' O rock da turma nova veio amenizar o lance down, meio negro, de Lupicínio, do pessoal da antiga, que era a falta de esperança no amor. O importante não é cantar a perda, mas o amor. Afinal, como dizia Dalva de Oliveira, 'o amor é o amor'."

"Quando saí da Som Livre, passei uma temporada em São Francisco. Estava com 20 anos. Fiquei lá sete meses, dividia uma quitinete com um chinês. Descobri o blues de Janis Joplin, fiz cursos de fotografia, dança, essas coisas. Quando voltei, fui ser ator com o Perfeito Fortuna, do Asdrúbal; foi na época que a gente armou o Circo Voador, no Arpoador, para fazer a peça *Pára-quedas do Coração.* Eu não dizia uma palavra em cena, só cantava o tempo todo. A primeira coisa que eu cantei foi uma sacanagem com a Noviça Rebelde: na minha música, os filhos do capitão Von Trapp descobriam que a noviça era na verdade um travesti. Eu cantava até

Edelweiss. Cantava com microfone sem fio, chiquérrimo. Depois, com a Carla Camurati, a gente fez uma peça infantil. Foi quando o Léo Jaime, que é um cara genial, começou a dar força, dizendo que eu tinha era de cantar. Ele foi minha fada madrinha, e me levou pro Barão Vermelho, um grupo que tinha um som tipo Led Zeppelin, um rockão gostoso, e precisava de um cantor. Cheguei bem pianinho, devagar. Era um bando louco, pintava camburão na porta, porque os vizinhos lá no Rio Comprido, onde ensaiavam, reclamavam da barulheira. Aos poucos fui apresentando as minhas músicas, eles foram se amarrando nas letras, e pintou a parceria com Roberto Frejat, a paixão da minha vida, uma gracinha de parceiro."

"Desde pequeno, eu sonhava ser cantor, me ouvir cantando no rádio. Sonhava que um dia meu pai ia ter um Mercedes e ele comprou um. Sonhava em transar algumas pessoas e aconteceu. Não conto, ninguém pode provar mesmo. Mas ter uma música cantada por Caetano era um sonho meu, e aconteceu. O Ney, quando surgiu, foi uma porrada na minha cabeça. A liberdade sexual que ele transmite é mais forte até que Mick Jagger. Então quando ele gravou *Pro Dia Nascer Feliz,* foi um barato. Quando o Caetano, no show *Uns,* no Canecão, cantou *Todo Amor Que Houver Nessa Vida,* deu um esporro porque não tocavam o Barão no rádio, foi outro sonho. Acho que a minha estrela é mesmo muito boa..."

"Gosto de estar sempre com muita gente. Não vou a boates, porque não gosto de lugar fechado. No bar, você de certa forma está na rua, sai para comprar um cigarro, volta e fica feliz da vida por ter encontrado gente. Nesse sentido, sou meio vira-Iata, como já falou de mim o André Midani. Mas curto um Jack Daniels, apesar de ter pouca grana para comprar. Aliás, grana é sempre curta e acaba logo. Este apartamento foi meu pai quem me deu. O carro também.

Quando o caixa fica ruço, é ele quem me socorre. Dependo dele pro lance de médico, porque não dá pra segurar 50 paus por uma consulta. Mas pago minha comida, meus pequenos luxos. No fundo sou um perdulário. Mas com a segurança de ter um pai rico. Dono de gravadora. Não cheguei a fazer sucesso por amizade ou proteção. O Ney não grava a minha música por amizade. Foi por amor mesmo. A mim e à música. No meu meio, irremediavelmente meu pai seria o meu patrão, porque afinal se ele não fosse da gravadora (Som Livre), até porque ele é presidente da Associação Brasileira de Prqdutores de Discos. Se a Liza Minnelli tivesse parado para pensar nisso, nunca teria sido atriz. Mas não tenho culpa por ser filho de pai rico, e porque as coisas foram mais fáceis para mim. Nunca tive que vender livros na rua, feito o Tavinho Paes. Ou porque não passei fome, como o Léo Jaime."

"Sou muito vaidoso e muito desleixado. Gosto de uma mordomia, aqui no apartamento tá tudo em ordem porque a empregada cuida bem de mim, senão seria a maior zorra. Mas não sei cuidar das coisas. Imposto de Renda me dá tique nervoso. Tenho de chamar um amigo pra resolver pra mim. Este ano perdi até a chance da restituição, por não ter guardado nenhum comprovante. Sou meio dessituado, meio perdido. Me vejo um pouco meio Carlitos, com o sapato trocado. O

carro morre no meio da rua, porque esqueci de pôr gasolina. Quando fui votar, não sabia direito como fazer... votei no Brizola, porque representa a esperança. Aliás, eu sou da geração do AI-5, que nunca soube de nada, mas a gente sempre quis votar. Eu levo fé que a gente ainda vai ter representatividade. Vou votar num deputado e poder cobrar posições."

"Enfrentar o palco para mim é tudo. Aflora um lado sensual meio incontrolável. As vezes, entro de pau duro, a coisa pinta até antes de subir ao palco... Outras vezes, entro morrendo de medo, mas, cantando solta a tensão. Sem brincadeira, é lance sexual mesmo. Fora do palco, sou tímido, um menininho, me sinto profundamente desajeitado. Mas, no palco, sou um Super-homem, de pôr a capa e sair voando. Sinto o sexo aflorando, olho para as pessoas e sinto que tem uma coisa também, que volta em resposta. Porque estou mostrando uma coisa bonita que eu compus: não sou humilde, gosto mesmo do que faço. É muito o lance do prazer, eu e a platéia transando pra caralho."

"Eu fico feliz quando penso que o homem difere dos bichos e das plantas porque pode amar sem reproduzir – embora o Papa não goste disso. O homem transa por prazer. Então pode ser homem com homem, mulher com mulher, com diafragma, com pílula, com o que for... Homossexualismo é assim uma coisa normal. E o hetero, e o bissexualismo. O homem pode amar independente do sexo, porque ele não é bicho, não é planta. Se o cara não quer, não sente atração, tudo bem. Mas não tem esse negócio de regra geral quando se fala de amor. Quando pinta tesão, estou com Tim Maia e Sandra de Sá: 'vale tudo', mesmo!

"Por enquanto, o que me dá maior prazer além da música é o beijo na boca. Aquele lance do beijo que é o 'fósforo aceso na palha seca do amor'. O beijo começa tudo; é da boca que vem a relação... a primeira vez que se entra numa pessoa. Pra mim, é essencial. Sou capaz de ficar de pau duro se beijar alguém."

"Tem gente que se irrita, porque eu canto que todo mundo vai pegar a sua pasta e ir pro trabalho de terno, enquanto vou dormir depois de uma noite de trepadas incríveis. Mas o dia-a-dia não é poético, todo mundo dando duro e a cada minuto alguém sendo assaltado ou atropelado. Então, vamos transformar esse tédio numa coisa maior. Li uma vez que você vive não sei quantas mil horas e pode resumir tudo de bom em apenas cinco minutos. O resto é apenas o dia-a-dia. Um olhar, uma lágrima que cai, um abraço... Isso é muito pouco na vida. Então, isso vale mais que tudo para mim. Prefiro não acreditar no day after, no fim do mundo, no apocalipse. Um dia, ainda vou andar na nave espacial Columbus. Bêbado, lógico, mas vou andar!"

"Sexo sem amor dói, mas ao mesmo tempo é ótimo. Isso me angustia, mas é

a melhor forma de viver. Trepo com todo mundo, sem a nostalgia de um romance. Aquela coisa cristã de ter alguém. No fundo é uma escolha essa falta de compromisso. Afinal, não é todo dia que você encontra sua Yoko Ono. E enquanto ela não pinta vou levando na sacanagem."

1985

"Hoje sei que vendo meu bacalhau, mas meu lance mesmo é a poesia, que eu mastigo e vomito no público."

"Quando pintou o Barão eu tinha tudo para não dar certo. Nunca fui cantor, eu gostava de compor."

"Meu trabalho é totalmente intuitivo. Nunca estudei canto, dança, nada... eu sou rouco: eu birito, não tenho nenhum cuidado com a voz. Não faço nenhum exercício. Meu exercício é no palco."

"Eu me considero um autodidata mesmo. A mise-en-scene, tem muita coisa que a gente imita dos outros. Pego um pouquinho ali do Caetano, um pouquinho do Ney, um pouquinho do Mick Jagger, os ídolos da gente."

"Eu acho que tenho essa ironia, esse deboche, sim. É uma autodefesa, porque as pessoas são fogo mesmo. Então a gente tem que jogar um pouco com o deboche, com o cinismo para não se machucar. Mas no meu trabalho mesmo, nas minhas letras, nas minhas entrevistas, eu levo tudo bem a sério... Cantar é a coisa mais séria que eu faço, que mais me faz feliz. O trabalho é uma coisa importante. A pessoa que não encontra algo que a realize vira uma ameba."

"Sou muito sincero e às vezes até me arrependo disso. Se estou batendo um papo com um jornalista, eu estou sendo eu o tempo todo. Não tenho uma armadura... Agora, de certa maneira, depois da entrevista da *Playboy,* toda entrevista que faço, acabam batendo nessa tecla do homossexualismo, da droga. É

uma coisa até que resolvi não falar mais, porque aí é a minha vida particular. Agora, tudo que falei ali reforço e assino embaixo."

"Não me sinto minoria, nunca me senti... Eu tenho horror a gueto. Quero viver num mundo diferente. Quero viver num mundo em que todo mundo conviva igual... Não faria parte de um gueto, nunca. Eu não gosto de andar só com preto, só com judeu, só com viado. Eu gosto de viver é com todo mundo junto. É uma experiência que eu tenho de vida. Me sentiria muito mal em levantar bandeira de qualquer coisa que fosse muito específica, portanto não quero levantar bandeira de minorias. Acho que a coisa tem que ser maioral."

"Artista e censura são incompatíveis. O artista tem é que cantar, escrever, compor, pintar. Sei lá, acho que o papel do artista é muito ligado ao plano etéreo, ao plano da fantasia, ao plano da poesia."

"É o cúmulo prender um garoto inteligente, que faz faculdade, que é futuro do Brasil, só porque foi pego com um baseado. É um absurdo internar esse garoto num lugar onde vai ficar tomando remédio... Tem que haver leis mais liberalizantes para isso. É claro que o Brasil tem coisas muito mais sérias para resolver. Mas é uma coisa que afeta a mim que sou classe média, burguês. O que eu acho bacana na política da democracia ocidental é isso. É você poder votar no cara que vai tentar resolver o seu problema mais imediato... Eu falo de cadeira porque já fui preso várias vezes. É maior a violência contra o jovem. O jovem está sempre experimentando coisas novas, que às vezes são até passageiras."

"Adoro quando as fãs rasgam minhas roupas. Me sinto o próprio Cauby Peixoto."

"O rock é a idéia da eterna juventude. Quando descobri o rock, descobri também que podia desbundar. O rock foi a maneira de eu me impor às pessoas sem ser o 'gauche' – porque de repente virou moda ser louco. Eu estudava num colégio de padre onde, de repente, eu era a escória. Então quando descobri o rock, descobri a minha tribo: ali eu ia ser aceito! E rock para mim não é só música, é atitude mesmo, é o novo! Quer coisa mais nova que o rock? O rock fervilha, é uma coisa que nunca pode parar. O rock não é uma lagoa, é um rio. O rock é a vingança dos escravos. É porque não é para ser ouvido, é para ser dançado, é uma coisa tribal. Rock é simplesmente uma batucada. O rock brasileiro é fazer gracinhas, é contar piada. O que a gente tem de forte no rock brasileiro é o 'agá' que a gente leva."

"O Caetano (Veloso) rebolava e fazia tudo para chocar João Gilberto. E aí, então, a gente tem que chocar os ídolos da gente."

"Eu sou muito diferente do pessoal do Barão. Sou mais velho, mais louco, mais boêmio: eles são mais saudáveis, acordam cedo, não fazem loucuras."

"Eu tenho um ego muito grande, não conseguiria dividir um palco ou um disco."

" *Só as Mães São Felizes* é uma homenagem às pessoas que vivem o lado escuro da vida, aquelas que preferiram trocar o escritório pela rua, que resolveram viver e escrever a vida."

"Eu sou capaz de viver o lixo e o luxo da vida, me sinto tão bem num botequim ou no Hippopotamus."

"Eu nunca precisei lutar pela vida, e tenho inveja de amigos meus que batalharam, passaram mal e conseguiram conquistar coisas por esforço próprio."

"Eu sou um inadimplente."

"Eu prefiro ser visto como um letrista; é mais a minha cara."

"Eu sou o rei da declaração."

"Você é bissexual? Eu digo que sou. Quem é seu ídolo? Eu conto. É um defeito. Acabo ficando com fama de bêbado, homossexual e maluco..."

"Não tenho luxos. Não sou de beber champanha no Hippopotamus. Meu luxo é tomar um Teacher's no Baixo Leblon e comprar um papel de vez em quando."

"Supermãe perde perto dela. A do Ziraldo é penico perto da minha."

"Amor demais não atrapalha. Um filho rejeitado nunca conserta a cabeça. Um superprotegido tá limpo."

"Os jovens de hoje são bem caretas. Eu preferia ter vivido nos anos 60. Mas já que vivo na época de agora, posso pelo menos falar mal dela."

"Levo uma vida burguesa. Mas sei que o Brasil vai mal, que tem gente morrendo de fome, que o Papa é um bobo e que o comunismo não está com nada."

"Sou meio ufanista, mas a miséria, a máfia e o FMI mataram o orgulho da gente."

"Não me considero um cantor. Levo legal o meu lero. Sou afinado. Mas não passo de um letrista que canta, que gosta de palco. No palco, me sinto o cara mais gostoso do mundo. Fora dele, fico meio indeciso, perdido..."

"Meu primeiro disco solo é um trabalho onde eu estou me expondo muito, quis mudar um pouco a temática. Na época do Barão Vermelho eu era tido como o letrista que cantava fossa, a dor-de-cotovelo... Este disco está um pouco mais para cima, tem músicas onde olho menos para o umbigo. Neste disco, eu quis fazer homenagens a poetas que gosto, está um trabalho diferente. Tem uma música bem romântica de uma separação, mas que não é dor-de-cotovelo. Tem músicas desesperadas, mas é um desespero mais universal, não é aquela coisa de dor a dois."

"Eu tenho vários lados. O lado escuro é um lado muito forte, porque sou muito boêmio, vivo muito de noite. Gosto muito da noite, acho que ela é um espaço, um território livre para tudo. Não sei... a noite é muito dramática, muito bonita. As pessoas que saem na noite procuram algo que na verdade não vão encontrar, mas elas curtem a procura, aquele papo-furado. Gosto muito de sol, também, de praia."

"O *Rock da Descerebração* foi feito para a peça *Ubu Rei,* uma peça muito louca, porque o Jarry foi o primeiro punk, o primeiro beatnik. Ele e o Rimbaud, aquele pessoal todo do fim da virada do século que subverteram toda a caretice da época."

"Sou um cara que ouve muita música brasileira. Eu não conheço os grupos lá

de fora, não conheço o rock internacional. Conheço Janis Joplin, blues, Stones, Beatles. Estou super por fora do new wave, pós-punk, etc. Sou um cara mais ligado nas coisas daqui do que nas de fora. Então, minha influência do rock veio a partir de Rita Lee, Jovem Guarda, Raul Seixas. Eu me coloco dentro de um rock que já está

sendo feito há muito tempo, um rock mais genuíno."

"Acho que o sucesso é uma coisa muito perigosa. Não me deixo seduzir por ele. Eu nunca me deixei fascinar por transa de fãs me agarrando, porque sei que é

uma coisa de momento... Tento ser coerente com o meu trabalho e mais nada. Não me deixo seduzir por mordomias de sucesso: 'casacos de visom num dia; no outro trapos', tipo Billie Holiday."

"Desde novo, perseguia Caetano, Gil e Rita Lee nos bastidores dos shows, em festas, na praia. Gostava de sentar ao lado deles só para ouvi-los falar. Agora, admiração mesmo eu tenho é pela beleza da Nastassia Kinski. Sempre vou ver os filmes dela. Pode ser pornochanchada, comédia, qualquer porcaria. Vou ver só por causa dela."

"Sempre fui ligado em carros e meu prazer era encher o automóvel com a turma e ir para fora. Mesmo tendo carro, desejava ganhar uma moto e ficava com um ódio dos meus pais, porque davam o contra. Hoje, não ligo para carros, nem para motos."

"Já andei fazendo análise e descobri que era apenas para entrar na moda. Alugava amigos para me escutarem e era uma coisa bem solitária. Um dia descobri como transar o sexo e, embora tenha problemas, passei a me entregar às emoções sem sentimento de culpa. Hoje posso amar uma mulher ou um homem com mais intensidade e meus pais aceitam o filho que têm numa ótima."

"Gosto muito de fazer meu mapa astral, e outro dia disseram que meu melhor período da vida ia dos 28 aos 35 anos. Esse seria o tempo de grandes acontecimentos e tudo indica que vai ser bom mesmo. Por isso, adoro previsões."

"Quando enfrento as luzes do palco, há quem jure que meus olhos chegam a ficar verdes. Me defendo com esta postura."

"Gostaria de ter uma família. Fazer a minha família, o que deve ser muito bom. Mas não me considero capaz de dar segurança a uma família. Vivo só meu delírio e, quando me sentir forte o bastante, quero ter um filho e ser um pai legal. Os problemas do mundo existem porque os pais não deram colo para seus filhos e eu queria muito mais colinho."

"Espero que, no futuro, não se esqueçam do poeta que sou. Que as pessoas não se esqueçam de que, mesmo num mundo eletrônico, o amor existe. Existem o romance e a poesia. Que mais crianças venham a nascer e é fundamental o amor aos pais."

"Quando eu era garoto, queria ser um grande arquiteto e só me interessava em ficar fazendo mapinhas da cidade, traçando ruas e desenhando edifícios. Essa mania acabou quando resolvi fazer vestibular e percebi que não dava para matemática. Como fazia mapas, fazia poesia às escondidas de meus pais, porque era um romântico, um cara cheio de dores-de-cotovelo."

"Meus pais foram muito compreensivos quando comecei a dizer em entrevistas que era bissexual. Só achavam que eu estava exagerando, me expondo, mas esse é o papel deles. Se há alguma coisa errada, é comigo. Procuro as respostas através da vida. Quando ficar velhinho e morrer, ninguém vai mais lembrar deste meu lado. Só a música vai ficar. É só isso que o público vai levar do Cazuza."

"Ser filho único, por um lado, é bom; por outro, não. Meu pai e minha mãe, por força da vida profissional, tinham que freqüentar a vida boêmia – o que acabei herdando deles também – e me deixavam sempre com a minha avó materna. Ela era uma mulher fantástica, muito louca, aberta e deixou um grande buraco na minha vida quando morreu. Fiquei sozinho, sem um irmão para dividir comigo as alegrias e mágoas. Não tive coragem de me abrir com meus pais sobre minha vocação poética, porque pensava que iam dar o contra. Então, com minha avó, discutia versos, rimas. Ela foi a pessoa que mais influiu na minha infância e adolescência. Meu pai e minha mãe não eram repressores. Já aos 13 anos, tinha a chave de casa e o carro de meu pai para dirigir."

"Não consigo encontrar alguém que me entenda e, a essa altura, já não sei dividir mais nada, muito menos apartamento. Já não tenho saco pra ser cobrado de nada e dificilmente as mulheres entendem que gosto de ficar sozinho com meus versos, escutando música ou simplesmente em silêncio. Já cheguei a viver com uma e não deu certo. Sempre fui um cara certinho, sem as rebeldias dos jovens atuais. Claro que algumas vezes dava minhas fugidinhas de casa, mas sempre voltava como um bom menino."

"A minha música faz parte de uma história que começou quando o meu avô, dono de um engenho em Pernambuco, resolveu morar em cima do areal do Leblon (Rio de Janeiro), como terceiro morador da região. Ali nasceu meu pai, João Araujo, que se casou com uma moça linda, Lucinha, que cantava como um passarinho. Uma mulher que se tornou importante no cenário musical e que teve, numa das primeiras novelas da televisão, sua gravação da música *Peito Vazio,* de Cartola, incluída na trilha sonora. Gostava de vê-Ia cantando e penso que isso influiu muito no meu futuro."

" *Exagerado* é um disco agressivo, mas eu acho que a gente tem que ser agressivo, porque estamos numa época muito agressiva, a direita está agressiva. Fiz análise dois anos e tenho uma coisa edipiana mesmo, e de Electra também... a minha ligação é forte com os dois, meu pai pelo lado da vida, e com a minha mãe pelo lado mágico. Minha mãe é mais uma coisa energética, cósmica, meio louca, ela entende tudo o que eu faço, não explico mais, pro meu pai

eu já explico."

"A história das drogas está na Bíblia, é o pão e o vinho, um é o alimento e o outro é a imaginação. Eu, pelo menos, sou uma pessoa que precisa disto, quero tanto o pão como o vinho, a realidade e a fantasia. Tenho respeito por todas as religiões, o candomblé, tudo..."

"O Brasil precisa de muita força de seu povo. 0 único país da América Latina que está com a cabeça erguida é Cuba, que fez uma revolução contra um poder enorme. A gente tá muito de cabeça baixa... FMI, o brasileiro que em N.Y. fica querendo falar inglês bem porque lá é a capital do mundo; não tem nada disso, a gente tem que ter orgulho de ser brasileiro, sul-americano, ter brilho nos olhos."

"Eu não pirei com os Beatles, não dava muita importância, via como uma coisa meio histérica. Mas adorava também. Cantava *Help* numa língua que inventei... Só quando pintou Caetano com *Alegria, Alegria* é que achei aquilo moderno. Gal cantando 'a cultura, a civilização, elas que se danem...' Macalé e a

'morbideza romântica' de Wally Salomão. Rock eu conheci mesmo através do Caetano e da Tropicália, Os Mutantes, Rita Lee, Novos Baianos. Com 13 anos, eu estava lá no píer de Ipanema; ficava de tiete, de longe, tentava apresentar uns baseados pra eles, mas ninguém pedia."

1986

"Os marginais estão mais perto de Deus. Toda ovelha desgarrada ama mais, odeia mais, sente tudo mais intensamente, embora eu mesmo não me sinta assim. Talvez eu seja mais burguês do que transmito em minhas músicas. Eu convivo com essas pessoas e o que faço é uma espécie de defesa deles."

"Quando a Brasiliense começou a lançar as obras de Kerouac, Ginsberg, Borroughs, eu quase fiquei pirado, porque eu fazia algo ligado a eles e não sabia. Penso que os anos 50 têm muito a ver com os anos 80. Era uma época de repressão que se soltou lá pela década de 60 como agora."

1987

"O disco *Só Se For a Dois* me permitiu usar uma coisa não rock'n'roll. Eu tenho esse lado de cantor de churrascaria..."

"Eu morro sem o Frejat. É a paixão da minha vida. Quero fazer parceria com ele até morrer."

"Eu posso chegar num bar e conversar com a Beth Carvalho, a Elza Soares, um cara punk. Não ponho barreira em nada."

"Sou tiete de primeira hora do Caetano. Ele foi um cara que deu um aval importantíssimo no começo da minha carreira. Mas agora, com as declarações dele de que o Rio é só plumas e

paetês, foi a primeira vez que me decepcionou. Acho que ele deu uma mancada legal. Daqui a seis meses, ele volta com outra polêmica. Ele devia estar num dia 'não'..."

"Lobão deve amar muito o Caetano. Deve se pegar com a coisa do Caetano achar a geração dele muito melhor. Mas eu tenho orgulho de fazer parte de uma geração que tem o Renato Russo, o Arnaldo Antunes, o Lobão, uma geração que acabou com essa história de que rock é bobagem."

"Sou um romântico ao contrário do Lulu Santos. Ainda não conheci a minha Scarlett".

"Continuo compondo porque sou compositor. Por acaso eu canto. Eu gravo só para registrar que fiz isso ou aquilo num certo tempo."

"Sempre tive horror de política, mas tem coisas que você não precisa saber, qualquer burro vê. *Brasil* é uma música crítica mas não tem nada a ver com uma fase 'política'. Eu simplesmente passei o ano passado (86) do lado de dentro, e quando abri a janela vi um país totalmente ridículo. O Sarney que era o não diretas virou o rei da Democracia. Os fãs de hoje são os linchadores de amanhã (frase de Millôr Fernandes citada em *Vai à Luta).* O Brasil é um triste trópico."

"Dei uma entrevista para uma revista masculina falando de drogas e bissexualismo. Depois, todas as pessoas vinham me entrevistar, queriam saber mais a respeito. Só que cansei de falar sobre isso. O meu trabalho é mais interessante do que a minha vida sexual."

"Tenho a fantasia de ficar para sempre com uma pessoa só, ter filhos, constituir família. Mas minha vida desdiz isso."

"Não tenho nada a esconder. A minha vida é um livro aberto. Entendo, por exemplo, que determinados artistas não podem dar determinadas declarações, porque têm um certo compromisso com outra faixa de público, mas este não é o meu caso... Acho que as pessoas que compram meu disco e vão aos meus shows se identificam comigo porque têm um tipo de vida parecido com o meu. Nunca passou pela minha cabeça ter uma imagem. Nunca procurei isso..."

"Ter todo o público no escuro e aquela luz em cima de você é o êxtase do narcisista. E eu sou supernarcisista, mas acho que todo mundo que sobe num palco tem esse lado. Por mais que o cara não tenha vaidade, tem um lado narcisista. De forma nenhuma considero o narcisismo ou o egoísmo um defeito. Acho que são coisas inerentes ao ser humano."

"Não há coisa que me deixe mais feliz do que quando as pessoas vão ao meu camarim, depois dos shows, para falar que a história da música é exatamente o que aconteceu com elas. Isso é muito bonito e gratifica a gente... Existe essa busca de calar-se com público. Isso é lindo."

"Acredito em Deus... Ele está no pôr-do-sol, nas pessoas bonitas, legais, superanimadas Também não acredito em outra vida. A vida é essa aqui mesmo, e a gente tem que aproveitar enquanto é tempo. Já me preocupei muito com a morte e tive medo até. Hoje, apesar de ser um

assunto sobre o qual não gosto muito de falar, encaro com naturalidade, porque acredito também na energia das coisas. Na transformação das coisas em energia. Talvez até volte a este mundo, mas como outra coisa, em outra forma... sei lá."

"Acho até que, atualmente, poucos compositores falam da dor. Antigamente, tinha aos montes: Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues, Noel Rosa, Cartola, Maysa e tantos outros. Depois disso, pintou uma fase em que era cafona e antiquado falar do sofrimento. Não estou sendo pretensioso, não, mas vários estudiosos da música popular já me disseram que eu trouxe essa coisa da dor-de-cotovelo de volta. É

claro que isso aconteceu com a moldura mais epidérmica do rock. Todo brasileiro, todo latino-americano, é pego um pouquinho pelo pé nisso de mexer na ferida do amor. E sempre gosta de temas relacionados a uma paixão que não deu certo. Esse é o lado diferente e talvez polêmico do meu trabalho."

"Pra compor, não planejo absolutamente nada. Acho que sou a pessoa mais desorganizada que você pode imaginar. Tudo me acontece de supetão, porque nunca sei como a coisa vai sair. Agora, quando a inspiração vem, sou caxias mesmo, muito sistemático. Quando sento à mesinha para trabalhar, faço mesmo. Se a idéia não pinta, puxo por ela até acontecer. Só sou disciplinado para trabalhar. Pode ser até as quatro horas da manhã. Mas se começo uma letra, ela tem que sair. Depois fico semanas melhorando as imagens, as rimas."

"Eu não me considero poeta, sou apenas um letrista para divertir o povo."

"Ao contrário de todo mundo, que fica se ressentindo 'porque ela me deixou, não sabe o que perdeu', eu não tenho medo de dizer: Eu é que fui covarde e babaca."

"Eu não conto uma historinha, é uma coisa de parar e pensar na vida."

"Todos os que vivem no lado escuro da vida são pessoas iluminadas e me sinto mais à vontade em lugares com pessoas escrachadas do que com as mais finas."

"Não tenho vergonha de ser triste. Eu tenho o lado moleque mas também tenho o lado 'sentado à beira do caminho soltando bolha de sabão'. Mas de um tempo para cá, me cansei de temas românticos. Esse disco é muito romântico *(Só*

Se For a Dois), é de uma fase até meio triste, mas acho que foi uma fase válida. O

que aconteceu é que nas minhas letras eu tento debochar da dor, porque o rock abre essa possibilidade."

"Eu tenho um jeito de cantar blues, mas o meu modo de escrever é

samba-canção" .

"Quando saio na rua, pinta um personagem mais moleque, é verdade, mas acho muito chato

você chegar a um lugar e ficar ouvindo as pessoas falarem mal da vida. Pô, vai a um analista então!"

"Não sou um poeta aleatório, e, depois, como bom filho da Tropicália, não consigo admitir a barreira que as pessoas traçam para distinguir o que é e o que não deixa de ser MPB."

"Eu sou letrista de rock por acaso. Se houvesse pintado um grupo de samba, em vez do Barão Vermelho, eu estaria compondo sambas. De qualquer forma, sou muito latino, muito passional, e minha poesia reflete isso. Posso tentar caminhar no estilo Joy Division, mas quando vou ver o resultado, está muito Cartola."

"Atualizar Lupicínio, trazer essa tradição da poesia brasileira através de uma abordagem mais moderna, mais próxima de nossa realidade, nosso 'hoje'. Não posso, por exemplo, repetir Noel Rosa. Os tempos dele eram mais românticos, as pessoas pediam xícara de açúcar emprestada. Hoje, as pessoas nem se olham na cara. Houve a mudança do universo comportamental, e do referencial imediato. Mas o referencial básico fundamental, essencial, para mim, para minha alma, ainda é o mesmo."

"De cara fiquei meio constrangido por dividir o prêmio da Associação Brasileira dos Produtores de Discos de melhor letrista da MPB com o Chico Buarque. Sou tarado pela obra dele, acho seu trabalho incomparável. Mas depois pensei melhor e achei que não devia menosprezar assim o meu próprio trabalho."

1988

"Os problemas do Brasil parecem ser os mesmos desde o descobrimento. A renda concentrada, a maioria da população sem acesso a nada. A classe média paga o ônus de morar num país miserável. Coisas que, parece, vão continuar sempre. Nós teríamos saída, pois nossa estrutura industrial até permitiria isso. O

problema do Brasil é a classe dominante, mais nada. Os políticos são desonestos. A mentalidade do brasileiro é muito individualista: adora levar vantagem em tudo."

"Educação é a única coisa que poderia mudar este quadro. Brasileiro é

grosso e mal-educado, porque não pensa na comunidade, joga lixo na rua, cospe, não está nem aí. Este espírito comunitário viria com a cultura. Acho que o socialismo

] talvez possa trazer este acesso à cultura de massa. Fazer como o Mao Tsé-tung fez com a China. Educar todo mundo à força. Temos que estudar, ler, ter acessos a livros."

"O inferno é aqui. A cabeça da gente é um inferno. E essa de 'o inferno são os outros' não sei não... Pra mim, que dependo muito de amigos, de carinho dos outros, não vejo a vida contra alguém. Posso até ser meio ingênuo. Essa visão de inferno e céu: eu não vejo o inferno como uma coisa ruim e o céu como bom. 0 céu pode ser uma chatice e o inferno uma coisa divertida. Aliás, as imagens que temos do inferno são sempre aquelas onde localizamos o demônio, as

pessoas transando, se comendo. 0 inferno é um baile de carnaval no Monte Líbano."

"Estou careta, não bebo, não tomo drogas, não estou mais na noite; estou tratando de mim de um jeito que nenhuma babá trataria. Nunca tinha ido a um médico até os 30 anos... eu não sabia que tinha um corpo e que ele podia falhar um dia."

"Troquei de analista e tenho mais fé. Chamei por Deus, sim, a gente sempre chama o nome de Deus em vão, não é? Acho que Deus é parte do medo que a gente tem."

" *Ideologia* fala da minha geração sem ideologia, compactada entre os anos 60 e os dias de hoje. Eu fui criado em plena ditadura, quando não se podia dizer isso ou aquilo, em que tudo era proibido. Uma geração muito desunida. Nos anos 60, as pessoas se uniam pela ideologia. 'Eu sou da esquerda, você é de esquerda? Então a gente é amigo.' A minha geração se uniu pela droga: ele é careta e ele é doidão. Droga não é ideologia, é uma opção pessoal. A garotada teve a sorte de pegar a coisa pronta e aí pode decidir o que fazer pelo país, embora do jeito que o Brasil está, haja muita desesperança."

"Acho que o poeta é um insatisfeito. Então a noite, a vida noturna, a vida boêmia, da farra, são geralmente freqüentadas por pessoas insatisfeitas... Acho que é a própria insatisfação do artista que o leva a ter uma vida desregrada... Você diz que eu sou poeta, mas eu me considero um letrista, gosto de falar que sou letrista, porque eu acho que tem uma distância entre poesia e música popular..."

"Não sei se algum dia vou ser poeta, realmente. Quando me vem uma idéia na cabeça, ela já vem musical. É um processo criativo meu; escrevo cantarolando uma coisa na minha cabeça... Eu vejo a poesia como um trabalho com a palavra mesmo. Todas as possibilidades que você pode tirar da palavra, da gramática. Acho que faço uma coisa mais ligada à música do que à palavra e por isso não me considero poeta."

"Eu tenho um lado que leva as coisas muito a sério. Eu pareço ser uma pessoa que não leva nada a sério! E o que me salva na minha vida é que eu não consigo levar esse meu lado sério tão a sério."

"O rock já não é uma coisa da qual se possa debochar... A gente está com uma força de palavras, as pessoas estão ouvindo o que o Renato Russo fala, o que o Lobão fala... Por ma que cada um tenha caminhos loucos, eles estão falando. Somos uma geração muito mal informada – não tivemos participação política alguma; estamos chegando aos tropeções. A gente nunca teve ideologia..."

"Eu sou muito romântico e me defendo muito com o meu lado agressivo. Eu estou deixando essa faceta de criança, ingênua, bobão, puro mesmo, aflorar bastante. Como eu estou sem defesa, estou sem biritar – a bebida era uma coisa que me defendia um pouco das pessoas; eu tomava três uísques e virava o meu herói. E eu fiquei muito fraco, doente, exposto, frágil, muito feminino, muito 'yin'... Isso tudo ficou muito forte e é muito legal..."

"A coisa de que mais sinto falta é a época em que andávamos em tribo. Hoje em dia trabalho muito sozinho – cada d vez eu me vejo mais só."

"Acho que a revolução é na vida da gente. Com 18 anos você quer mudar o mundo e com 40 não quer mais. Por que isso? A gente muda! Tem uma coisa de época também... teve uma época de distensão, de abertura de costumes, que foram os anos 60 e 70. Agora estamos voltando ao moralismo. E estamos vivendo uma época chata."

"Está pintando uma coisa diferente em 1988, primeiro porque dei uma parada para pensar na minha vida, estive muito mal, muito doente, quase morri. Foi uma coisa que me mudou. Parei de sair à noite, estou levando uma vida diferente, me preservando, me escondendo mais. Então me perguntei como seria agora que não tenho mais meus celeiros criativos que são os bares. Essas pessoas meio marginais com quem eu convivo, sou fascinado por isso. A maioria das coisas que faço, por incrível que pareça, não é auto-referente. A inspiração vem muito das situações que vivem as pessoas que estão à minha volta, embora cante na primeira pessoa, sempre tiro de um amigo que brigou com a namorada... E por aí. E agora? Eu meio na janela, observando o mundo, escondido na minha casa, com menos amigos, apenas os mais chegados..."

"Eu achava que não podia falar sobre política, por não ser uma pessoa política. Eu tinha muito preconceito em falar no plural, achava que só falava bem do meu mundinho. Isso começou a mudar quando fiz a letra de *Um Trem pras Estrelas,* com a música do Gil, a partir do roteiro do filme de Cacá Diegues. Depois conversando com mil pessoas, inclusive Gil, pensei por que não mostrar a minha visão, por mais ingênua que ela seja? Não sei quanto é a dívida externa, qual é o rombo das estatais... não estou por dentro destas coisas, tenho uma visão romântica, mas a maioria da população também deve ter uma visão ingênua, então por que não me posicionar?"

"Tenho fé em mim mesmo, a minha experiência com Deus é por aí, sou muito pragmático, cético. Nunca me envolvi com misticismos, mas até acredito em magia. Quanto à minha saúde, tive muita fé na ciência e também no astral de querer ficar bem. Toda doença é muito cabeça, se você não está bem, acaba influenciando suas células. Antes de ficar doente já me sentia como um personagem. Eu estava aparecendo mais em coluna social com um copo de uísque na mão do que pelo meu trabalho. Todo dia nas ruas, nas festas, querendo aproveitar cada minuto, mas estava meio down, ou então um clone de mim mesmo. Agora, sem beber ou tomar drogas, coisas de que sempre gostei, mas tive de parar para continuar vivo, consegui um pouco mais de paz, o que levou a uma mudança até como letrista."

"Nunca escondi que sou bissexual. A aids não é uma epidemia e ninguém pode deixar de se amar por causa dela. Vamos usar camisinhas! Vamos resistir até

que encontrem a cura para essa doença. "

"Liberdades conquistadas são liberdades conquistadas. Usei minha rebeldia contra a morte."

"Dei a volta por cima da morte. Isso me deu uma fé muito grande. A doença é

metade corpo, metade carma – uma atmosfera da qual você precisa se livrar. Saí da doença com o corpo fraco e a cabeça forte. O tratamento médico nos Estados Unidos foi tão importante quanto a gravação do disco. Este disco é da sobrevivência."

"Comi o pão que o diabo amassou, Não dá para o repórter chegar e me perguntar: 'Como vai a tua aids?', 'Como vai seu câncer?' Não posso dar satisfação sobre o que está acontecendo com o meu corpo. Isso é assunto meu e do meu médico."

"Estou querendo me livrar do personagem Cazuza. Não quero mais falar em minhas músicas de sexo e drogas. Deixa isso para o Lobão. Não quero mais segurar cartaz. Não quero nem que cachorro me siga na rua."

"As revistas de fofocas dizem que fiquei careta. Não sou uma 'Madalena Arrependida'. A droga foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Abriu a minha cabeça, Maconha, ácido... Mas não podia sair do hospital e continuar bebendo e me drogando. Era uma opção: continuar vivo ou morrer."

"Não quero que me imitem. Não quero ninguém atrás de mim. Tenho muito medo de ser porta-voz de qualquer coisa,"

O futuro o rock brasileiro esta na música mais percusslva, baiana, caribenha. É um filão genial, meu porteiro e a minha empregada vibram com a música de Sara Jane e Gerônimo."

"Não tenho peito de falar mal das pessoas. O Lobão fala mal de todo mundo, mas não sai de casa. Eu saio muito, encontro as pessoas."

"Antes eu me sentia cronista da minha tribo, muito reduzida, por ser a tribo dos boêmios... Agora, minha temática se tornou mais abrangente. Não que não me considere mais cronista da minha tribo, mas é que minha tribo aumentou."

"Às vezes fico pensando que a aids parece mesmo coisa da CIA misturada com o Vaticano. Sei que é um pouco de loucura pensar isso, mas faz sentido, faz. Faz muito sentido."

"Sempre fui muito piranha, mas com essa história de aids eu também resolvi me guardar mais, estou mais calmo. Não namoro há mais de um ano, mas estou aberto ao que pintar."

"Eu sempre fui uma pessoa de duas vidas, de duas casas. Eu era durante o dia uma pessoa, e à noite tomava quinhentos mil conhaques, e virava o Super Cazuza, entendeu? Isso me encheu o saco."

"As pessoas sabem de histórias minhas que eu nem me lembro. Se alguém me pedisse para escrever um livro sobre a minha vida, eu não poderia. Não me lembro. Foram noites e noites. E depois? Acordei e tomei outro porre."

"Custei a acreditar que eu era realmente um artista, sabe? Eu queria fazer uma zona, aparecer nas revistas, nos jornais, mostrando 'tá vendo, papai; tá vendo, vovó'... Era uma coisa mais ou menos de provar coisas para quem não acreditava que eu fosse capaz de fazer. Foi uma época meio estranha, acho que todo artista tem isso, eu não me considerava, achava que eu era um cara da rua, da praia, que estava ali fazendo zona. Eu não tinha consciência do que eu estava fazendo. E as pessoas começavam a me cobrar, falando bem do meu trabalho, gostando, identificando coisas... Aí, você começa a ver que é um artista."

"A cada dia que passa, eu estou me sentindo mais compositor. O ano passado (1987) fiz uma música para a Angela Maria e ela gravou. Chama *Tapas na Cara.* A Elza Soares também gravou uma música que fiz com a Denise Barroso. É

engraçado isso, acho que meu trabalho atingiu de oito aos oitenta. Agora me considero compositor profissional. É o que dá mais prazer, muito mais até do que fazer shows. Por exemplo, eu gozo todo dia quando ouço a Gal cantando *Brasil,* sei que o país inteiro está ouvindo, ela canta bem pra caralho. Isso me dá tanta alegria!!!

É genial ouvir minha música na voz da maior cantora brasileira."

"Nunca vou ser uma grande estrela porque sou preguiçoso, sou incapaz de fazer aula de canto, de tentar me aprimorar, tomar aulas de expressão corporal. O

artista que deseja ser star, que deseja mesmo brilhar nos palcos, tem este tipo de preocupação."

"Jamais conseguiria morar fora do Brasil. Eu não sou nada cosmopolita, nada sofisticado, sou muito simples. Gosto de ver televisão, de ir à praia, tomar cerveja no botequim, fui criado bem classe média. Meu pai quando ficou rico, eu tinha 15 anos. Quando chego em N .Y. fico irritado, falo mal inglês, as pessoas não entendem o que eu falo, dá vontade de matar, enforcar... Fico me sentindo um aleijado, um índio, uma pessoa do terceiro mundo, envergonhado, sabe? Isto se transforma em raiva, vendo aquelas pessoas posudas, com aplomb... Europeu também tem isso..."

"Já viajei bastante, morei na Califórnia, em Londres... Essa coisa é tão arraigada que morei oito meses nos E.U. E falo inglês mal! Nem vou a cinema mais, quando viajo. Pra quê? Perco 50% dos diálogos, sem legenda eu me fodo. Nas peças da Broadway não entendo nada!"

"0 Rio é uma cidade louca por isso: é meio provinciana e é enorme. As coisas todas acontecem em volta da Lagoa. Eu me considero um personagem da zona sul. Se ali for ao Méier, vou me sentir igual em Nova York, tão estranho quanto. Este esquadro é típico de quem mora perto da praia. A praia é uma coisa muito poderosa."

"Fui um dos fundadores do Baixo Leblon, claro! Até hoje, quando volto lá sou homenageado. Fazem uma festa interminável. Eu adoro."

"Sinto pouco o desejo de vingança. Sou muito cristão nesse aspecto, no sentido da compaixão,

da piedade, tenho pena das pessoas. Quando alguém me sacaneia, penso: 'coitada daquela pessoa'. Não estou dando uma de grandioso, mas não sinto vontade de me vingar, de devolver, pão, pão, queijo, queijo."

"Graças a Deus, sou uma pessoa que não tem inimigos. Deixa até bater na madeira... não posso dizer que de tal pessoa eu não gosto, posso até não me relacionar muito com elas, mas não tenho inimigos. Luto para não ter, sou até meio falso às vezes, trato todo mundo bem, sou muito vaselina. Ajo assim deliberadamente. Já tive até quem eu pudesse odiar, mas não entro nessa. É um peso desnecessário. Sou muito egoísta, centrado em mim mesmo, para me incomodar assim com os outros."

"Minha visão de prazer é parecida com a letra de uma canção que fiz para Dulce Quental: *Inocência do Prazer*. Acho que você só consegue ter prazer quando você é completamente puro, ingênuo, inocente. Se você arma de um lado e de outro, o prazer foge. Ou então, quando consegue a coisa, está exausto. Prefiro ficar desarmado frente às pessoas e fatos. Então chega o prazer."

"O tédio é o sentimento mais moderno que existe, que define o nosso tempo. Tento fugir disto, pois tenho uma certa tendência ao tédio. Mas eu sou animadérrimo... Sou muito animado para sentir tédio!!! Sou animado à beça, qualquer coisa me anima. Se você me convida para ir na Barra da Tijuca, eu te digo logo: 'Vaaaamos!!!' Qualquer besteira me anima. Tudo que já passei na minha vida não conseguiu tirar esta animação. Eu me sinto sempre ganhando presentes. Se faço uma entrevista e leio depois no jornal, acho o máximo tudo, a foto, o texto... Estou sempre ganhando brinquedos. Me interesso por estes brinquedos um tempo, depois largo... Minha vida é muito assim, sempre morrendo de rir, nunca com tédio. E quer saber de uma coisa? 0 que salva a gente é a futilidade."

"Vai ser um show curto, de cinqüenta minutos. Uma música atrás da outra, sem sair do palco, bem conciso. Estou a fim de me aperfeiçoar como cantor. Quando eu cantava somente rock, eu não ia na melodia, eu recitava a letra, era mais gritado. Ser cantor agora é uma coisa tão forte que eu economizo gestos, fecho mais os olhos para cantar, coisa que o Ney (Matogrosso) me ensinou. Nesse show falo em vida umas seis vezes. Hoje tenho enorme respeito pela vida – peço licença."

"Estive doente, me tratei e estou legal. Mas isso é da minha vida pessoal. Fiquei mais místico, aprendi a aceitar o amor e o ódio. A vida é para ser aceita. Se você não aceita, você é infeliz. Isso é a compaixão. Todas as músicas do novo disco foram feitas antes de tudo acontecer."

"Eu não era uma pessoa normal. Desde os 13 anos, levei uma vida muito louca. Quando a gente é jovem, não percebe que as ressacas vão ficando cada vez piores. Então hoje estou tomando cuidado comigo, e isso faz com que eu tenha mais gás e faça coisas diferentes."

"Tenho feito mil experiências. Fui ao Santo Daime e achei interessante. Foi uma experiência fantástica tomar o Daime. Eu já tinha tomado muito ácido, cogumelo, mas era diferente. O Daime é uma coisa religiosa, uma coisa de sentir Deus, sabe? Eu não vou lá todo dia, pois eu

não gosto dessa coisa de clube, seita. Mas foi uma ajuda. Eu descobri uma coisa religiosa em mim que é muito importante para minha cabeça."

"Ainda bem que existe um passado, para existir um futuro, e para o presente ser essa maravilha que está sendo. Estar aqui com essa gente bonita, selecionada. Se aquela mulher, Maria Helena Godim, estivesse aqui, poderia fazer um livro,

'Sociedade Brasileira do Underground, do overground e do sensurround'..."

"O artista não é um operário, que bate o ponto e tal. Eu não acredito que ninguém possa ser operário da arte, porque a arte é contra a transformação do homem numa máquina."

"0 rock-and-roll é como uma trepada, muito ligado ao sexo e às drogas."

"De alguma forma me considero brega nas coisas que escrevo. Sou cafona e assumo. Gosto de palavras como ingratidão. Sou meio Augusto dos Anjos: 'escarra nessa boca que te beija' " .

"Todo dia acordo e vou direto pegar uma ducha e um sol aqui na minha varanda da Lagoa, fico massageando a mInha cabeça... E continuo na minha boêmia, saio toda noite, todo dia na rua. Não vivo sem os meus amigos: são pessoas que eu não esqueço, não existe essa de virou artista, ficou famoso. Os meus amigos são os mesmos há quinze anos. Vou no mesmo ponto da praia de

'trinta anos, no mesmo bar há quarenta'. A minha vida é muito simples... é bem uma vidinha aqui do Rio: ir num cinema, num teatro, na praia que adoro... aproveitar essa maravilha... pego o carro e subo até as Paineiras, para passear na floresta..."

"Eu sempre fui patriota, de gostar de ser brasileiro, de gostar de morar no Rio de Janeiro, de adorar isto aqui. Tanto que eu fiquei seis meses na Califórnia e voltei correndo. Jamais pensei em viver fora do Brasil, nunca sonhei com isso, seria muito infeliz se morasse fora. Sou daquelas pessoas que têm amor à terra. Mesmo na época da ditadura, com aquele clima tenso, militarismo... eu cresci em meio a isso, e a gente debochava muito do país. Porque o brasileiro é muito macunaíma, debocha de si mesmo, mas acho isso supersaudável, é uma prova do bom humor do brasileiro, enquanto o americano é todo duro. Aqui no Brasil, a gente não se leva a sério; De Gaulle tinha razão, não é um país sério. E o brasileiro é genial por isso."

"Eu sou otimista e foi o otimismo que me fez ficar vivo. Se eu não tivesse otimismo num certo momento, eu teria dançado. Eu consegui ver que eu mereço ser feliz, porque eu achava que não merecia. Eu era muito culpado, por isso fiquei mal, não conseguia ser feliz. Era muito feliz para o lado de fora, o 'exagerado' da rua, mas comigo mesmo não."

"Todo mundo comentava: 'o Cazuza vive rindo, é o cara mais louco, distribuindo felicidade, levantando o moral de todo mundo'. E eu, lá dentro mesmo, não gostava de mim. Foi uma loucura quando descobri isso. Porque é óbvio, todos estes temas de análise, de não gostar da gente, da culpa, sempre estive por dentro, conversava com amigos analistas, mas nunca tinha

parado para olhar para dentro de mim. Então, hoje, eu estou vendo tudo com este otimismo, acho que Brasil vai dar certo. As eleições para prefeito foram uma maravilha. Fiquei emocionado. Talvez ocorram ainda algumas conturbações, mas acho que não vamos repetir igualzinho 64, desta vez aprendemos a lição. Tento acreditar nisso."

"Eu ia comprar um carro agora, ganhei uma grana, não tenho problema de dinheiro, gasto, sou perdulário. Aí vi uma Alfa Romeo, que é um sonho que tenho desde criança, uma Alfa conversível, vermelha, e tava com um preço que eu podia pagar. Mas pensei bem e vi que ia me sentir tão mal dentro desse carro – quando parasse num sinal e chegasse uma criança vendendo balas: preferi então comprar um Jeep Gurgel."

"Achei legal a atitude do Gilberto Gil em se candidatar, e foi linda a votação que ele teve. Gil é muito 'voduzado' na Bahia, pelos liberais mesmo, a elite baiana não gosta dele, a classe média alta o odeia, mas ele é querido pelo povo. Quanto à

coisa de Gil ter apoiado publicamente os cinco anos do Sarney eu discordo – eu era pelos quatro –, mas também respeito a sua opção: as pessoas têm que ser flexíveis."

"Sempre escrevi, mas não sou muito bom de poesia, tenho guardado, mas vai custar muito para tirar da gaveta, não mostro, não. Tenho muito desconfiômetro, sou a pessoa que debocha de mim mesmo com mais escárnio. Antes de qualquer pessoa falar eu já falei, tenho uma autocrítica que é uma coisa louca. Mas o que escrevo tem uma coisa musical, já vem com uma música na cabeça, que é uma música imaginária. Só agora que comecei a assumir também que estou compondo música: no último disco tem três faixas com letra e música minhas. Mas procuro não compor muito sozinho. Jamais faria um disco todo com material só meu porque seria um bode."

"Em relação a minha vida, o que fica é uma busca muito grande da felicidade. Então, 1988 foi um ano feliz para mim. Eu acho que agora, mesmo nos meus momentos de tristeza, vai ser diferente, mudou uma coisa, consegui dar um clique e descobri uma base de felicidade e a partir daí é que sigo em frente."

"Viva a Erundina. E que todo brasileiro tenha comida e sexo em exagero."

"Minha bebida é mesmo uísque. Quando vou ao People peço Black and White ou Cutty Sack, que têm mais malte que álcool."

"Tudo de noite é mais interessante. Gosto de sair, de correr de carro em qualquer dessas freeways da zona sul, de estar com os amigos, de dançar. E com o fim do African Bar, só tem o People para ir. Tenho cartão, sou superbem tratado pelos garçons. Quem é biriteiro, boêmio como eu, tem que se dar bem com os garçons. Sou muito querido também pelos do Baixo Leblon, lugar ao qual sou emocionalmente muito ligado. Morei muitos anos em cima da Drogaria Piauí, da janela via como estava o movimento."

"A mulher canta melhor que o homem, se entrega mais, não tem vergonha de dar bandeira."

"Eu estou aprendendo a ser feliz. Tem que se educar. Que nem você tem que aprendera ler, a escrever, tem que aprender a ser feliz. Eu só vou parar no dia que eu morrer."

"Eu choro muito sozinho, nunca consegui chorar na frente de ninguém. Às vezes, minha mãe brigava comigo, me batia, e eu esperava ela sair para chorar. Sozinho, de noite, tem vezes assim, que ao invés de rezar eu fico chorando."

"Eu sou cínico, revoltado e menino, mas principalmente muito menino. Sou um edé no candomblé. Sempre que eu vou a um lugar espírita, vem um indiozinho me proteger. Meu anjo da guarda é uma criança."

"Eu gosto muito de mentiras sinceras. Isso é a minha cara, porque às vezes uma mentira bem contada... é a tal coisa, eu que só quero uma verdade inventada. As vezes a mentira é tão criativa que vira uma verdade."

"Eu sou uma pessoa que precisa de drogas. Um fuminho de vez em quando, sabe? Pra viajar um pouco, meu estado um natural me cansa, me dá tédio ficar o tempo todo careta."

"Qualquer droga faz mal. Eu acho que a maconha faz mal, cocaína faz mal, álcool faz mal, mas eu... não posso causar mal nenhum anão ser a mim mesmo."

"Esse negócio da aids foi um freio. O prazer passou a ser um risco de vida. Tem pessoas que sabem transar bem com isso, outras não. Tenho amigos que quando vão transar vomitam."

"A aids caiu como uma luva, modelinho perfeito da direita e da Igreja. A aids caiu assim como um tailleur para eles, que nunca estiveram tão elegantes... e deselegantes principalmente."

"Depois que eu vi a cara da morte eu mudei muito em coisas assim palpáveis, como perder o medo de andar de avião, mas no básico eu continuo o mesmo. Não é

que eu não tenha mais medo de morrer, é que eu gosto tanto de estar vivo que acho que vai ser um desperdício morrer."

"(A morte) é um triângulo de luz, é uma paz como se fosse um gozo, como se fosse um choque de heroína."

"Uma coisa é certa: morrer não dói. Eu estive perto dela e é prazeroso, não dói."

"Eu tenho desprezo total pela Igreja e pela direita. Eu acho a direita uma coisa tão mesquinha, o poder individual, eles são tão... Eu gosto de viver no coletivo. Eu sou da esquerda porque tenho muitos amigos, gosto de dividir as coisas, acho superbonito dividir."

"O primeiro sentimento do ser humano é a competição. Ele nasce, pega o peito da mãe, e já está competindo com o pai. Depois vem a inveja, que é mais ou menos a mesma coisa que a competição. Então, eu acho que Cristo e Marx foram muito ingênuos. Eles tentaram extirpar isso do homem, e é impossível. 0 ser humano é competitivo. 0 leão, o tigre é competitivo, os

animais são competitivos. Então, é

como amputar um dedo, sem a competição as pessoas ficam sem um dedo."

1989

"Em 1988 mudei minha maneira de encarar o trabalho. Antigamente, trabalho para mim era diversão. Eu queria me mostrar. Cantava para arranjar broto e para provar para o meu pai que eu era bom. Eu queria era comer todo mundo. E

consegui. Agora vejo o trabalho de outra maneira. Comecei a me preocupar em cantar melhor. Como letrista, passei a falar de coisas mais abrangentes. Parei de falar um pouco do meu quintal e passei a falar da minha geração. Acho que é a idade também."

"Sou muito protegido. Isso até me prejudica. Sou meio despreparado. Sou o neto preferido de duas avós e filho único, mimado de pai e mãe. Mas meus valores são todos de classe média baixa. Eu era filho de um produtor de discos e de uma costureira, Estudava no Santo Inácio, que só tinha gente rica. Eu tinha vergonha porque minha mãe costurava para as mães de meus colegas. Na época eu chorava, hoje tenho o maior orgulho dela, Papai só começou a ficar rico quando eu tinha 15

anos,"

"Nunca estive tão ruim em minha vida. Um dia o suicídio passou pela minha cabeça. Rapidamente. Queria tomar alguma coisa para desmaiar. Não sentia prazer em estar vivo. Nunca entendi o suicida. Achava uma covardia. Aí eu entendi."

"Fui criado por padres errados. Fiquei com trauma. Se vejo um padre saio correndo. Mas os valores do cristianismo eu acho legal. Sou contra a idéia de pecado. Cristo propôs a dúvida. Isso é maravilhoso. Ele duvidou até o fim. Acho isso fantástico porque a dúvida é criativa."

"Não gosto que me perguntem se estou com aids. Me faz lembrar uma coisa que eu quero esquecer. Contei para muito pouca gente o que eu passei no hospital, Mas todo mundo sabe o que eu tenho."

"Perdi 10 quilos, perdi meus músculos e não os recuperei. Tinha um pouquinho de barriga. Tinha um bundão. Meus amigos me chamavam de 'Maria Gorda'."

"Para mim, o amor e o contrário da morte. Por isso não tenho medo de morrer. Eu estou amando. Estou amando um homem. Isso para mim é coragem. E é

contra a caretlce."

"Tenho fé em mim mesmo, a minha experiência com Deus , é por aí , sou multo pragmátlco, cético. Sou otImIsta. Se não fosse, num certo momento eu teria dançado, Mas, em relação à minha vida, o que está acontecendo é uma busca muito grande de felicidade que eu estou

encontrando."

"Eu era muito feliz pelo lado de fora, mas comigo mesmo não. Achava que não merecia ser feliz."

" Estou ótimo, segundo todos os exames. Mas posso morrer amanhã. "

"O meu amor agora está perigoso. Mas não faz mal, eu morro mas eu morro amando."

"Quero festa, banda e corpo de bombeiros no aeroporto, quando eu voltar para o Rio. Estou com a saúde ótima. Na verdade é como se eu acabasse de descobrir que sou portador do vírus, como se ele não tivesse começado a agir."

"Há algum tempo eu deixei de esconder a aids. Acho que graças à Marília Gabriela, que me deu um toque. Depois que ela me falou que não fazia sentido o fato de eu negar o vírus com minha posição liberal como artista. Aí eu pensei, vi que ela tinha razão e achei melhor parar de esconder."

"Às vezes acho que foi mais culpa das drogas e de bebidas (alcoólicas) do que dos remédios. Só sei que comecei a ter alucinações, via coisas que não aconteciam na realidade, uma depressão brava. Então meu médico no Brasil me recomendou que eu fosse mais uma vez a Boston para fazer um novo check-up. Foi bom que eu descobri que estou ótimo. Aqui nos E.U. cheguei a engordar quase dois quilos."

"Posso levar uma vida normal. Estou fumando como sempre. Posso até beber vinho e cerveja. Só não posso mais é com uísque e nem com cocaína. Prometi para mim que não iria voltar para esses velhos vícios. Agora eu estou lutando para ficar vivo."

"Meus deuses são muitos e eu acredito em todos eles."

"Frei José me disse que sou uma pessoa cheia de luz e energia, por isso sou tão inquieto. E mais: que tenho uma missão a cumprir aqui na Terra, e que estou fazendo isso muito bem, por isso não vou morrer tão cedo. Ainda vou viver muitos anos."

"Ficam dizendo que Roberto Carlos é careta, mas eu não acho. Ele tem que ter muita responsabilidade com o que diz e eu estou também sentindo isso neste momento. Atualmente estou me tornando um ativista político. Tudo o que eu vejo de errado escrevo cartas para jornais, denunciando mesmo. E acho que todo mundo deveria ser assim."

"Eu andei um tempo afastado do Roberto (Carlos), mas agora voltei a achar o trabalho dele demais. Eu estou sempre cantarolando 'se diverte e já não pensa mais em mim'. A nova música dele. O Roberto Carlos é uma pessoa importantíssima para mim, porque faz parte da minha infância. Eu cresci amando a Jovem Guarda. Tinha tudo com a marca Calhambeque, roupa, merendeira e sapato. E um dos momentos mais emocionantes da minha vida foi quando aos 10 anos meu pai me levou no estúdio da Som Livre, onde o Roberto Carlos estava gravando."

"Nem penso que tenha sido explorado. Pode ser que tenha havido essa intenção, a gente nunca sabe. Mas eu não considerei nenhum desses últimos lançamentos de trabalhos como os últimos. Eu não penso em morte. Acredito em outras vidas e coisas assim. Nem fiz testamento. A única coisa que combinei com o meu advogado é que quero ser cremado quando morrer, e que minhas cinzas sejam espalhadas no Arpoador."

"Claro, faço muitos planos. Esse é o segredo para ficar vivo. Toda a minha família é muito forte. Eu tenho certeza de que vou viver pelo menos até uns 70

anos."

"Eu nem queria dar entrevista, mas é melhor dar logo. Estou aqui porque não posso beber. Desde a época em que estive em Maceió (fev./1989), é bebida de manhã à noite. Acordo com um copo de uísque, durmo com outro. Depois que fui para Boston, onde de três em três meses eu faço um check-up, tentei análise, mas não adiantou. Assim, com tudo isto, tive uma desidratação e uma fraqueza geral de tanto beber e não comer. Nada tenho a esconder. Minha vida é um livro aberto."

"Já estou começando a me sentir ótimo, me recuperando. Meus amigos têm vindo aqui e telefonado muito. A enfermeira trouxe o bilhete das crianças e eu adorei. Adoro crianças. Deveriam ter deixado elas virem aqui. Eu as recebo, abraço, beijo."

"Essa música minha com o Lobão eu adoro; *Azul e Amarelo* são cores do meu santo, ogum edé, que é um santo criança, o mesmo santo do Gilberto Gil. Com azul e amarelo estou protegido. E temos a parceria do Cartola nesta música – ele diz rindo – porque usamos uma frase sua: 'Não quero, não vou, não quero'."

"A fita azul que estou usando no tornozelo é a cor do meu santo também. Coloquei quando fui a Salvador. Meus três pedidos são: saúde, amor e paz. Sei que só são atendidos depois que ela arrebenta. Ela está aí. Nunca arrebenta."

"No geral eu gosto de dar entrevistas. Gosto de falar, sou falastrão. O que eu tenho tentado melhorar é que eu falo demais e às vezes esvazio o que estou pensando. É uma coisa que eu herdei da minha mãe. Sou muito ansioso, desde pequeno, quando eu era uma criança elétrica, não parava no lugar, morava num apartamento muito pequeno, não tinha para onde ir..."

"Eu acho que a entrevista é uma maneira de você chegar ao grande público, porque eu sempre adorei ler entrevistas dos artistas que eu gosto, inclusive várias delas mudaram completamente minha cabeça."

"Aquele show no Palace foi uma coisa muito louca, porque eu acho que ele foi histórico para São Paulo... Teve as eleições de 15 de novembro e no primeiro de dezembro eu estava lá. E tinha aquele clima de euforia, as pessoas querendo acreditar novamente que tudo vai mudar, que pode mudar... Tanto que eu considero *Ideologia, Brasil* e *O Tempo Não Pára* uma trilogia de Sarney ao PT no poder. É uma trilogia de esperança... Eu nunca tive medo de falar quando

eu estava de baixo astral. Acho que a gente não pode ficar 'tudo bem' o tempo todo: o mundo é ruim, as pessoas são ruins, o mal sempre vence, então tem esse lado forte. Mas agora estou numas da corrente do bem. Tô nessa e acho genial. Tudo bem: o mal tá lá, as pessoas ruins estão lá, pessoas mesquinhas, mas não vão me atrapalhar mais. Não vou mais sofrer por causa delas". Eu não acho que vai haver apocalipse porra nenhuma. Não acredito em nada disso. Eu ainda vou fazer uma excursão da Challenger para Disneylândia, dar uma volta pela Inglaterra, entendeu! Nem preciso chegar na lua – a lua eu deixo para os meus netos. Eu sou muito otimista. Acho que o mundo mudou para melhor. Hoje em dia as mulheres têm a liberdade delas, existe uma outra interpretação da mulher, outra interpretação dos negros – nos Estados Unidos, pelo menos, teve, e isso é um exemplo para o resto do mundo... O mundo está caminhando para uma coisa melhor. As minorias, os gays, hoje já se fala de homossexualismo de uma maneira totalmente aberta, Conseguimos uma vida melhor. Hoje a nova geração já trepa com 15 anos. Na nossa época isso era a maior repressão. Nós trouxemos isso, essa lliberdade, para eles. Está tudo mais fácil. Tá

certo que pagamos um preço caro por isso. Mas está ai, Se tem poluição, por outro lado temos ecologistas. Eu acredito que vai haver um movimento tão grande, um encontro imediato, vamos encontrar outros seres, numa grande confraternização."

"Eu perdi um pouco dessa coisa de humildade. Aprendi uma coisa que a análise me ajudou – a aceitar a minha grandeza, a aceitar o fato de ser bom. Porque te dá um medo filho da puta: ser feliz, medo de amar, medo de ser bom. Tudo que faz bem pra gente, a gente tem medo. E eu tô tranqüilo, porque ocupei meu lugar e ninguém tasca mais. Foi o que sempre quis, era meu sonho."

"Acho que entrei para o primeiro time, não tô mais na reserva. Tô no time principal, que é o sonho de todo jogador – chegar à primeira divisão."

"É que eu descobri que é uma caretice você achar que poesia e letra são coisas separadas. Você pode ser um poeta musical – são gêneros de poesia: tem a poesia musical, tem a poesia que vive sem a música. Acho que minhas letras sobrevivem às músicas. Algumas, pelo menos."

"Tem muita coisa que eu não gravei, muita coisa inédita. Mas no dia em que eu morrer algumas pessoas vão na minha gaveta e pegam. Mas eu acho que vou deixar até um testamento para rasgarem, queimarem tudo, porque eu acho uma sacanagem quando um cara morre e deixa uma obra – não tô falando que eu tenho uma obra, porque eu ainda não tenho. Daqui a dez anos eu vou ter uma obra..."

"Minha mãe me batia mesmo e não era de mão, não. O primeiro objeto que ela via pela frente atirava em mim. Depois ia chorando no quarto pedir desculpas..."

"Politicamente sou mais John Lennon que Chico Buarque."

"A razão principal da minha saída do Barão é que ocupava muito espaço dentro da banda."

"Os músicos são todos iguais. Tudo doido, uma raça à parte."

"Talvez eu seja mais burguês do que as minhas músicas."

"Sou socialista e acho que o único caminho para um país do terceiro mundo chegar ao primeiro mundo é através do socialismo"

"Eu nunca estudei canto. Minha voz é pequena, mastigo muito as palavras. A opção pelo blues vem disto. Tenho certeza de que se houvesse nascido em outra época, quando havia cantores, eu seria apenas um compositor. Faria as músicas e mandaria para os cantores gravarem."

"Adoro correr riscos."

"Gosto muito de berrar, tenho a voz rouca e o rock não é mais que um blues rápido."

"Sou um latino apaixonado, nada racional, as idéias pintam e me aprisionam. Depois que vou trabalhá-las eu sofro, choro, viro noite."

"O que mais gosto é de tomar banho de sol, de mar, de acordar tarde e da noite, que curto intensamente."

"0 que mais odeio é gente complicada e preconceituosa, hipocrisia e ser acordado. Nenhuma outra coisa consegue ser pior do que isso."

"Ainda não sou ingênuo, mas chego lá porque nunca quis pouco."

"Não estou correndo atrás da morte, mas da vida."

"Não aconselharia nem um cachorro a me seguir na rua."

"Eu paguei a conta do analista para nunca mais ter que saber quem sou eu."

"Não posso deixar de me considerar um privilegiado, porque adoro o que faço. São poucos os que podem ganhar dinheiro com o que gostam de fazer. Eu, há

oito anos, sobrevivo da minha paixão, a música."

"Sempre fui muito aberto, mas não estou nem aí, não devo nada a ninguém: como o que quero, e amo como quero."

"Acho que a gente tem que saber usar as coisas e não deixar que as coisas usem a gente. As drogas, principalmente as lisérgicas, me ajudaram muito na minha adolescência. Me ajudaram a entender o mundo de uma outra maneira, me ajudaram a ser uma pessoa mais segura de mim mesmo. Minha experiência com as drogas foi fantástica, só me fez bem. Mas foi uma coisa de adolescência, depois eu me tornei mais biriteiro. "

"Cartola não existiu. Foi um sonho que a gente teve."

"Gosto de coisas densas, como a literatura de Clarice Lispector. Por falar nela, acabei de compor *Que o Deus Venha* (mar/86), uma música inspirada em meu livro de cabeceira, Á *gua Viva."*

"Antes eu era um cara de vida desregrada, nunca tinha ido ao médico e nunca tinha sentido nada. Então eu vi um sinal me avisando que eu tinha que me cuidar, que eu tenho um corpo e preciso dar atenção a ele... Dessa vez Jesus me chamou, mas não fui, disse que era cedo e ele podia esperar."

"Ser marginal foi uma decisão poética."

"Tive vontade de vomitar quando vi aquela capa da *Veja.* Acabei tendo um problema cardíaco e por isso passei o dia numa cadeira de rodas. Mas minha cabeça está a mil."

"Estou legal. Tive um problema cardíaco, a pressão baixou e eu estou na cadeira de rodas. Mas a cadeira de rodas anda a 120 mil. Não quero falar sobre *Veja.* Deixo isso pros meus amigos. Tenho texto do Caetano, do Chico Buarque, assinaturas da Gal Costa, Bethânia, Antônio Cícero, sei lá quantos, que estão brigando por mim e vai ser publicado nos jornais esta semana".

"Quero mais é esquecer o assunto. Com essa matéria eles mexeram em casa de abelha. Não sabem o poder dos amigos – não poder de armas, mas do amor que sentem por mim. Eles vão tratar do assunto."

"Foi uma coisa de mau-caráter, de má-fé, mas eu acredito na justiça. Agonizando eu estava no ano passado, com 40 fios enfiados no corpo, sem funções, pulmão artificial. Agora, só a cadeira. Continuo trabalhando a mil por hora, tudo numa boa."

"É a minha criatividade que me mantém vivo. Meu médico diz que sou um milagre porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. Minha cabeça está muito boa, ela comanda tudo."

"Meu avô morreu dois anos antes de eu nascer. Mas para mim ele é muito importante, uma figura presente." (A música *Nabucodonosor* é em homenagem a ele.)

"Se em 1985, no começo, eu tivesse ido logo a um médico, hoje estaria muito melhor. Sempre fui muito destrutivo, eu achei que tinha aids, eu quis ter aids."

"Eu queria sair do hospital, queria acabar logo com tudo aquilo, mas minha mãe me mandava ficar quieto, e eu ficava."

"Disse a meus pais que eu estava com aids mesmo, que a aqui gente tinha de curtir porque eu não sabia quanto tempo mais até iríamos ficar juntos."

"Me sinto livre, sem medo de morrer. Da última vez em que fui para a clínica, vi a cara da

morte, entrei nela e saí, não sei como. É claro que eu não quero morrer, mas também não quero sofrer. Já pensei em suicídio, mas agora isso nem me passa pela cabeça. Falei com meu médico: se alguma coisa acontecer comigo, eu não quero ver. Que ele me dê morfina, muita morfina, porque eu quero ir embora dormindo. Estou pronto para assinar um papel nesse sentido. Mas não vai ser preciso. Tenho certeza de que vou viver muito tempo ainda. Minha cabeça comanda tudo. Já perdi a oportunidade de morrer, passou a minha vez."

"Quando li pela primeira vez um artigo falando da doença, pensei que era aquilo que eu tinha. Comecei a ter febre nos fins de tarde, mas não contava para ninguém. Tomava duas aspirinas e ia para o bar, beber. Se nesse começo tivesse ido a um médico, hoje estaria muito melhor do que estou. Agora faço tratamento psiquiátrico para sair do alcoolismo. Tomo remédio para não ter vontade de beber, e não bebo. A noite, tomo um calmante e durmo seis horas. É pouco. Já vivi uma época em que dormia doze horas seguidas. Muitas vezes acordo sem ar e preciso de ajuda. Sexo ainda é importante para mim. Não sou um aidético casto."

"Quando eu tinha 3 anos, meu pai me deu uma bola. Eu a peguei no colo e a ninei como a uma boneca. Essa foi a primeira decepção que o meu pai teve comigo. Meu pai e minha mãe são as pessoas que eu mais amo no mundo, mas nem sempre eles entendem o que passa pela minha cabeça. Eu tenho minhas idéias, meu mundo, daí acontece que, às vezes, a gente não conversa, mas discute. Mas a paixão que eu tenho por eles é a maior do mundo, e sem eles eu hoje não estaria aqui. Meu pai nasceu pobre, trabalhou e foi subindo na vida até chegar a uma cobertura em Ipanema. Ele é uma pessoa muito positiva. Quando eu cheguei em casa e disse que ia morrer, ele respondeu: 'Vamos ficar juntos, lado a lado, e vencer isso' ".

"Quando eu estava no hospital de Boston, pensei muito e acabei descobrindo que ficar calado me deixava ainda mais traumatizado. É uma situação ambígua, de esconde-esconde. Mostrar aos outros que com aids pode-se continuar vivendo, trabalhando, produzindo me pareceu o caminho mais certo. Agora me sinto mais aliviado."

"Existe uma curiosidade um pouco fora do normal por parte do público com relação a minha doença. Especialmente das pessoas das primeiras filas de meus shows, que me olham com ar de espanto, de preocupação. Mas depois todo mundo aplaude, e eu vibro. Eu sei lidar com o público. Tenho domínio do palco, fico com as pessoas na minha mão. Eu sempre olho para as pessoas da primeira fila. O resto, não quero nem saber. Só não agüento aqueles que vêm no camarim, ou que me esperam na saída, para me abraçar e sussurrar em meu ouvido: 'Coragem, Cazuza, coragem', com ar de funeral. Xingo essas pessoas na mesma hora."

"Ser marginal foi uma decisão poética, mas foi o único caminho que tive. Descobri que era um artista aos 16 anos. Antes, aos 11, os Novos Baianos foram passar três dias na minha casa, e eu pensei que queria ser como eles. Baby Consuelo andava com um espelho retrovisor na cabeça, e eu achava o máximo. Recentemente, a Som Livre acabou com os artistas contratados, e eu também tive que sair. Mas teria saído do mesmo jeito porque eu era visto como o filho do dono, e não como artista, e todo mundo me adulava. Então saí e entrei em leilão. As ofertas eram boas, mas nem todas me convinham. Com o que vendo, sou um biscoitinho bom para as gravadoras."

"Eles me botaram na capa para dizer que sou medíocre."

"Eu quero ser um Caetano Veloso, que pode sair na rua, passear, ser amado por uns e odiado por outros. Adoro o Roberto Carlos, mas não queria ser um ídolo como ele".

"Homem que é homem volta atrás mas não se arrepende de nada."

Publicações consultadas: *Amiga, BiZZ, Contigo, Correio Braziliense, Folha de* S. *Paulo, Interview, Isto É/Senhor, Jornal da 1àrde, Jornal do Brasil Manchete,* O

Estado de S. *Paulo,* O *Globo, Playboy, Revista Goodyear* e *Status.*

AGRADECIMENTOS

Alcides Nogueira, Almir Chediak, Amilton Carvalhal, Antônio Carlos Harres (Bola), Armando Nogueira, Bebel Gilberto, Bineco Marinho (póstumo) , Bizuka Correa da Silva, Caetano Veloso, Christina Moreira da Costa, Cintia Carvalho, Clara Maria Fernandes, Cláudia Moog, Coca Duarte, Cynthia de Almeida, Érika Zanata, Ezequiel Neves, Fernando Cardoso, Flora Gil, Gilberto Gil, Gilda Castral, Goga Gonçalves, João Araujo, João Rebouças, Landa Bisordi, Léo Jaime, Leonardo Netto, Márcia Alvarez, Márcia de Jesus de Souza (Edinha) , Maria Cláudia Fernandes, Marta Alves, Neila Perez, Ney Matogrosso, Patrícia Casé, Pedro Bial, Regina Duarte, Rita Lee, Roberto de Carvalho, Roberto Frejat, Shirley de Souza Tavares, Suely Aguiar, Tereza Oliveira da Silva, Wagner Baldinatto, Zélia Carius da Silva e a todos que torceram por nós.